UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

VINÍCIUS GONÇALVES DOS SANTOS

Aspectos prosódicos do português angolano do Libolo

ENTOAÇÃO E FRASEAMENTO

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2020

VINÍCIUS GONÇALVES DOS SANTOS

Aspectos prosódicos do português angolano do Libolo

ENTOAÇÃO E FRASEAMENTO

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração

Filologia e Língua Portuguesa

Linha de Pesquisa

Gramáticas do Português e de Línguas em Contato

Orientador

Profa. Dra. Flaviane Romani Fernandes Svartman

SÃO PAULO

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - *Código de Financiamento 001* e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) - *Código de Financiamento 459634/2014-3*. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da CAPES e do CNPq.

Projeto e edição gráfica do autor

Figuras, tabelas e quadros do autor (exceto casos indicados)

Tipografia Calibri, Calibri Light, Gill Sans MT, Arial Black

Formato A4 210 × 297 mm

Compilador X₃LaTeX

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Santos, Vinícius Gonçalves dos

S237a Aspectos prosódicos do português angolano do Libolo: entoação e fraseamento / Vinícius Gonçalves dos Santos ; orientadora Flaviane Romani Fernandes Svartman. – São Paulo, 2019.
248 p.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Língua portuguesa. 2. Angolanos. 3. Fonologia. 4. Prosódia. 5. Entonação. I. Svartman, Flaviane Romani Fernandes, orient. II. Título.

fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA TESE
Termo de Ciência e Concordância do Orientador

Aluno: Vinícius Gonçalves dos Santos

Defesa: 31 de outubro de 2019

Orientador: Flaviane Romani Fernandes Svartman

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 2 de fevereiro de 2020.

(Assinatura do Orientador)

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos. *Aspectos prosódicos do português angolano do Libolo: entoação e fraseamento*. 2020. 248 p. Tese (Doutorado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil, 2019.

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE

Flaviane Romani Fernandes Svartman

Professora Doutora

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo

TITULARES

Márcia Santos Duarte de Oliveira

Professora Doutora

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo

Luciani Ester Tenani

Professora Livre-docente

Departamento de Estudos Linguísticos e Literários

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho'

Sónia Marise de Campos Frota

Professora Doutora com Agregação

Departamento de Linguística Geral e Românica

Faculdade de Letras

Universidade de Lisboa

SUPLENTES

Margarida Maria Taddoni Petter

Professora Livre-docente

Departamento de Linguística

Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo

Aline Alves Fonseca

Professora Doutora

Departamento de Letras

Faculdade de Letras

Universidade Federal de Juiz de Fora

Marisa Alexandra Sousa da Cruz

Investigadora Doutora

Departamento de Linguística Geral e Românica

Faculdade de Letras

Universidade de Lisboa

Aprovado em 31 de outubro de 2019.

Aos libolenses e àqueles que fizeram este texto ser possível...

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. **Flaviane Romani Fernandes Svartman**, por ter acreditado no meu trabalho, por ter contribuído enormemente para o meu crescimento como pesquisador e pela sua dedicação e compreensão durante todo o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos membros do projeto *InAPoP*, em especial à sua coordenadora, Profa. Dra. **Sónia Frota**, pela constante receptividade e pela possibilidade de fazer parte de uma equipa que desempenha um exímio trabalho científico.

Aos membros do *Projeto Libolo*, em especial aos seus coordenadores, Prof. Dr. **Carlos Figueiredo** e Profa. Dra. **Márcia Oliveira**, pelo inestimável trabalho à frente do projeto e pela oportunidade de integrar a equipa de pesquisadores na viagem de campo ao Libolo em 2016.

Ao coordenador-geral de logística do *Projeto Libolo*, Sr. **Rui Luís de Figueiredo**, bem como à sua família, pela receptividade acolhedora em todo o tempo em que estive no Libolo.

A todos os colaboradores ligados ao *Projeto Libolo* em Angola. Em especial, à Global Seguros (Companhia Angolana de Seguros, S.A.), na pessoa de seu presidente, **Rui Eduardo Leão da Costa Campos**, e à SC2 (Serviços e Comércio, Lda.), na pessoa de sua presidente, **Sónia Clara dos Santos Dias Costa Campos**, pelo apoio aos pesquisadores do projeto em 2016.

Ao Diretor da Escola do II Ciclo do Ensino Secundário do Libolo, Sr. **Celestino Domingos Chicowa**, por ter intermediado, junto a **José Albino José**, o contato com participantes desta pesquisa.

Aos meus **auxiliares linguísticos** do Libolo, pois, sem eles, este trabalho não teria se construído. Agradeço pela disponibilidade, pela disposição constante e pelo esforço dispendido ao longo das seções de trabalho.

À todas as **gentes do Libolo**, em especial, José Alexandre, Fátima Avelino, Teresa Domingos, Luís Faustino, Marisa Félix, Michel Félix, Samba Fernando, Sambita, Conceição Jacinto, Domingos Joaquim, Maria das Dores Kanguna, Kaxicote, Mãezinha e pequeno Bruno, Cesaltina Manoel, Júlia Martins, Teresa Muongo, Ana Nicolau, Juycimila Numa, e Francisco Pauleta.

Aos membros do *Grupo de Estudos em Prosódia do Português e de Línguas em Contato* da Universidade de São Paulo, liderado pela Profa. Flaviane. Em especial, à Ms. **Gabriela Braga da Silva**, à Ms. **Carolina Carbonari Rosignoli** e ao Ms. **Matheus de Almeida Coelho**. Sem esse nosso $[(glupo)_{PW}(crítico)_{PW}]_{PhP}$, a formação original da *banda*, essa caminhada teria sido prosodicamente mais solitária e menos construtiva.

Aos membros da banca examinadora da minha qualificação, Profa. Dra. **Carolina Serra** e Profa. Dra. **Margarida Petter**, pelos comentários e sugestões para a conclusão desta pesquisa.

Aos membros da banca examinadora da defesa desta tese, Profa. Dra. **Sônia Frota**, Profa. Dra. **Luciani Tenani** e Profa. Dra. **Márcia Oliveira** e, ainda, à Dra. **Marisa Cruz**, membro suplente da banca, pela leitura atenta do texto. Todos os comentários e sugestões feitas foram de grande valia para a preparação final deste trabalho. Não é preciso dizer que os erros que permanecem são de minha responsabilidade.

Ao **Kevin** . . .

Termino por agradecer à **minha família** pelo apoio incondicional durante toda minha trajetória. Sem ela, não seria possível ter chegado até aqui.

Ag[r]adeço!
Ngasaki[r]ila

Intonation is the
Golden Triangle of linguistics;
it rests at the spot where
syntax, phonology, and semantics
uneasily come together.

...and PRAGMATICS... **[2]**

[1]

[1] Goldsmith (1982)

[2] Morley (1993)

RESUMO

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos. *Aspectos prosódicos do português angolano do Libolo: entoação e fraseamento*. 2020. 248 p. Tese (Doutorado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2019.

Este estudo tem como objetivo fornecer uma análise fonológica de alguns aspectos prosódicos do português angolano do Libolo. Seguindo a abordagem Autossegmental-Métrica da fonologia entoacional, nas linhas dos trabalhos de J. Pierrehumbert e R. Ladd, e da Fonologia Prosódica, conforme a proposta de M. Nespor e I. Vogel, investigamos: (i) os contornos entoacionais nucleares de diversos tipos frásicos (declarativas, interrogativas totais, interrogativas parciais, imperativos e vocativos), considerando diferentes funções pragmáticas; (ii) o contorno entoacional não nuclear, descrevendo os tipos de acentos tonais pré-nucleares e sua frequência de associação ao longo do contorno (densidade tonal); e (iii) o fraseamento prosódico, observando a relação entre a entoação e a formação de constituintes prosódicos no fraseamento dos enunciados em sintagmas entoacionais e na marcação tonal das fronteiras prosódicas. Comparamos ainda nossos resultados com aqueles descritos em trabalhos prévios para outras variedades de português e que foram desenvolvidos com base nas mesmas teorias fonológicas de análise prosódica utilizadas nesta pesquisa (a saber, o português europeu, o brasileiro, o guineense e o santomense). Os resultados alcançados nesta investigação revelam as seguintes características principais do português libolense: (i) contornos entoacionais nucleares semelhantes aos de outras variedades do português são encontrados para grande parte dos tipos frásicos; (ii) a densidade tonal é um possível indicativo para a distinção de tipos frásicos; (iii) o fraseamento prosódico em um único sintagma entoacional é o padrão preferencial; e (iv) a fronteira do sintagma fonológico é opcionalmente marcada por um tom baixo. Em geral, os aspectos do sistema entoacional e do fraseamento prosódico são compartilhados com outras variedades de português, evidenciando, assim, uma distribuição variável de traços comuns.

Palavras-chave: Português do Libolo (Angola). Fonologia. Prosódia. Entoação. Fraseamento.

ABSTRACT

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos. *Prosodic aspects of Angolan Portuguese as spoken in Libolo: intonation and phrasing*. 2020. 248 p. Ph. D. Thesis (Philology and Portuguese Language) — Faculty of Philosophy, Languages, and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, Brazil, 2019.

The present study aims to provide a phonological analysis of some prosodic aspects of the Angolan Portuguese as spoken in Libolo. Following the Autosegmental-Metrical approach to intonation phonology, according to J. Pierrehumbert and R. Ladd, and Prosodic Phonology, as proposed by M. Nespor and I. Vogel, we examined: (i) the nuclear contour for several sentence types (declaratives, yes/no questions, wh-questions, imperatives, and vocatives), considering different pragmatic meanings; (ii) the non-nuclear contour, describing the pre-nuclear pitch accents and their distribution (tonal density); and (iii) prosodic phrasing, regarding the relationship between intonation and prosodic domains formation on the utterance mapping into intonational phrases and on the tonal marking of prosodic edges. We also compared our results with previous work on European, Brazilian, Guinean, and Santoméan varieties of Portuguese. The main results obtained for Libolo Portuguese are as follow: (i) similar nuclear contours to those of other varieties of Portuguese are found for many sentence types; (ii) tonal density is a possible cue to sentence type distinctions; (iii) prosodic phrasing into a single intonational phrase prevails; and (iv) the phonological phrase edge is optionally marked by a low tone. In general, the intonational system and the prosodic phrasing patterns share common traits with other varieties of Portuguese in different degrees.

Keywords: Portuguese of Libolo (Angola). Phonology. Prosody. Intonation. Phrasing.

Lista de ilustrações

1	Mapa da República de Angola e sua divisão em dezoito províncias: Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Cunene, Huambo, Huíla, Cuando-Cubango, Kwanza-Norte, Kwanza-Sul, Luanda, Lunda-Norte, Lunda-Sul, Malanje, Moxico, Namibe, Uíge e Zaire.	8
2	Mapa da Província do Kwanza-Sul, seus doze municípios e divisão do município do Libolo em quatro comunas: 1. Munenga, 2. Calulo, 3. Cabuta, 4. Quissongo.	9
3	Angola, Libolo e as zonas linguísticas bantas.	13
4	Representação arbórea da hierarquia prosódica.	30
5	Localidades de Portugal a que os estudos aqui mencionados fazem referência.	39
6	Localidades do Brasil a que os estudos aqui mencionados fazem referência.	42
7	Tarefa: RT_RLD [32]. Tipo frásico: Declarativa neutra. Contexto: Leia a seguinte frase. Falante: FSBF.	57
8	Tarefa: RT_RLD [11]. Tipo frásico: Declarativa neutra. Contexto: Leia as seguintes frases. Falante: FSBF.	66
9	Tarefa: DCT [2]. Tipo frásico: Declarativa neutra. Contexto: Olha pro desenho e diz o que ele faz. Falante: MMEF.	66
10	Tarefa: CT. Tipo frásico: Declarativa neutra. Falante: JOAL.	66
11	Tarefa: DCT [6]. Tipo frásico: Declarativa com foco contrastivo. Contexto: E, então, o que aconteceu com esses dois? Se separaram? Falante: DOMJ.	69
12	Tarefa: DCT [1]. Tipo frásico: Declarativa neutra. Contexto: O que aconteceu com esses dois? Falante: DOMJ.	70
13	Tarefa: DCT [6]. Tipo frásico: Declarativa com foco contrastivo. Contexto: E, então, o que aconteceu com esses dois? Se separaram? Falante: DOMJ.	70

14	Tarefa: DCT [8]. Tipo frásico: Declarativa categórica. Contexto: KJAJ e DOMJ vão se mudar pra outra cidade. Eles vão se mudar para Lima, uma cidade de um país lá perto do Brasil. Mas a JUJM acha que eles vão pra Lisboa. Diz pra ela que não, que eles vão para Lima. Falante: (a) FSBF. (b) DOMJ.	71
15	Tarefa: RT_TFN [14]. Tipo frásico: Declarativa com foco contrastivo. Contexto: No filme que tu viste, o bandido andava de carro? Falante: JAAN.	72
16	Tarefa: RT_IntY [19]. Tipo frásico: Declarativa com foco estreito [Interrogativa global com foco estreito]. Contexto: Ouvi a música que tu pediste, mas não sei se é uma manhã ou uma noite que o cantor acha angelical. Falante: MCLF. ¹	72
17	Tarefa: RT_PHR [7]. Tipo frásico: Declarativa com foco informacio- nal. Contexto: O que as alunas ofereceram ao monitor? Falante: FSBF.	73
18	Tarefa: TFN [2]. Tipo frásico: Declarativa com foco informacional. Contexto: Quem ofereceu especiarias aos jornalistas? Falante: MCLF.	74
19	Tarefa: DCT [4]. Tipo frásico: Declarativa enumerativa. Contexto: Diz todos os meses do ano. Falante: (a) JOAL. (b) DOMJ.	76
20	Tarefa: DCT [5]. Tipo frásico: Declarativa enumerativa. Contexto: Diz três frutas que você mais gosta. Falante: (a) JUJM. (b) FSBF.	76
21	Tarefa: DCT [9]. Tipo frásico: Declarativa dubitativa. Contexto: Você já comprou o presente. Mas acha que não comprou um bom pre- sente. Diz que ela pode não gostar do que lhe compraste. Falante: (a) JUJM. (b) DOMJ. (c) MMEF.	79
22	Tarefa: DCT [10]. Tipo frásico: Declarativa óbvia. Contexto: Imagine que a JUJM está grávida do Guilherme. O KJAJ te pergunta “é do Guilherme?”. E você fica surpreso, porque todos sabem que o filho é mesmo desse rapaz. Diz pro KJAJ que sim, que é verdade, que é do Guilherme. Falante: (a) JOAL. (b) FSBF.	81
23	Tarefa: DCT [7]. Tipo frásico: Exclamativa Q. Contexto: Você entra numa padaria e o cheiro de pão te agrada. Exclama, diz que o cheiro de pão é tão bom. Falante: (a) DOMJ. (b) FSBF.	83
24	Tarefa: DCT [7]. Tipo frásico: Declarativa exclamativa. Contexto: Você entra numa padaria e o cheiro de pão te agrada. Exclama, diz que o cheiro de pão é tão bom. Falante: (a) JUJM.	84
25	Tarefa: DCT [15]. Tipo frásico: Interrogativa total neutra. Contexto: Você entra numa cantina e pergunta ao vendedor se tem ginguba. Falante: (a) DOMJ. (b) JUJM. (c) MMEF.	90

26	Tarefa: DCT [12]. Tipo frásico: Interrogativa total neutra. Contexto: Você saiu de casa e viu a rua molhada. Pergunta se choveu. Falante: (a) JOAL. (b) JUJM.	91
27	Tarefa: RT_INTY [4,12]. Tipo frásico: Interrogativa total neutra. Contexto: Queria saber o que aconteceu. Falante: FSBF.	91
28	Tarefa: RT_INTYX [3]. Tipo frásico: Interrogativa total neutra. Contexto: Leia a seguinte pergunta. Falante: FSBF.	91
29	Tarefa: RT_INTY [18]. Tipo frásico: Interrogativa total com foco estreito. Contexto: Vi um quadro na exposição, mas não me lembro se o motivo era uma manhã ou uma noite âmbar. Falante: MCLF. . . .	94
30	Tarefa: RT_INTY [19]. Tipo frásico: Interrogativa total com foco estreito. Contexto: Ouvi a música que tu pediste, mas não sei se é uma manhã ou uma noite que o cantor acha angelical. Falante: FSBF. . .	94
31	Tarefa: RT_INTY [19]. Tipo frásico: Interrogativa total com foco estreito. Contexto: Ouvi a música que tu pediste, mas não sei se é uma manhã ou uma noite que o cantor acha angelical. Falante: MCLF. .	94
32	Tarefa: DCT [27]. Tipo frásico: Interrogativa total eco. Contexto: O KJAJ te diz as horas, mas você não entendeu bem. Você acha que ele disse são nove. Pergunta o que ele te disse, se são nove. Falante: (a) JOAL. (b) FSBF.	96
33	Tarefa: DCT [30]. Tipo frásico: Interrogativa total antiexpectativa. Contexto: O KJAJ te disse que o vosso colega Mário vai concorrer a Presidente do Desportivo do Libolo. Você fica muito surpreendido e volta a perguntar pro KJAJ, sem acreditar, se o Mário vai concorrer a presidente. Falante: (a) MMEF. (b) FSBF.	97
34	Tarefa: DCT [31]. Tipo frásico: Interrogativa total antiexpectativa. Contexto: O Miguel não sabe nada de desportos, nem de futebol. E o KJAJ fala que ele vai ser o novo presidente do Desportivo do Libolo. Então, você pergunta, muito admirado, se o Miguel vai ser presidente. Falante: (a) DOMJ. (b) JUJM.	97
35	Tarefa: DCT [16]. Tipo frásico: Interrogativa total confirmatória. Contexto: Você sabe que lá fora está fazendo muito frio. Uma pessoa com roupas de frio entra e, pra confirmar, você pergunta se faz frio. Falante: (a) DOMJ. (b) JUJM.	99
36	Tarefa: DCT [18]. Tipo frásico: Interrogativa total confirmatória <i>tag</i> . Contexto: Você convidou o KJAJ pra jantar na tua casa. E você acha que ele já se esqueceu. Então, confirma, pergunta se ele vem jantar. Falante: (a) MMEF. (b) FSBF.	101

37	Tarefa: DCT [18]. Tipo frásico: (a) Interrogativa total confirmatória e (b) confirmatória <i>tag</i> . Contexto: O KJAJ mora no Quissongo. E ele só vem pra Calulo pra ir no Mercado Kamama. E ele está por aqui. Pergunta, confirmando, se ele foi no Kamama. Falante: DOMJ.	102
38	Tarefa: DCT [20]. Tipo frásico: Interrogativa total imperativa (oferecimento). Contexto: Pergunta se eles querem caramelos. Falante: (a) MMEF. (b) FSBF.	105
39	Tarefa: DCT [19]. Tipo frásico: Interrogativa total imperativa (ordem/pedido). Contexto: Você está vendo televisão. E os teus irmãos começam a fazer muito barulho e não estão te deixando ouvir a televisão. Pede a eles se eles podem se calar. Falante: (a) DOMJ. (b) FSBF.	105
40	Tarefa: DCT [13]. Tipo frásico: Interrogativa total disjuntiva. Contexto: Você e o KJAJ estão jantando. E você não sabe o que o KJAJ vai querer pra sobremesa. Pergunta se ele quer laranja ou gelatina. Falante: (a) JOAL. (b) MMEF.	107
41	Tarefa: DCT [14]. Tipo frásico: Interrogativa total numerativa com disjunção. Contexto: A JUJM quer comprar uma fruta e você não sabe que fruta ela quer comprar. Pergunta se ela quer laranjas, bananas, limões ou mangas. Falante: MMEF.	108
42	Tarefa: DCT [12]. Tipo frásico: Interrogativa total numerativa com coordenação. Contexto: O KJAJ quer comprar muitas frutas, mas você esqueceu as frutas que ele quer comprar. Pergunta se ele quer laranjas, bananas, limões e mangas. Falante: MMEF.	110
43	Tarefa: DCT [12]. Tipo frásico: Interrogativa total numerativa com coordenação. Contexto: O KJAJ quer comprar muitas frutas, mas você esqueceu as frutas que ele quer comprar. Pergunta se ele quer laranjas, bananas, limões e mangas. Falante: JOAL.	111
44	Tarefa: DCT [21]. Tipo frásico: Interrogativa parcial neutra. Contexto: Pergunta que horas são. Falante: (a) DOMJ. (b) JUJM.	115
45	Tarefa: RT_INTQ [2]. Tipo frásico: Interrogativa parcial neutra. Contexto: Ainda não vi a exposição. Falante: MMEF.	115
46	Tarefa: CT. Tipo frásico: Interrogativa parcial neutra. Falante: KJAJ.	116
47	Tarefa: RT_INTQ [3]. Tipo frásico: Interrogativa parcial neutra. Contexto: Gostaria de ouvir esse CD. Falante: FSBF.	116
48	Tarefa: DCT [28]. Tipo frásico: Interrogativa parcial eco. Contexto: O KJAJ te perguntou onde vais, mas você não entendeu muito bem. Pergunta se ele te falou isso: onde vou. Falante: DOMJ.	118

49	Tarefa: DCT [32]. Tipo frásico: Interrogativa total antiexpectativa. Contexto: O KJAJ foi almoçar num restaurante e pediu muamba de galinha. Ele diz que meteram porco na muamba, em vez galinha. Você não acredita. Então, pergunta pro KJAJ, com surpresa, o que ele disse que lhe deram. Falante: (a) FSBF. (b) DOMJ.	119
50	Tarefa: DCT [25]. Tipo frásico: Interrogativa parcial imperativa. Contexto: Você pede ao teu filho que pinte a casa, mas você não acha que ele vai fazer tão depressa, porque não é a primeira vez que você pede. Então, pergunta pra ele quando ele vai fazer. Falante: FSBF.	120
51	Tarefa: DCT [26]. Tipo frásico: Interrogativa parcial imperativa. Contexto: Você queria que o KJAJ e o DOMJ fossem almoçar na tua casa. Mas eles disseram que não podem. Pedindo muito, pergunta por que eles não vêm. Falante: FSBF.	121
52	Tarefa: DCT [29]. Tipo frásico: Interrogativa parcial com coordenação. Contexto: O KJAJ está indo viajar. Então, pergunta onde ele vai e quando vai voltar. Falante: DOMJ.	122
53	Tarefa: DCT [29]. Tipo frásico: Interrogativa parcial com coordenação. Contexto: O KJAJ está indo viajar. Então, pergunta onde ele vai e quando vai voltar. Falante: DOMJ.	122
54	Tarefa: DCT [34]. Tipo frásico: Imperativo (ordem). Contexto: Os teus irmãos continuam a fazer muito barulho. Manda eles se calarem. Falante: MMEF.	129
55	Tarefa: DCT [38]. Tipo frásico: Imperativo (ordem). Contexto: Você está no ti. Falante: (a) FSBF. (b) DOMJ.	129
56	Tarefa: RT_IMP [4]. Tipo frásico: Imperativo. Contexto: Gostarias de ouvir uma das tuas músicas favoritas e, então, pedes a um cantor que tu conheces. Falante: MCLF.	129
57	Tarefa: DCT [34]. Tipo frásico: Imperativo (pedido). Contexto: Você quer ir no cinema com o KJAJ. E ele te diz que não pode, que tem que trabalhar. Mas você sabe que ele pode deixar o trabalho pra depois. Então, você quer lhe convencer e pede para irem. Falante: (a) FSBF. (b) DOMJ.	131
58	Tarefa: DCT [36]. Tipo frásico: Vocativo (chamamento inicial). Contexto: Você quer que a Marina venha pra cozinha pra jantar. Chama a Marina. Falante: (a) JUJM. (b) JOAL. (c) DOMJ.	135
59	Tarefa: RT_RLD [65]. Tipo frásico: Declarativa neutra. Contexto: Leia as seguintes frases. Falante: FSBF.	146
60	Tarefa: RT_RLD [25]. Tipo frásico: declarativa neutra. Contexto: Leia as seguintes frases. Falante: FSBF.	146

61	Tarefa: RT_PHR [1]. Tipo frásico: declarativa neutra. Contexto: Leia as seguintes frases. Falante: FBSF.	147
62	Tarefa: RT_PHR [2]. Tipo frásico: declarativa neutra. Contexto: Leia as seguintes frases. Falante: FSBF.	148
63	Tarefa: RT_TFN [11, 13]. Tipo frásico: Declarativa neutra. Contexto: Ouvi dizer. Falante: FSBF.	149
64	Tarefa: RT_TFN [15]. Tipo frásico: Declarativa neutra. Contexto: Ouvi dizer. Falante: FSBF.	149
65	Tarefa: DCT [9]. Tipo frásico: Declarativa dubitativa. Contexto: Você já comprou o presente. Mas acha que não comprou um bom presente. Diz que ela pode não gostar do que lhe compraste. Falante: DOMJ.	150
66	Tarefa: RT_RLD [65]. Tipo frásico: Declarativa neutra. Contexto: Leia as seguintes frases. Falante: MCLF.	153
67	Tarefa: RT_RLD [57]. Tipo frásico: Declarativa neutra. Contexto: Leia as seguintes frases. Falante: FSBF.	153

Lista de quadros

1	Inventário dos principais tipos de padrões entoacionais no português europeu.	37
2	Inventário dos principais tipos de padrões entoacionais no português brasileiro.	41
3	Perfil dos falantes selecionados.	58
4	Sintagmas verbais e expressão de atenuação cortês dos imperativos no DCT.	128
5	Significado típico de cada contorno nuclear do PLB.	160

Lista de tabelas

2	Dados censitários do Libolo (2012).	9
3	Contorno entoacional nuclear da declarativa neutra no DCT.	67
4	Contorno entoacional nuclear da declarativa neutra no RT (TFN, PhR, RLD).	67
5	Contorno entoacional nuclear da declarativa neutra no CT.	67
6	Contorno entoacional nuclear da declarativa com foco contrastivo no DCT (IP formado por uma única PW).	70
7	Contorno entoacional nuclear da declarativa com foco contrastivo no DCT (PW focalizada final de IP).	71
8	Contorno entoacional nuclear da declarativa com foco estreito no RT.	73
9	Contorno entoacional nuclear do item final da declarativa enumerativa no DCT.	77
10	Contorno entoacional nuclear dos itens não finais da declarativa enumerativa no DCT.	77
11	Relação entre a realização de pausas e tons de fronteira no contorno entoacional nuclear não final da declarativa enumerativa no DCT.	77
12	Contorno entoacional nuclear da declarativa dubitativa no DCT.	79
13	Contorno entoacional nuclear da declarativa óbvia no DCT.	80
14	Contorno entoacional nuclear da exclamativa no DCT.	84
15	Contorno entoacional nuclear da interrogativa total neutra no DCT.	90
16	Contorno entoacional nuclear da interrogativa total neutra no RT.	90
17	Contorno entoacional nuclear da interrogativa total neutra no CT.	90
18	Contorno entoacional nuclear da interrogativa total eco no DCT.	96
19	Contorno entoacional nuclear da interrogativa total eco antiexpectativa no DCT.	98
20	Contorno entoacional nuclear da interrogativa total confirmatória no DCT.	100
21	Contorno entoacional nuclear da interrogativa confirmatória <i>tag</i> no DCT.	101

22	Contornos entoacionais nucleares da interrogativa total imperativa no DCT.	104
23	Contorno entoacional nuclear dos núcleos da interrogativa total disjuntiva no DCT.	107
24	Contorno entoacional dos itens pré-nucleares da interrogativa total enumerativa com disjunção no DCT.	109
25	Contorno entoacional nuclear dos núcleos da interrogativa total enumerativa com disjunção no DCT.	109
26	Contorno entoacional nuclear final da interrogativa total enumerativa com coordenação no DCT.	111
27	Contorno entoacional nuclear da interrogativa parcial neutra no DCT.	116
28	Contorno entoacional nuclear da interrogativa parcial neutra no RT.	116
29	Contorno entoacional nuclear da interrogativa parcial neutra no CT.	117
30	Contorno entoacional nuclear da interrogativa parcial eco no DCT.	118
31	Contorno entoacional nuclear da interrogativa parcial antiexpectiva no DCT.	119
32	Contorno entoacional nuclear da interrogativa parcial imperativa no DCT.	121
33	Contorno entoacional nuclear dos núcleos interrogativos da interrogativa parcial com coordenação no DCT.	123
34	Contorno entoacional da expressão de atenuação cortês de ordens no DCT.	128
35	Contorno entoacional da expressão de atenuação cortês de pedidos no DCT.	128
36	Contorno entoacional do sintagma imperativo de ordens no DCT.	130
37	Contorno entoacional da PW inicial e final de imperativos no RT	130
38	Contorno entoacional nuclear do sintagma imperativo de pedidos no DCT.	131
39	Contorno entoacional nuclear dos vocativos no DCT.	136
40	Contorno entoacional nuclear dos vocativos no RT.	136
41	Ocorrência de contornos entoacionais diferentes e idênticos nas sequências dos vocativos de chamamento no DCT.	137
42	Acentos tonais pré-nucleares de declarativas no DCT.	140
43	Acentos tonais pré-nucleares de interrogativas totais no DCT.	140
44	Acentos tonais pré-nucleares de interrogativas parciais no DCT.	140
45	Densidade tonal em declarativas neutras no DCT.	144
46	Densidade tonal em declarativas neutras no CT.	144
47	Densidade tonal em interrogativas totais neutras no CT.	144
48	Densidade tonal em interrogativas parciais neutras no DCT.	144

49	Densidade tonal em interrogativas parciais neutras no CT	144
50	Padrões de fraseamento das sentenças declarativas neutras SVO, considerando as ramificações do sujeito no RT [RLD].	147
51	Padrões de fraseamento das sentenças declarativas neutras SVO no RT (TFN).	148
52	Padrões de fraseamento das sentenças declarativas neutras SVO no DCT.	150

Siglas, símbolos e convenções utilizadas

T	Tom
H	Tom alto
L	Tom baixo
T*	Acento tonal
T%	Tom de fronteira
!T	Tom em <i>downstep</i>
¡T	Tom em <i>upstep</i>
T>	Tom com alinhamento precoce
<T	Tom com alinhamento tardio
A _{DJ} P	Sintagma adjetival (<i>Adjectival Phrase</i>)
ALE	Castro Verde (Distrito de Beja, região do Alentejo) [Portugal]
ALG	Albufeira (Distrito de Faro, região do Algarve) [Portugal]
BA	Salvador (Bahia) [Brasil]
BCA	Bragança [Portugal]
BRA	Braga [Portugal]
COB	Coimbra [Portugal]
CT	Conversação / entrevista (<i>Conversation Task</i>)
CTB	Castelo Branco [Portugal]
DCT	Tarefa para completar o discurso (<i>Discourse Completion Task</i>)
DOMJ	Falante
EVA	Évora [Portugal]
F ₀	Frequência fundamental
FBSF	Falante
FCL	Funchal [Portugal]
InAPoP	<i>Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese</i>
JAAN	Falante
JOAL	Falante
JUJM	Falante
KJAJ	Falante
MCLF	Falante

MG	Belo Horizonte; Uberaba (Minas Gerais) [Brasil]
MMEF	Falante
NEP	Braga (<i>Northern European Portuguese</i>) [Portugal]
NP	Sintagma nominal (<i>Noun Phrase</i>)
O	Objeto
PB	Português brasileiro
PBA	João Pessoa (Paraíba) [Brasil]
PE	Português europeu
PER	Recife (Pernambuco) [Brasil]
PLB	Português do Libolo [Angola]
PGB	Português de Bissau [Guiné-Bissau]
PM	Português de Moçambique
POR	Porto [Portugal]
PP	Sintagma preposicional (<i>Prepositional Phrase</i>)
PR	Curitiba; Cascavel (Paraná) [Brasil]
PST	Português de São Tomé [São Tomé e Príncipe]
PTD	Ponta Delgada [Portugal]
RJ	Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) [Brasil]
RLD	Romance Languages Database
RS	Porto Alegre (Rio Grande do Sul) [Brasil]
RT	Tarefa de leitura (<i>Reading Task</i>)
S	Sujeito
SC	Florianópolis (Santa Catarina) [Brasil]
SE	Aracaju (Sergipe) [Brasil]
SEP	Região de Lisboa (<i>Standard European Portuguese</i>) [Portugal]
SP	São Paulo; Campinas; São José do Rio Preto (São Paulo) [Brasil]
V	Verbo

Sumário

Introdução	1
1 O Libolo e a língua portuguesa	5
1.1 Emergência, colonização e pós-independência	5
1.2 O município do Libolo	7
1.3 Diversidade linguística	10
1.4 O português de Angola e do Libolo	13
2 Enquadramento teórico	19
2.1 Fonologia entoacional	19
2.2 Fonologia prosódica	24
3 Variação prosódica no português: entoação e fraseamento	29
3.1 Estrutura prosódica do português: a hierarquia prosódica	30
3.2 Português europeu	35
3.3 Português brasileiro	39
3.4 Português guineense	43
3.5 Português santomense	44
3.6 Português moçambicano	45
4 Material e métodos	47
4.1 Material	47
4.1.1 <i>Discourse Completion Task</i>	48
4.1.2 <i>Reading Task</i>	49
4.1.3 <i>Conversation Task</i>	51
4.2 Métodos	52
4.2.1 Trabalho de campo	52
4.2.2 Recolha e tratamento do material	54
4.2.3 Critérios de transcrição	55
4.3 Falantes e dados selecionados	57
5 Análise prosódica do português do Libolo	61
5.1 Declarativas	63

5.1.1	Declarativas neutras e focalizadas	64
5.1.1.1	Declarativa neutra	65
5.1.1.2	Declarativa focalizada	67
5.1.2	Declarativa enumerativa	74
5.1.3	Declarativa dubitativa	78
5.1.4	Declarativa óbvia	80
5.1.5	Exclamativas	81
5.1.6	Declarativas: comparação e síntese	84
5.2	Interrogativas	87
5.2.1	Interrogativa total	88
5.2.1.1	Interrogativa total neutra	88
5.2.1.2	Interrogativa total focalizada	92
5.2.1.3	Interrogativa total eco	95
5.2.1.4	Interrogativa total confirmatória	99
5.2.1.5	Interrogativa total imperativa	103
5.2.1.6	Interrogativa total disjuntiva	105
5.2.1.7	Interrogativa total enumerativa com coordenação	109
5.2.1.8	Interrogativas totais: comparação e síntese	111
5.2.2	Interrogativa parcial	114
5.2.2.1	Interrogativa parcial neutra	114
5.2.2.2	Interrogativa parcial eco	117
5.2.2.3	Interrogativa parcial imperativa	119
5.2.2.4	Interrogativa parcial com coordenação	121
5.2.2.5	Interrogativas parciais: comparação e síntese	123
5.3	Imperativos	125
5.3.1	Ordens e pedidos	127
5.3.2	Comparação e síntese	131
5.4	Vocativos	133
5.4.1	Chamamento inicial e insistente	134
5.4.2	Comparação e síntese	137
5.5	Contorno entoacional pré-nuclear	139
5.5.1	Tipos de acentos tonais pré-nucleares	139
5.5.2	Densidade tonal	141
5.5.3	Fraseamento prosódico	145
5.5.4	Associação tonal em fronteiras prosódicas	151
6	Conclusão	155
	Referências	165

A	Apêndice	189
B	Apêndice	197

INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre a prosódia das variedades europeia e brasileira de português, em especial sobre a fonologia entoacional Autossegmental-Métrica, vêm sendo realizadas há mais de duas décadas (ver, entre muitos outros, FROTA, 2000, 2014; FROTA; VIGÁRIO, 2000, 2007; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007b; SERRA, 2009; CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a; e referências citadas). Elas atestam que há variação entre os falares da língua portuguesa, os quais podem diferir quanto ao inventário dos padrões entoacionais fonologicamente distintos, quanto aos significados pragmáticos atribuídos a eles, quanto ao fraseamento, isto é, a divisão das unidades frasais em constituintes prosódicos, e quanto à distribuição dos eventos tonais em relação aos constituintes prosódicos que compõem os diferentes enunciados (*e.g.* FROTA *et al.*, 2015a).

Contudo, estudos sobre a entoação de variedades africanas do português é um esforço extremamente recente e concentram-se na análise do contorno entoacional e do fraseamento prosódico de enunciados declarativos neutros (*e.g.* SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, V., 2015; FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, a sair – português da Guiné-Bissau; BRAGA, 2018; FERNANDES-SVARTMAN; SANTOS; BRAGA, 2018 – português de São Tomé). Esta tese surge, portanto, com o propósito de ampliar o estudo prosódico das variedades do português falado na África — e, em especial, do português de Angola — por meio da descrição de aspectos prosódicos do português do Libolo.

O objetivo deste estudo é, especificamente, explorar os seguintes aspectos prosódicos do português libolense: (i) os contornos entoacionais nucleares de diversos tipos frásicos (como declarativas, interrogativas totais e parciais, imperativos e vocativos), considerando diferentes funções pragmáticas; (ii) o contorno entoacional não nuclear, descrevendo os acentos tonais pré-nucleares e sua frequência de associação (densidade tonal); e (iii) o fraseamento prosódico, observando a relação entre a entoação e a formação de constituintes prosódicos no fraseamento dos enunciados em sintagmas entoacionais e na marcação tonal das fronteiras prosódicas.

Para alcançarmos nosso objetivo, fazemos uso da abordagem teórica Autossegmental-Métrica da fonologia entoacional, na linha dos trabalhos de Pierrehumbert (1980), Ladd (2008 [1996]), Gussenhoven (2004), Jun (2005a, 2014a), Frota e Prieto (2015a), entre outros. No que se refere à análise relativa à estrutura prosódica, valemo-nos do arcabouço teórico da hierarquia prosódica, de acordo com as propostas de Selkirk (1984, 1986, 2000) e Nespor e Vogel (2007 [1986]).

É nosso objetivo também observarmos semelhanças e diferenças entre o português libolense e outras variedades de português quanto aos aspectos prosódicos referidos. Portanto, comparamos nossos resultados com aqueles descritos em trabalhos prévios para outras variedades de português e que foram desenvolvidos com base nas mesmas teorias fonológicas de análise prosódica utilizadas nesta pesquisa. Estes trabalhos contemplam o português europeu, o português brasileiro, o português guineense e o português santomense.

Além disso, esta tese se enquadra num conjunto de estudos, que vêm sendo desenvolvido no âmbito do projeto *InAPoP*, cujo objetivo é fornecer uma descrição da estrutura fonológica de vários aspectos do sistema prosódico da língua portuguesa.² Ela ainda faz parte de um programa de pesquisa que busca descrever e analisar a fonologia não segmental do português libolense no âmbito do *Projeto Libolo*.³

Na confluência dos nossos objetivos com os objetivos desses projetos, a importância do estudo da prosódia do português do Libolo consiste na particularidade de sua emergência. O Libolo é um município do interior de Angola e, assim como a maior parte do território do país, ele se situa numa área de grupos étnicos bantos na qual se fala, além

² O *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese (InAPoP)* é um projeto internacional coordenado pela Profa. Dra. Sónia Frota (Universidade de Lisboa, Portugal). O principal objetivo desse projeto é desenvolver pesquisas sobre a prosódia de variedades europeias, brasileiras e africanas de português, baseadas em um conjunto de procedimentos metodológicos (englobando tarefas para a coleta de dados lidos, semiespontâneos e espontâneos) que permitam o estudo comparativo da variação. Um dos principais resultados pretendidos pelo InAPoP é a construção de um atlas interativo, a ser acessado livremente por uma plataforma online e que contemple a variação prosódica, entoacional e rítmica do português.

³ O projeto *Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários*, também conhecido como *Projeto Libolo*, é coordenado pelos Profs. Drs. Carlos F. G. Figueiredo (Universidade de Macau, China) e Márcia S. D. Oliveira (Universidade de São Paulo, Brasil) e é parcialmente financiado pela Universidade de Macau e por entidades privadas filantrópicas de Angola. Trata-se de um projeto internacional e multidisciplinar cujos pesquisadores intervêm, de forma articulada, em pesquisas nas áreas de Linguística, História, Antropologia, Filologia e Ações Pedagógicas. Na área de linguística, tal projeto visa ao estudo das variedades de português e de quimbundo do Libolo e o contato linguístico. O *Projeto Libolo* está devidamente patenteado pelo Centro de Investigação e Desenvolvimento (R&DAO) da Universidade de Macau, sob o número de referência SRG011-FSH13-CGF, encontrando-se, desta forma, ao abrigo da vigente proteção de direitos autorais de propriedade intelectual designada por "Copyright © 2016, R&DAO University of Macau".

do português, o quimbundo.⁴ Ao longo de sua história, a região do Libolo foi sempre uma área de difícil ocupação por parte dos colonos portugueses. Durante a guerra civil angolana (1975–2002), os conflitos a isolaram do resto do país. Esses fatores foram determinantes para a preservação de marcas linguísticas específicas: estudos recentes têm mostrado que o português falado pelos libolenses possui traços linguísticos — relacionados ao contato com o quimbundo — que exibem variação em relação ao português europeu, mas coincidem em muitos aspectos com estruturas do português vernacular falado no Brasil e na África (*e.g.* FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2013).

Desse modo, para além de adicionar informações relevantes para a compreensão do sistema prosódico do português do Libolo e da língua portuguesa de um modo geral, o estudo inédito de aspectos prosódicos do português libolense consiste em uma contribuição de suma importância para o entendimento do contato linguístico no município, bem como da prosódia das variedades africanas do português, pelo fato de representar o contexto multilíngüístico em que se encontra o português falado no continente africano.

Esta tese está organizada em seis capítulos. No [capítulo 1](#), apresentamos os aspectos geográficos, sociais, históricos e linguísticos do Libolo. O [capítulo 2](#) é dedicado às teorias em que se fundamenta a análise aqui empreendida e, assim, são apresentados os pressupostos teóricos do modelo Autossegmental-Métrico da entoação e os da Fonologia Prosódica. Em seguida, no [capítulo 3](#), apresentamos os níveis da hierarquia prosódica do português considerados na investigação da entoação do português libolense, bem como os principais aspectos do inventário entoacional e do fraseamento prosódico encontrados em estudos a respeito de variedades do português europeu, brasileiro, guineense, santomense e moçambicano, que foram desenvolvidos nos mesmos modelos teóricos aqui adotados. Descrevemos, no [capítulo 4](#), o material e a metodologia empregados na obtenção, tratamento e transcrição dos dados de fala analisados e o perfil dos falantes que os disponibilizaram. Por sua vez, a descrição, a análise e a discussão dos resultados obtidos na investigação do contorno entoacional e do fraseamento prosódico são tema do [capítulo 5](#). Por fim, no [capítulo 6](#), são apresentadas as conclusões desta tese.

⁴ Seguimos a proposta de grafia das línguas africanas de Petter (2015, p. 19–26).

1

O LIBOLO E A LÍNGUA PORTUGUESA

Iniciamos este trabalho contextualizando o Libolo em termos históricos, geográficos, sociais e linguísticos, trazendo aspectos que auxiliem a caracterização do município e do português nele falado. Assim, discorreremos, brevemente, sobre fatos históricos da região ([seção 1.1](#)), pontuamos alguns aspectos geográficos e sociais ([seção 1.2](#)), apresentamos a diversidade linguística angolana, que se reflete no Libolo ([seção 1.3](#)) e fornecemos algumas características linguísticas do português angolano e libolense disponíveis na literatura ([seção 1.4](#)).

1.1 Emergência, colonização e pós-independência

Figueiredo (2016, 2018) e Figueiredo e Oliveira (2013) apresentam um panorama detalhado sobre a história do Libolo e de regiões circundantes. O que apresentamos sucintamente nesta seção é proveniente dos textos desses autores.

Conforme os autores relatam, a entrada de povos bantos no território angolano ocorreu apenas no século XIII, quando os bacongos se instalam na atual região norte do país, fundando o grande Reino do Congo. Os portugueses entraram em cena somente dois séculos depois, em decorrência do período conhecido como Era dos Descobrimentos. Sob a liderança de Diogo Cão, eles chegaram à foz do rio Zaire entre 1482 e 1484, momento em que estabeleceram aliança com o reino congolês. No século seguinte, os jagas (povos am-bundos) adentraram pelo nordeste em disputa com os bacongos pela posse dos territórios. Devido ao conflito entre bacongos e jagas, que enfraqueceram o Reino do Congo, os portugueses passam a controlar a costa angolana, estabelecendo a colônia de Angola com a fundação da atual cidade de Luanda em 1576. No entanto, a expansão portuguesa permaneceu em zonas costeiras, sendo a incursão ao interior bastante limitada, já que a atenção

estava voltada essencialmente ao comércio escravagista. Ao mesmo tempo, alguns ambundos iniciaram, pelo interior, progressão para o sul e sudoeste, instalando comunidades ao norte do rio Kwanza (nas atuais regiões de Uíge, N'dalatando, Malanje e Pungo-Andongo) e, atravessando o rio, fixaram-se nas atuais Quissala e Quibala, progredindo também para áreas ao extremo sul de Angola (Benguela e Lubango). Esse avanço pelo território angolano deu origem aos reinos da Matamba (região do Malanje) e Ndongo (entre N'Dalatando e a região do Bengo), do qual a zona do atual Libolo era tributária.

Os séculos XVII e XVIII foram marcados pelo fortalecimento do domínio de Portugal sobre os territórios angolanos em decorrência da criação de entrepostos comerciais nas regiões costeiras, cujo objetivo principal era fornecer escravos às plantações e minas do Brasil, ao passo que, o século XIX foi marcado pelas discussões sobre a abolição do tráfico transatlântico de escravos, que teve seu fim dado de forma progressiva ao longo desse século. A política de Portugal passou, então, já na primeira metade do século XIX, a se concentrar no desenvolvimento das colônias. O plano de colonização efetiva do interior de Angola foi, então, traçado e levado a cabo pelas autoridades portuguesas. Nesse contexto, Angola recebeu um grande contingente de portugueses com o objetivo de consolidar a influência portuguesa em todas as regiões.

No entanto, a região interiorana ao sul do rio Kwanza, na qual se inclui o Libolo, foi sempre uma área de resistência autóctone, que subjugou as tentativas dos portugueses de ocupação por séculos, embora sempre houvesse ali comércio itinerante com os nativos. O plano de colonização efetiva do interior de Angola foi somente traçado e levado a cabo pelas autoridades portuguesas no século XIX. No Libolo, os primeiros missionários espíritanos chegaram à povoação de Calulo em 1893 para iniciarem atividades de evangelização, com a fundação da Missão Católica de Santo António de Calulo, em local cedido pelo soba (régulo tradicional angolano). Lá os missionários encontraram sete colonos, entre os quais o provável primeiro europeu a se instalar na região, um agricultor algarvio e ex-oficial do exército português. Embora a colonização já tivesse se iniciado, ainda houve intensos confrontos entre nativos e autoridades portuguesas no Libolo, que fizeram que o governo português destacasse soldados para a criação de um posto militar em 1895, erigindo-se um forte em Calulo em 1897, a fim de funcionar como posto de defesa para a extensa região do Libolo. A pacificação da região aconteceria somente em 1918, com a contenção dos últimos sobas sublevados.

A economia do Libolo, então, prosperou, surgindo escolas nas comunas, casas comerciais, grandes instalações agropecuárias e extensos palmares e roças de café e sisal. Na década de 1940, havia no município “nove comerciantes europeus e 16 agricultores, figurando nestes últimos alguns dos primeiros” (FIGUEIREDO, 2016, p. 86). Em virtude do forte destacamento militar ali presente, os conflitos de 1961 em Angola, que impulsionaram as

guerras de libertação nas ex-colônias portuguesas, não atingiram o Libolo. No entanto, em decorrência da instabilidade no processo de independência de Angola, declarada em novembro de 1975, milhares de portugueses deixaram o país entre 1974 e 1976, e os colonos abandonaram o Libolo, impactando negativamente na economia da região.

O golpe de Estado promovido em maio de 1977 por um dos grupos nacionalistas que havia combatido o colonialismo português, o MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola), desencadeou uma longa e devastadora guerra civil, que se prolongaria durante quase trinta anos, ruindo a infraestrutura do país progressivamente. O Libolo, uma área geográfica estratégica nas disputas dos movimentos nacionalistas, foi palco de confrontos intensos, que o isolaram do resto de Angola. Com o abandono das roças e das instalações agropecuárias pelos colonos e os saques recorrentes, a estrutura do município colapsou, acentuando o isolamento das comunas administrativas e extinguindo-se o sistema educacional, rodoviário e de comunicação. Apesar disso, a povoação de Calulo, onde se instalaram tropas do Governo, tornou-se um porto seguro, fazendo com que a população de outras comunas se movesse em larga escala para lá.

1.2 O município do Libolo

Na atual República de Angola, o Libolo é um município administrativo da Província do Kwanza-Sul ([figura 1](#)). A província, localizada na região centro-oeste de Angola, possui uma área total de 55 660 km², subdividida em doze municípios (Amboim, Cassongue, Cela, Conda, Ebo, Libolo, Mussende, Porto Amboim, Quibala, Quilenda, Seles e Sumbe). O Libolo situa-se na região norte do Kwanza-Sul e distancia-se, de acordo com o sistema de posicionamento global, cerca de 176 km da capital provincial, Sumbe, e cerca de 220 km de Luanda, capital do país.

Abrangendo aproximadamente 9 000 km², o território do Libolo faz a transição entre as regiões baixas do litoral e o planalto central do interior angolano, exibindo altitudes de 900 a 1 200 metros. É caracterizado por uma rica rede hídrica, que alimenta, em grande parte, o rio Kwanza, mais importante rio do Libolo e um dos principais de Angola (FIGUEIREDO, 2018, p. 49–52).

O Libolo é limitado ao sul e a leste pelos municípios da Quibala e do Mussende respectivamente. Ao norte, faz fronteira com os municípios de Cambambe (Província do Kwanza-Norte) e do Cacuso (Província do Malanje) e, à leste, com o município da Quissama (Província de Luanda). O Libolo é ainda subdividido em quatro comunas administrativas: Calulo, em que está a sede do município, Cabuta, Munenga e Quissongo ([figura 2](#)).

Figura 1 – Mapa da República de Angola e sua divisão em dezoito províncias: Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Cunene, Huambo, Huíla, Cuando-Cubango, Kwanza-Norte, Kwanza-Sul, Luanda, Lunda-Norte, Lunda-Sul, Malanje, Moxico, Namibe, Uíge e Zaire.

Fonte: Adaptado de United Nations (2008).

De acordo com os resultados preliminares do recenseamento geral feito pelo Instituto de Estatística de Angola em 2014, o país somava, à época, uma população de 24 383 301 habitantes, da qual 37.7% habitava a zona rural. Dessa somatória, a Província do Kwanza-Sul corresponde a 7.4% (1 793 787 habitantes) da população angolana, a quinta mais populosa, atrás apenas das províncias de Luanda (6 542 944 hab.), Huíla (2 354 398 hab.), Benguela (2 036 662 hab.) e Huambo (1 896 147 hab.). Os dados censitários do Kwanza-Sul demonstram que o Libolo é formado por 85 106 habitantes, correspondendo a apenas 4.7% da população de sua província.

Figura 2 – Mapa da Província do Kwanza-Sul, seus doze municípios e divisão do município do Libolo em quatro comunas: 1. Munenga, 2. Calulo, 3. Cabuta, 4. Quissongo.

Figura 2 is a derivative of *Cartograma 6.1* by INE (2014, p. 64) / CC BY-NC. Figura 2 is licensed under CC BY-SA 4.0 by Vinicius G. Santos.

No entanto, de acordo com Figueiredo (2016, p. 21), que apresenta números facultados pela Comissão Executiva Municipal para o Processo Eleitoral do Libolo, até 2012, o município possuía 87 244 habitantes, distribuídos entre as comunas, conforme se vê na [tabela 2](#). De acordo com esses dados, apenas 45.4% da população (39.639 hab.) já tinha idade de votar (isto é, com 18 anos ou mais), indicando, assim, que parte considerável da população — os 54.5% restantes (47 605 hab.) — é bastante jovem.

Tabela 2 – Dados censitários do Libolo (2012).¹

	ÁREA	POPULAÇÃO	
Libolo	9 000 km ²	87 244	%
Calulo	1 699 km ²	52 736	61.7
Cabuta	1 671 km ²	12 906	15.1
Munenga	1 828 km ²	14 567	17
Quissongo	3 802 km ²	6 911	6.1

As comunas de Calulo e da Munenga, que se ligam a Luanda por uma estrada asfaltada, são as que possuem uma população mais jovem, diferentemente das comunas mais isoladas da Cabuta e do Quissongo. O acesso a essas duas últimas comunas é feito por

¹ Tabela elaborada a partir de informações fornecidas por Figueiredo (2016, p. 21).

estradas de terra batida, que são comprometidas durante a época de chuva (que compreende a maior parte do ano) (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2013, p. 123). Atualmente, quase duas décadas após o fim da Guerra Civil Angolana (1975–2002), as comunas do Quissongo, da Cabuta e da Munenga apresentam povoamento relativamente baixo, em virtude do grande deslocamento da população para Calulo durante a guerra e da falta de infraestruturas ocasionada pelos conflitos.

No município, à exceção das antigas construções coloniais, concentradas em Calulo, a maioria das casas de áreas mais isoladas é feita de adobe (tijolos de barro batido) ou pau a pique e coberta de palha ou placas de metal, e cada família tem normalmente sua lavoura de subsistência (em especial, para o cultivo de mandioca, feijão e amendoim) nas proximidades dos locais em que habita (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2013, p. 124).

Entre as comunas, Calulo é única que possui uma infraestrutura básica, sendo a mais urbanizada: há uma unidade hospitalar, escolas, repartições administrativas, banco, comércio diversificados, rede elétrica, além de uma biblioteca, estádio futebolístico, discoteca e aeródromo (FIGUEIREDO, 2016, p. 98). É nela também que há uma quantidade maior de escolas em funcionamento e o Instituto Superior Politécnico do Libolo (ISPTLO), inaugurado em 2018. Nas demais comunas, o ensino é feito sobretudo por programas de alfabetização. A dificuldade de deslocamento dos habitantes, a distância entre os bairros principais e as escolas, são fatores que desestimulam a participação de jovens e crianças no ambiente escolar, somando-se a eles a falta de professores para lecionar nas povoações mais isoladas e a baixa remuneração dos educadores (SANTOS, E., 2015; FIGUEREDO; OLIVEIRA, 2013). O ensino, supervisionado por uma repartição subordinada à administração municipal, é feito em português (FIGUEIREDO, 2016, p. 119). Essa é a única língua de ensino em Angola, ainda que grande parte da população angolana fale diversas outras línguas.

1.3 Diversidade linguística

O continente africano abriga uma vasta diversidade e complexidade étnica, cultural e linguística. Ele detém cerca de um terço das línguas do mundo, somando aproximadamente duas mil línguas identificadas (HEINE; NURSE, 2000, p. 2). Angola reflete o multilinguismo presente na África, sendo faladas cerca de trinta línguas diferentes em seu território (EBERHARD; SIMONS; FENNIG, 2019). No país, as línguas autóctones predominantes são aquelas incluídas no grupo linguístico banto (tronco nigero-congolês > família benue-congolesa >

subfamília bantoide).² No entanto, há também línguas do tronco coissã, além, é claro, da língua portuguesa, cuja presença está ligada ao longo processo de colonização portuguesa empreendido entre os séculos XV e XX.

Entre as línguas autóctones majoritárias do território angolano, o governo atribuiu, por meio de um decreto de 1987, o status de língua nacional a seis delas: umbundo, quimbundo, quicongo, tchôcue, ganguela e cuanhama (MINGAS, 2000, p. 55). Como línguas nacionais, elas poderiam ser gramatizadas (dotadas de norma ortográfica, dicionário e gramática) para virem a ser inseridas no ensino e, posteriormente, na esfera administrativa (PETTER, 2008, p. 46). Entretanto, o português permanece como a única língua oficial do país, sendo utilizado pelos órgãos oficiais do Estado e, consequentemente, pelas instituições de ensino formal.

O quimbundo é a segunda língua nacional mais falada em Angola. Ele é a língua banta majoritária das populações das províncias de Luanda, Bengo, Kwanza-Norte e Malanje, mas também é falado em partes das províncias do Bié, Lunda-Norte, Lunda-Sul, Uíge, Zaire e do Kwanza-Sul, na qual se encontra o Libolo.

O Libolo é uma área banta que integra o domínio linguístico do quimbundo [H20] (GUTHRIE, 1948; EBERHARD; SIMONS; FENNIG, 2019) na qual seus habitantes falam a variante ‘libolo’ [H23].³ O município também abrange áreas com outros falares do quimbundo

² As línguas africanas autóctones podem ser classificadas em quatro grandes troncos linguísticos: nigero-congolês (c. 1542 línguas), afro-asiático (c. 377 línguas), nilo-saariano (c. 206 línguas), coissã (c. 13 línguas) (e.g. HEINE; NURSE, 2000; EBERHARD; SIMONS, FENNIG, 2019). O tronco nigero-congolês é o maior agrupamento linguístico do mundo. É também o mais vasto geograficamente e em número de falantes no continente africano. O tronco se subdivide em onze famílias: adamaua-ubangui, atlântica, benue-congolesa, cordofaniana, cuá, dogon, gur, ijoide, kru, mandê e as não classificadas (PETTER, 2015). Essas famílias ainda são subdivididas. A família benue-congolesa, por exemplo, divide-se nos grupos oriental e ocidental e possui em torno de 978 línguas. Na família benue-congolesa ocidental, há a subfamília bantoide, na qual se encontra o conjunto de línguas bantas.

³ Os códigos alfanuméricos entre colchetes são aqueles encontrados na atualização feita por Maho (2009) do sistema de classificação geográfica das línguas do grupo banto estreito (*narrow bantu*) proposto por Guthrie (1948, 1967–71). Nesse sistema, a letra indica uma das zonas, a dezena identifica um grupo linguístico e a unidade constitui um cluster dialetal (HEINE; NURSE, 2000, p. 34). Essa designação alfanumérica tornou-se referência para todas as línguas bantas e é largamente utilizada na literatura. Na lista de Maho (2009, p. 53), o grupo a que pertence o quimbundo, por exemplo, tem a seguinte descrição:

Zona H
 ⋮
 H20 – Grupo quimbundo
 H21 – Cluster *mbundu*
 H21a – quimbundo, *ngola*
 H21b – mbamba, *njinga*
 H22 – sama
 H23 – bolo, *haka*
 H24 – songo, *nsongo*
 ⋮

— como quissama, songo e quibala⁴ — e parte de suas fronteiras meridionais ainda é uma área de transição na qual há isoglossas etnolinguísticas entre os falantes de quimbundo e os falantes de umbundo [R11] (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2013, p. 118). Embora os libolenses não entendam o quimbundo falado na região de Luanda em sua totalidade, o quimbundo do Libolo deve ser considerado uma variedade do grupo linguístico quimbundo, uma vez que o umbundo não é compreensível para os falantes do município, Figueiredo (2016, p. 160–161). Portanto, para o autor, a possibilidade de ele estar inserido no grupo de línguas bantas do domínio linguístico R10 está descartada.

Na [figura 3](#), apresentamos o mapa do continente africano com a divisão do grupo banto em zonas geolinguísticas feita por Guthrie (1975), incluindo as modificações de Maho (2003). Nela destacamos Angola e indicamos, aproximadamente, a localidade do Município do Libolo.

Os habitantes do Libolo, além de serem falantes de quimbundo, falam também o português, a não ser em casos esporádicos de idosos de povoações mais isoladas (FIGUEIREDO, 2016). Parte deles é falante de português como segunda língua, visto que muitos adultos e a maioria dos idosos são falantes maternos de quimbundo. Por outro lado, há entre a população jovem aqueles que falam português e afirmam apenas compreender ou mesmo não saber o quimbundo (SANTOS, E., 2015, p. 50–51). No caso concreto desta tese, os participantes dos bairros centrais de Calulo, mais urbanizada, afirmam não falarem e não compreenderem o quimbundo, enquanto os participantes da povoação mais afastada falam tanto português quanto quimbundo. No entanto, a situação de contato entre o português e o quimbundo na região do Libolo ainda não está clara e sequer há um levantamento oficial acerca das línguas faladas no município, mas há pesquisas em andamento sobre o assunto, como a de Araújo, Petter e José (2018).

⁴ De acordo com a lista de Maho (2009), o quissama é identificado como H22 e o songo, como H24 [veja também o estudo de Sousa, Kukanda e Santiago (2011) para este último]. Quanto ao quibala, Angenot, Ndonga e Ribeiro (2011, p. 253) afirmam que

[...] O kibala — ou kibala-ngoya — é um falar bantu de Angola não-documentado em uso no centro da província de Kwanza Sul, numa área relativamente extensa cujas principais localidades são Kibala, Ebo, Wako Kungo, Assango, [G]abela, Cond[a], Quilenda e Mussende.

É propositalmente que recorremos à denominação “falar” ao referirmos ao kibala na medida em que paira alguma incerteza sobre a questão de saber se é uma variante dialetal assaz distante da língua kimbundu [H21], uma língua autônoma dentro do grupo kimbundu [H20] ou — *a priori* por que não — do grupo umbundo [R10], ou se se trata de um falar híbrido de transição entre as zonas tipológicas H e R do domínio bantu.

Figura 3 – Angola, Libolo e as zonas linguísticas bantas.

Figura 3 is a derivative of Bantu zones by Edricson / CC BY-SA 3.0 and Africa map blank by Sting / CC BY-SA 3.0. Figura 3 is licensed under CC BY-SA 4.0 by Vinícius G. Santos.

1.4 O português de Angola e do Libolo

Muitos fenômenos linguísticos do português falado em Angola vêm sendo objeto de um crescente número de estudos, desenvolvidos sob diferentes abordagens teóricas. Basta observar a lista de produções científicas sobre o português de Angola organizada por Lilliana Inverno e Carlos Figueiredo para a cátedra [Português Língua Segunda e Estrangeira](#) (Instituto Camões & Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique).⁵ Entre os estudos estão os de Mingas (2000), Miguel (2003), Chavagne (2005), Lipski (2008), Inverno (2011), Manuel (2015), Pitombo e Farias (2017) e Miguel (2019), para citar apenas alguns.⁶

Mingas (2000) faz um trabalho precursor sobre as particularidades do português de Angola em relação à norma europeia. A partir de dados do português falado em Luanda, a autora identifica os empréstimos e as interferências fônicas, lexicais e morfosintáticas do

⁵ A lista está disponível online. Consulte a seção das [bibliografias](#) de variedades de português, em especial, a [angolana](#).

⁶ Os sete parágrafos a seguir têm como referência o artigo de Santos (2018).

quimbundo que caracterizariam o português ali falado. Ela chega à conclusão de que o português foi alvo de um nível de interferência mais elevado que o quimbundo.⁷ **Miguel** (2003) também se ocupa com o português falado em Luanda. Seu estudo é direcionado aos pronomes pessoais, cujo emprego, segundo a autora, apresenta variação em relação à norma europeia quanto aos níveis de seleção e de colocação pronominal e ao uso de formas não previstas por tal norma. Para ela, a maior variação observada é proporcional à menor escolaridade dos falantes. Já **Chavagne** (2005) faz a descrição dos desvios fonético-fonológicos, léxico-semânticos e morfossintáticos do português angolano em geral, também em relação à norma europeia. De forma geral, ele conclui que o português de Angola se afasta do português europeu. **Lipski** (2008) elenca alguns pontos de convergência morfossintática e fonológica entre o português vernacular angolano e o brasileiro com o objetivo de incentivar as discussões acerca do contato linguístico luso-africano. Para o autor, os paralelismos identificados parecem ter origem quer na gramática universal quer no contato do português com línguas africanas. Desse modo, ele enfatiza a necessidade de se estudar as variedades africanas de português para esclarecer as origens do português falado no Brasil. **Inverno** (2011), por sua vez, investiga os sintagmas nominais e verbais do português falado no Dundo, capital da província da Lunda-Norte (nordeste do país), seguindo o modelo de reestruturação parcial de Holm (2004). A autora compara a estrutura desses sintagmas com os correspondentes do português europeu e das línguas bantas da região — em especial, o tchôcue. Ela observa que o português vernacular do Dundo possui uma série de tendências morfossintáticas que o diferencia estruturalmente do português europeu e que pode ter explicação no contato com o tchôcue. Isso a permite incluir essa variedade angolana no conjunto de línguas parcialmente reestruturadas. **Manuel** (2015), a partir do português falado como língua materna em Benguela (região centro-oeste de Angola), faz a descrição de uma série de fenômenos divergentes da norma europeia, identificando-os em diferentes domínios da gramática (lexical, fonológico, lexicossintático, morfossintático, sintático, semântico). Para o autor, os fenômenos descritos são evidência do surgimento de uma variedade cuja norma é, em geral, também encontrada em outras localidades de Angola. Ele também sugere que os fenômenos divergentes têm explicação quer na transferência de

⁷ Não são muitos os estudos a respeito do quimbundo. Para além de uma série de gramáticas como as de Dias (1697), Chatelain (1889), Magalhães (1922) e Robert (1923), por exemplo, podemos citar os estudos linguísticos de Kukanda (1974), Pedro (1993), Xavier (2010), Sousa, Kukanda e Santiago (2011), Angenot, Mfuwa e Ribeiro (2011), Angenot, Kempf e Kukanda (2011). O geógrafo Aharon de Grossi fornece, em sua [página pessoal](#), uma lista de trabalhos de natureza variada acerca do quimbundo que também vale ser conferida.

A propósito, a gramática do quimbundo foi sistematizada, pela primeira vez, no Brasil, na obra do padre jesuíta Pedro Dias “*Arte da lingua de Angola, oeferecida a Virgem Senhora N. do Rosario, Mãe, & Senhora dos mesmos Pretos*”, pelo P. Pedro Dias da Companhia de Jesu”. Embora publicada em Lisboa em 1697, a obra foi redigida no Brasil, em Salvador, a partir de dados recolhidos nesse país. O trabalho é um marco histórico da presença de línguas africanas no Brasil: para além de ser a primeira gramática sistemática, a obra é evidência de que, no século XVII, essa era a língua utilizada pelos negros escravizados oriundos de Angola (BONVINI, 2008, p. 33–39).

traços linguísticos do umbundo, falado na região por séculos, quer em mudanças internas patenteadas pelas línguas, ou ainda na aquisição de parâmetros do português falado como segunda língua. O livro organizado por **Pitombo e Farias (2017)** privilegia o português de Luanda na análise de diferentes fenômenos morfossintáticos e traz contributos para o debate sobre os aspectos sócio-históricos e culturais presentes na gramática do português brasileiro a partir do contato com línguas africanas. Para as organizadoras, a interação social e linguística luso-africana pode ter desencadeado traços comuns na língua portuguesa falada nas ex-colônias portuguesas. Mais recentemente, **Miguel (2019)** faz uma descrição de processos morfológicos e fonológicos envolvidos na integração lexical de origem banta (notadamente, quimbundo) ao português oral de Luanda.

No campo da fonética e da fonologia, em específico, não são numerosos os estudos já feitos sobre o português de Angola se comparados aos que versam sobre outras áreas. Na maioria dos casos, os autores limitam-se a fazer um breve levantamento do comportamento dos segmentos vocálicos e consonantais que interpretam como traços característicos do português angolano. Destacam-se, contudo, as considerações mais sistematizadas feitas por Chavagne (2005) e a investigação aprofundada de Domingos (2011).

Chavagne (2005), com base no registro oral de 163 angolanos (de localidades variadas no país), encontra uma grande diversidade fonético-fonológica, em relação à norma europeia de português, que forma um *continuum* dialetal cujos polos são os traços mais próximos à norma europeia e os mais próximos às línguas angolanas bantas. Muitas características descritas em seu trabalho são também pontuadas por outros autores (*e.g.* NZAU, 2011; SANTOS; OLIVEIRA, 2011; UNDOLO, 2014; MANUEL, 2015), que, em sua maioria, pressupõe que parte das diferenças fônicas seja resultada do contato linguístico. Entre as descrições feitas, o autor observa que há alternância na abertura das vogais médias orais — [e]~[ɛ], [o]~[ɔ] — na posição tônica de certas palavras e variação no alçamento e não alçamento das vogais médias orais átonas. Quanto às consoantes, ele registra, por exemplo, a pré-nasalização de certos segmentos e alternâncias não sistemáticas entre diferentes róticos [r, ɾ, ʁ, h] e entre rótico e lateral [l]. Chavagne (2005) reporta ainda uma série de outros fenômenos, tais como monotongação, metátese, prótese, aférese, paragoge, supressão do rótico final de verbos infinitivos e epêntese entre encontros consonantais. Em meio às particularidades fonético-fonológicas, o autor distingue, como principal, a tendência à abertura e anteriorização das vogais, à posteriorização e pré-nasalização das consoantes e à ocorrência de certos fenômenos (como epêntese e elisão) que resultam em sílabas abertas, terminadas em vogal, típicas das línguas bantas angolanas. Ele ainda menciona que as variações de altura são mais frequentes que as do português europeu, conferindo um aspecto “cantado” à pronúncia angolana e que, para ele, “um estudo em laboratório, também, poderia dizer se essas variações são o vestígio dos tons das línguas bantas de subs-

trato”, conforme hipotetiza (CHAVAGNE, 2005, p. 65–66).⁸ Já **Domingos** (2011) investiga, comparativamente ao português europeu lisboeta, os correlatos acústicos da nasalidade vocálica átona e tônica do português falado por quatro angolanos (residentes em Luanda, mas naturais de províncias variadas e não especificadas). Segundo o autor, as vogais nasalizadas dos angolanos se distinguem das dos lisboetas por possuírem valores mais elevados de F1 (mais abertas) e valores menores de F2 (mais posteriores) e por serem produzidas com mais ressonância oral. Ele também verifica que as vogais nasais fonéticas dos angolanos são fonologicamente constituídas de uma vogal oral e um segmento nasal consonântico (cuja realização é homorgânica à oclusiva oral adjacente à direita) e que não há, nos dados, evidências para a pré-nasalização de consoantes.

Naturalmente, os estudos linguísticos já realizados sobre o português de Angola não se restringem aos trabalhos aqui mencionados. No entanto, assim como ressalta Santos (2018), eles põem em evidência o ineditismo e o caráter vital da investigação do português que se fala nesse país, não só para o reconhecimento da variedade angolana da língua, mas também para se compreender as variedades transplantadas da língua para o Brasil e para a África de uma perspectiva social, histórica e linguística.⁹ No que diz respeito ao Libolo, Figueiredo e Oliveira (2013, p. 105–106), a partir de uma análise comparativa de aspectos sócio-históricos e linguísticos, chegam à conclusão de que a reestruturação dos sistemas de pronominalização do português falado nesse município e do português falado em Jurussaca (nordeste do estado do Pará, no Brasil) se deu geracionalmente por contato e que esse quadro é importante para se reforçar uma proposta de caráter interétnico para o português dessa localidade do Brasil.

Estudos linguísticos sobre o **português do Libolo (PLb)** são notadamente recentes e decorrem do desenvolvimento do *Projeto Libolo* (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2013; FIGUEIREDO; SANTOS, 2014; SANTOS, E., 2015; FIGUEIREDO; JORGE; OLIVEIRA, 2016; OLIVEIRA; ZANOLI, ANDRADE, 2016; SILVA, 2017; ARAÚJO; PETTER; JOSÉ, 2018; FIGUEIREDO, 2018; JORGE,

⁸ No original:

Une étude en laboratoire, là aussi, pourrait dire si ces variations sont la survivance des tons des langues bantu du substrat comme nous en faisons l’hypothèse.

⁹ Nessa linha de pensamento, Figueiredo e Oliveira (2013, p. 107), Figueiredo, Jorge e Oliveira (2016, p. 253) e Figueiredo (2018, p. 83) defendem que, ao se levar em conta o processo de formação histórica e linguística do Brasil e dos países africanos em que se fala português, é imprescindível, para o entendimento das especificidades observadas — e que divergem do português europeu —, que se leve em conta a comparação com as estruturas das diversas línguas envolvidas com o contato linguístico luso-africano, e não somente ter o português europeu como única referência, como havia sido feito por muito tempo. Consequentemente, é importante, para os autores, que as comparações se deem não só no âmbito das variedades de português falado na África e no Brasil, mas também nas línguas africanas de substrato (sejam atuais ou ancestrais), como as várias línguas crioulas afro-portuguesas do Atlântico (caboverdiano, guineense, santomense, principense, angolar) e as línguas nigero-congolesas (quimbundo, por exemplo).

2018; OLIVEIRA; ZANOLI; ANDRADE, 2018; FONG, 2019; entre outros). Em sua maioria, versam sobre aspectos morfossintáticos.

Figueiredo e Oliveira (2013) inauguram as publicações sobre o PLB com a análise comparativa do seu quadro pronominal com o do português falado em Jurussaca. Entre os trabalhos subsequentes, destacam-se os de Figueiredo e Santos (2014), E. Santos (2015) e Oliveira, Zanolli e Andrade (2016), que se dedicam ao estudo de sentenças com construções clivadas e focalizadas. Há também o trabalho de Figueiredo (2018), que apresenta paralelismos morfossintáticos (*e.g.* pronomes clíticos e concordância no sintagma nominal) e lexicais entre o PLB e variedades vernaculares e padrão do português brasileiro. Por sua vez, Silva (2017), com base na Teoria da Língua em Ato (*e.g.* MONEGLIA; RASO, 2014) e no conceito gerativista de sintagma complementizador expandido (RIZZI, 1997), investiga tópicos marcados construídos a partir do movimento de uma série de elementos da sentença-comentário. Já Jorge (2018) faz um estudo sintático, na perspectiva de derivação por fase do Programa Minimalista (*e.g.* CHOMSKY, 2005, 2008), acerca das respostas afirmativas para sentenças interrogativas totais afirmativas. Na área da pragmática, Oliveira, Zanolli e Andrade (2018) apresentam uma análise inicial, orientada pela Teoria da Língua em Ato (*e.g.* MONEGLIA; RASO, 2014), de alguns marcadores discursivos do PLB, parcialmente constantes do corpus *C-ORAL-Angola* (ROCHA; MELLO, RASO, 2018). À medida em que novas investigações são desenvolvidas no âmbito do Projeto Libolo, ampliam-se e atualizam-se o conhecimento e o entendimento a respeito dessa variedade de português, em específico, e da língua portuguesa, em geral.

Em todos os estudos do projeto, são reportados traços linguísticos patentes no PLB que o singularizam. Para Figueiredo e Oliveira (2013, p. 125), o que particulariza o PLB é que, no processo de aquisição do português pelos libolenses, traços morfossintáticos da língua materna, o quimbundo, foram incorporados e preservaram-se geracionalmente no português de falantes bilíngues e monolíngues. Isso decorre, em parte, do relativo isolamento que o Libolo sofreu durante o período de pós-independência. Conforme já mencionado, a colonização de Angola pelos portugueses permaneceu, por muitos séculos, restrita às regiões costeiras, sendo a incursão de portugueses nas áreas do interior, como o Libolo, limitada. Portanto, as áreas interioranas eram habitadas por falantes monolíngues de línguas bantas. Em virtude dos constantes confrontos entre os autóctones e as autoridades portuguesas, a região foi efetivamente colonizada apenas no século XX e, poucos anos depois, foi submetida a um isolamento acentuado em decorrência da Guerra Civil Angolana (1975–2002). Esses fatores foram determinantes para a preservação de tradições socioculturais milenares e de marcas linguísticas específicas, tais como aquelas adquiridas do quimbundo. A partir desse quadro, Figueiredo e Oliveira (2013, p. 175) e Figueiredo (2018, p. 83) defendem que muitas características linguísticas do português libolense — parte delas semelhantes às já registradas no português de Angola em geral — devem ser entendidas

como processo concluído de mudança linguística (como acontece, segundo eles, com o sistema de pronominalização). Essas características ainda permitem, segundo os autores, que se reconheça e atribua o status de variedade angolana de português ao PLB (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2013, p. 173–176).

Naturalmente, não seria surpreendente supor que, para além de traços morfossintáticos — como indicado por Figueiredo e Oliveira (2013) — outros traços gramaticais, como os fonológicos, também tenham sido reestruturados no processo de aquisição do português e no seu contato com o quimbundo. Não há, contudo, estudos anteriores sobre a fonologia do português do Libolo. Esta tese — e publicações derivadas — é pioneira em fonologia para essa variedade de português e se debruça em aspectos prosódicos; e, até onde sabemos, é também a primeira em prosódia para o português de Angola.

2

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Nesta pesquisa, a descrição e a análise da entoação são desenvolvidas à luz da abordagem Autossegmental-Métrica da fonologia entoacional (seção 2.1). Seus preceitos tiveram origem nas teses doutorais de Liberman (1975), de Bruce (1977) e, sobretudo, na de Pierrehumbert (1980), assim como em trabalhos subsequentes, como os de Beckman e Pierrehumbert (1986) e de Pierrehumbert e Beckman (1988). Essa perspectiva teórica de análise entoacional vem sendo desenvolvida nas últimas quatro décadas com base em evidências empíricas de dados de produção e percepção da fala de diversas línguas e tem possibilitado a apreensão de unidades discretas e subjacentes ao sistema entoacional de forma precisa e consistente (*e.g.* LADD, 2008 [1996]; GUSSENHOVEN, 2004; JUN, 2005a, 2014a; FROTA; PRIETO, 2015a). Conforme essa perspectiva teórica, a relação entre a entoação e a cadeia segmental está vinculada às relações de constituição e proeminência definidas na estrutura prosódica. Adotamos, nesta tese (seção 2.2), uma concepção de estrutura prosódica segundo a qual domínios prosódicos hierarquicamente organizados são gerados a partir da interface entre a fonologia e outros módulos da gramática, tal como defendido por Selkirk (1984, 1986, 2000) e Nespor e Vogel (2007 [1986]).

2.1 Fonologia entoacional

As línguas empregam a variação de altura do som da fala (referida comumente de tom) para diversos propósitos linguísticos (LADD, 2008 [1996]; GUSSENHOVEN, 2004).¹ Seu principal

¹ Na linguística, **tom** é uma categoria fonológica (abstrata) que tem como correlato acústico (físico) a *altura* do som. A *altura* é uma sensação auditiva (baixa ou alta) decorrente da periodicidade do sinal acústico. Essa periodicidade consiste nas repetições do padrão de vibração (abertura e fechamento) das cordas vocais, o que comumente se denomina de **frequência fundamental** (F_0) do sinal acústico. F_0 é normalmente expressa em Hertz (Hz), sendo 1 Hz equivalente a um período por segundo. Quanto maior o número de

correlato acústico, a frequência fundamental (F_0), pode ser empregado simultaneamente tanto para codificar contrastes tonais lexicais e gramaticais² quanto para transmitir informações paralinguísticas (isto é, o uso gradiente da gama tonal para indicar estados psicológicos do falante — medo, surpresa, raiva, alegria, tédio, etc. — e graus de envolvimento interpessoal — hostilidade, conciliação, solidariedade, condescendência, etc.) (LADD, 2008, p. 31–42).³ Embora haja interação com essas outras funções desempenhas pela F_0 , a entoação restringe-se ao uso da variação de altura na realização de contrastes em nível pós-lexical de forma linguisticamente estruturada para transmitir informações pragmáticas, como o tipo frásico e o ato de fala, para sinalizar a estrutura informacional, para realizar o agrupamento discursivo e para demarcar a estrutura frasal (GUSSENHOVEN, 2004, p. 6).

Tendo isso em vista, o principal objetivo da fonologia entoacional Autossegmental-Métrica (PIERREHUMBERT, 1980; LADD, 2008 [1996]; GUSSENHOVEN, 2004) é identificar os elementos contrastivos da estrutura entoacional e fornecer um aparato descritivo universal para a entoação, extraíndo do elemento fonético uma estrutura fonológica que seja capaz de capturar as semelhanças e explicar as diferenças de vários exemplares de um mesmo contorno de forma consistente e preditiva (ver ARVANITI; LADD, 2009).

Como dito, a entoação é estrutural, assim como como são os tons lexicais e gramaticais ou os paradigmas morfológicos (LADD, 2008, p. 4). Embora as variações da curva de F_0 sejam grandes, podendo diferir notadamente de falante para falante e de ocasião para ocasião, a estrutura subjacente da entoação constitui-se de apenas dois primitivos tonais: alto (H) e baixo (L) (LADD, 2008, p. 72). Portanto, assume-se na teoria que o contorno entoacional consiste fonologicamente de uma cadeia de *Hs* e *Ls*, que são foneticamente realizados como alvos tonais, isto é, pontos específicos do contorno da F_0 , como mínimos

vibrações por segundo, maior será a altura e, conseqüentemente, mais alto será o tom (GUSSENHOVEN, 2004).

² Em línguas tonais, a representação da palavra contém, além das vogais e consoantes, a especificação dos tons. Portanto, tanto a variação segmental quanto a variação tonal podem contrastar o significado lexical ou gramatical de uma dada palavra (GUSSENHOVEN, 2004). Essas línguas diferem-se quanto ao número de posições em que um contraste tonal pode ser feito (YIP, 2002). Uma língua tonal prototípica é aquela em que a maioria das sílabas tem especificação tonal (mandarim, cantonês, iorubá, hauçá, mambila, benché, trique, iaul, etc.). Já uma língua tonal restrita é aquela em que a especificação tonal ocorre apenas em determinadas sílabas, ou até mesmo em determinados afixos ou raízes, e o contraste pode ser mínimo (alto/baixo, presente/ausente) (sueco, norueguês, japonês, lituano, sérvio, esloveno, variedades do alemão, do holandês e do basco, etc.) (GUSSENHOVEN, 2004). Confira Jun (2005c, p. 430) para uma discussão a respeito da tipologia das línguas com base nas definições de tom, entoação e acento. Em algumas estimativas, mais da metade das línguas do mundo são tonais (YIP, 2002; CRYSTAL, 1987). Entre elas está o quimbundo. Assim, nessa língua, se a melodia da palavra muda, o significado da palavra também muda (*nzila*: alto-baixo ‘caminho’, alto-alto ‘pássaro’) (XAVIER, 2010; ANGENOT; NDONGA; RIBEIRO, 2011).

³ Ladd (2008, p. 35) acredita que os elementos paralinguísticos devem ser considerados modificações na forma como categorias fonológicas são realizadas, modificações as quais normalmente não afetam a natureza dessas categorias.

e máximos locais. Os demais trechos da curva que não correspondem a alvos são, assim, não especificados para tons.

Esses primitivos tonais abstratos são autossegmentos, ou seja, unidades fonológicas independentes da estrutura segmental (vogais e consoantes) — embora coordenados com ela no tempo —, que se organizam em entidades categoricamente distintivas (eventos tonais) e se associam a posições estruturais específicas da representação métrica do enunciado. Por esse motivo, Ladd (2008 [1996]) atribui o termo ‘autossegmental-métrico’ à perspectiva de análise, posto que a terminologia reflete a conexão entre dois subsistemas da fonologia exigidos para a entoação: a parte autossegmental, representando a melodia, e a estrutura métrica, representando a proeminência e constituição frasal (ARVANITI, a sair).

A representação fonológica (sequência de eventos tonais) é mapeada em representação fonética (curva da frequência fundamental) por meio de regras de implementação, sensíveis ao contexto fonológico e contendo particularidades em cada sistema linguístico e que: (i) estabelecem, no espaço tonal local, os valores dos alvos da F_0 correspondentes aos tons subjacentes; (ii) os sincronizam com marcos segmentais; e (iii) realizam as trajetórias entre esses alvos (PIERREHUMBERT; BECKMANN, 1988; LADD, 2008 [1996]; GUSSENHOFEN, 2004).

Em geral, as sílabas que não são especificadas por tons subjacentes recebem valores de superfície da F_0 pela interpolação, normalmente linear, entre dois alvos tonais adjacentes ou pelo espalhamento de um tom pelas sílabas até a realização do tom subsequente (LADD, 2008, p. 44). Ademais, na coordenação temporal, além da associação (fenômeno abstrato que vincula o tom à entidade métrica ou fronteira subjacente), o alinhamento tonal (fenômeno fonético que realiza o alvo tonal em pontos determinados da cadeia segmental) é influenciado por diversos fatores (LADD, 2008, p. 172), tais como a proximidade a fronteiras prosódicas, a outros eventos tonais ou a própria estrutura do evento tonal. Consequentemente, alinhamentos tardios e precoces de *Ls* e *Hs* observados na curva de F_0 podem apontar tanto para diferenças fonéticas quanto para diferenças fonológicas entre sistemas e subsistemas linguísticos.

Na interação entre representação fonológica e realização fonética ainda se deve ter em conta os efeitos da acomodação tonal: por exemplo, quando um contorno melódico complexo, formado por dois ou mais tons, tem de se associar à cadeia segmental formada por uma única sílaba, emerge uma pressão fonética que as línguas resolvem de formas variadas (LADD, 2008, p. 180), implementando estratégias que (i) privilegiam o ajuste da melodia ao texto, comprimindo a melodia (compressão) ou reduzindo o número de tons

(truncamento), ou (ii) privilegiam o ajuste do texto à melodia, por meio de alongamento, redobro, epêntese, diérese, etc. (FROTA *et al.*, 2015b, p. 13).

Conforme dito, os tons organizam-se em eventos, com diferentes interações com a estrutura métrica e os constituintes da frase. Em línguas exclusivamente entoacionais, os eventos tonais de maior relevância na descrição da variação da cadeia tonal são os *acentos tonais* e os *tons relacionados a limites*.⁴

Os **acentos tonais** (*pitch accents*) estão vinculados às relações de proeminência da estrutura prosódica, associando-se a sílabas metricamente fortes da cadeia segmental, isto é, a mudança de altura tem como alvo uma sílaba portadora de acento lexical.⁵ Formalmente, o asterisco que segue o tom indica que ele está associado à sílaba tônica. Os acentos tonais podem ser simples, formados por apenas um tom (monotonais), ou complexos, formados por dois tons (bitonais).⁶ No primeiro caso eles indicam um máximo (pico) ou mínimo (vale) local na curva de F_0 , relativamente alinhados à sílaba tônica: L^* ou H^* . No segundo caso, denotam um rápido movimento local da F_0 , no qual um tom está relativamente alinhado à sílaba proeminente — tom central (*starred tone*) —, enquanto o outro tom especifica a mudança imediatamente anterior — tom dianteiro (*leading tone*) — ou imediatamente subsequente — tom de cauda (*trailing tone*). Formalmente, o sinal de adição une o tom central e o não central (H^*+L , $H+L^*$, L^*+H , $L+H^*$), embora ele seja opcional na notação de alguns autores (LADD, 2008, p. 88). Os tons não centrais são foneticamente mais instáveis que o central, já que não estão ancorados a uma posição metricamente forte (GRICE, 1995; FROTA, 2002b). No que se refere à posição em que ocorrem na frase, os acentos tonais podem ser (i) *nucleares*, quando associados à posição de maior proeminência frasal, e (ii) *pré-nucleares* e *pós-nucleares*, quando associados a posições de proeminência frasal menores, anteriores ou posteriores, respectivamente, ao acento tonal nuclear (FROTA, 1999).

Já os tons relacionados a limites (*edge tones*) estão vinculados não a posições de proeminência, mas sim a limites de constituintes prosódicos, isto é, a mudança de altura tonal tem como alvo a borda direita ou esquerda de um constituinte e não uma sílaba em parti-

⁴ Línguas *exclusivamente entoacionais* (ou *não tonais*) são aquelas em que o tom não é utilizado para fazer distinções lexicais ou gramaticais (alemão, inglês, línguas românicas em geral, incluindo o português, etc.) (GUSSENHOVEN, 2004, p. 6; HIMMELMAN; LADD, 2008, p. 253).

⁵ Cabe ressaltar que os *pitch accents* de línguas exclusivamente entoacionais referidos aqui são unidades especificadas pós-lexicalmente nas palavras em que ocorrem e não distinguem o significado lexical ou gramatical da palavra. Esses eventos tonais são funcionalmente diferentes dos *pitch accents* encontrados em línguas tonais restritas (como o sueco, norueguês, japonês e basco) cuja especificação se dá lexicalmente e, portanto, contrastam significados da palavra.

⁶ Acentos tritonais (e.g. GRICE, 1995) já foram propostos, mas não têm sido amplamente adotados.

cular.⁷ A maioria das análises adotam dois tipos de *edge tone*: tom de fronteira (*boundary tone*) e acento frasal (*phrase accent*). Os **tons de fronteira** associam-se aos limites de constituintes prosódicos maiores, mais especificamente, aos do sintagma entoacional.⁸ Eles são formalmente acompanhados pelo sinal % anteposto ou posposto ao tom, indicando que o evento tonal está associado à fronteira esquerda ou direita, respectivamente, do constituinte prosódico: %L, %H, L% e H% (e.g. PIERREHUMBERT, 1980 – inglês; FLETCHER, 2014 – dalabon (Austrália); FROTA; PRIETO, 2015 – línguas românicas).⁹ O **acento frasal** teve origem na proposta, concebida por Pierrehumbert (1980), de um acento de sintagma — *phrase accent* — para o inglês: um tom adicional, de alinhamento variável nas sílabas entre o último acento tonal e o tom de fronteira à direita. Posteriormente, ele foi interpretado como um tom de fronteira com associação secundária (por ser realizado numa das sílabas periféricas, mas também por poder ser realizado numa sílaba tônica pós-nuclear) e relacionado a um domínio prosódico menor que o sintagma entoacional (e.g. BECKMAN; PIERREHUMBERT, 1986 – inglês, japonês; GRICE; LADD; ARVANITI, 2000 – inglês, alemão, neerlandês, grego, grego cipriota, romeno, húngaro). Tradicionalmente, os acentos frasais são indicados formalmente com “ – ” acompanhando o tom: L⁻ ou H⁻. Análises posteriores adotam o termo ‘acento frasal’ e a noção de que ele demarca o limite de constituintes prosódicos menores: sintagma fonológico (HAYES; LAHIRI, 1991 – bengalês; FERNANDES, 2007b – português brasileiro) ou *intermediate phrase* (ARVANITI; BALTAZANI, 2005 – grego; GRICE *et al.*, 2005 – alemão; CHAHAL; HELLMUTH, 2014 – árabe egípcio e libanês; GOODEN, 2014 – jamaicano; KARLSSON, 2014 – mongol; FROTA; PRIETO, 2015a – línguas românicas). No entanto, as propriedades descritas para o acento frasal nas línguas românicas (e.g. FROTA; PRIETO *et al.*, 2015b, p. 396) são diferentes dos acentos frasais referidos, por exemplo, para o inglês, visto que estes exibem propriedades fonológicas tanto de tom de fronteira quanto (marginalmente) de acento tonal.

Afora as anotações dadas tradicionalmente, o modelo não exclui a possibilidade da existência de *edge tones* multitonais, caso sejam necessários para caracterizar os contrastes entoacionais da língua. Nas línguas românicas, a melodia da fronteira do sintagma entoacional é descrita em termos de tons de fronteiras simples (monotonais) ou complexos (bitonais), uma vez que se defende que o acento frasal não é necessário antes das fronteiras desse sintagma pelo fato de o acento nuclear ser localizado próximo à fronteira (e.g. SOSA, 1999 – espanhol; FROTA, 2014 – português europeu).¹⁰

⁷ Naturalmente, são realizados foneticamente em material segmental, sendo alinhados em relação às sílabas que estão delimitando o constituinte prosódico em questão.

⁸ Os constituintes prosódicos são tema da seção a seguir.

⁹ Embora o nível tonal inicial do sintagma seja recorrentemente baixo, grande parte das análises não especificam um evento tonal %L, visto que tal nível baixo é a opção não marcada.

¹⁰ Esse é o caso do português europeu, brasileiro e guineense, em que se atestam tons de fronteira simples e complexos (L%, H%, %H, LH% e HL%) (FROTA, 2014; FROTA *et al.*, 2015a; SANTOS, V., 2015). São

Em suma, com a reinterpretação do acento frasal como um tom relacionado a limites, o conjunto de eventos tonais se restringe, na prática, a acentos tonais e tons de fronteira (cf. HAYES; LAHIRI, 1991).

Por fim, neste trabalho, a perspectiva de análise que assumimos dentro da fonologia entoacional Autossegmental-Métrica é aquela em que as relações de proeminência e fraseamento dos constituintes prosódicos não são definidos entoacionalmente (e.g. BECKMAN; PIERREHUMBERT, 1986; PIERREHUMBERT; BECKMAN, 1988; e muitos trabalhos subsequentes), mas sim por domínios prosódicos derivados de um mapeamento entre a fonologia e os demais módulos da gramática.¹¹ Assim, assumimos uma visão integrada, nos termos de Frota (2000, 2012a), entre entoação e fraseamento de constituintes prosódicos derivados de tal mapeamento. Desse modo, a atribuição de eventos tonais à cadeia segmental, a realização de regras frasais e os fenômenos de proeminência fazem referência à mesma estrutura prosódica (HAYES; LAHIRI, 1991 – bengalês; FROTA, 2000 – português europeu; TENANI, 2002 – português brasileiro; HELLMUTH, 2007 – árabe egípcio). Isso significa que a ausência de um evento tonal não implica a ausência de um constituinte prosódico. Em português, a estrutura prosódica relevante para a entoação é fornecida pela hierarquia dos domínios prosódicos, abordada na seção a seguir.

2.2 Fonologia prosódica

Existem diversas teorias que se ocupam de fenômenos fonológicos cujos domínios de aplicação são determinados indiretamente (SELKIRK, 1986; NESPOR; VOGEL, 1986) ou, de certa

propostos também tons de fronteira tritonais para o catalão, mongol, bengalês e coreano — LHL% e/ou HLH% (PRIETO, 2014; JUN, 2005b; KARLSSON, 2014; KHAN, 2014) — e quadritonais e pentatonais, para o coreano — LHLH% e LHLHL% (PARK, 2003; JUN, 2005b). Conforme esclarece Arvaniti (a sair), a proposta sempre depende de outras decisões analíticas relacionadas ao número de edge tones num sistema (ausência/presença de acento frasal) e a divisão de trabalho entre o acento tonal e tons de fronteiras: e.g. L⁻ H% vs LH%, H* L⁻ H% vs H*+L H%, etc.

¹¹ Diversas propostas de estrutura prosódica foram feitas, surgidas a partir de tradições de pesquisa e/ou abordagens independentes (FROTA, 2012a, p. 256). Uma das propostas (que é adotada nesta tese) defende que restrições morfossintáticas e fonológicas fornecem uma estrutura prosódica que lida satisfatoriamente com regras segmentais contextuais (e.g. SELKIRK, 1984, 1986, 2000, 2005; NESPOR; VOGEL, 1986; TRUCKENBRODT, 1999), definindo o grupo clítico, o sintagma fonológico e o sintagma entoacional como níveis prosódicos acima da palavra fonológica. Uma outra proposta se pauta essencialmente na entoação e na influência do tamanho e taxa de elocução do enunciado para definir os seguintes níveis prosódicos acima da palavra fonológica: o *accentual phrase*, o *intermediate phrase* e o sintagma entoacional (e.g. BECKMAN; PIERREHUMBERT, 1986; PIERREHUMBERT; BECKMAN, 1988; JUN, 2005c). Não é claro, porém se essas duas hierarquias se referem ou não a uma única estrutura prosódica coincidente, tendo sido já sugerido na literatura que sintagma fonológico e *intermediate phrase* possam equivaler ao mesmo constituinte prosódico, assim como grupo clítico e *prosodic word group* possam ser equivalentes a *accentual phrase* (FROTA, 2012a, p. 257--258).

forma, diretamente (MANZINI, 1983; KAISSE, 1985; RIZZI; SAVOIA, 1993; SEIDL, 2001; DOBASHY, 2003; ISHIHARA, 2003; apud ELORDIETA, 2008) pela estrutura sintática.

Há pelo menos três décadas, diversos estudos desenvolvidos a partir da Fonologia Prosódica (SELKIRK, 1984, 1986, 2000; HAYES, 1989; NESPOR; VOGEL, 2007 [1986]) reforçam a concepção de que a estrutura fonológica estabelece relações com outros níveis da gramática na formação de constituintes prosódicos de forma indireta. Para essa teoria, a relação não é isomórfica porque processos puramente fonológicos se aplicam automaticamente e pós-lexicalmente em domínios que não podem ser formulados em termos de constituintes morfológicos ou sintáticos.¹² Nesse sentido, enquanto fatores como velocidade de fala ou tamanho dos constituintes de uma frase, por exemplo, podem alterar a estrutura prosódica, a estrutura sintática correspondente a ela não se modifica (NESPOR; VOGEL, 2007 [1986]).

A fala, nessa perspectiva teórica, é organizada hierarquicamente em um conjunto finito de domínios prosódicos universais, assinalados por diversas pistas que constituem evidência empírica para tal organização. Entre as pistas estão fenômenos segmentais (como regras de sândi, de haplologia sintática e alongamento segmental de fronteiras), rítmicos (como estratégias de resolução de choque de acento) e tonais (como configuração, atribuição e escalonamento tonais) em diversas línguas e que se aplicam no interior ou entre os limites de certos domínios, mas que são bloqueados em outros — veja, entre outros, Nespor e Vogel (1986), Selkirk (1986), Jun (1996), Frota (2000), Hellmuth (2004, 2007), Baltazani (2006) para exemplos em diversas línguas.

A geometria da estrutura da hierarquia prosódica é regulada por um conjunto de princípios de boa formação que estabelecem que uma determinada unidade prosódica deve ser composta por uma ou mais unidades da categoria imediatamente abaixo (exceto em casos de unidades terminais) e contida exhaustivamente na unidade da categoria imediatamente superior. Assim, a estrutura exibe uma ramificação *n*-ária cuja proeminência relativa é definida a um elemento da unidade, atribuindo-se o valor forte, e todos os demais recebem o valor fraco (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 7). Uma regra comum de construção dos domínios prosódicos (1) é baseada em tais princípios de boa formação. No entanto, para cada domínio existem valores singulares atribuídos às variáveis dessa regra, que são, até certo ponto, específicos de cada sistema linguístico.¹³

¹² Existem processos que não são puramente fonológicos, mas condicionados também pelo contexto morfossintático. Esse tipo de processo, portanto, está fora do escopo da fonologia prosódica, formando um subsistema de regras a parte (ELORDIETA, 2008). A regra de apagamento vocálico do verbo final em italiano é um exemplo. Segundo essa regra, é apagada, opcionalmente, a vogal final de uma palavra seguida por seu complemento somente se a primeira palavra for um verbo (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 32--33).

¹³ As regras específicas de formação dos domínios prosódicos relevantes para esta tese são discutidas no capítulo a seguir.

(1) *Construção do constituinte prosódico*

Junte em um X^P de ramificação n -ária todos os X^{P-1} incluídos em uma cadeia delimitada pela definição do domínio de X^P .

(NESPOR; VOGEL, 1986, p. 7)¹⁴

De acordo com os princípios de boa formação, um constituinte prosódico não pode imediatamente dominar outros constituintes de dois níveis abaixo ou do nível acima (princípio de exaustividade) e tampouco dominar outro constituinte do mesmo nível (não recursividade). Portanto, não são permitidas geometrias com múltipla dominância, nós irmãos heterogêneos, salto de níveis ou recursão (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 7–8). Essas regras consistem na *Strict Layer Hypothesis* (SLH) proposta inicialmente por Selkirk (1984) e considerada universal e inviolável. No entanto, trabalhos posteriores a respeito de diversas línguas levaram ao relaxamento da SLH para que vários fenômenos fossem satisfatoriamente explicados, dando, assim, origem a propostas que permitem a recursão (*e.g.* LADD, 1992; SELKIRK, 1995; 2000; BOOIJ 1996; PEPERKAMP, 1997; VIGÁRIO, 2003; GUSSENHOVEN, 2004). Esse é o caso, por exemplo, da proposição de domínios prosódicos compostos, embora de recursividade limitada, nos quais uma categoria pode dominar constituintes do mesmo nível (LADD, 2008, p. 243). Esse tipo de recursividade foi adotado na análise do português europeu, em que certos fenômenos fonológicos no nível da palavra fonológica e do sintagma entoacional são explicados por recursão (FROTA, 2000, 2014; VIGÁRIO, 2003; CRUZ, 2013; BARROS, 2014).

Segundo Frota (2012a *apud* SANTOS; VIGÁRIO, 2016, p. 135), parece haver, portanto, dois tipos de organização prosódica: a constituinte prosódica (definida pelas relações de mapeamento da interface fonologia–sintaxe, cujas pistas são um conjunto particular de propriedades fonético-fonológicas) e o nível de fraseamento (que envolve recursividade e agrupamento da mesma categoria prosódica, cujas pistas são diferenças gradientes na força do mesmo conjunto particular de propriedades fonético-fonológicas).

Na perspectiva de Nespor e Vogel (1986), os constituintes prosódicos são dispostos em sete domínios e organizam-se, do mais baixo ao mais alto constituinte da hierarquia, da seguinte forma: **sílaba** (*syllable*), **pé** (*foot*), **palavra fonológica** (*phonological word*), **grupo**

¹⁴ Todas as traduções são do autor desta tese. No original:

Prosodic constituent construction

Join into an n -ary branching X^P all X^{P-1} included in a string delimited by the definition of the domain of X^P .

Nota do autor:

X^P = unidade não terminal da hierarquia prosódica;

X^{P-1} = unidade da categoria imediatamente inferior.

clítico (*clitic group*), **sintagma fonológico** (*phonological phrase*), **sintagma entoacional** (*intonational phrase*) e **enunciado fonológico** (*phonological utterance*).

Os constituintes dos níveis inferiores, sílaba e pé, são construídos por meio de informações puramente fonológicas. A palavra fonológica e o grupo clítico, por sua vez, são os domínios prosódicos privilegiados da interface entre fonologia e morfologia. Os níveis acima da palavra são constituídos por informações da interface entre fonologia e sintaxe (sintagma fonológico e sintagma entoacional) ou entre fonologia e informações semânticas, pragmáticas e discursivas (sintagma entoacional e enunciado fonológico) (SELKIRK, 1984, 1986; HAYES, 1989; NESPOR; VOGEL, 1986).

Existem controvérsias, no entanto, quanto à composição exata dos níveis da hierarquia prosódica, não havendo a inclusão de alguns domínios em certas propostas (como o grupo clítico e o enunciado fonológico), havendo a adição de outros domínios (como a mora e a raiz prosódica) ou a redefinição de um nível (como o *prosodic word group* em substituição ao grupo clítico), a depender das necessidades teóricas para explicar fenômenos das línguas (e.g. BOOIJ, 1996; SELKIRK, 1986, 1996, 2009; VIGÁRIO, 2010; DOWNING, 2016).

Contudo, Nespor e Vogel (1986, p. 11) já alertavam que, apesar de alguns domínios prosódicos não parecerem, a princípio, desempenhar um papel na fonologia de uma dada língua, os níveis da estrutura prosódica devem ser considerados universais. Logo, a falta de regras que se refiram a um certo domínio prosódico em uma língua não é suficiente para determinar que tal domínio não exista e que não desempenhe um papel em sua fonologia (VIGÁRIO, 2003, p. 3).

Ainda no que se refere à formação dos constituintes prosódicos, há duas propostas principais acerca da informação sintática que pode ser acessada pela fonológica na construção dos domínios: a baseada em relações e a baseada em limites. A proposta baseada em relações (*relation-based*) faz referências a noções da estrutura sintagmática da Teoria X-barra (CHOMSKY, 1970), como a relação núcleo–complemento, núcleo–modificador, especificador–núcleo, entre constituintes sintáticos e sua ramificação (HAYES, 1989; NESPOR; VOGEL, 1986). Para a proposta baseada em limites (*end-based*), a interação entre a fonologia e a sintaxe é menor, restringindo-se a informações sobre fronteiras direita e esquerda de núcleos sintáticos e de projeções máximas (SELKIRK, 1986, 2000; TRUCKENBRODT, 1995, 1999, 2007). Assim, a fronteira direita/esquerda de um domínio prosódico corresponde à fronteira direita/esquerda de uma categoria morfossintática. Entre os estudos que comparam as propostas, tanto se verifica a adequação de uma quanto a adequação de ambas nas análises (CHEN, 1990; INKELAS; ZEC, 1995; apud FROTA, 2000, p. 5). Ademais, há estudos que investigam, de modo sistemático, a influência de fatores sintáticos e fonológicos na organização dos domínios prosódicos e da estrutura entoacional cujos

resultados evidenciam o papel significativo e específico de cada língua no peso relativo de certos fatores — tais como o alinhamento a fronteiras sintáticas, a complexidade sintática e o tamanho fonológico dos elementos — em tal organização (*e.g.* JUN, 2003 – coreano; D’IMPERIO *et al.*, 2005; ELORDIETA *et al.* 2005; PRIETO, 2005 – línguas românicas; SHAKED, 2007 – hebraico).

3

VARIAÇÃO PROSÓDICA NO PORTUGUÊS: ENTOAÇÃO E FRASEAMENTO

Além da adoção das teorias fonológicas apresentadas no [capítulo 2](#), consideramos nas análises do PLB os estudos já realizados sobre aspectos prosódicos do português, fundamentalmente os que resultam da aplicação daquelas teorias.¹

As descrições entoacionais feitas para diversas localidades onde o português é falado demonstra que a língua pode diferir em pelo menos três aspectos: no inventário dos padrões entoacionais distintos fonologicamente e nos significados pragmáticos atribuídos a eles, no fraseamento prosódico, isto é, na divisão das unidades frasais em constituintes prosódicos, e na distribuição dos eventos tonais em relação aos constituintes prosódicos formados (FROTA *et al.*, 2015a; entre muitos outros).

Neste capítulo, destacamos os níveis da hierarquia prosódica relevantes para a associação de eventos tonais em português ([seção 3.1](#)) e os principais aspectos prosódicos do inventário entoacional e do fraseamento prosódico encontrados em estudos a respeito de variedades do português europeu ([seção 3.2](#)), brasileiro ([seção 3.3](#)), guineense ([seção 3.4](#)), santomense ([seção 3.5](#)) e moçambicano ([seção 3.6](#)).

¹ Em geral, não fazemos aqui comparações com trabalhos nos quais a Fonologia Prosódica não esteja integrada à Fonologia Entoacional Autossegmental-Métrica em suas análises para assegurar a uniformidade teórico-metodológica. No entanto, para descrições entoacionais do português a partir de outras perspectivas teóricas, indicamos ao leitor, entre outros estudos, aqueles realizados no âmbito dos projetos ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) (CARDOSO *et al.*, 2014) e ‘[AMPER para a Língua Portuguesa](#)’.

3.1 Estrutura prosódica do português: a hierarquia prosódica

O domínio da palavra fonológica (PW), do sintagma fonológico (PhP) e do sintagma entoacional (IP) são os níveis da hierarquia prosódica privilegiados, de modo geral, na associação de eventos tonais nas variedades de português até o momento estudadas à luz da perspectiva teórica seguida nesta tese. A depender da variedade, o domínio privilegiado para a associação de acentos tonais pode ser IP (SEP), PhP (ALE, ALG, NEP, SP) ou PW (MG, SP, PR, PGB, PST) (ou ainda PWG, para SP e MG) (FROTA, 2000, 2014; FROTA; VIGÁRIO, 2000, 2007; TENANI, 2002; VIGÁRIO; FROTA, 2003; FERNANDES, 2007a, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; CRUZ, 2013; TONELI, 2014). Para a marcação tonal de fronteiras, PhP é o domínio relevante na associação de tons baixos (ALE, PGB, PST, SP) e IP, de tons de fronteira (PE, PB, PGB, PST) (FROTA, 2000; TENANI, 2002; FROTA; VIGÁRIO, 2007; FERNANDES, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; SERRA, 2009; CRUZ, 2013; SANTOS, V., 2015; ROSIGNOLI, 2017; BRAGA, 2018). Na [figura 4](#), fornecemos a representação arbórea da hierarquia prosódia empregada nesta tese.

Figura 4 – Representação arbórea da hierarquia prosódica.

No português europeu (PE) e no português brasileiro (PB), os principais fenômenos que identificam a **palavra fonológica** são o bloqueio e a aplicação de várias regras fonológicas que se dão no seu domínio e a presença de um único acento primário (ou lexical), sendo este o diagnóstico mais intuitivo (WETZELS, 1992; BISOL, 1996, 1999, 2000, 2004, 2005; SCHWINDT, 2000, 2008; VIGÁRIO; FROTA, 2002; VIGÁRIO, 2003, 2007; SIMIONI, 2008; TONELI, 2009, 2014; entre outros). Fenômenos que sinalizam os limites da PW incluem: a neutralização de vogais pretônicas e pós-tônicas finais, harmonia vocálica e espriamento de nasalidade no PB; redução vocálica e elisão de 'e' átono final no PE; processos opcionais de haplogogia, de elisão vocálica e de formação de glide pré-vocálico para quebrar hiato e restrições fonotáticas no PE e no PB. Há também fenômenos relacionados à proeminência, visto que esse domínio circunscreve o acento primário e define o contexto para associação dos acentos secundários, enfáticos e focais. Há ainda fenômenos relacionados a associação

tonal, visto que o acento tonal marca a proeminência da PW. Certos fenômenos também selecionam a PW para sua ocorrência, como o *clipping* ou truncamento de palavra no PE e o apagamento sob identidade no PB e no PE.

Como condição de boa formação do domínio, uma PW tem somente um acento primário e, assim, uma unidade portando acento de palavra deve ser incluída em uma PW (VIGÁRIO, 2003, p. 263), como é o caso de alguns afijos que recebem acento lexical e formam uma PW independente de sua base — ex.: *(pré-)_{PW}(histórico)_{PW}* e *(paralela)_{PW}(mente)_{PW}*. Na interface entre fonologia e morfologia, diferentes unidades morfológicas são agrupadas para formarem uma PW no PE (VIGÁRIO, 2003, p. 186–203, 326–328), desencadeando estruturas incorporadas (como no caso de base mais sufixo átono e de combinações de hospedeiro mais enclítico pronominal pós-verbal — ex.: *(armamento)_{PW}* e *(diga-me)_{PW}*) ou estruturas adjungidas (recursivas) (como no caso de prefixo transparente átono mais base e de combinações de hospedeiro mais proclítico² — ex.: *(re(escrita)_{PW})_{PW}* e *(me (diga)_{PW})_{PW}*). No PB, clíticos, sejam proclíticos ou enclíticos, não são incorporados à PW (BISOL, 2000, 2005; BRISOLARA, 2004, 2008; TONELI, 2009),³ podendo ser prosodizados pós-lexicalmente junto a ela no PWG (TONELI, 2014, p. 116–117; 154) — ex.: *[[a (organização)_{PW}]_{PWG}]_{PhP}*.⁴ Além disso, clíticos podem formar PWs independentes quando são focalizados (TONELI, 2009) ou, no caso de complementizadores, quando estão na posição final de IP (VIGÁRIO, 2003, p. 192–5, 317–9). Dado que está fora do escopo deste trabalho a investigação do comportamento dos clíticos em termos de adjunção e incorporação e de seu mapeamento em relação à PW e ao PWG, uma notação do tipo *(a loja)_{PW}* para o PLB equivalerá tanto a *(a (loja)_{PW})_{PW}* (conforme o PE) quanto a *[a (loja)_{PW}]_{PWG}* (conforme uma das propostas para o PB).

² Clíticos são palavras funcionais que não possuem acento primário e, portanto, apoiam-se em um hospedeiro acentuado. Diferentemente de Nespor e Vogel (1986), elementos átonos não ligados à PW não são considerados PWs por muitos autores, incluindo Vigário (2003), visto que tal assunção é contraintuitiva e teoricamente problemática, uma vez que clíticos não possuem diversas propriedades das PWs, como acento próprio. Vigário (2003, p. 179) e Toneli (2014, p. 108) estabelecem os seguintes itens funcionais como clíticos no PE e no PB: artigos definidos (o, a, os as), conjunções (e, ou, se, mas, que, porque), *preposições* e *preposições mais artigo* (a, à, ao, de, em, com, por, para, do, da, dos, das, no, na, nos, nas), *pronomes pessoais* (me, se, te, lhe, lhes, o, os, a, as, nos, vos), *pronomes relativos* e *interrogativos* (que, porque). As palavras ‘pelo(s), pela(s)’ e ‘cada’ são clíticos no PE, mas não no PB. Toneli (2014, p. 102) não encontra evidências, exceto a ausência de acento primário, para que as palavras funcionais ‘um, uns’ sejam consideradas clíticos fonológicos; no entanto, as palavras ‘uma, umas’ são PWs segundo a autora, assim como as preposições ‘pois’, ‘nem’ e ‘sem’. Já Vigário (2003) menciona que as conjunções ‘pois, nem’ e os artigos ‘um, uma’ podem ser clíticos, mas, devido ao seu comportamento fonológico, é difícil de diferenciar o comportamento dessas do comportamento das palavras acentuadas. As demais palavras funcionais prosodizam-se como PWs segundo as autoras.

³ Para Bisol (2000), clíticos adjungem-se a uma PW pós-lexical ou grupo clítico. Já Simioni (2008) propõe que os clíticos são ligados diretamente a PhP.

⁴ PWG é discutido no parágrafo subsequente.

Posteriormente, Vigário (2007, 2010) reanalisa a recursividade da PW e reinsere um nível autônomo entre a PW e o PhP, eliminado da hierarquia prosódica em sua proposta anterior (VIGÁRIO, 2003). Esse domínio, o *Prosodic Word Group* (PWG), consiste na atualização das definições do grupo clítico a partir de evidências encontradas nas relações de proeminência, na entoação e em regras segmentais do português europeu e de outras línguas. Segundo Vigário (2010, p. 487), o PWG crucialmente lida com a prosodização de palavras morfossintáticas compostas de mais de uma PW que ocupam posição terminal na árvore sintática (compostos, nomes próprios, siglas, acrônimos, palavras com afixos tônicos etc.), mas não (necessariamente) com a prosodização de clíticos, visto que não há um domínio prosódico ou uma configuração prosódica única para combinações clítico–hospedeiro e, portanto, eles não fornecem evidências para a organização de um domínio entre PW e PhP.⁵ Vigário (2010, p. 521–523) propõe que os limites da PWG coincidem com os limites de um nó sintático terminal (X°), não necessariamente correspondente à palavra morfológica. Logo, cada X° está contido num PWG, evitando que ele seja dividido entre mais de um PWG. Esse domínio pode exibir restrições puramente fonológicas nas línguas quanto ao seu tamanho máximo e mínimo. No caso do PE, o X° composto por mais de três PWs é dividido em dois PWGs. No PB, o PWG é um domínio que tem se demonstrado relevante para a atribuição de acentos tonais, uma vez que são obrigatórios na PW cabeça, mas opcional nas PWs não cabeças desse domínio (VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010).

Embora não tenha sido testado nos dados do PLB, adotamos o PWG como um dos níveis da hierarquia prosódica porque, conforme o apontamento preciso de Cruz (2013), a adoção do PWG mantém a estrutura da hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986), visto que não exclui o nível intermediário entre a PW e o PhP, traz uma solução consistente para fenômenos em diversas línguas e reduz a necessidade de recursividade, que enfraquecem os pressupostos clássicos da teoria, para parte das construções.

No que se refere aos domínios superiores ao PWG, a maioria dos estudos prosódicos do português a que nos referimos adota ou adapta o algoritmo básico de formação de PhP e IP de Nespor e Vogel (1986).

A partir da análise de dados do PE, Frota (2000, p. 365) identifica que o domínio do **sin-tagma fonológico** inclui um núcleo lexical (substantivo, adjetivo, advérbio, verbo) e os elementos do lado não recursivo dentro da projeção sintática máxima desse núcleo — ex.: [*pra*

⁵ Pelo fato de a definição clássica do grupo clítico (HAYES, 1989; NESPOR; VOGEL, 1986) estar centrada na prosodização de clíticos, há vários argumentos na literatura contra a existência desse domínio, tais como o fato de clíticos poderem se ligar não apenas a PWs, mas também a PhPs, ou o fato de enclíticos e proclíticos poderem se ligar a diferentes constituintes prosódicos na mesma língua, levando a exclusão do grupo clítico da hierarquia prosódica (BOOIJ, 1996; PEPERKAMP, 1997; VIGÁRIO, 2003; entre outros). Novas propostas surgem, então, para a existência de um constituinte prosódico entre PW e PhP (SELKIRK, 1986; SELKIRK; SHINYA; KAWAHARA, 2004; VIGÁRIO, 2007, 2010; VOGEL, 2009).

aquelas meninas]_{PHP}. Um sintagma não ramificado subsequente que seja complemento ou modificador do núcleo lexical pode também ser incluído a fim de refletir uma condição de peso/ramificação dos PHPs: quando possível, o PHP deve conter mais elementos que uma PW — ex.: [*meninas lindas*]_{PHP}. Núcleo e especificador são mapeados em diferentes PHPs.⁶ Além disso, adjetivos contam como núcleos lexicais apenas quando seguem o substantivo modificado, no lado recursivo (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 186).

No PE em geral, diferentemente do PB, as fronteiras do PHP não são tonalmente marcadas e tampouco apresentam alongamento final (FROTA, 1995, 2000, 2014; VIGÁRIO, 1998). Ele também não é o domínio de ocorrência de fenômenos segmentais. Apesar disso, o PHP é o domínio de certas restrições dos fenômenos de sândi e de estratégias de resolução de choque de acento derivadas de suas relações de proeminência. Ademais a inserção de iode epentético para quebrar hiato tende a não ultrapassar esse domínio em certos falares do PE (FROTA, 2000, 2014; OLIVEIRA, 2016).

No PHP do PB, por outro lado, ocorrem processos segmentais (como sândi vocálico e haplologia), não segmentais (como atribuição de acentos tonais e marcação tonal de suas fronteiras por tom baixo em contexto de foco) e rítmicos (como resolução de choque acentual) (FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002, 2004; FERNANDES, 2007; ROSIGNOLI, 2017). Além disso, defende-se que, na construção do PHP no PB, leva-se em conta não só informações sintáticas e de foco, mas também efeitos de eurritmia e tamanho, que favorecem PHPs de tamanhos equivalentes (SANDALO; TRUCKENBRODT, 2000).

O domínio do **sintagma entoacional** no PE inclui todos os PHPs em adjacência numa sentença raiz (FROTA, 2000, p. 365). Quando PHPs não estão estruturalmente ligados à árvore da sentença numa dada cadeia, eles formam um IP independente, como no caso de expressões parentéticas, orações relativas restritivas, *tags*, tópicos e vocativos. Ademais, esse domínio é regulado por condições fonológicas de peso e, portanto, IPs longos tendem a ser divididos e há a preferência por sintagmas balanceados ou pelo mais longo ocupar a posição mais à direita.

De acordo com Nespor e Vogel (1986), fatores extralinguísticos também podem condicionar a reestruturação do IP, como o estilo de fala e a taxa de elocução. A reestruturação em IPs menores, porém, não deve quebrar relações do tipo núcleo–complemento e modificador–modificado no PE. Além disso, embora a formação de IP curto por requerimentos do mapeamento sintaxe–fonologia (como uma expressão parentética curta por exemplo) não seja evitada no PE, esse IP curto pode formar um domínio de IP composto junto ao IP adjacente (FROTA, 2000; CRUZ, 2013; BARROS, 2014). Segundo Frota (2000,

⁶ Ver, contudo, Santos (1997) e Guimarães (1998) para problemas encontrados para esse mapeamento no PB relacionados à mudança de acento.

p. 365), a diferença entre um IP simples (IP^{min}) e um IP composto (IP^{max}), que compartilham propriedades gerais, reside nas diferentes ‘forças’ de suas fronteiras, refletidas nos graus de alongamento pré-fronteira, na extensão da gama tonal e na distribuição de pausas que cada tipo de IP exhibe. Para o PB, não foi atestada a formação de IPs compostos (TENANI, 2002), embora tenham sido propostos em casos de estruturas com *tag* (SERRA, 2009). Para o português guineense e santomense, a discussão sobre IPs compostos não foi levantada (SANTOS, V., 2015; BRAGA, 2018).

IP é o domínio de ocorrência de fenômenos de sândi (vozeamento de fricativa, paragoge, semivocalização e epêntese entre vogais centrais no PE; elisão vocálica, degeminação, semivocalização, haplologia no PE e no PB) e da marcação tonal e duracional de fronteiras, bem como da inserção de pausas em potencial, tanto no PE quanto no PB (FROTA, 2000, 2014; TENANI, 2002; SERRA, 2009; CRUZ, 2013; OLIVEIRA, 2016; PAULINO, 2016).

No que concerne à proeminência relativa dos domínios prosódicos, tanto PhP quanto IP apresentam proeminência à direita em casos não marcados em português. Isso quer dizer que, sendo o português uma língua de recursividade à direita, a PW final do PhP e do IP é o constituinte que possui a maior proeminência (a unidade assinalada como *forte*) dentro desses domínios prosódicos e, assim, são denominados cabeças de PhP e IP respectivamente. No entanto, em casos de focalização, o constituinte que carrega o foco recebe a maior proeminência, independentemente da posição ocupada. IP também é o domínio que contém o contorno entoacional relevante para codificar informações semânticas e pragmáticas. O trecho mais informativo desse contorno é a configuração tonal nuclear, formada por um acento tonal nuclear e o tom de fronteira. O acento tonal nuclear, o mais proeminente, é associado à PW cabeça do IP.

As definições de PW, PhP e IP, postuladas a partir do modelo baseado em relações (*relation based*), foram adotadas em estudos sobre a entoação do português brasileiro, guineense, santomense, mostrando-se satisfatórias nas análises realizadas (TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, V., 2015; ROSIGNOLI, 2017; BRAGA, 2017, 2018; entre outros). Pelo fato de ainda não haver estudos sobre os domínios prosódicos no PLB e pelo fato de realizarmos comparações entre variedades de português acerca da estrutura entoacional associada a domínios prosódicos, as definições dadas neste capítulo nos guiam em nossas análises.

3.2 Português europeu

Em trabalhos acerca do português europeu (PE),⁷ observou-se que o contorno entoacional nuclear das sentenças declarativas neutras, das interrogativas parciais neutras e de tópicos finais é predominantemente caracterizado por um acento bitonal descendente (H+L*) associado à sílaba proeminente da PW cabeça do último PhP de IP, seguido por um tom de fronteira baixo (L%), associado à fronteira direita desse último sintagma (VIGÁRIO, 1998; FROTA, 2000, 2002a, 2002b, 2014; FROTA; VIGÁRIO, 2000; FERNANDES, 2007a, 2007b; CRUZ, 2013; BARROS, 2014; FROTA *et al.*, 2015a; FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, a sair). Por outro lado, esse contorno é predominantemente (NEP) ou alternativamente (ALE, CTB, EVA, POR) baixo (L* L%) em certas localidades. Ademais, os contornos nucleares de IPs não finais de declarativas neutras mapeadas em mais de um IP são caracterizados predominantemente por uma melodia ascendente, seja ela realizada apenas pelo tom de fronteira (L* H%, H+L* H%) ou, como é mais recorrente, pelo padrão tonal L*+H H% (FROTA *et al.*, 2007; FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, a sair). Expressões parentéticas internas também apresentam melodias ascendentes, principalmente L*+H H%, assim como tópicos iniciais também podem exibir esse padrão (SEP, POR, EVA) (FROTA, 2000, 2014; BARROS, 2014).

O foco estreito em declarativas, por sua vez, é manifestado pelo acento tonal H*+L associado ao elemento focalizado em todas as localidades já investigadas para o PE (FROTA, 2000, 2014; FERNANDES, 2007a, 2007b; CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a). Em casos de foco não final de enunciado, o trecho pós-focal apresenta compressão, mas não desaccentuação tonal como pode ocorrer no PB.

No que se refere às interrogativas, o acento bitonal nuclear L*+H é o mais comumente empregado entre as interrogativas totais neutras, focalizadas, eco e confirmatórias, sendo encontra também H+L* e L* (FROTA, 2002a, 2014; CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a). Os tons de fronteira associados a eles, no entanto, variam a depender do tipo de interrogativa e da localidade considerada, sendo encontrados H%, HL% e LH%.

⁷ As primeiras investigações a respeito da entoação do português europeu, que foram desenvolvidos em quadros teóricos diferentes dos que são utilizados nesta pesquisa, incluem os estudos de abordagem fonética de Lacerda (1941, 1975), Delgado Martins (1977, 1986, 1989), Delgado Martins e Lacerda (1977) e Martins (1986). O principal interesse desses trabalhos é definir os correlatos acústicos do acento e/ou fenômenos entoacionais, sendo comum a eles a não identificação explícita de categorias fonológicas. Em relação a trabalhos de abordagem fonológica, podemos citar, entre outros, o estudo estruturalista de Moraes Barbosa (1966, 1994) e os estudos inscritos na escola britânica de análise entoacional de Cruz-Ferreira (1980, 1983, 1985), ambos fundamentalmente baseados na percepção auditiva. Além desses, há o estudo de Viana (1987), o primeiro a ter por objetivo fornecer uma descrição fonológica da entoação juntamente com evidências fonéticas para as categorias entoacionais envolvidas e também um dos primeiros de uma série de trabalhos a levar em consideração os pressupostos teóricos da Fonologia Entoacional (ver, entre outros, FROTA, 1993, 1994, 2000, et seq.; FALÉ, 1995; VIGÁRIO, 1995, 1997a, 1997b; GRØNNUM; VIANA, 1999).

Quanto aos imperativos e vocativos, foram encontrados os mesmos padrões tonais em todas as regiões: H^*+L L% (semelhante ao foco estreito) para ordens, L^* L% para pedidos, $(L+)H^*$!H% para o chamamento inicial e $(L+)H^*$ L% para o chamamento insistente (CRUZ, 2013; FROTA, 2014; FROTA *et al.*, 2015a, 2015b). No ALE ainda é possível o mesmo contorno $(L+)H^*$!H% para chamamento inicial e insistente (FROTA *et al.*, 2015a). Quando ordens possuem um núcleo não final, isto é, alocado no verbo, H^*+L ou $L+H^*$ podem ocorrer igualmente.

Os principais padrões entoacionais nucleares do PE por tipo de sentença são apresentados no [quadro 1](#). As localidades a que se referem esses padrões e demais características prosódicas descritas nesta seção estão indicadas na [figura 5](#).

Quadro 1 – Inventário dos principais tipos de padrões entoacionais no português europeu.*

Tipo frásico	Bragança (BCA)	Braga (NEP/BRA)	Porto (POR)	Coimbra (COB)	Castelo Branco (CTB)	Lisboa (SEP)	Évora (EVA)	Castro Verde, Beja (ALE)	Albufeira, Faro (ALG)	Ponta Delgada (PTD)	Funchal (FCL)
Declarativa											
Neutra	-	L* L%	H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%	L* L%	H+L* L%	-	-
		H+L* L%	L* L%		L* L%		L* L%	H+L* L%			
Foco estreito	-	-	H*+L	-	-	H*+L	-	H*+L	H*+L	-	-
Continuação	-	L+H* H%	L+H* H%	L+H* H%	L+H* H%	L*+H H%	L+H* H%			-	-
		H+L* H%	H+L* H%	H+L* H%	H+L* H%		H+L* H%				
		L* H%			L* H%		L* H%				
Interrogativa parcial											
Neutra		L* L%	H+L* L%			H+L* L%		H+L* L%	H+L* L%		
								L* L%			
Eco	-	-	L*+H H%	-	-	L*+H H%	-	L*+H H%	L*+H H%	-	-
Interrogativa total											
Neutra		L* HL%	L*+H H%			H+L* LH%		L* L%	L*+H HL%		
								L* H%	L*+H H%		
Eco	-	-	L*+H H%	-	-	L* LH%	-	L* LH%	L*+H H%	-	-
Confirmatória	-	-	L*+H H%	-	-	H+L* LH%	-	L*+H H%	L*+H H%	-	-
Foco não final						L*+H...LH%		L*+H...LH%			
Foco final			L*+H H%			L*+H HL%		L*+H HL%	L*+H HL%		
								H+L* HL%	L*+H H%		
Imperativo											
Ordem	-	-	H*+L L%	-	-	H*+L L%	-	H*+L L%	H*+L L%	-	-
Ordem (núcleo não final)	-	-		-	-	H*+L	-	H*+L	H*+L	-	-
						L*+H...L%		L*+H...L%	L*+H...L%		
Pedido	-	-	L* L%	-	-	L* L%	-	L* L%	L* L%	-	-
Vocativo											
Chamamento inicial	(L+)H* !H%	(L+)H* !H%	(L+)H* !H%	(L+)H* !H%	(L+)H* !H%	(L+)H* !H%	(L+)H* !H%	(L+)H* !H%	(L+)H* !H%	(L+)H* !H%	(L+)H* !H%
Chamamento insistente	(L+)H* L%	(L+)H* L%	(L+)H* L%	(L+)H* L%	(L+)H* L%	(L+)H* L%	(L+)H* L%	(L+)H* L%	(L+)H* L%	(L+)H* L%	(L+)H* L%
								(L+)H* !H%			

* O quadro foi elaborado a partir dos estudos de Cruz (2013), Frota (2014), Frota *et al.* (2015a, 2015b), Fernandes-Svartman *et al.* (a sair). O sinal “-” indica que não há estudos publicados para o tipo frásico e as lacunas indicam que os resultados para a localidade não são explícitos especificamente.

Quanto aos acentos tonais em específico, o alinhamento tonal é uma propriedade fonológica do PE, visto que contrasta o significado de $H+L^*$, que compõe o contorno nuclear da declarativa neutra, com o de H^*+L , que compõe o contorno nuclear da declarativa focalizada (FROTA, 2012b). Por outro lado, $L+H^*$ e H^* pré-nucleares são considerados variantes fonéticas do mesmo acento tonal fonológico (FROTA, 2000, 2014). Encontram-se também diferenças quanto à distribuição de acentos tonais entre as localidades investigadas. O PE lisboeta (SEP) é caracterizado por uma distribuição esparsa de acentos tonais no IP de declarativas neutras, sendo infrequente a presença de outros eventos tonais além do acento tonal que compõe o contorno nuclear $H+L^* L\%$ e do evento tonal alto (H^* , H , $\%H$) associado à borda esquerda do IP (FROTA, 2000, 2003, 2014; FROTA; VIGÁRIO, 2000). Por outro lado, nas regiões do norte (NEP), do Alentejo (ALE) e do Algarve (ALG), encontra-se uma maior atribuição de acentos tonais, visto que a cada PW cabeça de PhP de suas declarativas neutras é associado um acento tonal (VIGÁRIO; FROTA, 2003; CRUZ, 2013).

Com relação à marcação tonal de fronteiras de domínios prosódicos abaixo de IP na hierarquia prosódica, a fronteira esquerda do último PhP de um IP no ALE pode ser marcada por um tom baixo, em diferentes tipos de sentenças (CRUZ, 2013, seção 4.3.2.2), evento tonal não atestado para outras regiões.

No que se refere ao fraseamento prosódico, sentenças raiz, parentéticas, relativas não restritivas, tags, tópicos e vocativos são mapeados cada um em um IP independente (SEP, POR, EVA) (FROTA, 2000, 2014; BARROS, 2014). Sentenças declarativas neutras compostas por sujeito (S), verbo (V) e objeto (O) correspondem normalmente a um único IP no SEP, exceto quando o sujeito é longo (com mais de 8 sílabas), caso em que o sujeito corresponde a um IP à parte do verbo e do objeto: $(S)_{IP}(VO)_{IP}$ (VIGÁRIO; FROTA, 2003; ELORDIETA; FROTA; VIGÁRIO, 2005). Em contrapartida, no NEP, sujeito, verbo e objeto são normalmente agrupados em dois IPs, $(S)(VO)$, sendo que o tamanho do objeto favorece esse tipo de fraseamento (FROTA; VIGÁRIO, 2007). Já com relação às regiões centro-meridionais, no ALE, à semelhança do NEP, o sujeito tende a ser fraseado em um IP separado do verbo e do objeto, $(S)(VO)$, mesmo em condições de não ramificação. Por outro lado, no ALG, assim como no SEP, o padrão de fraseamento dominante é (SVO). Ademais, a preferência por (SVO) é maior em condições de não ramificação e, somente em condições de ramificação, o sujeito é fraseado separadamente do verbo e do objeto, o que sugere ser a ramificação um fator relevante no desencadeamento do padrão $(S)(VO)$ — ver Cruz (2013). Em outras localidades centro-meridionais (CTB, COB, EVA), $(S)(VO)$ é também o padrão de fraseamento preferencial, sendo a ramificação e o tamanho do sujeito fatores relevantes para a promoção desse tipo de fraseamento (FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, a sair). Em suma, a ramificação e o tamanho dos constituintes têm pesos diferentes no fraseamento prosódico das sentenças SVO a depender do local em que o PE é falado.

Figura 5 – Localidades de Portugal a que os estudos aqui mencionados fazem referência.

3.3 Português brasileiro

Estudos a respeito do português brasileiro (PB)⁸ verificaram que o contorno nuclear das declarativas neutras, das interrogativas parciais neutras e de ordens são caracterizados por um padrão tonal descendente comum: H+L* L% (PBA, SE, BA, MG, SP, RJ, SC, RS) (*e.g.* FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; MORAES, 2008; SERRA, 2009; FERNANDES, 2007a, 2007b; FROTA *et al.*, 2015a; CASTELO, 2016).

⁸ Com relação aos primeiros trabalhos sobre a entoação do português brasileiro, realizados em quadros teóricos diferentes dos desta pesquisa, podemos citar, além dos estudos pioneiros de Lemle (1965), Rameh (1962), Aubert (1976) e Fernandes (1976), uma série significativa de investigações desenvolvidas segundo a tradição britânica de análise entoacional (conforme a proposta de M. A. K. Halliday), como as de Gebara (1976), Cagliari (1978, 1980, 1981, 1982a, 1982b, 1991, 1992), Carioni (1978) e Rizzo (1981), bem como as investigações conduzidas por Moraes (1982, 1984, 1993, 1998), que segue a tradição francesa de análise entoacional (segundo a proposta de I. Fónagy), ou ainda sob sua orientação, a saber, Freitas (1995), Gonçalves (1997) e Cunha (2000). Além desses, vale mencionar os trabalhos em fonética de Hochgreb (1977, 1983), Hochgreb e Aubert (1981), Reis (1984), Madureira (1999) e Lucente (2008). Entre os trabalhos ora citados, o de Cunha (2000) é um dos primeiros a tratar especificamente da estrutura entoacional (sentenças declarativas) do português brasileiro incluindo pressupostos teóricos da Fonologia Entoacional Autossegmental-Métrica na análise.

O foco estreito, por outro lado, é transmitido prosodicamente de formas variadas, podendo ser atribuído (i) um acento tonal descendente (H^*+L), como no PE, ou um acento tonal ascendente seguido de um tom baixo ($L^*+H\ L^-$) ao elemento focalizado não final de enunciado (SP); ou (ii) um contorno descendente $H+L^*\ L\%$ (SP, RJ) ou ascendente-descendente $L^*+H\ L\%$ (BA, MG, SP) ao elemento focalizado em final de enunciado (FERNANDES, 2007a, 2007b; MORAES, 2008; TRUCKENBRODT; SANDALO; ABAURRE, 2009; FROTA *et al.*, 2015a; CARNAVAL, 2017). Para o RS, um contorno $L+H^*\ !H\%$ é encontrado para foco contrastivo final, embora não seja predominante (FROTA *et al.*, 2015a). Quando o foco é inicial, assim como no PE, o trecho pós-focal exibe compressão, além de ter sido também atestada desacentuação tonal (FERNANDES, 2007a, 2007b; TRUCKENBRODT; SANDALO; ABAURRE, 2009).

Ademais, IPs não finais de declarativas de foco amplo mapeadas em mais de um IP (RJ, SP, RS) exibem os seguintes padrões tonais de continuidade: $L+H^*\ H\%$, $H+L^*\ H\%$ e $L^*+H\ H\%$ (TENANI, 2002; SERRA, 2009; FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, a sair).

No que se refere ao contorno final de interrogativas, as interrogativas totais neutras exibem grande variação entre as regiões. No entanto, padrões ascendentes ($L^*\ H\%$, $L^*+H\ H\%$) são predominantes no Nordeste brasileiro (PBA, SE, BA) e padrões tonais ascendente-descendentes ($L^*+H\ L\%$, $L+H^*\ L\%$, $L^*\ HL\%$) são predominantes em regiões mais ao sul (BA, MG, SP, RJ, SC, RS) (TRUCKENBRODT; SANDALO; ABAURRE, 2009; FROTA *et al.*, 2015a; CASTELO, 2016; ROSIGNOLI, 2017). Interrogativas totais eco e totais confirmatórias compartilham o mesmo padrão das totais neutras (FROTA *et al.*, 2015a).

Quanto aos vocativos, eles são normalmente caracterizados por $L+H^*\ L\%$ em todas as localidades (PBA, PER, SE, BA, MG, SP, RJ, PR, SC, RS), embora $L+H^*\ !H\%$ também possa ocorrer em menor frequência (MORAES, 2008; FROTA *et al.*, 2015a, 2015b). Frota *et al.* (2015a) reporta certa diversidade para algumas localidades: o chamamento inicial pode ser caracterizado por $L+H^*\ !H\%$ (BA, MG, SP) ou $L^*\ HL\%$ (RS); já o chamamento insistente pode exibir o mesmo contorno do chamamento inicial para algumas localidades (BA, RS), mas um contorno diferente ($L+H^*\ L\%$) para outras (MG, SP).

Por sua vez, as configurações tonais caracterizadoras de pedidos são baixa ($L^*\ L\%$) ou ascendente-descendente ($L+H^*\ L\%$) (BA, MG, RS, RJ, SP) (MORAES, 2008; FROTA *et al.*, 2015a).

Os padrões entoacionais nucleares principais do PB são fornecidos no [quadro 2](#). Indicamos na [figura 6](#) as localidades a que se referem esses padrões e demais características prosódicas descritas nesta seção.

Quadro 2 – Inventário dos principais tipos de padrões entoacionais no português brasileiro.*

	PBA	PER	SE	BA	MG	SP	RJ	PR	SC	RS
Declarativa										
Neutra	H+L* L%	-	H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%
Foco não final	-	-	-	-	-	L*+H L ⁻	L+H*	-	-	-
						H*+L	iH+L*			
Foco final	-	-	-	L*+H L%	L*+H L%	H+L* L%	H+L* L%	-	-	L+H* !H%
Continuação	-	-	-	L*+H H%	-	L*+H H%	L*+H H%	-	L*+H H%	L*+H H%
						L+H* H%	L+H* H%			
Enumeração	-	-	-	-	-	L* H ⁻	-	-	-	-
Interrogativa total										
Neutra	L* H%		L* H%	L*+H L%	L*+H L%	L*+H L%	L*+H L%		L* HL%	L* HL%
	L* HL%		L* HL%	L*+H H%			L+H* L%		L*(+H) HL%	L*(+H) HL%
	L*+H L%		L*+H L%	L* HL%						L*+H H%
				L*+H H%						
Eco	-	-	-	L*+H H%	L*+H L%	L*+H L%	-	-	-	L*+H H%
Antiexpectativa				L*+H HL%	L*+H H%	L*+H H%				L*+H HL%
										H+L* HL%
Confirmatória	-	-	-	L*+H H%	L*+H L%	L*+H L%	-	-	-	L*+H H%
Interrogativa parcial										
Neutra	-	-	-	H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%	-	-	H+L* L%
Eco	-	-	-	L*+H H%	L*+H H%	L*+H H%	-	-	-	L*+H H%
Imperativo										
Ordem				H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%	H+L* L%	-		H+L* H%
Pedido	-	-	-	L*+H L%	L*+H L%	L*+H L%		-	-	L*+H L%
				L* L%	L* L%	L* L%				L* L%
Vocativo										
Chamamento inicial	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%
				L+H* !H%	L+H* !H%	L+H* !H%				
Chamamento insistente	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%	L+H* L%
				L+H* !H%						

* O quadro foi elaborado a partir dos estudos de Tenani (2002), Fernandes (2007b), Truckenbrodt, Sandalo e Abaurre (2009), Serra (2009), Toneli (2014), Frota *et al.* (2015a, 2015b), Frota e Moraes (2016) e Carnaval (2017).

Figura 6 – Localidades do Brasil a que os estudos aqui mencionados fazem referência.

Com relação à atribuição de acentos tonais ao longo do contorno entoacional, em sentenças declarativas neutras, são encontrados acentos tonais associados obrigatoriamente à PW cabeça de PhP e, opcionalmente, à PW não cabeça de PhP, dependendo do número de sílabas que compõe tais palavras e da posição delas nas sentenças (SP, MG, PR) (FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; TONELI, 2014; CASTELO, 2016; FERNANDES-SVARTMAN; ROMANO, 2017). Tons adicionais H também podem ser encontrados associados a sílabas pretônicas em PWs com duas ou mais sílabas pretônicas nas quais são percebidos acentos secundários (TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; FERNANDES-SVARTMAN, 2009). Além disso, o alinhamento tonal em acentos tonais ascendentes pré-nucleares é variável, não sendo observados contrastes de significado entre $L+H^*$ e L^*+H (FROTA; MORAES, 2016).

No que diz respeito à marcação tonal de fronteiras de domínios prosódicos menores que IP, a fronteira direita do PhP em que um constituinte focalizado se encontra mapeado pode ser marcada por um tom baixo (SP) (FERNANDES, 2007a, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; ROSIGNOLI, 2017). O foco estreito é, assim, um fator determinante no fraseamento prosódico: L^- é evidência de que um constituinte focalizado é mapeado, pelo menos nos casos em que este evento tonal se associa, em um PhP separado do elemento subsequente. O foco estreito, portanto, é um fator relevante para o fraseamento prosódico.

Ademais, os estudos sobre o fraseamento de sentenças SVO em IPs no PB são recentes (FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, 2018, a sair) se comparado aos estudos já realizados para o PE sobre essa temática. No PB, (SVO) é o padrão de fraseamento entoacional mais frequentemente encontrado nas localidades investigadas (BA, SP, SC, RS), mesmo considerando diferentes condições de ramificação e de extensão dos elementos sentenciais. Nos casos em que o padrão de fraseamento (S)(VO) é encontrado, a pausa é uma pista relevante para a identificação de fronteiras dos IPs. Para o RJ, ela também é a principal pista para a percepção das fronteiras de IPs, embora tenha se observado que o alongamento pré-fronteira e a variação da gama tonal sejam também relevantes para a percepção de fronteiras desse mesmo constituinte (SERRA, 2009).

3.4 Português guineense

Na Guiné-Bissau, diferentemente do que acontece no Brasil e em Portugal, o português não é a língua mais falada e é, sobretudo, uma língua não materna. Apesar disso, o idioma exerce um papel sociopolítico significativo por ser a única língua oficial de um país plurilíngue, em que a língua franca é o guineense (língua crioula afro-portuguesa do Alto da Guiné) (COUTO; EMBALÓ, 2010).

Para o português falado na região de Bissau (PGB), capital da Guiné-Bissau, encontram-se estudos acerca do fraseamento prosódico e da entoação de sentenças declarativas neutras (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, V., 2015; SANTOS; BRAGA, 2017; FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, a sair).⁹

Essas sentenças são caracterizadas pela presença de acentos tonais (majoritariamente ascendentes) associados frequentemente a cada PW pré-nuclear, seja em dados de leitura ou em dados espontâneos, revelando uma alta densidade tonal em IP (SANTOS; FERNANDES-

⁹ Desconhecemos estudos sobre a entoação e o fraseamento prosódico do PGB, do PST e do PM que sejam desenvolvidos em quadros teóricos diferentes dos adotados nesta tese.

SVARTMAN, 2014; SANTOS, V., 2015; SANTOS; BRAGA, 2017). É possível ainda a associação de tons adicionais H a sílabas pretônicas de palavras fonológicas longas, à semelhança dos tons H adicionais do PB ora mencionados, a depender da interpretação prosódica dada à palavra que porta tal evento (SANTOS; BRAGA, 2017, p. 77).

Com relação ao contorno entoacional final, são encontrados padrões entoacionais descendente e baixo já mencionados para o PE e o PB: H+L* L% (predominantes na fala espontânea e na leitura) e L* L% (mais frequente na leitura, porém não predominante) (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, V., 2015). Já para o contorno entoacional não final em sentenças mapeadas em mais de um IP, os padrões tonais nucleares mais frequentes são os ascendentes L*+H H% e L* LH% (SANTOS, V., 2015), também reportadas para as outras variedades de português.

No que diz respeito à fronteira de constituintes prosódicos, há a possibilidade da marcação das fronteiras entre PhPs por um tom baixo ao longo da sentença declarativa neutra (em dados de leitura) (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, V., 2015), um evento tonal atestado também em PB, ALE, PST (embora em contextos prosódicos diferentes para cada variedade). Apesar de não estarem claros os fatores da associação desse evento tonal, ele parece ser opcional no PGB, por ter baixa ocorrência e por sua associação se dar em PhPs de diferentes extensões, ramificações prosódicas e posições na sentença.

Ademais, a partir da identificação das fronteiras de IPs por pausas e eventos tonais que os delimitam, atestou-se que (SVO) é o padrão de fraseamento predominante (SANTOS, V., 2015; FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, a sair). Contudo, apesar de pouco frequentes, são também atestados os padrões (S)(VO) e (SV)(O). Este último padrão, (SV)(O), não é observado em outras variedades de português estudadas até o momento. No entanto, ele é um padrão possível (mas não frequente) em duas outras línguas românicas: catalão e espanhol (*e.g.* D'IMPERIO *et al.*, 2005; PRIETO, 2005; RAO, 2007; FELDHAUSEN, 2011).

3.5 Português santomense

Em São Tomé e Príncipe, o português é a língua materna da maioria da população, ainda que sejam faladas ao menos três línguas crioulas afro-portuguesas do Golfo da Guiné (santomense, principense e angolar) (*e.g.* ALEXANDRE; HAGEMEIJER, 2013).

No português falado na região de São Tomé (PST), capital do país, são associados acentos tonais a todas as palavras fonológicas das sentenças declarativas neutras, conferindo uma densidade tonal máxima a essa variedade de português (BRAGA, 2017, 2018). A den-

sidade tonal é ligeiramente menor em dados de fala espontânea, não deixando de ser elevada, contudo.

Com relação ao contorno entoacional nuclear dessas sentenças, há uma configuração tonal baixa ($L^* L\%$), predominante, que ocorre em torno de 80% dos casos, ou descendente ($H+L^* L\%$). Ademais, não foram atestadas sentenças mapeadas em mais de um IP para o PST, sendo, portanto, (SVO) o padrão de fraseamento preferencial (considerando apenas a pausa como pista prosódica), seja em dados de leitura ou em dados espontâneos (BRAGA, 2018; FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, a sair).

Assim como no PGB, além das fronteiras de IP marcadas por $L\%$, fronteiras de PhPs podem ser tonalmente marcadas por tons baixos, embora ainda não esteja claro se há e quais são os fatores reguladores de sua atribuição, tais como o tamanho dos PhPs e a estrutura sintática.

3.6 Português moçambicano

Serra e Oliveira (2018) fazem uma investigação piloto acerca da densidade tonal e do fraseamento prosódico de frases declarativas neutras do português de Moçambique a fim de verificarem suas tendências entoacionais. A partir de dados de fala espontânea de uma moçambicana de 33 anos, com ensino superior e falante de português língua materna (mas tendo compreensão em línguas bantas), as autoras observam que $H+L^* L\%$ é o contorno entoacional nuclear mais frequente em IPs finais desse tipo frásico. Em IPs não finais, esse contorno também pode ocorrer, sendo também encontrado um padrão ascendente $L+H^* H\%$. Além disso, pausas frequentemente delimitam os IPs não finais, embora sejam mais frequentes em IPs finais. Quanto à densidade tonal, 43,2% ($n=70/162$) das PWs internas ao IP portam um acento tonal nos dados analisados. Segundo as autoras (SERRA; OLIVEIRA, 2018, p. 114), esse resultado é o menor índice entre as variedades africanas, brasileiras e europeias de português estudadas, sendo maior somente que o do PE lisboeta.

Serra e Oliveira (2018, p. 114) salientam que, devido à pequena amostra analisada, formada por poucos dados de apenas uma falante, não é possível definir ainda se o português moçambicano apresenta ou não uma gramática entoacional com características próprias, conforme visto nas demais variedades de português comparadas. No entanto, conforme mencionam, o estudo releva que as características são ora compartilhadas com variedades africanas, ora com variedades brasileiras, ora com variedades europeias de português, indicando uma distribuição variável de aspectos comuns e gradientes entre todas elas.

4

MATERIAL E MÉTODOS

Os procedimentos metodológicos para a obtenção e o tratamento dos dados desta pesquisa são semelhantes aos que vêm sendo empregados em estudos realizados no âmbito do InAPoP.¹ Procuramos, assim, obter resultados da análise dos aspectos prosódicos do PLB que sejam comparáveis aos que vêm sendo obtidos por esse projeto para outras variedades de português (PE, PB, PGB, PST), uma vez que se empregam nele os mesmos quadros teóricos adotados nesta tese.

Este capítulo, dividido em três seções, descreve os materiais de fala utilizados na investigação (seção 4.1), os métodos empregados na obtenção, tratamento e transcrição desses dados (seção 4.2) e o perfil dos falantes selecionados (seção 4.3).

4.1 Material

Consideramos, como fonte dos dados, três tipos discursivos — fala controlada, fala semiespontânea e fala espontânea —, obtidos por meio de três das quatro tarefas distintas propostas nas investigações desenvolvidas no âmbito do InAPoP: *Discourse Completion Task* (seção 4.1.1), *Reading Task* (seção 4.1.2) e *Conversation Task* (seção 4.1.3).²

¹ Sobre o InAPoP, ver a introdução desta tese.

² Pela indisponibilidade de equipamento adicional de gravação à época da coleta de dados, o *Map Task* (tarefa do mapa) não foi realizado na pesquisa de campo. O *Map Task* é uma tarefa desenvolvida para se obter tipos específicos de interrogativas (perguntas confirmatórias, antiexpectativa etc.) e enunciados de foco estreito de modo espontâneo. O material dessa e das demais tarefas referente às variedades europeia e brasileira de português encontra-se disponível online em [InAPoP \(Methodology\)](#).

4.1.1 Discourse Completion Task

O *Discourse Completion Task* (DCT), ou tarefa para completar o discurso — originalmente desenvolvido por Blum-Kulka, House e Kasper (1989) e amplamente empregado em estudos da pragmática e da sociolinguística (BILLMYER; VARGHESE, 2000; FÉLIX-BRASDEFER, 2010) — é um método relativamente novo na pesquisa prosódica. Em pesquisas sobre a prosódia das línguas românicas, o DCT foi aplicado em diferentes áreas, tais como fonologia entoacional, aquisição de segunda língua, sociofonética, prosódia e suas interfaces, teoria da cortesia e prosódia visual, conforme mencionam Vanrell, Feldhausen e Astruc (2018, p. 198). Os autores defendem que, embora ainda sejam necessárias pesquisas adicionais quanto à validade/confiabilidade desse método na pesquisa sobre prosódia, o DCT é definitivamente um método adequado para eliciar traços como tom e entoação (VANRELL; FELDHAUSEN; ASTRUC, 2018, p. 216). Consoante a Hellmuth (2018, p. 4), empregamos o DCT neste estudo, sobretudo, porque sua grande vantagem é

[...] que ele resulta em enunciados expressos com um alto grau de naturalidade, produzindo uma ampla gama de expressões prosódicas para análise, mas que são bastante fáceis de analisar à medida que se encaixam em categorias claras de significado. Os métodos produzem dados comparáveis entre línguas lexicamente distintas, que são suficientemente paralelos para formar a base de generalizações significativas.³

O DCT inclui um questionário com contextos discursivos e instruções ao participante que permite a obtenção de produções semiespontâneas das respostas do falante para diferentes tipos frásicos e significados pragmáticos. Adaptamos o questionário do DCT ao PLB a partir das versões em PE e PB, que, por sua vez, foram adaptadas do questionário inicialmente usado para o catalão (PRIETO, 2001; PRIETO; CABRÉ, 2013). Totalizando um conjunto de 37 enunciados ([apêndice A](#)), o DCT aplicado para a recolha de dados do PLB compreende os tipos frásicos apresentados em (1).⁴

(1) Tipos frásicos considerados no DCT do PLB

- a. **Declarativa** neutra, enumeração, focalização contrastiva, exclamativa, categórica, dubitativa e óbvia.
- b. **Interrogativa total** neutra, disjuntiva, enumerativa com disjunção e com coordenação, confirmatória, confirmatória *tag*, imperativa.
- c. **Interrogativas parcial** neutra, com coordenação e imperativa.

³ No original:

The great advantage of the DCT, however, is that it results in utterances expressed with a high degree of naturalness, yielding a wide range of prosodic expression for analysis, but which are fairly easy to analyse as they fall into clear categories of meaning. The methods yield comparable data across lexically distinct languages which are sufficiently parallel as to form the basis of meaningful generalisations.

⁴ Em outros trabalhos sobre a prosódia do português, as sentenças podem ter nomenclaturas ligeiramente diferentes.

- d. **Interrogativa eco** total, total antiexpectativa, parcial, parcial antiexpectativa e parcial disjuntiva.
- e. **Imperativos** (ordem, pedido).
- f. **Vocativos** (chamamento inicial, chamamento insistente).

Nessa tarefa, uma descrição de situações do cotidiano é apresentada oralmente pelo entrevistador — ocasionalmente auxiliada por imagens — e os participantes têm de se imaginar em cada situação, sendo conduzido pelo entrevistador à produção de um enunciado correspondente a um tipo frásico e significado pragmático específicos (2). Nos casos em que o participante produz um enunciado que não corresponde ao tipo frásico e/ou pragmático esperado, o entrevistador deve reformular o contexto até que o participante dê uma resposta compatível.

(2) *Discourse Completion Task* adaptado ao PLB ^[Excertos] (apêndice A)

- a. Declarativa exclamativa
ENTREVISTADOR: Você entra numa padaria e o cheiro de pão te agrada. Exclama, diz que o cheiro de pão é tão bom.
PARTICIPANTE: *Que cheiro de pão tão bom!*
- b. Interrogativa total enumerativa com disjunção
ENTREVISTADOR: A *JUJM* quer comprar uma fruta. E você não sabe que fruta ela quer comprar. Pergunta se ela quer laranjas, bananas, limões ou mangas.
PARTICIPANTE: *Queres laranjas, bananas, limões ou mangas?*
- c. Vocativo: chamamento inicial
ENTREVISTADOR: Você quer que a Marina venha pra cozinha pra jantar. Chama a Marina.
PARTICIPANTE: *Marina!*

4.1.2 Reading Task

O *Reading Task* (RT), ou tarefa de leitura, compreende um conjunto de enunciados elaborados para a investigação de vários parâmetros prosódicos. As sentenças selecionadas para aplicação do *Reading Task* visam à análise do contorno entoacional e do fraseamento prosódico do PLB.

No estudo do **contorno entoacional**, investigam-se os contornos nucleares e não nucleares de enunciados adaptados ao PLB a partir da base de dados dos estudos de: (i) Frota (2000), para declarativas neutras e focalizadas e para expressões parentéticas; (ii) Frota (2002a), para interrogativas (totais, parciais) neutras e focalizadas; e (iii) Frota (2014), para imperativos (ordem, pedido) e vocativos (chamamento inicial, chamamento insistente) (apêndice B). As sentenças dessas bases de dados são precedidas por um contexto escrito e o

participante deve lê-las conforme a informação contida nele. Ilustramos em (3) o tipo de sentença e o respectivo contexto precedente dos dados do *Reading Task* do PLB.

(3) *Reading Task* adaptado ao PLB ^[Excertos] (apêndice B)

a. Interrogativa total com foco estreito

[CONTEXTO:] Queria saber se foram mesmo lâminas que eles compraram e não outro objecto.

[ENUNCIADO:] *Os rapazes compraram lâminas?*

b. Imperativo: pedido

[CONTEXTO:] Estão a dar presentes de Natal nas crianças e o teu filho ganhou um carro, mas não o carro que ele queria. Então, pedes a quem está a dar os brinquedos:

[ENUNCIADO:] *Nos dá um carro.*

c. Vocativo: chamamento inicial

[CONTEXTO:] Gostarias de falar com o teu colega, mas ele está distante e não sabes se ele vai te ouvir. Chama o teu colega:

[ENUNCIADO:] *Miguel!*

Com relação ao **fraseamento prosódico**, buscamos por evidências não segmentais na exploração dos dados. Para tanto, utilizamos, além das bases de dados ora descritas, o *Romance Languages Database* (RLD) (e.g. D'IMPERIO *et al.*, 2005), adaptado ao PLB a partir de suas versões em PE e PB.⁵

O RLD constitui-se de um conjunto comparável de 76 sentenças declarativas formadas por uma única oração de ordem sujeito-verbo-objeto (SVO) e que variam sistematicamente quanto ao tamanho (em número de sílabas fonológicas) e quanto à complexidade sintático-prosódica (ausência/presença de ramificações sintáticas e prosódicas em S e O) de seus constituintes. Os fatores de composição do RLD são os seguintes: (i) constituinte curto, composto por até 3 sílabas; (ii) constituinte longo, composto por mais de 3 sílabas; (iii) constituinte não ramificado sintaticamente, composto morfossintaticamente por um núcleo nominal (NP); (iv) constituinte ramificado sintaticamente, composto morfossintaticamente por um núcleo nominal e um adjetivo (NP+AdjP) ou um complemento preposicio-

⁵ Por meio do RLD, a investigação da variação do fraseamento prosódico das línguas românicas foi realizada por investigadores do projeto internacional *Intonational Phrasing in Romance*. O projeto teve como objetivos centrais: (a) a constituição de uma base de dados de línguas românicas que permita o estudo comparativo da constituição entoacional dessas línguas; (b) a descrição e a análise da constituição prosódica, tendo em conta o peso de fatores fonético-fonológicos e morfossintáticos; e (c) a compreensão da variação encontrada nas línguas românicas, no domínio da constituição entoacional. Para os resultados obtidos pelo projeto, confira, entre outros, os trabalhos de Vigário e Frota (2003), Elordieta, Frota e Vigário (2005), D'Imperio *et al.* (2005), Frota *et al.* (2007) e Frota e Vigário (2007). O RLD encontra-se parcialmente disponível [online](#).

nal (NP+PP), quando simples, ou por um núcleo nominal, um adjetivo e um complemento preposicional (NP+Adj+PP), quando duplo. A combinação desses fatores fornece as condições dadas em (4) para a formação das sentenças do RLD.

Os exemplos das condições referem-se aos sujeitos que aparecem entre colchetes. Entretanto, essas condições também são válidas para o objeto das sentenças. Os verbos, porém, variam somente quanto ao número de sílabas. O controle sistemático de todas essas condições visa à investigação rigorosa da influência da complexidade sintática e prosódica (ausência e presença de ramificações sintático-prosódicas) e do tamanho (em número de sílabas) dos constituintes na associação de eventos tonais ao contorno entoacional.

(4) *Romance Languages Database* adaptado ao PLB [Excertos]

- a. **Condição 1:** sintagma não ramificado curto (3 sílabas)
[O homem]_{NP} levava gingubas⁶
- b. **Condição 2:** sintagma não ramificado longo (5 sílabas)
[A libanesa]_{NP} levava a marmelada
- c. **Condição 3:** sintagma ramificado curto (5 sílabas)
[A jovem loira]_{NP+AdjP} levava a marmelada
[A jovem de Lima]_{NP+PP} levava gingubas
- d. **Condição 4:** sintagma ramificado longo (10 sílabas)
[O libanesa maravilhosa]_{NP+AdjP} memorizava a melodia
[O libanesa de N'dalatando]_{NP+PP} memorizava a melodia⁷
- e. **Condição 5:** sintagma duplamente ramificado curto (9–10 sílabas)
[O dono malvado da loja]_{NP+AdjP+PP} memorizava dilemas
- f. **Condição 6:** sintagma duplamente ramificado longo (15 sílabas)
[O namorado megalómano da brasileira]_{NP+AdjP+PP} levava gingubas.

4.1.3 Conversation Task

No *Conversation Task* (CT), ou conversação, cujo objetivo é obter dados de fala espontânea, os participantes devem falar a respeito de si mesmos e o pesquisador deve ter uma participação menor durante dez minutos de conversação (cerca de 1600 palavras por entrevista). São exemplos de temas a serem abordados os seguintes: infância, juventude,

⁶ **Ginguba** s.f. 1. (*Arachis hypogaea* L.) amendoim.

⁷ **N'dalatando** s.n. 1. uma municipalidade, capital da província do Kwanza-Norte, Angola.

origens, ocupações, família, aspectos tradicionais do local onde vivem, etc. (CRUZ, 2013, p. 13). Posteriormente, selecionamos, a partir desses dados, os enunciados que correspondem aos tipos frásicos referidos nas demais tarefas, com os quais foram comparadas e, assim, observamos diferenças e semelhanças entre os tipos de discurso (lido, semiespontâneo e espontâneo). Os enunciados foram identificados, na fala espontânea, por meio do contexto discursivo e de pistas acústicas, como pausas e mudanças na curva da frequência fundamental.

Além das tarefas descritas, interrogativas totais e parciais foram obtidas em uma tarefa específica para produzir perguntas, conduzida por um pesquisador do Projeto Libolo e com assistência do autor desta tese. Na tarefa, seis participantes foram reunidos para que, a partir de uma série de imagens, fizessem livremente perguntas sobre qualquer aspecto delas que quisessem. O experimento envolveu três rodadas: a primeira com perguntas somente em quimbundo; a segunda com perguntas em português seguidas de sua equivalente em quimbundo e vice-versa; e a terceira somente em português.⁸ Cada participante fazia uma pergunta, um após o outro e repetidamente, para uma determinada imagem, até que se esgotasse sua criatividade, sendo apresentada, então, a próxima imagem. O fato de estarem presentes na realização da tarefa mais de um falante e de ser uma tarefa com um contexto menos controlado quanto às respostas esperadas nos levou a considerá-la mais espontânea que o DCT.

4.2 Métodos

4.2.1 Trabalho de campo

Os dados de fala foram adaptados e coletados durante uma pesquisa de campo de três semanas realizada no Libolo, entre 4 e 24 de junho de 2016. A primeira semana foi dedicada ao contato com autoridades locais tradicionais e administrativas, bem como com a comunidade e futuros colaboradores linguísticos. Esse contato é um protocolo crucial, na medida em que respeita os valores culturais seculares da sociedade libolense, com especial atenção para as características de sua estrutura de autoridade.⁹ Na primeira semana,

⁸ Os dados em quimbundo foram recolhidos para serem investigados por pesquisadores do Projeto Libolo. Parte dos falantes que produziram os dados de fala aqui analisados são também falantes de quimbundo (ver a [seção 4.3](#) deste capítulo).

⁹ Nesse tocante, cabe dizer que o consentimento formal para a realização da pesquisa de campo no âmbito do Projeto Libolo consistiu na solicitação por escrito às autoridades locais — e não individualmente aos participantes da pesquisa — realizada pelos coordenadores do projeto. Isso porque, no Libolo, é ao líder ou à autoridade que é concedido, pela coletividade, o direito de falar em nome de cada libolense. Seguindo a

fizemos também a adaptação de todas as sentenças e contextos do RT, no que se refere ao léxico e à estrutura sintática, respeitando os critérios de composição, com o auxílio de cinco libolenses.¹⁰ Tal medida visou à obtenção de sentenças naturais e possíveis para o PLB. Procuramos também avaliar os contextos do DCT, a fim de observarmos possíveis problemas de compreensão, levando-nos a escolher situações e um léxico mais recorrente para os libolenses (como, por exemplo, o uso de ‘ginguba’, ‘vendedor’ e ‘cantina’ no lugar de ‘compota’, ‘lojista’ e ‘loja’ em dado contexto, e a referência a pessoas e lugares conhecidos).¹¹ Ainda aplicamos a tarefa específica de perguntas e parte da tarefa de conversação, bem como finalizamos a montagem dos experimentos a partir do material adaptado ao longo da primeira semana.¹² Na semana seguinte, iniciamos a aplicação do DCT e, em seguida, do RT.¹³ Pelo fato de os participantes não terem apresentado um desempenho satisfatório no RT — seja por não terem uma leitura concatenada ou por não compreenderem o contexto e/ou produzirem sentenças distintas do esperado —, decidimos, na terceira e última semana, aumentar o número de aplicações do DCT e selecionar novos participantes para a aplicação do RT. Contudo, foi necessário descartar praticamente todos os novos participantes por não terem, novamente, um desempenho satisfatório na tarefa de leitura, ou por descobrirmos, no decorrer da interação, que passaram parte da vida fora do Libolo, ou ainda pela má qualidade da gravação.

A recolha dos dados foi feita em salas cedidas pela equipe de apoio logístico do Projeto Libolo em Calulo, as quais faziam parte de um estabelecimento comercial. Embora as gravações devam ser feitas idealmente em ambientes silenciosos, com pouco ou nenhum

estrutura de autoridade da sociedade libolense, a autorização de participação das pesquisas é concedida: (i) pela Administração do Município do Libolo, sediada na vila de Calulo, que comunica sua permissão às demais administrações comunais do município sob sua tutela (Cabuta, Munenga e Quissongo) e ao Soba Grande do Município do Libolo (a autoridade tradicional superior do município); e (ii) pelo Soba Grande do Município do Libolo, que comunica sua permissão a outros sobas das comunas do Libolo, sendo a população do Libolo informada por estes acerca das pesquisas. Devido a essa estrutura de autoridade, para além de se voluntariar, não compete ao participante fornecer qualquer permissão formal de sua participação — ver também Figueiredo *et al.* (2016).

¹⁰ Uma pré-adaptação já havia sido feita ainda no Brasil, sem auxílio de libolenses, com base na literatura existente (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2013; FIGUEIREDO; SANTOS, 2014; SANTOS, E., 2015) e em excerto de fala espontânea coletada por pesquisadores do Projeto Libolo em anos anteriores.

¹¹ Importa dizer que o entrevistador aplicador do DCT (e demais testes), autor desta tese, é paulista e falante nativo de português brasileiro.

¹² Vale lembrar que o material adaptado e incluído no RT durante a primeira semana não contempla apenas os dados utilizados e apresentados nesta tese. Dois deles tiveram de ser descartados pelo desempenho não satisfatório dos falantes na tarefa: o conjunto controle para tópico de Frota (2000) e um conjunto inédito de 10 sentenças, elaborado em campo, também para tópico. O conjunto de dados *Paragoge* de Cruz (2013) também foi adaptado, mas não houve tempo hábil para aplicá-lo.

¹³ Aplicamos o DCT também para produção de enunciados em quimbundo: o contexto foi apresentado em português e o participante foi instruído a produzir o enunciado naquela língua. Esses dados serão utilizados em estudos comparativos subsequentes.

ruído de fundo, e sem distrações ao participante, nem sempre isso foi possível, dadas as condições para coleta de dados no Libolo.¹⁴

4.2.2 Recolha e tratamento do material

A metodologia de obtenção dos dados de fala consistiu na gravação digital da performance de libolenses falantes de português na realização das tarefas especificadas na seção anterior (4.1).

Após a adaptação dos materiais, os contextos do DCT foram ordenados aleatoriamente e, no momento de aplicação da tarefa, apresentados em tela de computador individualmente. No caso do RT, além de aleatorizados, tipos frásicos distintos foram intercalados, de modo que uma sentença funcionasse como distrativa para a outra. Então, o conjunto de sentenças formado foi também apresentado em tela de computador, com cada sentença exibida individualmente. Tanto o RT quanto o DCT foram aplicados envolvendo repetições, a fim de se obter idealmente três repetições de cada um de seus enunciados.

Na escolha dos participantes para a coleta dos dados de fala, procuramos seguir os critérios do InAPoP. Portanto, coletamos dados de sujeitos de um grupo etário mais jovem (de 20 a 45 anos), com um nível variável de educação formal (do ensino básico ao ensino superior), e de um grupo etário mais velho (60 anos ou mais), que deveriam ser alfabetizados, a fim de realizarem a tarefa de leitura. Para esse segundo grupo, não contemplado nesta tese, foram coletados apenas dados no CT.

Todas as tarefas foram gravadas com as mesmas especificações técnicas: utilizamos um microfone externo de lapela SENNHEISER®, modelo EW122PG3, e um gravador digital MARANTZ®, modelo PMD661, em formato .wav, em canal monofônico e a uma frequência de 48 kHz, 16 bits e 705–1411 Kbps.

A fim de preparar os dados de fala para análise, o material de áudio obtido nos experimentos foi submetido ao programa computacional de análise de fala PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2018). Os arquivos de som obtidos no DCT e no RT foram segmentados em arqui-

¹⁴ Um dos espaços em que ocorreram as gravações era também o ambiente de trabalho dos pesquisadores (cinco ao todo). Em uma sala anexa a ele, na qual havia eco, algumas gravações também tiveram de ser realizadas. Um terceiro espaço, no qual ocorreu grande parte das gravações, funcionava a cozinha do estabelecimento. Desse modo, foi necessário aliar a dinâmica do estabelecimento com a das gravações e com a disponibilidade dos espaços (visto que, certas vezes, ocorriam gravações em simultâneo), o que dependia crucialmente da disponibilidade dos participantes (que nem sempre compareciam no horário estabelecido). As gravações do CT com o grupo etário mais velho foram, no entanto, realizadas em outras localidades: na casa do participante ou em seu quintal. Elas não fazem parte dos dados analisados nesta tese.

vos individuais por sentença. Em seguida, reordenamos os arquivos (quando necessário) e os rotulamos, indicando o tipo de tarefa, o tipo frásico, o falante que o produziu e em qual repetição. Já no CT, trechos dos arquivos de áudio contendo as sentenças de interesse foram selecionados e também rotulados. Quando houve interferência de ruído externo, utilizamos os recursos do programa computacional de edição de áudio Audacity[©] (versão 2.0.5) para reduções de ruído, e as duas versões dos arquivos, original e modificada, foram mantidas e comparadas para a verificação de possíveis alterações.

Utilizando o PRAAT, obtivemos a síntese do sinal acústico (oscilograma, espectrograma e frequência fundamental), a partir da qual identificamos e transcrevemos os eventos tonais do contorno entoacional, com base na percepção auditiva e na exploração do sinal acústico de F_0 e de acordo com os pressupostos teóricos da Fonologia Entoacional e da Fonologia Prosódica (capítulos 2 e 3). Os critérios de transcrição são apresentados a seguir.

4.2.3 Critérios de transcrição

A anotação prosódica foi realizada pelo autor desta tese com base no P–ToBI (*Portuguese Tone and Break Indices*) (FROTA *et al.*, 2015c), um sistema notacional para a descrição da gramática prosódica do português voltado à entoação e ao fraseamento prosódico.

Seguindo o P–ToBI, criamos *TextGrids*¹⁵ no PRAAT contendo três camadas principais, a saber, *Tones* (tons), *Orthography* (ortografia), *BI* (*break indices* ‘índices de ruptura’) e uma camada adicional empregada especificamente para este estudo: *Syllables* (sílabas). As camadas, alinhadas à síntese do sinal acústico, possuem as seguintes características:

Tones — Camada de pontos contendo a transcrição fonológica autossegmental-métrica dos eventos tonais associados ao contorno entoacional. Por se tratar de uma transcrição fonológica, o alinhamento dos eventos tonais dessa camada nem sempre coincide precisamente com a curva de F_0 observada (isto é, a contraparte fonética dos eventos).

Syllables — Camada de intervalos contendo a transcrição fonética aproximada de cada sílaba do enunciado. Esta camada não está prevista no P–ToBI, no entanto, consideramos ser relevante a separação silábica para facilitar a apreensão do alinhamento dos eventos tonais às sílabas.

Orthography — Camada de intervalos contendo a transcrição ortográfica de cada palavra do enunciado.

¹⁵ *TextGrids* são arquivos gerados pelo PRAAT para anotações diversas: como transcrição segmental, transcrição ortográfica, delimitação de duração de elementos (segmentos, constituintes morfossintáticos, constituintes pro-sódicos), marcação de tons etc.

BI — Camada de pontos contendo a marcação das fronteiras de constituintes prosódicos. Um índice numérico, entre 0 e 4, indica o maior nível de juntura entre os constituintes prosódicos: 0 = clítico, 1 = palavra fonológica, 2 = grupo de palavras fonológicas, 3 = sintagma fonológico, 4 = sintagma entoacional.

O inventário do P–ToBI, elaborado a partir da descrição prosódica do PE e do PB, atualmente contém três acentos tonais pré-nucleares — H^* , $H+!H^*$, $L+H^{16}$ —, cinco acentos tonais nucleares — L^* , L^*+H , $(L+)H^*$, H^*+L , $H+L^*$ — e cinco tons de fronteira — $H\%$, $!H\%$, $L\%$, $LH\%$, $HL\%$ —, e os eventos tonais desses dois últimos grupos compõem quinze contornos entoacionais nucleares — $H+L^* L\%$, $L^* L\%$, $L^* H\%$, $L^*+H L\%$, $L^*+H LH\%$, $H^*+L L\%$, $H+L^* HL\%$, $L^*+H H\%$, $L^* HL\%$, $(L+)H^* !H\%$, $(L+)H^* L\%$, $L^* LH\%$, $L^*+H HL\%$, $H+L^* H\%$, $H+L^* LH\%$ —, todos eles comuns às variedades. Ainda podem ser incluídos, na transcrição, tons de fronteira iniciais de IP ($\%H$), descritos para o PE, e tons baixos relacionados a foco do PB (L^-). A partir desses elementos, fazemos a transcrição dos eventos tonais do PLB, embora sempre avaliando a pertinência de cada anotação segundo as evidências empíricas dos nossos dados.

Ainda que as camadas devam conter eventos fonológicos, o P–ToBI permite que se descrevam eventos fonéticos em casos de estágios iniciais da análise fonológica, refletindo anotações temporárias ou hipóteses ainda a serem avaliadas, especialmente nos casos em que uma variedade tenha sido ainda pouco estudada ou em que uma análise consolidada de algum aspecto prosódico da língua ainda não esteja disponível. Fazemos uso de anotações fonéticas na transcrição dos enunciados do PLB a partir da simbologia disponível no modelo autossegmental-métrico da entoação, tais como pico atrasado ($<$) ou adiantado ($>$) em relação a um alinhamento usual (ex.: $L+<H^*$, $L+>H^*$), que são incorporadas na camada de tons. Já eventos tonais fonologicamente presentes, mas foneticamente não realizados, são indicados entre parênteses — ex.: $(L+)H^*$. Quando há dúvidas acerca da presença de um evento tonal, um sinal de interrogação é inserido após o elemento incerto (ex.: “*?” para dúvida quanto à presença de acento tonal). Além disso, no modelo autossegmental-métrico, os sinais de exclamação “!” e “!” originalmente indicam que um alvo tonal H é realizado, respectivamente, num nível tonal foneticamente acima (*upstep*) ou abaixo (*downstep*) do alvo tonal H precedente, isto é, numa relação comparativa sintagmática. No entanto, os sinais de exclamação representam aqui, ao contrário, um maior ou um menor alcance tonal fonológico, numa relação paradigmática — ver Carnaval (2017) para adoção similar na análise do foco no RJ.

Finalmente, é importante dizer que as legendas das figuras que ilustram os dados de fala acompanham informações relevantes quanto ao tipo de **arefa** (DCT, RT, CT) e ao número do enunciado nos apêndices, ao **tipo frásico** esperado (de acordo com a classificação

¹⁶ O P–ToBI não indica o tom central para o acento tonal $L+H$ na medida em que estudos sobre o português brasileiro ora apontam para um acento bitonal $L+H^*$, ora para L^*+H . Entretanto, nenhum contraste entre os dois acentos tonais foi reportado (FROTA, MORAES, 2016).

dos tipos frásicos e sentidos pragmáticos), ao **contexto** empregado para a obtenção do dado e ao **falante** que produziu o enunciado. A [figura 7](#) ilustra a aplicação dos critérios de transcrição em um enunciado extraído do conjunto de dados do PLB.

Figura 7 – Tarefa: RT_RLD [32]. Tipo frásico: Declarativa neutra. Contexto: Leia a seguinte frase. Falante: FSBF.

4.3 Falantes e dados selecionados

O material de fala em que se baseia esta tese foi produzido por oito falantes: DOMJ, FSBF, JOAL, JUJM, KJAJ, MMEF, MCLF, JAAN ([quadro 3](#)). Todos eles são angolanos e afirmam não terem passado a infância e a juventude em outro lugar que não o município do Libolo. Os cinco primeiros (FSBF, DOMJ, JOAL, JUJM, KJAJ) mencionam terem nascido e crescido na Banza dos Dambos, uma aldeota a cerca de 8 km dos bairros centrais da Vila de Calulo, sede do município do Libolo. Eles são falantes tanto de português quanto de quimbundo e relatam que a convivência com pessoas mais velhas, falantes de quimbundo, como os avós, lhes proporcionaram o ambiente para a aquisição dessa língua. Entretanto, em visita aos Dambos (e a outras vilas mais afastadas do Libolo), notamos que mesmo as crianças ora falam em quimbundo, ora falam em português.¹⁷ Os demais falantes (MMEF, MCLF, JAAN) são naturais dos bairros centrais da vila de Calulo, uma área mais urbanizada. Eles afirmam serem falantes apenas de português, não falando ou compreendendo o quimbundo, ainda que pelo menos um dos pais de todos eles fale quimbundo (ou umbundo, no caso de MCLF). Quanto a outras línguas faladas, não foi relatado por nenhum dos falantes o domínio de outro idioma diferente do quimbundo e/ou do português. A faixa etária dos falantes varia entre 15 e 34 anos e, assim, formam um grupo etário mais jovem (segundo critérios do

¹⁷ Conforme já mencionamos ([capítulo 1, seção 1.3](#)), a situação de contato entre o português e o quimbundo no Libolo ainda não está clara, embora ela seja tema de pesquisa em progresso.

InAPoP), e, em sua maioria, de homens. Apenas três deles (FSBF, JOAL, KJAJ) já haviam completado o Ensino Básico angolano, formado por 13 classes (anos de ensino), e entre eles um estava cursando o Ensino Superior (KJAJ). Os demais frequentavam os cinco últimos anos do Ensino Básico. A seleção de falantes com perfis linguísticos diferentes quanto às línguas faladas é uma tentativa de avaliar, a partir dos dados disponíveis, se há diferenças prosódicas no português falado por esses dois grupos.¹⁸ O [quadro 3](#) resume o perfil dos falantes selecionados.

Quadro 3 – Perfil dos falantes selecionados.¹⁹

FALANTE	IDADE	GÊNERO	ORIGEM NO LIBOLO	LÍNGUAS FALADAS	EDUCAÇÃO FORMAL
DOMJ	30	M	Calulo (Vila dos Dambos)	PT KM	9ª Classe
FBSF	23	M	Calulo (Vila dos Dambos)	PT KM	Ensino Básico concluído
JOAL	31	M	Calulo (Vila dos Dambos)	PT KM	Ensino Básico concluído
KJAJ	34	M	Calulo (Vila dos Dambos)	PT KM	Ensino Superior cursando
JUJM	24	F	Calulo (Vila dos Dambos)	PT KM	13ª Classe
MMEF	22	M	Calulo (Região central)	PT -	13ª Classe
MCLF	15	F	Calulo (Região central)	PT -	9ª Classe
JAAN	17	F	Calulo (Região central)	PT -	11ª Classe

Quanto à seleção dos dados, embora tenhamos aplicado o DCT e o RT a um número considerável de falantes (para além dos oito aqui indicados), grande parte dos dados foi desconsiderada: (i) pela má qualidade do áudio para análises entoacionais; (ii) por se constatar que o falante não se enquadrava no perfil ideal (como no caso em que o falante passou parte considerável de sua infância/juventude fora do Libolo); e, sobretudo, (iii) quando o falante apresentava um desempenho insatisfatório na realização das tarefas, visto que, além da compreensão e produção do tipo de enunciado esperado, o participante deveria ter uma fala concatenada e sem hesitações (interrupções, correções, repetições, apagamentos e pausas hesitativas).²⁰

No que se refere especificamente aos falantes do [quadro 3](#), para cinco deles (FBSF, DOMJ, JOAL, JUJM, MMEF) dispomos de dados eliciados no DCT, que formam o cerne da análise prosódica exposta nesta tese. Contamos ainda com dados esporádicos do RT para três falantes (DOMJ, MMEF, JAAN) e uma quantidade relativamente maior para outros dois

¹⁸ Uma avaliação acerca do grau de exposição às línguas em questão foge ao escopo deste trabalho, em vista da complexidade linguística do município. Assim, restringimo-nos às informações facultadas pelos participantes em suas entrevistas.

¹⁹ Em publicações relacionadas a esta tese, os falantes têm a seguinte designação: DOMJ → JD, FBSF → SF, JOAL → AJ, JUJM → MJ, MMEF → EM.

²⁰ As hesitações, embora características da língua falada (JUBRAN; KOCH, 2006), não foram consideradas porque procuramos generalizações dos padrões prosódicos/entoacionais a partir de estruturas específicas. Considerar esses elementos na caracterização prosódica direciona a investigação a outros recortes de pesquisa e pressupõe relacioná-los a outros fatores, como os cognitivo-interacionais, o que está fora do escopo desta tese.

(FSBF, MCLF). Portanto, nem sempre há dados disponíveis de um falante para todas as tarefas e para cada tipo frásico. Na descrição dos resultados, apresentada no próximo capítulo, é possível verificar a distribuição dos dados por falante e por tarefa.

5

ANÁLISE PROSÓDICA DO PORTUGUÊS DO LIBOLO

Apresentamos, neste capítulo, a descrição e a análise qualitativa e quantitativa dos padrões entoacionais nucleares encontrados nos enunciados obtidos na tarefa para completar o discurso (DCT, *Discourse Completion Task*), bem como nas tarefas de leitura (RT, *Reading Task*) e de conversação (CT, *Conversation Task*) para alguns tipos frásicos. Embora nos concentremos nos contornos entoacionais nucleares, também fazemos menção ao contorno não nuclear quando necessário para a caracterização dos tipos frásicos, bem como dedicamos a última seção deste capítulo aos aspectos prosódicos do contorno pré-nuclear de certos tipos frásicos.

Organizamos a apresentação dos resultados seguindo, em geral, a divisão frásica encontrada nos questionários do DCT do InAPoP. Tradicionalmente, a classificação das frases ou dos enunciados por tipo é baseada em propriedades discursivas (a intenção comunicativa que o falante quer transmitir ao seu interlocutor) (*e.g.* MATEUS *et al.*, 2003). No DCT, os tipos frásicos são agrupados pela modalidade da sentença e cada uma contém frases com diferentes funções pragmáticas na situação comunicativa. Na tipologia frásica das línguas, são distintas várias modalidades da sentença (*sentence types*) — declarativa, interrogativa, imperativa, exclamativa, optativa, desiderativa, dubitativa, etc. —, que são definidas de acordo com sua forma gramatical e uso conversacional, isto é, elas são estruturas gramaticais especializadas para realizar certas funções comunicativas (SADDOCK; ZWICKY, 1985; PORTNER, 2004, 2005). Para algumas análises, cada tipo frásico tem um correlato semântico — *a força sentencial (sentential force)* — que o contrapõe aos demais tipos. Essa força é derivada indiretamente da combinação de vários componentes gramaticais, tais como elementos alocados em posição específica da estrutura frasal, como o domínio do sintagma complementizador, operadores *wh*, inversão de constituintes, conjugação verbal, etc. (CHIERCHIA; MCCONNEL-GINET, 1990; PORTNER, 2004, 2005, 2009; LOHNSTEIN,

2007). No entanto, para além da força sentencial, as frases têm uma força ilocucionária (*illocutionary force*), um fenómeno pragmático relacionado às intenções comunicativas do falante e analisado pelas teorias dos atos de fala (e.g. AUSTIN, 1962; SEARLE, 1969, 1976).¹

Tendo em vista a distinção entre forma gramatical e função comunicativa, o questionário do DCT inclui contextos que permitem a produção de enunciados de diferentes modalidades (declarativa, exclamativa, interrogativa, imperativa e vocativa), com diferentes estruturas sintáticas (interrogativa total e parcial, coordenação e disjunção, enumeração), estrutura informacional (foco amplo e estreito), viés epistêmico (busca de informação, antiexpectativa, confirmatória, obviedade, dubitativa) e nuances pragmáticas (ordem, pedido, oferecimento, valor categórico e contraditório). Há ainda variação na constituição dos elementos frásicos (extensão em número de palavras, posição do acento tônico). Os enunciados analisados nesse capítulo compreendem, assim, os seguintes tipos frásicos: (i) declarativas neutras, focalizadas, enumerativas, dubitativas, óbvias e exclamativas; (ii) interrogativas totais neutras, focalizadas, eco, antiexpectativa, confirmatórias, confirmatórias *tag*, imperativas, disjuntivas e enumerativas com disjunção e com coordenação; (iii) interrogativas parciais neutras, eco, antiexpectativa, imperativas e com coordenação; (v) imperativos de ordem e pedido; e (vi) vocativos de chamamento inicial e de chamamento insistente.

Os dados abrangem as produções de oito falantes (DOMJ, FSBF, JAAN, JOAL, JUJM, KJAJ, MMEF, MCLF). Afora dados descartados,² 1706 enunciados compõem o conjunto de dados descritos neste capítulo: 907 selecionadas no DCT [37 contextos × 5 falantes^{(DOMJ, FSBF, JOAL,}

¹ De acordo com a teoria dos atos de fala, ao enunciar uma expressão linguística realizamos ações (AUSTIN, 1962). Nessa perspectiva teórica, o enunciado é constituído de ato locucionário (a ação de proferir um conteúdo linguístico), ato ilocucionário (o tipo de ação realizada) e ato perlocucionário (resultado da ação), e a intenção do falante é denominada força ilocucionária. Searle (1969), seguindo Austin (1962), propõe cinco categorias gerais de atos de fala ilocucionários, que são pontos de referência para novas classificações em propostas subsequentes: *assertivos* (compromissos do falante com a verdade da proposição expressa, dizendo como as coisas são), *diretivos* (tentativas do falante de levar o ouvinte a realizar uma ação futura), *compromissivos* (comprometimentos do falante a realizar uma ação futura), *expressivos* (expressões de estados psicológicos do falante acerca do mundo) e *declarativos* (correspondências entre a proposição e a realidade do mundo). Novas abordagens dos atos de fala reconhecem que cada ilocução está estreitamente associada a um conjunto específico de parâmetros prosódicos (e.g. CRESTI, 2000).

Deve-se notar, contudo, que nem sempre há uma correspondência direta entre as intenções do falante (força ilocucionária) e a forma linguística (modalidade/força sentencial) da frase que ele utiliza para transmiti-las. Por exemplo, as sentenças 'A Marina abriu a janela' e 'A Marina abriu a janela?', enunciadas por um tal indivíduo Jonas em diferentes contextos, têm, respectivamente, a força sentencial de asserção e de pergunta, visto que correspondem a "Jonas disse que a Marina abriu a janela" e "Jonas perguntou se a Marina abriu a janela". Por sua vez, a frase 'Gostaria de saber quem comeu o meu bolo' é formalmente uma declarativa, contendo a força sentencial de asserção, mas detém a força ilocucionária de uma pergunta, como em 'Quem comeu o meu bolo?'. Esse caso é o que Searle (1975) denomina de ato de fala indireto, em que não há uma relação direta entre a força ilocucionária e a estrutura sintática da frase.

² O número de sentenças descartadas não foi contabilizado.

JUJM, MMEF)], 658 selecionadas no RT [168 sentenças × 5 falantes^{(DOMJ, FSBF, MMEF, MCLF, JAAN)]},³ e 132 selecionadas no CT [8 falantes^{(DOMJ, FSBF, JOAL, JUJM, MMEF, MCLF, JAAN, KJAJ)]}.

Este capítulo se organiza da seguinte forma. Cada seção fornece a descrição dos padrões entoacionais empregados para um determinado tipo frásico (seção 5.1 a seção 5.4). Para cada um deles, um ou mais padrões representativos são exemplificados por meio de figuras. Devido a mais de uma estratégia ter sido documentada, a quantificação dos padrões é fornecida pela frequência de ocorrência.⁴ Sínteses dos resultados, bem como comparações com outras variedades de português, são também feitas para as declarativas, interrogativas totais, interrogativas parciais, imperativos e vocativos ao final de cada uma de suas respectivas seções. Na última seção do capítulo (seção 5.5), fazemos considerações a respeito dos contornos entoacionais pré-nucleares (configuração tonal, fraseamento prosódico e marcação tonal de fronteiras prosódicas) de declarativas, interrogativas totais e interrogativas parciais.⁵

5.1 Declarativas

Sentenças declarativas apresentam um fato ou esclarecem uma informação ao interlocutor, expressando o ponto de vista do falante sobre uma situação em particular, seja ela verdadeira ou não, mas também podem expressar outras intenções do falante, como, por exemplo, desaprovação, desacordo, dúvida, insistência, segurança ou surpresa. Nesses casos, a finalidade informativa do enunciado é posta em um plano secundário (PRIETO, 2013, p. 10).

Descrevemos, nesta seção, seis tipos distintos de declarativas: neutra, focalizada, enumerativa, dubitativa, óbvia e exclamativa.

³ O número de repetições envolvidas na produção dos dados do DCT e do RT varia conforme o falante e conforme o conjunto de dados de cada tarefa e, por isso, não foi indicado.

⁴ Análises estatísticas inferenciais estão sendo realizadas com dados do PLB pela equipe de estatísticos do projeto *Variação e fraseamento prosódico em português: comparações entre variedades brasileiras e africanas* (CNPq 459634/2014--3). O início das análises coincide com o estágio de conclusão desta tese e, portanto, não puderam constar das considerações feitas aqui.

⁵ Parte dos resultados acerca do DCT e do RT_RLD aqui apresentados são preliminarmente reportados por Santos e Fernandes-Svartman (2019, a sair 1, a sair 2) (DCT: declarativa neutra, interrogativas total e parcial neutras, imperativos), Fernandes-Svartman, Santos e Braga (2018) (RT_RLD: declarativa neutra) e Santos (2019) (DCT: vocativos).

5.1.1 Declarativas neutras e focalizadas

Declarativas neutras, também denominadas de declarativas com foco amplo, introduzem uma nova informação ao discurso. Ao produzi-la, o falante não marca informacionalmente nenhuma parte do enunciado mais saliente que a outra (PRIETO, 2013, p. 10; FROTA *et al.* 2015a, p. 247). Elas são decorrentes de situações discursivas específicas, como sentenças fora de contexto⁶ (formas de citação) ou como respostas a perguntas do tipo “O que aconteceu?” e, portanto, envolvem foco na sentença como um todo — ver o estudo de Frota (2000, p. 16) para uma revisão acerca de foco (e foco prosódico).

A partir da sugestão de Ladd (1980), tornou-se comum classificar o foco em “amplo” e “estrito”, embora ele seja uma dimensão contínua (LADD, 2008, p. 215), visto que a extensão do constituinte sobre o qual o foco recai varia de um domínio estreito, como a PW, a um domínio mais amplo, como PhPs e IPs (este último sendo convencionalmente referido como foco amplo), conforme pontuam Moraes, Carnaval e Coelho (2015). Desse modo, sentenças declarativas com foco amplo diferenciam-se das declarativas com foco estreito na medida em que naquelas o foco recai em toda a sentença, e não em um constituinte particular como nesta. Diferentemente do foco amplo, o foco estreito tem, assim, a função de identificar um subconjunto de entidades contextualmente relevantes no discurso (FROTA, 2000, p. 16).

Embora a terminologia para descrever o fenômeno do foco seja vasta, há um certo consenso na distinção entre o trecho menos informativo — tema, dado, pressuposto — e a parte informativa — rema, novo, foco — na articulação informacional do enunciado (*e.g.* KRUIJFF-KORBAYOVÁ; STEEDMAN, 2003 apud MORAES, 2006). Na literatura (KISS, 1998; ZUBIZARRETA, 1998; LADD, 2008 [1996]), normalmente dois tipos principais de foco estreito são distintos: o *foco informacional*, que apresenta uma informação nova ou identifica a informação mais relevante discursivamente, e o *foco contrastivo* — ou corretivo exclusivo, segundo Moraes (2006a) —, que contradiz ou nega uma pressuposição ou afirmação (implícita ou explícita) feita anteriormente no discurso.

Em português o foco estreito pode ser implementado por meio da sintaxe, da morfologia, da prosódia ou por combinações entre elas (*e.g.* BRAGA; MAIA, 2015). Para as declarativas, nos voltamos, neste estudo, ao foco amplo e ao foco estreito prosódico. Ao longo desta tese, declarativas com foco amplo são referidas como *declarativas neutras* e declarativas com foco estreito podem ser referidas como *declarativas focalizadas*.

⁶ “Out-of-blue sentences”.

5.1.1.1 Declarativa neutra

Um dos contextos empregados no DCT e uma das sentenças utilizadas no RT para obtenção de declarativas neutras podem ser vistos em (1) e (2). Na análise desse tipo frásico, utilizamos 552 enunciados: 51 selecionados no DCT, 435 selecionados no RT (tarefas TFN, PHR, RLD) e 66 selecionados no CT.

(1) **Declarativa neutra** ^[DCT_1]

CONTEXTO: O que aconteceu com estes dois? [IMAGEM]

ENUNCIADO: *Casaram.*

(2) **Declarativa neutra** ^[TFN_1]

CONTEXTO: Me disseram ontem:

ENUNCIADO: As angolanas ofereceram especiarias aos jornalistas.

Em nossos dados, o contorno entoacional nuclear das declarativas neutras é caracterizado predominantemente — seja na fala semiespontânea (90%), na lida (95.9%) ou na espontânea (100%) — por uma curva melódica descendente, realizada na sílaba tônica da última PW da sentença (um acento tonal H+L*), e o tom permanece baixo ou levemente declinante até o final do enunciado (um tom de fronteira L%) ([figura 8](#)). O início da excursão descendente se dá em torno de dois marcos segmentais da sílaba nuclear: no limite entre as sílabas pretônica e tônica ou no limite entre o ataque e o núcleo da sílaba tônica, sendo este último caso o mais comumente encontrado. Nos dois casos, a queda da curva de F0 ocorre progressivamente através da sílaba acentuada, sem exibir um trecho completamente baixo. Ademais, o movimento melódico nuclear descendente é realizado relativamente abaixo da linha de referência compartilhada pelos tons baixos dos eventos tonais precedentes, uma característica evidente nesse tipo de declarativa. Nas figuras, ela é indicada por uma linha tracejada. Tal realização parece ser, para além de uma declinação global, um fenômeno de rebaixamento final do domínio de IP nesse tipo frásico.

Além da configuração tonal H+L* L%, há contornos nucleares realizados como um platô tonal baixo ou um leve declínio ao longo da sílaba tônica, que se estende até o final do enunciado. Representamos esses contornos pela configuração tonal (H+)L* L% ([figura 9](#)). Cremos que esse contorno, de menor frequência nos dados em geral (4.2%, $n=33/552$), seja uma realização fonética do contorno fonológico H+L* L% na qual há um contraste menor entre H e L decorrente de fatores extralinguísticos (como a menor força expiratória no final da locução por exemplo), motivando a notação (H+). De qualquer modo, H+L* L% é o contorno predominante e relevante para a caracterização desse tipo frásico em nossos dados.

Figura 8 – Tarefa: RT_RLD [11]. **Tipo frásico:** Declarativa neutra. **Contexto:** Leia as seguintes frases. **Falante:** FSBF.

Figura 9 – Tarefa: DCT [2]. **Tipo frásico:** Declarativa neutra. **Contexto:** Olha pro desenho e diz o que ele faz. **Falante:** MMEF.

A distribuição dos contornos entoacionais nucleares por falante é fornecida nas tabelas 3, 4 e 5.⁷

Figura 10 – Tarefa: CT. **Tipo frásico:** Declarativa neutra. **Falante:** JOAL.

⁷ Nem todas as tarefas de leitura (TFN, PhR, RLD) foram realizadas por cada um dos falantes indicados, tampouco com o mesmo número de repetições. Em certos casos, todo o conjunto de sentenças de um falante referente a uma tarefa foi descartado.

Tabela 3 – Contorno entoacional nuclear da declarativa neutra no DCT.

	(H+)L* L%	H+L* L%
DOMJ	-	7
FSBF	-	20
JOAL	-	5
JUJM	2	5
MMEF	3	9
Total	5	46
N=51	10%	90%

Tabela 4 – Contorno entoacional nuclear da declarativa neutra no RT (TFN, PhR, RLD).

	(H+)L* L%	H+L* L%
DOMJ	-	3
FSBF	-	274
MMEF	4	-
MCLF	14	140
Total	18	417
N=435	4.1%	95.9%

Tabela 5 – Contorno entoacional nuclear da declarativa neutra no CT.

	H+L* L%
DOMJ	12
FSBF	15
JOAL	9
JUJM	5
MMEF	10
MCLF	4
JAAN	3
KJAJ	8
Total	66
N=66	100%

5.1.1.2 Declarativa focalizada

Para obter declarativas focalizadas no DCT, empregamos o contexto em (3), cuja intenção é produzir um enunciado com foco estreito contrastivo no mesmo suporte linguístico do contexto em (1) para a declarativa neutra (*i.e.*, foco amplo), possibilitando a comparação entre esses dois tipos de estruturas informacionais distintas. A partir desse contexto, foram produzidos os 54 enunciados analisados.

(3) **Declarativa com foco contrastivo** ^[DCT_6]

CONTEXTO: E, então, o que aconteceu com esses dois? Se separaram? [IMAGEM]

ENUNCIADO: *Casaram!*

Ainda incluímos, na descrição das declarativas focalizadas, as declarativas categóricas — também denominadas de contraditórias — produzidas no DCT. Elas são semelhantes às declarativas com foco contrastivo na medida em que sua função é negar uma informação pressuposta pelo interlocutor (contradição). A diferença inferida entre as duas é que, na categórica, o falante imprime uma crença maior de que a informação de contradição está claramente correta, é definitiva e não há ressalvas quanto à sua verdade (sentido categórico). Uma leitura de foco contrastivo, é assim, produzida no constituinte que porta a

contradição (FROTA *et al.*, 2015a, p. 252). A partir do contexto empregado para a obtenção da declarativa categórica, visto em (4), foram analisados os 30 enunciados selecionados no DCT.

(4) **Declarativa categórica** ^[DCT_8]

CONTEXTO: O KJAJ e o DOMJ vão se mudar pra outra cidade. Eles vão se mudar pra Lima, uma cidade de um país lá perto do Brasil. Mas a JUJM acha que eles vão pra Lisboa. Diz pra ela que não, que eles vão pra Lima.

ENUNCIADO: *Não, eles vão pra Lima!*

Há também um conjunto específico de sentenças empregadas no RT (tarefas TFN e PHR, com 19 sentenças) para a produção de foco estreito, tanto contrastivo quanto informacional. Exemplos são fornecidos em (5) e (6). No entanto, obter esse tipo de sentença foi desafiador devido a não compreensão dos contextos pelos participantes da tarefa. Em grande parte dos casos, foram produzidas sentenças declarativas neutras, as quais foram desconsideradas das análises. Desse modo, foram obtidas, efetivamente, apenas 27 declarativas com leitura de foco estreito.

(5) **Declarativa com foco contrastivo** ^[TFN_3]

CONTEXTO: Foram as moçambicanas que ofereceram especiarias aos jornalistas?

ENUNCIADO: *AS ANGOLANAS ofereceram especiarias aos jornalistas.*

(6) **Declarativa com foco informacional** ^[TFN_4]

CONTEXTO: A quem as angolanas ofereceram especiarias?

ENUNCIADO: *As angolanas ofereceram especiarias AOS JORNALISTAS.*

5.1.1.2.1 IP formado por uma única PW Em nossos dados, IPs formados por uma única PW produzida com foco contrastivo correspondem a *[casaram]_{IP}* e, eventualmente, a *[não]_{IP}*, todas as duas pertencentes a dados do DCT. Elas são caracterizadas por uma melodia descendente, podendo ser acompanhadas de duração e intensidade maiores que as observadas regularmente nas declarativas neutras. A queda tonal ocorre totalmente no núcleo silábico, e a sílaba postônica permanece em tom baixo ou levemente declinante, correspondendo ao tom de fronteira L%. O início da queda se dá no limite entre o ataque e o núcleo da sílaba tônica. A excursão é restrita, portanto, pelos mesmos marcos segmentais vistos em declarativas neutras. A diferença é que, no caso do foco estreito, há uma gama tonal maior e o tom H dianteiro é precedido de um alvo tonal baixo, formando uma ascendência a partir de um nível médio no ataque da sílaba nuclear, que pode se iniciar na sílaba pretônica (figura 11).

Figura 11 – Tarefa: DCT [6]. **Tipo frásico:** Declarativa com foco contrastivo. **Contexto:** E, então, o que aconteceu com esses dois? Se separaram? **Falante:** DOMJ.

Analogamente à interpretação de Prieto, D’Imperio e Gili Fivela (2005, p. 389) acerca do movimento circunflexo de acentos bitonais no italiano de Pisa, consideramos tal alvo tonal baixo do PLB como um traço fonético relacionado ao pico tonal do molde fonológico HL (que também é visto em acentos bitonais descendentes de outros tipos frásicos). As figuras 12 e 13 ilustram comparativamente, na mesma escala de F_0 (75–500 Hz), o enunciado *[casaram]_{IP}* produzido por meio do contexto de obtenção de declarativa neutra (figura 12) e com foco contrastivo (figura 13).⁸ Representamos o contorno entoacional das declarativas focalizadas formadas por uma única PW com tal formato melódico por meio da configuração tonal $iH+L^* L\%$, na qual “i” indica o maior nível de altura desse tipo frásico em contraposição ao menor nível de altura do contorno neutro.

Em parte considerável dos casos (42.6%), em vez de linear ou côncava, a queda tonal se realiza convexa, e predomina perceptualmente o tom H na sílaba, muito embora ela ainda esteja encerrada completamente na sílaba tônica, alinhando-se aos marcos segmentais já mencionados. Esses casos estão normalmente relacionados a uma pronúncia de maior intensidade e/ou duração (figura 11b). Em decorrência da predominância auditiva e visual de H, tais contornos são interpretados como $H^*+L L\%$. Apresentamos, na tabela 6, a distribuição, por falante, dos dois padrões tonais nucleares encontrados em declarativas com foco contrastivo.

⁸ Todas as palavras com focalização são indicadas ortograficamente em versaleta nas figuras desta tese.

Figura 12 – Tarefa: DCT [1]. **Tipo frásico:** Declarativa neutra. **Contexto:** O que aconteceu com esses dois? **Falante:** DOMJ.

Figura 13 – Tarefa: DCT [6]. **Tipo frásico:** Declarativa com foco contrastivo. **Contexto:** E, então, o que aconteceu com esses dois? Se separaram? **Falante:** DOMJ.

Tabela 6 – Contorno entoacional nuclear da declarativa com foco contrastivo no DCT (IP formado por uma única PW).

	H*+L L%	iH+L* L%
DOMJ	5	6
FSBF	5	8
JOAL	2	5
JUJM	2	2
MMEF	9	10
Total	23	31
N=54	42.6%	57.4%

5.1.1.2.2 PWs finais de IP com focalização Constituintes focalizados em posição final de IP correspondem a $(pra\ Lima)_{PW}$, PW que compõem as sentenças declarativas categóricas. Os contornos nucleares associados a essa PW também exibem o padrão descendente encontrado em IPs com foco contrastivo formados por uma única PW. A predominância de H na sílaba tônica é percebida em todos os casos e, portanto, recorreremos à notação H*+L L% (figura 14a). Além disso, o tom H central (fonológico) é precedido de um alvo tonal baixo (fonético) e, portanto, se manifesta com uma pré-ascendência.

Ademais, o falante pode estender consideravelmente a gama tonal local na sílaba nuclear com a finalidade de potencializar o efeito da proeminência. Essa expansão desencadeia um nítido movimento melódico LHL realizado integralmente na tônica (figura 14b), que poderia ser interpretado como um acento tritonal, conforme já proposto para movimentos circunflexos restritos à sílaba tônica do espanhol portenho por exemplo (que também estão relacionados a leituras enfáticas e contrastivas — GABRIEL *et al.*, 2010). No entanto, uma observação mais atenta releva que o movimento ascendente se realiza predominantemente no ataque da sílaba tônica e, portanto, corresponde à pré-ascendência mencionada para os contornos descendentes. Desse modo, o movimento circunflexo é efeito da expansão da gama tonal sobre o acento bitonal descendente. Essa mesma interpretação pode ser estendida a alguns casos que ocorrem em dados de outros tipos frásicos, como as declarativas óbvias.

Apresentamos, a distribuição, por falante, do padrão tonal nuclear encontrado em declarativas categóricas na [tabela 7](#).

Figura 14 – Tarefa: DCT [8]. **Tipo frásico:** Declarativa categórica. **Contexto:** KJAJ e DOMJ vão se mudar pra outra cidade. Eles vão se mudar para Lima, uma cidade de um país lá perto do Brasil. Mas a JUJM acha que eles vão pra Lisboa. Diz pra ela que não, que eles vão para Lima. **Falante:** (a) FSBF. (b) DOMJ.

Tabela 7 – Contorno entoacional nuclear da declarativa com foco contrastivo no DCT (PW focalizada final de IP).

	H*+L L%
DOMJ	6
FSBF	8
JOAL	8
JUJM	3
MMEF	5
Total	30
N=30	100%

5.1.1.2.3 PWs não finais de IP com focalização Constituintes focalizados em posição não final de IP correspondem, por sua vez, a PWs focalizadas que compõem sentenças produzidas na tarefa de leitura. Diferentemente dos demais dados ora descritos, há contextos para a produção de foco informacional, além do contrastivo. Duas melodias distintas

foram encontradas; contudo, não há aparentemente uma correlação entre o tipo de melodia e o tipo de foco estreito considerado nos dados.

O contorno entoacional das PWs não finais com focalização é caracterizado normalmente (65%) por uma ascendência melódica na sílaba pretônica, seguida de uma queda realizada no ataque da sílaba tônica para um nível tonal mais baixo predominante na tônica. No entanto, esse nível mais baixo é, por sua vez, relativamente mais alto que o da sílaba subsequente e exibe um leve formato convexo (figuras 15 e 16). É possível que as diferentes escalas do movimento tonal sejam um efeito da variação local gama tonal sobre os tons do acento tonal devido ao contexto de produção de foco, uma vez que, em outras declarativas que exibem movimentos tonais nucleares semelhantes (a saber, as exclamativas e as dubitativas), o tom L se manifesta como um platô baixo. Para capturar as diferenças de alinhamento do movimento tonal em torno da sílaba tônica, propomos a seguinte notação: $H>+L^* L\%$. Utilizamos o símbolo “>” para indicar o alinhamento do pico visto nesse acento tonal (localizado na pretônica), que é distinto do pico dos acentos tonais descendentes ora descritos (localizado na tônica) e também nos registrados para outras declarativas.

Figura 15 – Tarefa: RT_TFN [14]. **Tipo frásico:** Declarativa com foco contrastivo. **Contexto:** No filme que tu viste, o bandido andava de carro? **Falante:** JAAN.

Figura 16 – Tarefa: RT_IntY [19]. **Tipo frásico:** Declarativa com foco estreito [~~Interrogativa global com foco estreito~~]. **Contexto:** Ouvi a música que tu pediste, mas não sei se é uma manhã ou uma noite que o cantor acha angelical. **Falante:** MCLF.⁹

Além desse movimento tonal descendente, encontramos PWs focalizadas que portam uma melodia ascendente realizada integralmente na sílaba tônica cujo pico está alinhado entre o centro e a borda direita da vogal e o ponto inicial da inflexão se localiza no ataque silábico (isto é, um acento tonal L+H*) (figura 17). Tanto para H>+L* quanto para L+H*, o contorno pós-focal (indicado por uma seta nas figuras) se situa num nível globalmente comprimido, mas não desacentuado tonalmente. Fornecemos, na tabela 8, a distribuição dos contornos por falante.

Figura 17 – Tarefa: RT_PHR [7]. **Tipo frásico:** Declarativa com foco informacional. **Contexto:** O que as alunas ofereceram ao monitor? **Falante:** FSBF.

Tabela 8 – Contorno entoacional nuclear da declarativa com foco estreito no RT.

	L+H*	H>+L*
DOMJ	1	1
FSBF	2	-
MMEF	4	2
MCLF	-	7
JAAN	-	3
Total	7	13
N=20	35%	65%

Por fim, encontramos casos nos quais a curva entoacional não é comprimida após a PW que receberia o foco de acordo com seus contextos de produção. Eles somam sete dados de um falante (MCLF). Na figura 18, que ilustra uma das ocorrências, *(as angolanas)_{PW}* recebe um tom H na segunda sílaba pretônica anterior à tônica (isto é, 'an', locus prosódico de um acento secundário em potencial) e a sílaba acentuada, um tom L*, seguido de um tom de fronteira H% associado à postônica. A natureza desse tom H, se parte do acento tonal (isto é, H+L*) ou relacionado a acento secundário (ou seja, H L*), é uma questão em aberto. Além disso, é interessante notar que, como discutiremos posteriormente (seção 5.5.3), L* H% é um dos padrões tonais nucleares possíveis de IPs não finais (padrão continuativo) no PLB. Esse fato sugere, junto a não realização de compressão pós-focal,

⁹ O trecho tachado indica que o falante não produziu o enunciado para tal contexto com o valor pragmático defino entre colchetes, que era o esperado, mas, sim, com outros valores, indicados anteriormente, sem tachado.

que tais PWs tenham sido produzidas com uma leitura enfática em vez de uma leitura de foco.

Figura 18 – Tarefa: TFN [2]. **Tipo frásico:** Declarativa com foco informacional. **Contexto:** Quem ofereceu especiarias aos jornalistas? **Falante:** MCLF.

5.1.2 Declarativa enumerativa

A enumeração é um tipo de estrutura que consiste de um grupo de itens em série. Tais estruturas podem ser formadas por *listas abertas*, que transmitem um significado de incompletude, uma vez que indicam que mais itens poderiam fazer parte dela, ou *listas fechadas*, que transmitem um significado de completude, já que indicam a finalização da série (SCHUBIGER,¹⁰ 1958 apud ESTEBAS-VILAPLANA, 1996, p. 1). Prosodicamente, a enumeração tem padrões entoacionais particulares, visto que cada item listado é geralmente mapeado em um sintagma entoacional próprio (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 200).

A enumeração pode figurar em diversos tipos frásicos, tanto em declarativas quanto em interrogativas (ver as seções 5.2.1.6 e 5.2.1.7), com significados pragmáticos variados. Por meio do DCT, analisamos a enumeração de lista fechada em declarativas, uma estrutura não marcada “que fornece o significado puro da listagem, sem nenhuma carga ou nuance semântica ou pragmática” (ESTEBAS-VILAPLANA, 1999, p. 647)¹¹ e, portanto, são sentenças neutras.

Os contextos em (7) e (8) foram empregados na produção da declarativa enumerativa no DCT. A partir deles foram selecionados os 63 enunciados analisados. O primeiro contexto

¹⁰ SCHUBIGER, Maria. *English intonation, its form and function*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1958. 112 p.

¹¹ No original:

We assume that the default intonation of enumeration is the one that conveys the bare meaning of listing, with no additional semantic or pragmatic charges or nuances.

produz uma enumeração de maior extensão (12 itens no total) que o segundo (entre 3 e 4 itens).

(7) **Declarativa enumerativa** ^[DCT_5]

CONTEXTO: Diz todos os meses do ano.

ENUNCIADO: *Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.*

(8) **Declarativa enumerativa** ^[DCT_7]

CONTEXTO: Diz as frutas que mais gosta. [IMAGEM]

ENUNCIADO: *Banana, maçã e manga.*

O contorno entoacional nuclear do elemento final da declarativa enumerativa apresenta consistentemente um padrão tonal semelhante ao da declarativa neutra: H+L* L% ou alternativamente (H+)L* L% para um dos falantes (figuras 19 e 20).

Já os elementos não finais da declarativa enumerativa são caracterizados por melodias ascendentes, sendo a ascendência (i) realizada na sílaba tônica nuclear e estendida até o final do enunciado (L+H* H%) ou (ii) realizada na sílaba postônica, precedida de um tom baixo na tônica (L* H%). Os tons de fronteira H% podem ser realizados de diferentes maneiras no mesmo enunciado: em *downstep* (4.4%, $n=11/249$), suspenso (22.9%, $n=57/249$), em *upstep* (33.3%, $n=83/249$) ou em continuação (39.4%, $n=98/249$). No entanto, a altura relativa dos picos não indica uma declinação sucessiva (*downstep*) consistente entre os membros da lista, sendo todos eles produzidos relativamente na mesma linha de referência, sobretudo no que diz respeito aos acentos tonais, embora haja variação na realização dos tons de fronteira — veja resultados similares para o PB paulista no estudo de Truckenbrodt, Sandalo e Abaurre (2009, p. 100). Nas tabelas 9 e 10, apresentamos a distribuição do contorno entoacional nuclear dos itens finais e não finais da declarativa enumerativa por falante.

Cada item forma uma PW, que é predominantemente mapeada num IP separado, seja seguido de pausa (caso mais frequente) ou não e independentemente da extensão da lista (extensa: 78.7%, $n=196/249$; não extensa: 63%, $n=51/81$). Os itens de algumas sentenças, no entanto, não parecem estar mapeados em IPs independentes, visto que não há pistas prosódicas claras para estabelecer a fronteira desse sintagma, como a presença de um tom de fronteira, alongamento pré-fronteira, pausas ou quebras percebidas (figura 20a). Em tais casos, pode ter havido a reestruturação de IPs curtos não ramificados a um IP maior por questões de peso e ramificação. Confira a relação entre a realização e a não realização de pausas e tons de fronteira no contorno entoacional não final da declarativa enumerativa na tabela 10.

Figura 19 – Tarefa: DCT [4]. **Tipo frásico:** Declarativa enumerativa. **Contexto:** Diz todos os meses do ano. **Falante:** (a) JOAL. (b) DOMJ.

Figura 20 – Tarefa: DCT [5]. **Tipo frásico:** Declarativa enumerativa. **Contexto:** Diz três frutas que você mais gosta. **Falante:** (a) JUJM. (b) FSBF.

Tabela 9 – Contorno entoacional nuclear do item final da declarativa enumerativa no DCT.

Enumeração extensa e não extensa (meses/frutas)

	(H+)L* L%	H+L* L%
DOMJ	-	18
FSBF	-	16
JOAL	-	10
JUJM	4	2
MMEF	-	13
Total	4	59
N=63	6.3%	93.7%

Tabela 10 – Contorno entoacional nuclear dos itens não finais da declarativa enumerativa no DCT.

Enumeração não extensa (frutas)

	L+H*	L* H%	L+H* H%
DOMJ	6	1	17
FSBF	-	1	19
JOAL	9	2	2
JUJM	6	-	-
MMEF	7	-	11
Total	28	4	49
N=81	34.6%	4.9%	60.5%

Enumeração extensa (meses)

	L+H*	L* H%	L+H* H%
FSBF	4	-	62
DOMJ	2	2	62
JOAL	32	10	2
JUJM	8	2	23
MMEF	7	-	33
Total	53	14	182
N=249	21.3%	5.6%	73.1%

Tabela 11 – Relação entre a realização de pausas e tons de fronteira no contorno entoacional nuclear não final da declarativa enumerativa no DCT.

Enumeração não extensa (frutas)

	T*	T* T%	T* T% + Pausa
DOMJ	6	1	17
FSBF	2	-	18
JOAL	9	-	4
JUJM	6	-	-
MMEF	7	-	11
Total	30	1	50
N=81	37%	1.3%	61.7%

Enumeração extensa (meses)

	T*	T* T%	T* T% + Pausa
DOMJ	4	2	60
FSBF	2	4	60
JOAL	32	-	12
JUJM	8	4	21
MMEF	7	4	29
Total	53	14	182
N=249	21.3%	5.6%	73.1%

5.1.3 Declarativa dubitativa

Declarativas dubitativas são sentenças que transmitem insegurança ou incerteza sobre a informação expressa. Nessas sentenças, o valor dubitativo pode ser determinado morfossintaticamente pelo emprego de advérbios modalizadores (tais como ‘talvez’ e ‘provavelmente’) e de verbos e expressões que transmitem possibilidade ou insegurança (como ‘dever’, ‘poder’, ‘não saber se...’, etc.). Nas línguas românicas, o valor dubitativo também pode ser determinado por meios prosódicos (velocidade de fala mais lenta e entoação) (e.g. PRIETO; ROSEANO, 2010 – variedades do espanhol; PRIETO; CABRÉ, 2013 – variedades do catalão; DELAIS-ROUSSARIE *et al.*, 2015 – francês; ROSEANO; VANRELL; PRIETO, 2015 – friulano). Observe o contexto em (9), empregado para a obtenção de declarativas dubitativas no DCT.

(9) **Declarativa dubitativa** ^[DCT_9] ¹²

CONTEXTO: Você já comprou o presente, mas acha que não comprou um bom presente. Diz que ela pode não gostar do que lhe compraste.

ENUNCIADO: *Ela pode não gostar do presente que eu lhe comprei...*

Por meio desse contexto, foram analisados 28 enunciados, a partir dos quais se observou que o contorno entoacional nuclear da declarativa dubitativa é dado normalmente por uma queda tonal abrupta em torno do ataque da sílaba tônica, seguida de um platô baixo predominante no núcleo silábico. Esse padrão tonal, que guarda certa semelhança com as declarativas com foco contrastivo em PWs não finais de IP, é indicado por H>+L* L% (*figura 21*). O tom H dianteiro desse acento tonal pode se manifestar como uma ascendência (isto é, precedido de um alvo tonal baixo fonético) na sílaba pretônica imediata (dados de FSBF, JOAL, JUJM) (*figura 21a*), mas também ser uma continuação da ascendência do acento tonal da PW anterior (dados de DOMJ, FSBF, JOAL) (*figura 21b*). A ascendência pode ainda não ser tão contrastiva (dados de FSBF, MMEF), sem que haja a perda do sentido dubitativo (*figura 21c*). A sílaba tônica nuclear, que também é a final do enunciado, é realizada com um marcado alongamento extra em todos os casos, sendo ele o traço prosódico mais robusto para a identificação desse tipo frásico junto ao movimento melódico circunflexo final. Veja a distribuição desse contorno entoacional entre os falantes na *tabela 12*.

¹² Esse contexto é aplicado na sequência do contexto da interrogativa parcial neutra, do qual depende. O contexto é o seguinte:

[DCT_22] Você precisa comprar um presente pra uma pessoa que você não conhece muito bem. Então, você pede ajuda pro KJAJ. Pergunta o que lhe daria.

Figura 21 – Tarefa: DCT [9]. **Tipo frásico:** Declarativa dubitativa. **Contexto:** Você já comprou o presente. Mas acha que não comprou um bom presente. Diz que ela pode não gostar do que lhe compraste. **Falante:** (a) JUJM. (b) DOMJ. (c) MMEF.

Tabela 12 – Contorno entoacional nuclear da declarativa dubitativa no DCT.

	H>+L* L%
DOMJ	9
FSBF	7
JOAL	4
JUJM	3
MMEF	5
Total	28
N=28	100%

5.1.4 Declarativa óbvia

Declarativas óbvias são sentenças por meio das quais o falante transmite a crença de que aquilo que está sendo informado é um fato evidente que o interlocutor já deveria conhecer (e.g. VANRELL; ROSEANO, CABRÉ, 2013, p. 131 – catalão). O valor de obviedade pode ser transmitido, no enunciado, por meio de diversas expressões envolvendo palavras modalizadoras, como ‘realmente’, ‘evidentemente’, ‘claro’ e ‘verdade’, por exemplo, conforme pode ser visto no contexto em (10).

(10) **Declarativa de obviedade** ^[DCT_10]

CONTEXTO: A JUJM está grávida do Guilherme. O KJAJ pergunta “é do Guilherme?” E você fica surpreso, porque todos sabem que o filho é mesmo desse rapaz. Diz pro KJAJ que sim, que é verdade, que é do Guilherme.

ENUNCIADO: *Sim, é verdade, é do Guilherme!*

Por meio desse contexto, foram produzidas as 32 declarativas de obviedade selecionadas para análise, nas quais são encontrados padrões tonais nucleares descendentes semelhantes àqueles vistos em declarativas de foco estreito final de IP. Esses movimentos melódicos descendentes, precedidos ou não de uma ascendência pronunciada, são realizados em torno da sílaba tônica da PW nuclear — *(do Guilherme)_{PW}* e, eventualmente, *(sim)_{PW}* e *(verdade)_{PW}* — e podem ser identificados como H+L* L% e H*+L L% (este último novamente representando a predominância de H na sílaba tônica) (figura 22). Os padrões conferem ênfase às PWs nas quais ocorrem, cujas sílabas tônicas e/ou postônicas podem ser acompanhadas, ocasionalmente, de duração extra e picos de F₀ extra-altos. Em alguns casos, a ênfase produzida ocorre somente em *(sim)_{IP}*, e o restante do enunciado se comporta como uma declarativa neutra (FSBF: $n=1/8$; JOAL: $n=1/5$; MMEF: $n=9/10$). A distribuição dos contornos por falante é apresentada na tabela 13.

Tabela 13 – Contorno entoacional nuclear da declarativa óbvia no DCT.

	H+L* L%	H*+L L%
DOMJ	1	5
FSBF	7	1
JOAL	3	2
JUJM	-	3
MMEF	1	9
Total	12	20
N=32	37.5%	62.5%

Figura 22 – Tarefa: DCT [10]. **Tipo frásico:** Declarativa óbvia. **Contexto:** Imagine que a JUJM está grávida do Guilherme. O KJAJ te pergunta “é do Guilherme?”. E você fica surpreso, porque todos sabem que o filho é mesmo desse rapaz. Diz pro KJAJ que sim, que é verdade, que é do Guilherme. **Falante:** (a) JOAL. (b) FSBF.

5.1.5 Exclamativas

Frases exclamativas veiculam uma série de estados psicológicos do falante (atos de fala expressivos), como, por exemplo, admiração, alegria, desgosto, dor, estranheza, pena, raiva, satisfação e surpresa (e.g. CRESPO-SENDRA, 2013, p. 38 – catalão). De acordo com Prieto e Rigau (2011, p. 24), exclamações

[...] expressam emoções positivas ou negativas fortes, geralmente sem declará-las explicitamente. Atos de fala exclamativos podem enfatizar o grau de uma propriedade expressa por um constituinte sentencial (e.g., o sintagma adjetival *Que bonic* 'Que bonito' em *Que bonic que és, això!* 'Que bonito isso!'). Elas são asserções, imperativas ou perguntas pronunciadas com uma entoação especial que permite ao falante expressar surpresa, descoberta, desprazer, etc. (p.e., *Plou!* 'Tá chovendo!', *Mireu qui ha arribat!* 'Olha quem tá aqui!', *A mi què m'expliques ara?!* 'O que que cê tá dizendo?!'). Expressões exclamativas são geralmente introduzidas por uma interjeição (p.e., *oh*) ou um vocativo (p.e., *noia* 'menina', *home* 'homem', etc.).¹³

¹³ No original:

Neste estudo, discutimos a prosódia de declarativas que expressam exclamação, mas também a de exclamativas Q, posto que foram igualmente produzidas pelo contexto em (11). Exclamativas Q (ou exclamativas canônicas) são frases com forma gramatical e função comunicativa exclamativas, nas quais há um elemento Q inicial ('que' no contexto aqui empregado). Já a declarativa exclamativa é uma frase que detém apenas a função exclamativa, mas a estrutura sentencial é de declarativa (ZENDRON, 2016, p. 34-36).¹⁴ Por meio do contexto em (11), se produz uma expressão de deleite, uma atitude positiva sobre 'cheiro de pão'. Selecionamos 31 enunciados obtidos a partir desse contexto para análise.

(11) **Exclamativa** ^[DCT_7]

CONTEXTO: Você entra numa padaria e o cheiro de pão te agrada. Exclama, diz que o cheiro de pão é tão bom.

ENUNCIADO: Hum. O cheiro de pão é tão bom!

[Declarativa exclamativa]

ENUNCIADO: Hum. Que cheiro de pão tão bom!

[Exclamativa Q]

Nas exclamações, o uso de interjeições (*ah!*, *hum!*, *oh!*, *ou!*), que podem ser enunciadas com alongamento, grande intensidade e diferentes contornos melódicos (do tipo H, HL, LH, LHL), é frequente para todos os falantes e para os dois tipos de exclamativa consideradas (87.1%, $n=27/31$). Do total de exclamativas, 17 são declarativas exclamativas e 14 são exclamativas Q.

As exclamações de dois falantes, sejam elas declarativas exclamativas (DOMJ: $n=2/8$; JOAL: $n=5/5$) ou exclamativas Q (DOMJ: $n=6/8$), são produzidas com um acento tonal L+H* associado a uma PW enfatizada final ou não final de IP: (*cheiro*)_{PW}, (*tão*)_{PW} ou (*bom*)_{PW}. O contorno pós-enfático exibe certa compressão tonal (figura 23a), indicando haver uma relação entre essa exclamativa e à marcação de foco não final em declarativas focalizadas, cujo contorno pós-focal também é comprimido. Para os oito dados de um outro falante (FSBF), todas exclamativas Q, o valor exclamativo só é percebido na interjeição (presente em todos os casos), e a sentença que a segue se comporta entoacionalmente como uma declarativa neutra, exibindo o contorno H+L* L% característico, apesar de, na PW nuclear, se notar uma certa duração extra (figura 23b).

Exclamatives are speech acts that express strong positive or negative emotions, usually without explicitly stating them. Exclamative speech acts can emphasize the degree of a property expressed by a sentential constituent (e.g., the adjectival phrase *Que bonic* 'how nice' in *Que bonic que és, això!* 'How nice this is!'). They are assertions, imperatives, or questions pronounced with a special intonation that allows the speaker to express surprise, discovery, displeasure, etc. (e.g., *Plou!* 'It's raining!', *Mireu qui ha arribat!* 'Look who's here!', *A mi què m'expliques ara?!* 'What are you saying?!'). Exclamatory utterances are generally introduced by an interjection (e.g., *oh*) or a vocative (e.g., *noia* 'girl', *home* 'man', etc.).

¹⁴ Na linha de Zanuttini e Portner (2003), Zendron (2016) refere-se a essa distinção em termos de força ilocucionária e força sentencial na análise das exclamativas Q do PB. Confira também a introdução deste capítulo.

Figura 23 – Tarefa: DCT [7]. **Tipo frásico:** Exclamativa Q. **Contexto:** Você entra numa padaria e o cheiro de pão te agrada. Exclama, diz que o cheiro de pão é tão bom. **Falante:** (a) DOMJ. (b) FSBF.

Já os enunciados dos demais falantes (JUJM, MMEF), todas declarativas exclamativas, foram produzidos com um tom baixo ao longo da PW nuclear, precedido de um pico realizado na PW anterior, alocado no limite entre as duas palavras (figura 24). O fato de essas produções envolverem monossílabos ocupando as três últimas posições da frase — a saber, $(é)_{PW}$, $(tão)_{PW}$ e $(bom)_{PW}$ — pode levar à incerteza quanto ao locus prosódico de tal pico, isto é, a que sílaba e a qual PW (nuclear ou pré-nuclear) ele estaria fonologicamente associado. No entanto, é o contraste entre a altura extra anterior e a sílaba baixa nuclear que caracteriza essas declarativas exclamativas, além de o início da inflexão ascendente não estar necessariamente na PW imediatamente anterior (ver 'é' e 'tão' na figura 24), sugerindo que o pico está mais relacionado ao padrão tonal nuclear. Nesse caso, há semelhança com os movimentos melódicos de outras declarativas: (i) $H>+L^*$, associado a elementos focalizados não finais de declarativas (bem como de interrogativas); e (ii) $H>+L^* L\%$, encontrado em declarativas dubitativas. Tal semelhança sugere uma correlação entoacional entre esses tipos frásicos no que se refere à marcação de foco e de ênfase. Em decorrência desse conjunto de características que aproximam todas essas declarativas, indicamos esse contorno com a notação $H>+L^* L\%$.

Figura 24 – Tarefa: DCT [7]. **Tipo frásico:** Declarativa exclamativa. **Contexto:** Você entra numa padaria e o cheiro de pão te agrada. Exclama, diz que o cheiro de pão é tão bom. **Falante:** (a) JUJM.

De fato, não é incomum, nas línguas românicas, que foco contrastivo e exclamativas compartilhem o mesmo contorno nuclear (PRIETO; ROSEANO, 2010 – variedades do espanhol; SICHEL-BAZIN; MEISENBURG; PRIETO, 2015 – occitano). Logo, as propriedades entoacionais observadas tanto nas exclamativas Q quanto nas declarativas exclamativas sugerem que, de fato, a exclamação é transmitida pelos mesmos acentos tonais atribuídos ao foco estreito (ou pelo menos nos casos envolvendo L+H*). Em comum, nota-se, em todas as exclamativas, um alongamento extra na PW final de IP, independentemente da estratégia prosódica utilizada para transmitir a exclamação. Confira a distribuição dos contornos entoacionais nucleares entre os falantes na [tabela 14](#).

Tabela 14 – Contorno entoacional nuclear da exclamativa no DCT.

	H+L* L%	H>+L* L%	L+H*
DOMJ	-	-	8
FSBF	8	-	-
JOAL	-	-	5
JUJM	-	4	-
MMEF	-	6	-
Total	8	8	13
N=31	25.8%	32.3%	41.9%

5.1.6 Declarativas: comparação e síntese

Um dos traços entoacionais definidores das sentenças declarativas neutras (ou declarativas com foco amplo) no português — considerando o PE, o PB, o PGB, o PST e, mais recentemente, o PM — é o contorno final descendente ou baixo, a depender da variedade (*e.g.* FROTA, 2000, 2014; FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007b; SERRA, 2009; CRUZ, 2013; TONELI, 2014; FROTA *et al.*, 2015a; SANTOS, V., 2015; CASTELO, 2016; BRAGA, 2018; SERRA; OLIVEIRA, 2018; FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, a sair). ir).

O contorno entoacional nuclear desse tipo frásico no PB (PBA, SE, BA, MG, RJ, SP, PR, SC, RS), no PM e em grande parte do PE (ALE, ALG, BRA, COB, CTB, EVA, POR, SEP) é caracterizado por um padrão fonológico H+L* L%, ainda que sejam reportadas ligeiras diferenças em sua implementação fonética (alinhamento precoce e pico saliente do tom dianteiro) para certas localidades brasileiras (CASTELO, 2016, p. 43–49). No PE, esse contorno pode ser exclusivamente (NEP) ou alternativamente (ALE, CTB, EVA, POR) baixo L* L% para algumas regiões (VIGÁRIO; FROTA, 2003; CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a). Já no PGB e no PST, tanto H+L* L% quanto L* L% são encontrados associados a esse tipo frásico (SANTOS, 2015; BRAGA, 2018). Os contornos nucleares das declarativas neutras do PLB são, portanto, semelhantes aos encontrados em outras variedades de português, tanto nos casos de seu padrão baixo (!H+)L* L%, menos frequente, quanto no que se refere ao seu padrão descendente H+L* L%, predominante. Nota-se, assim, uma homogeneidade quanto ao contorno entoacional nuclear de declarativas neutras no português (CASTELO, 2016, p. 43).

Ainda no que se refere a enunciados neutros, declarativas enumerativas do PLB também são comparáveis ao que é descrito em pelo menos uma variedade de português. Enumerações no PB de SP foram estudadas por Truckenbrodt, Sandalo e Abaurre (2009). Os autores reportam, para seus dados (lista de nomes próprios produzidos a partir do seguinte contexto ‘Quem você viu na festa?’), um contorno entoacional ascendente L* H⁻ associado aos itens não finais e o contorno descendente H+L* L% da declarativa neutra associado ao item final (TRUCKENBRODT; SANDALO; ABAURRE, 2009, p. 99). Melodias ascendentes para itens não finais (L+H* H%, L*+H H% e L* H%) e um movimento descendente para o item final (!H+L* L%) também é o que se atesta no PLB, embora a ascendência da variedade brasileira seja de um tom de fronteira e a dos nossos dados, majoritariamente acentual. O fato de os contextos para a produção da listagem dos autores (uma interrogativa parcial) ser diferente do contexto aqui empregado (uma oração imperativa) e, portanto, influenciar as escolhas melódicas, é uma questão a ser investigada a partir de novos dados nas duas variedades. Apesar da diferença na ascendência tonal, assim como não notado por Truckenbrodt, Sandalo e Abaurre (2009, p. 100) para o PB, não observamos *downsteps* sucessivos entre os membros da lista em nossos dados.

Outra questão pertinente encontrada na literatura é a natureza da melodia das enumerações: ela pode ser vista tanto como um contorno específico dessa estrutura linguística quanto como uma variante do padrão continuativo (isto é, o padrão que indica a não finalização da frase) (*e.g.* KAMINSKAÏA, 2016). No PLB, bem como no PE (BRA, COB, CTB, EVA, NEP), no PB (SP, RJ) e no PGB, melodias compostas por um tom de fronteira alto, frequentemente acompanhadas de acentos bitonais ascendentes, também caracterizam IPs não finais de um dado enunciado, conferindo um sentido de continuidade aos enunciados a que estão associadas (TENANI, 2002; FROTA *et al.*, 2007; SERRA, 2009; SANTOS, V., 2015; FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, a sair). Apesar de os dados não permitirem aprofundar a

discussão, a interpretação da enumeração no PLB é obtida devido à repetição de padrões tonais ascendentes nos itens não finais, independentemente de ser ou não um subtipo do padrão continuativo.

No que se refere à marcação de foco prosódico, o PLB utiliza um conjunto de estratégias entoacionais para a expressão de foco estreito análogo ao do PE e do PB. O PE (ALE, ALG, POR, SEP) possui um acento tonal descendente de foco (H^*+L), associado à PW final ou não final do enunciado, que contrasta, apenas pelo alinhamento, com o acento tonal nuclear da declarativa neutra de (grande parte de) suas variedades ($H+L^* L\%$ em neutras vs. $H^*+L L\%$ em focalizadas) (FROTA, 2000, 2012b, 2014; FERNANDES, 2007b; CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a). No PLB, H^*+L é o acento tonal de foco final mais recorrente, visto que é encontrado tanto em IPs contendo uma única PW quanto em IPs formados por mais de uma PW em que o foco é final.

No PB (BA, MG, RJ, RS, SP), diferentemente do PE, existe variação na implementação prosódica do foco estreito final e não final (FERNANDES, 2007b; MORAES, 2008; TRUCKENBRODT; SANDALO; ABAURRE, 2009; FROTA *et al.*, 2015a; CARNAVAL, 2017). Essa variação está alinhada ao que observamos no PLB. Para o foco final, além de um contorno entoacional ascendente-descendente ($L^*+H L\%$ em SP, MG e BA) ou ascendente-suspensivo ($L^*+H !H\%$ no RS), registra-se, no PB, um contorno descendente, descrito com a mesma configuração da declarativa neutra, $H+L^* L\%$, em SP e RJ (MORAES, 2008; TRUCKENBRODT; SANDALO; ABAURRE, 2009; FROTA *et al.*, 2015a; CARNAVAL, 2017). Identificamos também a configuração tonal $iH+L^* L\%$ nos dados do PLB, associado (exclusivamente) a IPs contendo uma única PW. A altura de H, nesse caso, é uma pista relevante para distinguir a declarativa neutra ($H+L^* L\%$) da declarativa focalizadas ($iH+L^* L\%$) no português libolense. De forma semelhante, a altura do acento tonal $H+L^*$ também é um dos elementos que contrasta o contorno neutro e o foco estreito no RJ (MORAES, 2008; CARNAVAL, 2017).

Já no caso de foco estreito não final, há tanto melodias descendentes quanto ascendentes e ascendentes-descendentes no PB ($H+L^*$, H^*+L , $L^*+H L^-$ em SP; $L+iH^*$, $iH+L^*$ no RJ) (FERNANDES, 2007b; TRUCKENBRODT; SANDALO; ABAURRE, 2009; CARNAVAL, 2017). Esses movimentos tonais também estão presentes nas declarativas do PLB, sendo identificados os seguintes acentos tonais associados ao seu elemento focalizado: $L+H^*$ e $H>+L^*$.¹⁵

¹⁵ Notamos que a realização do tom baixo do acento tonal $H>+L^*$ exibe um formato convexo em contexto de foco contrastivo, sendo distinto da realização dos acentos bitonais descendentes $H>+L^*$ descritos para as declarativas exclamativas e dubitativas, bem como para certas interrogativas totais confirmatórias (ver a seção 5.2.1.4). Formatos semelhantes são também apontados no PB. Moraes (2008, seção 2.3, tradução nossa) descreve que, no acento bitonal descendente de foco do RJ, “a F_0 na sílaba acentuada frequentemente assume um formato melódico convexo, em vez da queda regular”, sendo esse traço, junto ao nível melódico extra-alto na sílaba pretônica, uma característica perceptualmente relevante segundo o autor. A menção a um certo formato convexo do acento tonal descendente de foco em SP é também feita por Truckenbrodt, Sandalo e Abaurre (2009). Ademais, ainda que Carnaval (2017) não o mencione em seus dados

Além disso, o foco não final do PLB condiciona o contorno pós-focal a uma compressão tonal, assim como também condiciona no PE e no PB (embora exista a possibilidade de de-sacentuação para SP) (FERNANDES, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; TRUCKENBRODT; SANDALO; ABAURRE, 2009; CARNAVAL, 2017).

Quanto às declarativas exclamativas, dubitativas e óbvias, verificamos que o PLB parece não possuir configurações tonais específicas para marcar entoacionalmente exclamação e diferentes graus de certeza acerca de uma pressuposição, visto que essas declarativas são marcadas por configurações e excursões tonais muito semelhantes às empregadas em declarativas focalizadas ($H+L^* L\%$, $H^*+L L\%$, $H>+L^* L\%$, $L+H^*$). Declarativas dubitativas e parte das declarativas exclamativas empregam um contorno entoacional nuclear $H>+L^* L\%$ cujo acento tonal é muito próximo ao acento tonal $H>+L^*$ do foco estreito não final de IP no que refere ao alinhamento dos tons. A diferença é que o tom L da sílaba tônica não apresenta um formato convexo como no foco estreito. Outra parte das declarativas exclamativas (assim como exclamativas Q) emprega o acento tonal $L+H^*$, também encontrado em PWs focalizadas não finas de IP. Já em declarativas óbvias, os mesmos padrões descendentes $H+L^* L\%$ e $H^*+L L\%$ vistos em foco estreito final são registrados. Desse modo, em todas essas declarativas, a combinação da estrutura sintática e das propriedades prosódicas (entoação e duração, por exemplo) codifica o significado pragmático de cada tipo frásico.

5.2 Interrogativas

Interrogativas podem ser usadas para diversos propósitos comunicativos, desde funções diretivas (ordens, pedidos, perguntas) a funções assertivas, transmitindo diferentes nuances pragmáticas (PRIETO; RIGAU, 2007). Isso porque existe uma diferença entre as intenções do falante e as estruturas linguísticas possíveis por meio das quais ele pode expressá-las. Assim, uma frase declarativa pode ter a função de pergunta e uma frase que é formalmente uma interrogativa pode ter a função de imperativo (VANRELL; MASCARÓ, 2013, p. 68).

Ao enunciar uma interrogativa, o falante o faz porque desconhece um fato e está interessado em uma informação que considera que o seu interlocutor possui (—Tem ginguba? —Que horas são? —Queres laranja ou gelatina? —Onde vais e quando voltas?). No en-

do RJ, ele é visto em certas curvas de F_0 ilustradas pela autora para esse tipo de acento tonal. Todos esses formatos tonais parecem estar relacionados ao movimento tonal associado ao constituinte focalizado que indicamos por $H>+L^*$ no PLB. Investigações mais aprofundadas acerca dos acentos tonais descendentes relacionados a foco em variedades do português podem proporcionar uma interpretação fonológica mais precisa desses eventos tonais para o sistema entoacional do português e, conseqüentemente, indicar a relevância de distingui-las notacionalmente.

tanto, a função pragmática de uma sentença interrogativa não se restringe à busca por informação em muitos casos. A interrogativa pode ser empregada com outras intenções, como confirmar uma pressuposição (—Ah, faz frio? —Vens jantar, né?) ou um fato discursivo (—[Você perguntou se] são nove? —[Você perguntou] onde vou?), expressar surpresa (—O Miguel vai ser presidente?! —O que disseste que te deram?!), ordenar (—Podem se calar!? —Quando vais fazer!?), ofertar (—Querem caramelos?), entre muitas outras, com diferentes graus na força de cada uma das intenções. Nessas sentenças, “o pedido de informação —a pergunta— permanece em um plano secundário e a expressão de outras intenções do falante domina” (PRIETO, 2013, p. 17).¹⁶ Consequentemente, elas são enviesadas.

No que se refere à estrutura das interrogativas, é possível distingui-las em dois grupos: totais, de um lado, e parciais, do outro. **Interrogativas totais** (também denominadas globais, absolutas, polares ou sim/não) não são lexicalmente marcadas para interrogação em português e possuem uma cadeia sintática disposta de forma idêntica à das sentenças declarativas. Assim, a distinção entre declarativas e interrogativas totais é marcada apenas por meios prosódicos. Já **interrogativas parciais** (também denominadas de interrogativas Q, perguntas Qu- ou de constituinte), assim como em outras línguas românicas, são morfosintaticamente marcadas em português. Elas contêm uma palavra interrogativa — quem, quando, como, onde, por que, etc. — que pode identificar o enunciado como interrogativo (MATEUS *et al.*, 2003, p. 364).

Analisamos nesta seção dez tipos diferentes de interrogativas totais — neutra, focalizada, eco, antiexpectativa, confirmatória, confirmatória *tag*, imperativa, disjuntiva, enumerativa com disjunção, enumerativa com coordenação — e sete tipos diferentes de interrogativas parciais — neutra, eco, antiexpectativa, imperativa e com coordenação.

5.2.1 Interrogativa total

5.2.1.1 Interrogativa total neutra

Interrogativas totais neutras, também denominamos de interrogativas totais de busca de informação, são perguntas que buscam informações novas, sem nenhuma pressuposição ou expectativa por parte do falante quanto à resposta em potencial. Elas desencadeiam uma resposta afirmativa ou negativa (sim/não), cujo escopo é toda a informação enun-

¹⁶ No original:

[...] la petició d’informació —la pregunta— roman en un pla secundari i hi domina l’expressió d’altres intencions del parlant.

ada na pergunta. No PE, é mais comum apenas o uso do verbo no caso de a resposta ser afirmativa (BRITO, 2003; MARTINS, 2016), ocorrendo o mesmo no PLB (JORGE, 2018), e a resposta ‘sim’ indicaria formalidade no PB (KATO, 2007, 2016). Um dos contextos empregados no DCT e uma das sentenças utilizadas no RT (tarefas INTY e INTYX) para obtenção desse tipo frásico podem ser observados em (12) e (13).

(12) **Interrogativa total neutra** ^[DCT_11]

CONTEXTO: Você entra numa cantina e pergunta ao vendedor se tem ginguba.

ENUNCIADO: *Tem ginguba?*

(13) **Interrogativa total neutra** ^[INTY_7]

CONTEXTO: Não sei o que aconteceu.

ENUNCIADO: *Ela foi ver a Maria?*

Na análise, foram utilizados 159 enunciados: 49 selecionados no DCT, 84 selecionados no RT e 26 selecionados no CT. Os resultados atestam que o contorno entoacional nuclear das interrogativas totais neutras apresentam dois formatos melódicos: ascendente-descendente e ascendente.

O primeiro formato, comum a todos os falantes, é composto de uma ascendência realizada inteiramente na sílaba tônica. O início da inflexão está alinhado ao ataque silábico e o pico ocorre na borda direita da vogal nuclear (L+H*). Uma queda final, que atinge a base da gama tonal do falante na sílaba postônica final, segue a descendência (L%) (figura 25a). Esse é o padrão majoritário, tanto em dados semiespontâneos (59.2%) quanto em dados lidos (71.4%) e espontâneos (76.9%).

O segundo formato melódico compreende dois padrões tonais. Um deles é formado por um tom baixo ao longo da sílaba tônica nuclear (L*), seguido por uma ascendência tonal que se realiza na vogal da sílaba postônica (H%) (figura 25b). As palavras proparoxítonas dos dados de leitura, como ‘Débora’, reforçam essa análise para a fronteira, já que a ascendência se inicia na sílaba postônica não final ‘bo’, levando a uma interpretação do trecho postônico como monotonal. O outro padrão tonal é formado por uma ascendência realizada já na sílaba tônica (L+H*), que se estende até o final do enunciado (H%) (figura 25c). Para um dos falantes (FBSF), L+H* H% pode ser interpretado como resultado da implementação fonética do padrão fonológico L* H%, visto que é atestado associado somente a oxítonos, sejam de dados semiespontâneos ou de dados lidos. Já para outros dois falantes que o produzem, L+H* H% é encontrado também em paroxítonos de seus dados semiespontâneos (MMEF) e lidos (MCLF), conduzindo a uma interpretação fonológica bitonal do acento tonal nuclear. Desse modo, se o padrão ascendente-descendente é /L+H* L%/ para

todos os falantes, o padrão ascendente é /L+H* H%/ para dois falantes (MMEF, MCLF) e /L* H%/ para os demais (DOMJ, FSBF, JOAL, JUJM, KJAJ).

Nas tabelas 15, 16 e 17, apresentamos a distribuição entre falantes dos tipos de contornos entoacionais nucleares encontrados para sentenças nas três tarefas (DCT, RT, CT).

Figura 25 – Tarefa: DCT [15]. Tipo frásico: Interrogativa total neutra. Contexto: Você entra numa cantina e pergunta ao vendedor se tem ginguba. Falante: (a) DOMJ. (b) JUJM. (c) MMEF.

Tabela 15 – Contorno entoacional nuclear da interrogativa total neutra no DCT.

	L+H* H%	L* H%	L+H* L%
DOMJ	-	3	7
FSBF	2	6	4
JOAL	-	-	8
JUJM	-	4	2
MMEF	5	-	8
Total	7	13	29
N=49	14.3%	26.5%	59.2%

Tabela 16 – Contorno entoacional nuclear da interrogativa total neutra no RT.

	L+H* H%	L* H%	L+H* L%
FSBF	4	12	30
MCLF	8	-	30
Total	12	12	60
N=84	14.3%	14.3%	71.4%

Tabela 17 – Contorno entoacional nuclear da interrogativa total neutra no CT.

	L* H%	L+H* L%
DOMJ	4	1
FSBF	-	5
JOAL	-	5
KJAJ	2	4
JAAN	-	5
Total	6	16
N=26	23.1%	76.9%

No que se refere a estratégias de acomodação entre texto e melodia, verifica-se que, no caso de a sílaba nuclear ser também a sílaba final do enunciado, isto é, um oxítono, o tom de fronteira dos padrões tonais L+H* L% e L* H% é realizado consistentemente (i) na semivogal do ditongo decrescente — ‘choveu’ [ʃo'vew] (figura 26), ‘João’ [ʃwẽw]; (ii) na coda silábica — ‘angelical’ [ãnzeli'kal] (figura 27a); (iii) na própria vogal da sílaba aberta — ‘jacaré’ [ʒaka'rɛ] (figura 28) — e da sílaba travada por consoante surda — ‘dez’ [dɛ] —, que também abarcam o acento tonal; (iv) junto à mudança de qualidade da vogal na realização da coda silábica — mar [ma'r] (dados de MCLF); ou (iv) numa sílaba criada por epêntese

— ‘mar’ [‘ma.re] (dados de FSBF) (figura 27b). Essas estratégias se verificam nas demais interrogativas totais também.

Figura 26 – Tarefa: DCT [12]. **Tipo frásico:** Interrogativa total neutra. **Contexto:** Você saiu de casa e viu a rua molhada. Pergunta se choveu. **Falante:** (a) JOAL. (b) JUJM.

Figura 27 – Tarefa: RT_INTY [4,12]. **Tipo frásico:** Interrogativa total neutra. **Contexto:** Queria saber o que aconteceu. **Falante:** FSBF.

Figura 28 – Tarefa: RT_INTYX [3]. **Tipo frásico:** Interrogativa total neutra. **Contexto:** Leia a seguinte pergunta. **Falante:** FSBF.

A variabilidade intrafalante de padrões tonais encontrados associados a um mesmo tipo frásico sugere que cada padrão deva transmitir ao menos nuances pragmáticas distintas.¹⁷ No geral, em dados semiespontâneos, os padrões ascendentes (L* H%, L+H* H%) são

¹⁷ No caso do RT, não é possível depreender graus distintos de cortesia/distância social dos interlocutores a partir de seus contextos, os quais são somente informações breves e gerais para a produção desse tipo

produzidos com mais frequência pelo contexto em (14) (75%, $n=15/20$) do que pelo contexto em (15) (25%, $n=5/20$). Inversamente, padrões ascendentes-descendentes (L+H* L%) são produzidos mais frequentemente pelo contexto em (15) (71.4%, $n=15/21$) do que pelo contexto em (14) (28.6%, $n=6/21$).¹⁸

(14) **Contexto:** Você entra numa cantina e pergunta ao vendedor se tem ginguba. [DCT_11]

(15) **Contexto:** Você saiu de casa e viu a rua molhada. Pergunta se choveu. [DCT_12]

É possível que a diferença na distribuição dos padrões tonais esteja relacionada à diferença nos contextos: no primeiro, o interlocutor para o qual o falante deve dirigir sua pergunta é determinado (“o vendedor da cantina”), ao passo que, no segundo, o interlocutor é indeterminado. Assim, embora pesquisa de produção e percepção com falantes do PLB direcionada a esse assunto seja necessária, ao se imaginar que o grau de cortesia requerido no primeiro caso é maior do que no segundo, pode-se pressupor que os contornos ascendentes são empregados preferencialmente quando uma maior cortesia é requerida e os ascendentes-descendentes, quando uma menor cortesia é requerida. É interessante notar que tal hipótese vai ao encontro do que afirmam Frota *et al.* (2015a, p. 265–266) sobre dados do PE e do PB, embora para outro tipo de interrogativa: os autores sugerem que, para as interrogativas parciais neutras, uma ascendência final pode agregar polidez adicional à pergunta, cujo contorno nuclear é normalmente descendente. A distribuição dos contornos ascendentes e ascendentes-descendentes nas demais interrogativas totais reforça essa ideia, conforme é mencionado nas demais seções deste capítulo.

5.2.1.2 Interrogativa total focalizada

Interrogativas totais focalizadas são perguntas nas quais há uma leitura de foco em determinada parte do enunciado (FROTA, 2014; MORAES; CARNAVAL; COELHO, 2015). Diferentemente do que ocorrer nas declarativas (16), nas quais o constituinte focalizado é a informação nova fornecida pelo falante, nas interrogativas, sejam totais (17) ou parciais (18), o constituinte focalizado é a informação que ele solicita ao interlocutor. Os exemplos foram adaptados do artigo de Moraes, Carnaval e Coelho (2015, p. 172).

frásico (ex.: “Não sei o que acontece”, “Não entendo nada desse filme”, etc.) No entanto, esses contextos podem ser equiparados ao interlocutor “indeterminado” apresentado em (15).

¹⁸ O cálculo desconsidera os dados de JOAL, que apresenta um único padrão para os dois contextos.

- (16) A: Quando você esteve com o Luiz?
B: Eu estive com ele [hoje.]_F

- (17) A: Estive com o Luiz.
B: Você esteve com ele [hoje.]_F

- (18) A: Estive com o Luiz.
B: [Quando]_F você esteve com ele?

Há um conjunto específico de sentenças empregadas no RT (tarefa INTY, com 9 sentenças) para a produção de foco estreito em interrogativas totais, como o que pode ser visto em (19). Conforme já mencionado para as declarativas focalizadas, os participantes não compreenderam totalmente os contextos da tarefa, visto que foram produzidas sentenças declarativas neutras em praticamente todos os casos. Entre os dados, foram produzidas, efetivamente, apenas três interrogativas totais com um constituinte focalizado.

- (19) **Interrogativa total com foco estreito** ^[IntY_11]
CONTEXTO: Não sei se é o João ou outra pessoa que tu queres ver.
ENUNCIADO: *Queres ver O JOÃO?*

Apresentamos os três dados referente às interrogativas nas figuras 29, 30 e 31. Assim como em declarativas com foco não final, os padrões tonais H>+L* e L+H* foram os encontrados no constituinte focalizado não final dessas interrogativas. Além da melodia de foco, o elemento focalizado é delimitado por uma quebra (faringalização/obstrução glotal/alongamento), que contribui para torná-lo mais evidente. Já as PWs finais apresentam os padrões nucleares típicos das interrogativas totais: L+H* L%, L+H* H% e L* H%.

Figura 29 – Tarefa: RT_INTY [18]. Tipo frásico: Interrogativa total com foco estreito. **Contexto:** Vi um quadro na exposição, mas não me lembro se o motivo era uma manhã ou uma noite âmbar. **Falante:** MCLF.

Figura 30 – Tarefa: RT_INTY [19]. Tipo frásico: Interrogativa total com foco estreito. **Contexto:** Ouvi a música que tu pediste, mas não sei se é uma manhã ou uma noite que o cantor acha angelical. **Falante:** FSBF.

Figura 31 – Tarefa: RT_INTY [19]. Tipo frásico: Interrogativa total com foco estreito. **Contexto:** Ouvi a música que tu pediste, mas não sei se é uma manhã ou uma noite que o cantor acha angelical. **Falante:** MCLF.

5.2.1.3 Interrogativa total eco

Sentenças interrogativas eco, também denominadas de interrogativas reiterativas, são perguntas que repetem alguma informação mencionada anteriormente no discurso. Ao fazer a pergunta, o falante pode querer somente checar se ele entendeu o interlocutor corretamente (FROTA *et al.*, 2015a, p. 257). Elas licenciam uma resposta afirmativa ou negativa acerca da compreensão. O falante também pode querer transmitir um significado antiexpectativo, como surpresa, descrença, reprovação ou indignação quanto ao conteúdo da informação (PRIETO, 2013, p. 22). Portanto, para além de demandar uma resposta do tipo sim/não, a pergunta tem o objetivo de indicar que a informação discursiva contradiz a expectativa do falante. Para melhor referirmos a cada um desses subtipos de interrogativas eco, reservamos o termo “eco” ao primeiro caso, e o termo “antiexpectativa”, ao segundo.

Tanto interrogativas parciais (descritas na [seção 5.2.2.2](#)) quanto totais podem constituir interrogativas eco e antiexpectativa. Exemplos dos contextos usados para obter interrogativas totais desse tipo no DCT são dados em (22) e (22). Entre os enunciados produzidos, selecionamos 71 para análise.

(20) **Interrogativa total eco** ^[DCT_27]

CONTEXTO: O KJAJ te diz as horas, mas você não entendeu muito bem. Você acha que ele disse ‘são nove’. Pergunta o que ele te disse, se são nove.

ENUNCIADO: *São nove?*

(21) **Interrogativa total antiexpectativa** ^[IntY_30]

CONTEXTO: O KJAJ te disse que o vosso colega Mário vai concorrer a Presidente do Desportivo do Libolo. Você fica muito surpreso e volta a perguntar pro KJAJ, sem acreditar, se o Mário vai concorrer a presidente.

ENUNCIADO: *O Mário vai concorrer a presidente?!*

O contorno entoacional nuclear das **interrogativas totais eco** é semelhante ao contorno ascendente-descendente encontrado em interrogativas totais neutras: L+H* L%. A ascendência do acento tonal nuclear normalmente se inicia em uma posição tonal média e o final da descendência atinge níveis mais baixos ([figura 32](#)). Apresentamos a distribuição desse contorno entre os falantes na [tabela 18](#).

O emprego de contornos nucleares semelhantes em interrogativas totais eco e interrogativas totais neutras é também uma característica compartilhada pelo PE (POR, ALG) e pelo PB (BA, MG, SP, RS) (FROTA *et al.*, 2015a, p. 257). Por outro lado, a antiexpectativa é o único tipo frásico, entre as interrogativas totais, em que se encontraram propriedades entoacionais específicas nessas variedades. Essas propriedades referem-se à marcação de

Figura 32 – Tarefa: DCT [27]. **Tipo frásico:** Interrogativa total eco. **Contexto:** O KJAJ te diz as horas, mas você não entendeu bem. Você acha que ele disse são nove. Pergunta o que ele te disse, se são nove. **Falante:** (a) JOAL. (b) FSBF.

Tabela 18 – Contorno entoacional nuclear da interrogativa total eco no DCT.

	L+H* L%
DOMJ	7
FSBF	7
JOAL	5
JUJM	2
MMEF	4
Total	25
N=25	100%

foco (inicial ou final) no constituinte que porta a “antiexpectatividade” (FROTA *et al.*, 2015a, p. 259). Nos dados do PLB, porém, não identificamos marcas entoacionais específicas e distintivas em relação à entoação das interrogativas totais neutras.

As interrogativas totais antiexpectativa do PLB, assim como as totais eco, também exibem um contorno entoacional nuclear ascendente-descente L+H* L% (figura 33). A diferença que pode haver entre os padrões nucleares dos dois subtipos de interrogativa reside na gama tonal da ascendência nuclear: é possível notar que a excursão entre o tom L dianteiro e o tom H central é normalmente maior nas totais antiexpectativa do que nas totais eco. Na tabela 19, expomos a distribuição desse contorno entre os falantes.

Para os dados de um falante (JUJM), no entanto, o acento tonal nuclear é notadamente comprimido (L+!H*), contrapondo ao H extra-alto recorrente nos dados dos demais falantes. Os dois formatos melódicos nucleares atestados, L+H* L% e L+!H* L%, podem ser decorrentes de diferenças pragmáticas: o primeiro transmitiria surpresa à antiexpectativa e o segundo, possivelmente, incredulidade (contraponha as figuras 34a e figura 34b).

Figura 33 – Tarefa: DCT [30]. **Tipo frásico:** Interrogativa total antiexpectativa. **Contexto:** O KJAJ te disse que o vosso colega Mário vai concorrer a Presidente do Desportivo do Libolo. Você fica muito surpreendido e volta a perguntar pro KJAJ, sem acreditar, se o Mário vai concorrer a presidente. **Falante:** (a) MMEF. (b) FSBF.

Figura 34 – Tarefa: DCT [31]. **Tipo frásico:** Interrogativa total antiexpectativa. **Contexto:** O Miguel não sabe nada de desportos, nem de futebol. E o KJAJ fala que ele vai ser o novo presidente do Desportivo do Libolo. Então, você pergunta, muito admirado, se o Miguel vai ser presidente. **Falante:** (a) DOMJ. (b) JUJM.

Tabela 19 – Contorno entoacional nuclear da interrogativa total eco antiexpectativa no DCT.

	L+H* L%
DOMJ	9
FSBF	11
JOAL	11
JUJM	6
MMEF	9
Total	46
N=46	100%

5.2.1.4 Interrogativa total confirmatória

Interrogativas totais confirmatórias são utilizadas quando o falante acredita saber a resposta para a pergunta e procura que o interlocutor confirme sua suposição (PRIETO; CABRÉ, 2013). Embora reclamem uma resposta afirmativa ou negativa, ela é direcionada a uma das polaridades, já que têm uma expectativa de resposta e estão solicitando uma informação dada/pressuposta. Elas podem apresentar diversos graus de certeza quanto à pressuposição do falante, indo de uma crença segura a uma de caráter mais hipotético. Em português, essas interrogativas são sintaticamente equivalentes a uma interrogativa total neutra e, portanto, são dispostas conforme uma declarativa. Logo, a diferença entre os três tipos frásicos recai em distinções prosódicas.

O contexto para a produção da interrogativa total confirmatória no DCT é fornecido em ???. A partir dele foram produzidos os 23 enunciados selecionados para análise.

(22) **Interrogativa total confirmatória** ^[DCT_16]

CONTEXTO: Você sabe que lá fora está fazendo muito frio. Uma pessoa com roupas de frio entra e, pra confirmar, você pergunta se faz frio.

ENUNCIADO: *Faz frio?*

A maior parte dos enunciados produzidos por esse contexto possui padrões entoacionais nucleares ascendentes e ascendentes-descendentes semelhantes ao de interrogativas totais neutras e totais eco (figura 35). Em termos distribucionais gerais, se alinham, de certo modo, com as frequências encontradas para as neutras: L+H* L% é predominante e comum a todos os falantes (60.9%) e L+H* H% e L* H% são menos frequentes (39.1%). Fornecemos na tabela 20 a distribuição desses contornos por falante.

Figura 35 – Tarefa: DCT [16]. **Tipo frásico:** Interrogativa total confirmatória. **Contexto:** Você sabe que lá fora está fazendo muito frio. Uma pessoa com roupas de frio entra e, pra confirmar, você pergunta se faz frio. **Falante:** (a) DOMJ. (b) JUJM.

Tabela 20 – Contorno entoacional nuclear da interrogativa total confirmatória no DCT.

	L+H* H%	L* H%	L+H* L%
DOMJ	-	1	3
FSBF	-	4	2
JOAL	-	-	4
JUJM	-	3	1
MMEF	1	-	4
Total	1	8	14
N=23	4.3%	34.8%	60.9%

Embora tenham sido produzidas em contexto de obtenção de interrogativa total confirmatória, não foram identificadas nelas marcas entoacionais que possam transmitir o valor pragmático de confirmação. O emprego dos mesmos contornos nucleares para esses dois tipos de interrogativas pragmaticamente distintos é uma característica já observada por Frota *et al.* (2015a, p. 262) no PB (BA, MG, SP, RS) e no PE (ALE, ALG, POR, SEP).

Outra forma possível de solicitar uma confirmação é por meio de uma estrutura descrita na literatura como sendo composta de uma declarativa e de uma *question tag* (partícula interrogativa), que formaria, segundo o algoritmo de formação dos domínios prosódicos (NESPOR; VOGEL, 2007 [1986]), um IP independente. No contexto dado em (23), um dos empregados na elicitación desse tipo de confirmatória no DCT, a *tag* é o elemento ‘né?’. Para esse tipo frásico, foram analisados 37 enunciados selecionados.

(23) **Interrogativa total confirmatória *tag*** ^[DCT_17]

CONTEXTO: Você convidou o KJAJ pra jantar na tua casa. E você acha que ele já esqueceu. Então, confirma, pergunta se ele vem jantar?

ENUNCIADO: *Vens jantar, né?*

Nos dados do PLB, o primeiro contorno nuclear (NC₁) é realizado frequentemente (64.9%, $n=24/37$) com um padrão tonal descendente (ou baixo), que se assemelha ao da declarativa neutra: H+L* L% ou (H+)L* L% (figura 36a). No entanto, para alguns falantes, parte dos contornos nucleares (35.1%, $n=13/37$) apresenta um padrão descendente H*+L L%, similar ao da declarativa focalizada (figura 36b).

O segundo contorno nuclear (NC₂), que corresponde às *tags*, por sua vez, exibe somente uma melodia ascendente, semelhante àquelas encontradas em interrogativas totais: L+H* H%. Esse mesmo contorno é visto em dados espontâneos. A produção de L+H* H% em *tags* por falantes que possuem L* H% para interrogativas totais neutras (DOMJ, FSBF, JUJM) pode ser motivada na acomodação da melodia no monossílabo, visto que, em alguns casos de pronúncia mais lenta de (*né*)_{PW}, uma configuração L* H% se sustentaria (*tags* com um número maior de sílabas não estão disponíveis para testar as possibilidades de asso-

ciação e alinhamento dos eventos tonais).¹⁹ Não sendo esse o caso, L+H* H% caracteriza *question tags* confirmatórias de todos os falantes. Outra alternativa seria postular que a *tag* não porta acento tonal, mas apenas um tom de fronteira ascendente, que marca inter-rogação, analogamente a uma das possibilidades que Serra (2009, p. 134) descreve para sentenças seguidas da *tag* ‘né’ no PB do RJ. Observe a distribuição dos padrões tonais associados ao primeiro e ao segundo núcleo por falante na [tabela 21](#).

Figura 36 – Tarefa: DCT [18]. **Tipo frásico:** Interrogativa total confirmatória *tag*. **Contexto:** Você convidou o KJAJ pra jantar na tua casa. E você acha que ele já se esqueceu. Então, confirma, pergunta se ele vem jantar. **Falante:** (a) MMEF. (b) FSBF.

Tabela 21 – Contorno entoacional nuclear da interrogativa confirmatória *tag* no DCT.

Núcleo 1				Núcleo 2 (<i>tag</i>)	
	(H+)L* L%	H*+L L%	H+L* L%	L+H* H%	
DOMJ	-	-	5	DOMJ	5
FSBF	-	4	3	FSBF	7
JOAL	-	3	7	JOAL	10
JUJM	2	-	4	JUJM	6
MMEF	-	6	3	MMEF	9
Total	2	13	22	Total	37
N=37	5.4%	35.1%	59.5%	N=37	100%

Retornando às interrogativas totais confirmatórias sem *tag*, existem evidências na literatura das línguas românicas para a distinção entre elas e as interrogativas totais neutras por meios entoacionais, seja por distinções nas configurações tonais nucleares (VANRELL *et al.*, 2010a, 2012 – variedades do catalão; GRICE; SAVINO, 1997 – italiano de Bari), nas alturas do H de um mesmo acento tonal nuclear (VANRELL *et al.*, 2010b, 2012 – catalão balear) ou nos alinhamentos tonais (ARMSTRONG, 2010 – espanhol porto-riquenho). Quanto ao português, Moraes (2008) traz uma análise fonética e fonológica, com base no PB do RJ, da entoação da interrogativa que ele denomina de *request for confirmation* ‘pedido de con-

¹⁹ Há um segundo contexto para a produção de *question tags* — [DCT_18] — cujo objetivo é produzir *tags* mais extensas prosodicamente (em número de sílabas ou palavras fonológicas, como, por exemplo, ‘não foste?’) do que as produzidas pelo contexto em (23). Contudo, na maioria dos casos, os falantes enunciam também a *tag* curta ‘né?’. Nos dados espontâneos, também encontramos apenas a *tag* ‘né’.

firmação’, “uma pergunta para a qual é esperada uma resposta da mesma polaridade da proposição contida na pergunta” (MORAES, 2008, seção 2.4).²⁰

Algumas sentenças sem *tag* do PLB (4 dados de DOMJ) foram produzidas com características prosódicas semelhantes às descritas por Moraes (2008) para as *requests for confirmation*. Assim como no PB carioca, elas apresentam “uma ascendência para um nível tonal extra-alto na sílaba pretônica final, seguida de uma queda [acentuada] para um nível baixo na tônica, um nível que permanece baixo nas sílabas postônicas”, e esta queda “corresponde a um alinhamento precoce do pico de F_0 no tom L^* (em vez de um alinhamento central)” (MORAES, 2008, seção 2.4).²¹ Cabe notar que a pretônica final a que Moraes (2008) se refere em seus dados — (*jogava*)_{PW} — coincide com a posição em que a ascendência se inicia nos dados do PLB também: a sílaba inicial da PW nuclear (*no Kamama*)_{PW}. Essa descrição e a realização desse contorno nos dados do PLB é compatível com a representação $H>+L^* L\%$ que adotamos também para certas declarativas. A diferença é que o pico tonal atinge valores de F_0 mais elevados nas supostas request for confirmation do PLB (figura 37a). Algumas outras produções com *tag* também apresentam esse contorno característico no primeiro contorno nuclear (1 dado de FSBF, 4 dados de DOMJ) (figura 37b) ou contêm um formato muito próximo, porém com uma expansão tonal menos acentuada (2 dados de para cada um dos seguintes falantes: DOMJ, FSBF, JUJM, MMEF).

Figura 37 – Tarefa: DCT [18]. **Tipo frásico:** (a) Interrogativa total confirmatória e (b) confirmatória *tag*. **Contexto:** O KJAJ mora no Quissongo. E ele só vem pra Calulo pra ir no Mercado Kamama. E ele está por aqui. Pergunta, confirmando, se ele foi no Kamama. **Falante:** DOMJ.

²⁰ No original:

[...] a question to which a reply of the same polarity of the proposition contained in the question is expected [...]

²¹ No original:

[...] there is a rise to an extra-high pitch level on the final pre-stressed syllable followed by a fall to a low level on the stressed one, a level that remains low on the poststressed syllables.

[...] corresponds to an early alignment of the F_0 peak in the L^* tone (instead of a central alignment)
[...]

Levando em consideração todas as produções descritas nesta subseção, é possível supor que as interrogativas totais da [figura 35](#) sejam, na realidade, neutras, tendo sido produzidas dessa forma ou pela não compreensão da tarefa pelos participantes ou pelas estratégias com *question tag* ou com uso da entoação da *request for confirmation* serem as únicas formas efetivas de solicitar uma confirmação no PLB. É possível também que todas as interrogativas totais descritas sejam confirmatórias, expressando graus de certeza diferentes para a confirmação (do mais baixo, sem *tag*, ao mais alto, com *tag*). Nesse sentido, a sentença ‘Foste no Kamama’ da [figura 37a](#), referida como *request for confirmation*, seria uma oração confirmatória de natureza não interrogativa e, desse modo, participaria da construção com *tag* assim como uma declarativa o faz, embora com graus de certeza maior e menor respectivamente. E mais: não se pode ignorar a semelhança que o acento tonal nuclear H>+L* dessas interrogativas têm com o de certas declarativas não neutras (como as enfatizadas e as exclamativas). Todas essas questões, no entanto, devem ser discutidas à luz de novos estudos acerca desse tipo frásico, seja no próprio PLB ou em outras variedades de português.

5.2.1.5 Interrogativa total imperativa

Interrogativas podem também ter o valor pragmático imperativo, isto é, com a função de levar o interlocutor a adotar um comportamento de acordo com o conteúdo da pergunta (ato de fala diretivo). A interrogativa imperativa pode variar de uma forte ordem a um pedido brando ou mesmo uma sugestão/oferta. O uso da forma interrogativa do imperativo, quer por meio de interrogativas parciais (tema da [seção 5.2.2.3](#)) quer por meio de totais, atenua o sentido impositivo contido numa oração imperativa não interrogativa (*e.g.* PRIETO, 2014, p. 70 – catalão).²²

Nas interrogativas totais imperativas aqui analisadas, o falante faz uma pergunta para realizar uma ordem (ou pedido), conforme o contexto em [\(24\)](#), ou para fazer uma oferta ao interlocutor, conforme o contexto em [\(25\)](#). Embora requeiram uma resposta do tipo sim/não, sua intenção é que o interlocutor acate o pedido contido na pergunta.

(24) Interrogativa total imperativa (ordem/pedido) ^[DCT_19]

CONTEXTO: Você está vendo televisão. E os teus irmãos começam a fazer muito barulho e não estão te deixando ouvir a televisão. Pede pra eles se eles podem se calar.

ENUNCIADO: *Podem se calar?*

²² Imperativos não interrogativos são descritos na [seção 5.3](#).

(25) **Interrogativa total imperativa (oferecimento)** [DCT_20]

CONTEXTO: Pergunta se eles querem caramelos.

ENUNCIADO: *Querem caramelos?*

Foram empregados na análise desse tipo frásico 35 enunciados coletados por meio do DCT,²³ nos quais observamos que a interrogativa total imperativa, seja expressando ordem/pedido ou oferecimento, emprega contornos entoacionais ascendentes ($L^* H\%$, $L+H^* H\%$) e ascendentes-descendentes ($L+H^* L\%$) semelhantes aos atestados, em geral, nas demais interrogativas totais. A diferença é que percebemos uma intensidade maior nas imperativas se comparadas às neutras. Na [tabela 22](#), encontra-se a distribuição desses contornos por falante.

Os subtipos de imperativas também se diferenciam prosodicamente. A extensão do contorno entoacional nuclear das interrogativas totais com finalidade de oferecimento é relativamente maior — ou seja, a gama tonal é expandida — em relação à do contorno pré-nuclear ([figura 38](#)). Já em interrogativas totais imperativas com finalidade de ordem/pedido, as inflexões nucleares e pré-nucleares são proporcionais, além de se perceber que a sentença tende a ter uma intensidade relativamente maior, que pode ser usada para intensificar o efeito impositivo ([figura 39](#)). Além disso, a entoação ascendente-descendente expressa aparentemente uma ordem mais estrita que a entoação ascendente, que tem um caráter mais sugestivo. Em oferecimentos, a ascendência tem a aparente função de empregar maior cortesia.

Tabela 22 – Contornos entoacionais nucleares da interrogativa total imperativa no DCT.

	$L+H^* H\%$	$L+H^* L\%$	$L^* H\%$
DOMJ	-	-	5
FSBF	-	1	7
JOAL	-	7	-
JUJM	-	-	4
MMEF	7	4	-
Total	7	12	16
N=35	20%	34%	46%

²³ Nem sempre o contexto em (24) produziu interrogativas totais imperativas, sendo enunciados, muitas vezes, imperativos não interrogativos. Inversamente, a situação produtora de imperativo não interrogativo dada em (i) também produziu imperativas interrogativas. Portanto, reagrupamos os enunciados produzidos em tais situações de acordo com seu tipo frásico e, assim sendo, foram considerados três contextos do DCT: [19, 20, 34].

(i) **Imperativo: ordem** [DCT_34]

CONTEXTO: Os teus irmãos continuam a fazer muito barulho. Manda eles se calarem.

ENUNCIADO: *Podem se calar?* [*Calem-se*].

Figura 38 – Tarefa: DCT [20]. **Tipo frásico:** Interrogativa total imperativa (oferecimento). **Contexto:** Pergunta se eles querem caramelos. **Falante:** (a) MMEF. (b) FSBF.

Figura 39 – Tarefa: DCT [19]. **Tipo frásico:** Interrogativa total imperativa (ordem/pedido). **Contexto:** Você está vendo televisão. E os teus irmãos começam a fazer muito barulho e não estão te deixando ouvir a televisão. Pede a eles se eles podem se calar. **Falante:** (a) DOMJ. (b) FSBF.

5.2.1.6 Interrogativa total disjuntiva

Assim como em interrogativas totais neutras, em interrogativas totais disjuntivas, o falante também busca uma informação que não possui. No entanto, diferentemente daquelas (e das demais interrogativas totais discutidas), estas não acarretam respostas do tipo sim/não, visto que o falante solicita ao interlocutor que escolha uma entre duas ou mais proposições que compõem a pergunta, as quais podem ser orações inteiras ou apenas sintagmas.²⁴ Em outras palavras, as alternativas de resposta estão explicitamente contidas na pergunta. Nessa sentença, é veiculada a expectativa do falante de que apenas umas das proposições é verdadeira em dada situação (MATEUS *et al.*, 2003; PRUITT; ROELOFSEN, 2013). As proposições formam uma lista fechada de itens — uma enumeração — e a conjunção co-

²⁴ Na literatura, os termos *alternative question* 'interrogativa alternativa' e *disjunctive yes/no question* 'interrogativa total disjuntiva' podem se referir a diferentes tipos de perguntas (e.g. PRUITT; ROELOFSEN, 2013). No entanto, utilizamos *disjunctive yes/no question* como sinônimo da primeira, como o fazem, por exemplo, os estudos da obra editada por Frota e Prieto (2015a).

ordenativa 'ou' marca a alternância entre o elemento coordenado que ela introduz e os elementos coordenados anteriores, expressos sem a conjunção (NEVES, 2011, p. 711).

Os contextos empregados para a produção de interrogativas totais disjuntivas e interrogativas totais enumerativas com disjunção são apresentados em (26) e (27). Consideramos esses dois tipos frásicos correlacionados porque o primeiro contém uma lista disjuntiva de dois itens — em (26), 'laranja' e 'gelatina' —, ao passo que o segundo, uma lista disjuntiva de mais de dois itens — em (27), quatro itens: 'laranja', 'banana', 'limões' e 'mangas'.

(26) **Interrogativa total disjuntiva** ^[DCT_13]

CONTEXTO: Você e o KJAJ estão jantando. E você não sabe o que o KJAJ vai querer pra sobremesa.

Pergunta se ele quer laranja ou gelatina.

ENUNCIADO: *Queres laranja ou gelatina?*

(27) **Interrogativa total disjuntiva** ^[DCT_14]

CONTEXTO: Interrogativa total enumerativa com disjunção CONTEXTO: A JUJM quer comprar uma fruta e você não sabe que fruta ela quer comprar. Pergunta se ela quer laranjas, bananas, limões ou mangas.

ENUNCIADO: *Queres laranjas, bananas, limões ou mangas?*

Segundo Rosignoli (2017), baseada em Mateus *et al.* (2003), no PB de SP, duas proposições de uma interrogativa total disjuntiva formam dois núcleos independentes, conectados pela conjunção. Portanto, na investigação das interrogativas totais disjuntivas e enumerativas com disjunção no PLB, feita com base na análise de 76 enunciados produzidos no DCT, as sentenças foram subdivididas em: (i) *PW pré-nuclear* — PWs pré-nucleares que não são itens da lista; (ii) *itens pré-nucleares* — PWs que compõem itens da lista, mas não são o penúltimo item (isto é, aquele que antecede a conjunção 'ou'); (iii) *núcleo 1* — PW que compõe o penúltimo item da lista, antecedendo a conjunção; e (iv) *núcleo 2* — PW que compõe o último item da lista, introduzida pela conjunção. O esquema (I) ilustra essa divisão.

Lista				
.....				
(I)	<i>PW pré-nuclear</i>	<i>Itens pré-nucleares</i>	<i>Núcleo 1</i>	<i>Núcleo 2</i>
	Queres		laranja	ou gelatina?
	Queres	laranjas, bananas,	limões	ou mangas?

Nos dois subtipos de disjuntivas do PLB, a *PW pré-nuclear* porta um acento tonal H* ou L+H* em praticamente todos os casos (94.9%, $n=74/78$), sendo mapeada no mesmo IP da PW subsequente. O acento tonal é normalmente realizado num nível inferior ao do tom alto de L+H* das demais PWs.

As **interrogativas totais disjuntivas** não possuem *itens pré-nucleares*, já que sua lista é formada por dois elementos (ambos classificados como núcleos). O *primeiro núcleo* é caracterizado por uma melodia ascendente, formada categoricamente por um acento bitonal L+H* (figura 40a). Esse evento tonal pode ser seguido por um tom de fronteira H% (37.5%, $n=12/32$), com ou sem a presença de pausa (figura 40b).

O *segundo núcleo* da sentença exibe uma melodia composta por uma curva descendente, semelhante ao da declarativa neutra: H+L* L% (figura 40a). O trecho entre o tom alto do acento tonal nuclear e o tom alto do evento tonal que o precede exibe uma interpolação declinante progressiva. Quando esse segundo núcleo é separado do anterior por pausa (28.1%, $n=9/32$), o contorno entoacional nuclear é sempre antecedido por um tom de fronteira inicial alto (%H), que garante a declinação progressiva (figura 40b).

Apresentamos na [tabela 23](#) a distribuição dos contornos entoacionais nucleares do primeiro e segundo núcleos por falante.

Figura 40 – Tarefa: DCT [13]. **Tipo frásico:** Interrogativa total disjuntiva. **Contexto:** Você e o KJAJ estão jantando. E você não sabe o que o KJAJ vai querer pra sobremesa. Pergunta se ele quer laranja ou gelatina. **Falante:** (a) JOAL. (b) MMEF.

Tabela 23 – Contorno entoacional nuclear dos núcleos da interrogativa total disjuntiva no DCT.

Núcleo 1			Núcleo 2		
	L+H*	L+H* H%		%H H+L* L%	H+L* L%
FSBF	5	-	FSBF	-	5
DOMJ	5	1	DOMJ	-	7
JOAL	1	4	JOAL	4	1
JUJM	3	2	JUJM	1	3
MMEF	6	5	MMEF	4	7
Total	20	12	Total	9	23
N=32	(62.5%)	(37.5%)	N=32	(28.1%)	(71.9%)

Características semelhantes são encontradas nas **interrogativas totais enumerativas com disjunção** (figura 41). Nessas sentenças, a melodia dos *itens pré-nucleares* é ascendente ou ascendente-descendente, formada categoricamente por um acento bitonal L+H*. A melodia pode ser acompanhada de uma maior duração da sílaba tônica, e a curva de F_0 se

realiza mais convexa que circunflexa. Assim como na enumeração declarativa, os itens da enumeração interrogativa podem ser delimitados por tons de fronteira H%, mas também L%, e serem seguido por pausa silenciosa (81.3%, $n=52/64$). No caso de H%, esse evento tonal exibe realizações em *downstep* (38.9%, $n=14/36$) ou suspenso (61.1%, $n=22/36$), em torno de uma linha de referência alta, semelhante ao que é visto na declarativa enumerativa (ver a [seção 5.1.2](#)). Não havendo tons de fronteira, alongamento silábico, pausas ou quebras percebidas, não há indícios de que o item seja mapeado num IP diferente do IP do item subsequente.

Figura 41 – Tarefa: DCT [14]. **Tipo frásico:** Interrogativa total numerativa com disjunção. **Contexto:** A JUJM quer comprar uma fruta e você não sabe que fruta ela quer comprar. Pergunta se ela quer laranjas, bananas, limões ou mangas. **Falante:** MMEF.

Assim como nos itens pré-nucleares, a melodia do *primeiro núcleo* é formada por um acento bitonal L+H*, seguido de um tom de fronteira H%, que pode ser realizado não só em *downstep* (11.9%, $n=5/42$) ou suspenso (31%, $n=13/42$), mas também extra-alto (9.5%, $n=4/42$) ou em continuação (47.6%, $n=20/42$). Esse núcleo é seguido por uma pausa silenciosa em todos os casos. Além disso, sua prosódia não é percebida estritamente como interrogativa, mas sim como parte de uma sequência enumerativa ou como um padrão continuativo. O fato de não haver registros de acentos tonais nucleares L* nos dados de falantes que possuem configurações tonais L* H% em totais neutras e tampouco a presença de um padrão ascendente-descendente L+H* L%, que é frequente em totais neutras, associado a esse núcleo, corrobora sua natureza não interrogativa (o que deve ser checado, no entanto, em experimentos de percepção). Esse argumento também é válido para o *primeiro núcleo* das totais disjuntivas ora descrito e, assim, difere da interpretação dada por Rosignoli (2017) para dados do PB de SP, segundo a qual esse núcleo seria interrogativo.

A melodia do *segundo núcleo* é descendente, exibindo a declinação progressiva característica. Ela é formada por um padrão tonal H+L* L% e por um tom de fronteira inicial %H que o antecede ([figura 41](#)).

Apresentamos nas tabelas [24](#) e [25](#) a distribuição dos contornos entoacionais dos itens pré-nucleares e do primeiro e segundo núcleos por falante.

Tabela 24 – Contorno entoacional dos itens pré-nucleares da interrogativa total enumerativa com disjunção no DCT.

	L+H*	L+H* L%	L+H* H%
DOMJ	1	22	1
FSBF	2	-	20
JOAL	10	-	4
JUJM	2	-	2
MMEF	8	3	9
Total	23	25	36
N=61	37.7%	41%	59%

Tabela 25 – Contorno entoacional nuclear dos núcleos da interrogativa total enumerativa com disjunção no DCT.

Núcleo 1		Núcleo 2	
	L+H* H%		%H H+L* L%
DOMJ	12	DOMJ	12
FSBF	11	FSBF	11
JOAL	7	JOAL	7
JUJM	2	JUJM	2
MMEF	10	MMEF	10
Total	42	Total	42
N=42	100%	N=42	100%

A partir da descrição feita para interrogativas totais disjuntivas e enumerativas com disjunção, pode-se dizer que a característica entoacional que singulariza esses tipos frásicos em relação às demais interrogativas totais é a excursão melódica declinante e progressiva que constitui o contorno final. Essa excursão melódica pode ser esquematizada da seguinte forma: (i) no caso dos dois núcleos serem mapeados em IPs diferentes, é necessária a associação de um tom de fronteira alto inicial no segundo núcleo para assegurar a excursão melódica característica; (ii) já no caso de não haver pausa interveniente ou mapeamento em dois IPs, o pico da excursão fica a cargo do evento tonal anterior, manifestado no próprio acento tonal ascendente ou no tom de fronteira.

5.2.1.7 Interrogativa total enumerativa com coordenação

Assim como em enumerativas com disjunção, em interrogativas totais enumerativas com coordenação, o falante solicita ao interlocutor uma nova informação, e a estrutura da pergunta é composta por uma lista fechada de itens (enumeração), sendo o último item da lista introduzido pela conjunção coordenativa ‘e’. A diferença crucial entre os dois tipos de interrogativas enumerativas é que, na com coordenação, o conjunto total de itens listados compreende a única proposição do enunciado, que acarreta uma resposta do tipo sim/não. Portanto, elas se comportam como interrogativas totais neutras. O contexto utilizado para a produção desse tipo frásico é dado em (28).

(28) **Interrogativa total enumerativa com coordenação** ^[DCT_15]

CONTEXTO: O KJAJ quer comprar muitas frutas, mas você esqueceu as frutas que ele quer comprar.

Pergunta se ele quer laranjas, bananas, limões e mangas. [IMAGEM]

ENUNCIADO: *Queres laranjas, bananas, limões e mangas?*

Por meio da análise desse tipo frásico, feita com base em 25 enunciados coletados no DCT, observamos que o contorno entoacional nuclear final desse tipo frásico é caracterizado por padrões tonais já descritos para interrogativas totais neutras: o ascendente-descendente L+H* L%, predominante, e o ascendente L* H%, exclusivo dos dados de um falante (JUJM). Isso indica que, sendo a proposição da pergunta formada pela enumeração em sua totalidade (nesse caso, a cadeia de itens ‘laranja, bananas, limões e mangas’),²⁵ a marca entoacional de interrogatividade é transmitido pelo contorno entoacional nuclear final, associado à PW mais à direita, e as PWs anteriores que constituem itens da lista carregam a melodia típica da enumeração interrogativa já descrita na seção anterior: acentos tonais categoricamente L+H*, com a possibilidade de alongamento da sílaba tônica, que são frequentemente seguidos de tons de fronteira H% (em *downstep*, em continuação ou suspenso) ou L% e podem ser delimitados por pausa (figuras 42 e 43).

A [tabela 26](#) fornece a distribuição dos contornos entoacionais finais encontrados entre os falantes.

Figura 42 – Tarefa: DCT [12]. **Tipo frásico:** Interrogativa total numerativa com coordenação.

Contexto: O KJAJ quer comprar muitas frutas, mas você esqueceu as frutas que ele quer comprar. Pergunta se ele quer laranjas, bananas, limões e mangas. **Falante:** MMEF.

²⁵ Contraponha à interrogativa total enumerativa com disjunção descrita na seção anterior.

Figura 43 – Tarefa: DCT [12]. **Tipo frásico:** Interrogativa total numerativa com coordenação.

Contexto: O KJAJ quer comprar muitas frutas, mas você esqueceu as frutas que ele quer comprar. Pergunta se ele quer laranjas, bananas, limões e mangas. **Falante:** JOAL.

Tabela 26 – Contorno entoacional nuclear final da interrogativa total enumerativa com coordenação no DCT.

	L+H* L%	L* H%
DOMJ	5	-
FSBF	7	-
JOAL	5	-
JUJM	1	2
MMEF	5	-
Total	23	2
N=25	92%	0.8%

5.2.1.8 Interrogativas totais: comparação e síntese

A entoação desempenha um papel crucial na distinção entre declarativas e interrogativas totais em português. No PLB, a diferença entre declarativas neutras e interrogativas totais neutras (que são vistas como a contraparte interrogativa daquelas) se dá (i) por combinações de acento tonal nuclear e tom de fronteira diferentes (H+L* L% para a declarativa vs. L* H% ou L+H* H% para a interrogativa), semelhantemente ao que ocorre em grande parte do PE (ALE, ALG, POR) e do PB (BA, PBA, RS, SC, SE) (CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a; CASTELO, 2016), ou (ii) apenas pela marcação de acentos tonais nucleares diferentes (H+L* L% para a declarativa vs. L+H* L% para a interrogativa), assim como em certas regiões para o PB (BA, MG, RJ, SP, SE) (MORAES, 2008; TRUCKENBRODT; SANDALO; ABAURRE, 2009; FROTA *et al.*, 2015a; CASTELO, 2016; ROSIGNOLI, 2017). O SEP é a única variedade de português em que a diferença entre esse tipo de interrogativa e de declarativa é marcada apenas pelo tom de fronteira (H+L* L% para a declarativa vs. H+L* LH% para a interrogativa) (FROTA, 2002a, 2014; FROTA *et al.*, 2015a). Particularmente, são atestadas as seguintes configurações tonais em português: H+L* LH%, L* H%, L*+H H%, L*+H L%, L+H* L% e L* HL%. Logo, embora complexas, todas essas configurações envolvem uma melodia ou do tipo (H)LH ou do tipo LHL. Desse modo, se, por um lado, o contorno nuclear das declarativas neu-

tras é praticamente homogêneo no português (com apenas duas possibilidades atestadas: $H+L^* L\%$ ou $L^* L\%$), por outro, o contorno nuclear das interrogativas totais neutras contém maior variação (CASTELO, 2016, p. 49).

Diante desse quadro variável de melodias, os contornos nucleares encontrados para as interrogativas totais neutras do PLB ($L+H^* L\%$, $L^* H\%$, $L+H^* H\%$), assim como ocorre com as declarativas, são semelhantes aos encontrados em outras variedades de português.

Essas configurações são também as mesmas que se atestam para o contorno entoacional nuclear das demais interrogativas totais da variedade, exceto no caso da disjuntiva, que possui uma entoação particular. Tanto interrogativas totais eco quanto antiexpectativa exibem consistentemente um padrão tonal nuclear $L+H^* L\%$, o mais comum para as totais neutras e para o contorno final das enumerativas com coordenação. Esse padrão ascendente-descendente é, no geral, também o mais comum em confirmatórias, embora se encontre igualmente o ascendente ($L^* H\%$ ou $L+H^* H\%$), que é o único visto associado a confirmatórias *tag* (veja a discussão acerca de outros padrões encontrados para esse tipo frásico na [seção 5.2.1.4](#)). Já em interrogativas totais imperativas, expressando ordem/pedido ou oferecimento, são encontrados os três padrões tonais já referidos: $L+H^* L\%$, $L+H^* H\%$, $L^* H\%$. As interrogativas totais disjuntivas e enumerativas com disjunção, no entanto, são os únicos tipos frásicos, entre as totais, que detêm modulações tonais específicas: uma declinação progressiva no contorno final, a partir da disjunção, em direção ao contorno nuclear, cujo início é caracterizado por um tom de fronteira alto ($\%H H+L^* L\%$).

A partir da descrição do conjunto de interrogativas totais, notamos que o PLB, assim como já se atestou para certas variedades do PE e do PB (FROTA *et al.*, 2015a, p. 263), não emprega sistematicamente configurações tonais nucleares distintas para marcar diferenças pragmáticas entre as interrogativas totais neutras, eco e confirmatórias e, especificamente no PLB, também no caso das antiexpectativa e imperativas. A particularidade está nas antiexpectativa: se, por um lado, elas podem ser vistas como a contraparte focalizada das totais neutras no PE e no PB (FROTA *et al.*, 2015a, p. 259), uma vez que portam marcações de foco no constituinte com o significado antiexpectativo, por outro, os dados referentes a esse tipo de sentença produzidos no PLB não atestam marcações tonais relacionadas a foco. De fato, assim como em declarativas com foco estreito não final, são os acentos tonais $H>+L^*$ e $L+H^*$ que caracterizam PWs focalizadas não finais de interrogativas totais no PLB. Esses acentos são semelhantes aos acentos tonais ascendentes $L+H^*$ e L^*+H relacionados a foco encontrados no PB (BA, MG, SP, RJ, RS) e no PE (SEP, ALE) (FROTA, 2002a, 2014; CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a; MORAES; CARNAVAL; COELHO, 2015; CARNAVAL; MORAES; RILLIARD, 2018). Assim como nessas variedades, um acento tonal e um tom de fronteira estão associado à PW final desse tipo de sentença, os quais são, no caso do PLB, os mesmos encontrados regularmente em suas interrogativas totais.

A característica comum e imprescindível que caracteriza as interrogativas totais do PLB é, portanto, a ascendência tonal, quer ela seja de um tipo acentual quer ela seja de um tipo delimitativo, assim como no PB e PE (FROTA *et al.*, 2015a). Contudo, nossa hipótese (a ser avaliada em estudos futuros) é que outros elementos prosódicos notados perceptualmente por nós, como propriedades duracionais, a variação local e global da gama tonal e a intensidade, são traços que podem diferenciar tais interrogativas na variedade libolense de português. Por exemplo, é possível observar uma gama tonal menor no contorno nuclear das totais eco do que o notado no contorno nuclear das totais antiexpectativa (embora também se ateste um contorno nuclear comprimido para estas, que parece transmitir um valor pragmático antiexpectativo diferente). Além disso, o alongamento de sílabas tônicas está presente nas totais antiexpectativa. Há também um emprego de maior intensidade nas totais imperativas, se comparadas às neutras. Já as interrogativas totais de oferecimento se diferenciam das interrogativas imperativas pela gama tonal, que é expandida somente no contorno nuclear daquelas, ao passo que essa expansão abarca todo o contorno das imperativas.

Levando em consideração o conjunto de interrogativas totais, notamos que a configuração tonal L+H* H% é a melodia ascendente característica dos falantes MMEF e MCLF (falantes de português e oriundos de bairros centrais de Calulo), ao passo que L* H% é a melodia ascendente dos demais falantes, DOMJ, FSBF, JOAL, JUJM e KJAJ (falantes de português e de quimbundo e oriundos de uma povoação descentralizada). Essa mesma distinção surge quando os falantes empregam contornos nucleares ascendentes em interrogativas parciais (ver a [seção 5.2.2](#)). A observação das estratégias de acomodação entre o texto do enunciado e a sua melodia confirmam a diferença entre esses dois padrões ascendentes. Nesse tocante, o contorno nuclear das interrogativas do PLB é sempre preservado, não exibindo truncamento (redução do número de tons), que é recorrente no PB e em partes do PE setentrional, mas indo ao encontro do que se observa no PE de um modo geral, que ajusta o texto ao tom por meio de diversas estratégias (FROTA *et al.*, 2015b; CASTELO, 2016).²⁶

Ademais, a variação intrafalante de contornos entoacionais nucleares para um mesmo tipo frásico suscita a existência de diferenças pragmáticas, que devem ser, contudo, crucialmente avaliadas em experimentos de percepção. Apesar de estarmos cientes da influência

²⁶ O fato de termos atestado casos em que o tom de fronteira se realiza numa sílaba criada por epêntese não parece ser um efeito intrínseco das estratégias de acomodação entre texto e melodia. Notamos casos em que a epêntese ocorre em palavras que não portam o contorno nuclear. É interessante notar que, no quimbundo, a sílaba é sempre CV (XAVIER, 2010, p. 60) e encontramos o fenômeno da epêntese nos dados dos participantes que o falam.

da nossa percepção não nativa acerca dos dados produzidos,²⁷ sugerimos (como ponto de partida para estudos futuros) que L+H* L% possa ser o contorno “prototípico”, menos marcado, das interrogativas totais (neutra, eco, antiexpectativa, imperativas), enquanto L* H% ou L+H* H% mobilizaria nuances pragmáticas, como polidez nas neutras, menor impositividade nas imperativas de ordem/pedido e maior cortesia nas imperativas de oferecimento.

5.2.2 Interrogativa parcial

5.2.2.1 Interrogativa parcial neutra

Interrogativas parciais neutras, também referidas como interrogativas parciais de busca de informação, são perguntas que buscam uma informação nova, completamente desconhecida pelo falante, não havendo nenhuma pressuposição ou expectativa quanto à resposta (FROTA *et al.*, 2015a, p. 265). A natureza da resposta, no entanto, é identificada na pergunta por meio de uma expressão interrogativa, formada por um pronome ou advérbio que se referem a pessoa, coisa, propriedade, lugar, tempo, modo, quantidade, razão, bem como construções mais específicas formadas a partir deles: quem, (o) que, (o) quê, qual(is), (a)onde, quando, como, quanto(a)(s), por que, por quê, porque, para que, “qual cor”, “a respeito de que”, etc. (HASPELMATH, 1997, p. 29–30). A expressão interrogativa se comporta, assim, como uma variável cujo valor o falante procura que o interlocutor forneça (MATEUS *et al.*, 2003, p. 463). Nessas sentenças, a expressão interrogativa aparece normalmente deslocada, na periferia esquerda da sentença, mas também pode ocorrer in situ, isto é, em sua posição argumental (MIOTO; KATO, 2005).

Um dos contextos empregados no DCT e uma das sentenças utilizadas no RT para obtenção desse tipo frásico podem ser observados em (29) e (30). Na análise, foram utilizados 130 enunciados: 71 selecionados no DCT, 19 selecionados no RT (tarefas INTY e INTYx) e 40 selecionados no CT.

(29) **Interrogativa parcial neutra** ^[DCT_23]

CONTEXTO: Você me viu conversando por muito tempo com o KJAJ. Então, você me pergunta o que ele me contava.

ENUNCIADO: *O que ele te contava?*

²⁷ Ver, por exemplo, o estudo de Castelo (2016) sobre a percepção de brasileiros para os padrões entoacionais nativos e não nativos de interrogativos totais neutras do PB.

(30) **Interrogativa parcial neutra** ^[IntQ_1]

CONTEXTO: Não entendi nada sobre esse filme.

ENUNCIADO: *Quem anda de carro?*

As interrogativas são produzidas com um nível melódico extra-alto na PW inicial do enunciado (figuras 44 a 47). Uma queda gradual percorre todo o restante da sentença, que pode conter PWs portando acentos tonais L+H* ou H*. Essa queda segue até a PW nuclear, que carrega um acento bitonal descendente realizado no nível inferior do espaço tonal do falante, seguido de um tom de fronteira baixo. Logo, a configuração tonal nuclear das interrogativas parciais neutras é semelhante ao de declarativas neutras: H+L* L% (figuras 44a, 45 e 46). Nos poucos casos em que a palavra interrogativa se encontra in situ, oriundos da fala espontânea (25%, $n=10/40$), as mesmas características são observadas (figura 47). Portanto, o pico extra-alto inicial não está estritamente relacionado à palavra interrogativa, mas à posição inicial de IP.

Figura 44 – Tarefa: DCT [21]. **Tipo frásico:** Interrogativa parcial neutra. **Contexto:** Pergunta que horas são. **Falante:** (a) DOMJ. (b) JUJM.

Figura 45 – Tarefa: RT_INTQ [2]. **Tipo frásico:** Interrogativa parcial neutra. **Contexto:** Ainda não vi a exposição. **Falante:** MMEF.

O contorno entoacional nuclear H+L* L% é o predominante, tanto em dados semiespontâneos (88.7%) quanto em lidos (58.8%) e espontâneos (80%), conforme se observa na distribuição dos contornos por falante nas tabelas 27, 28 e 29. Outros padrões entoaci-

Figura 46 – Tarefa: CT. Tipo frásico: Interrogativa parcial neutra. Falante: KJAJ.

onais nucleares possíveis para a interrogativa parcial neutra são as melodias ascendente ou ascendente-descendente, semelhantes àquelas encontradas em interrogativas totais: L* H% e L+H* L% (figuras 44b e 47). Para um dos falantes (JUJM), o padrão L* H% é predominante em dados semiespontâneos e frequente em dados espontâneos. Já L+H* L% ocorre somente em dados espontâneos (em menor frequência) e lidos (em maior frequência) de outro falante (FSBF). Do ponto de vista comunicativo, o enunciado da figura 44b, que exibe o padrão nuclear L* H%, soa aparentemente mais cortês, e o da figura 47, que porta a melodia L+H* L%, aparentemente mais incisivo.

Figura 47 – Tarefa: RT_INTQ [3]. Tipo frásico: Interrogativa parcial neutra. Contexto: Gostaria de ouvir esse CD. Falante: FSBF.

Tabela 27 – Contorno entoacional nuclear da interrogativa parcial neutra no DCT.

	L* H%	H+L* L%
DOMJ	-	20
FSBF	-	21
JUJM	8	1
MMEF	-	21
Total	8	63
N=71	11.3%	88.7%

Tabela 28 – Contorno entoacional nuclear da interrogativa parcial neutra no RT.

	L+H* L%	H+L* L%
FSBF	7	4
MCLF	-	6
Total	7	10
N=19	41.2%	58.8%

Tabela 29 – Contorno entoacional nuclear da interrogativa parcial neutra no CT.

	L* H%	L+H* L%	H+L* L%
DOMJ	-	-	6
FSBF	-	3	6
JOAL	-	-	10
JUJM	5	-	4
KJAJ	-	-	6
Total	5	3	32
N=40	12.5%	7.5%	80%

5.2.2.2 Interrogativa parcial eco

Interrogativas parciais eco, assim como as totais eco, são perguntas que repetem informações compartilhadas no discurso (ver a [seção 5.2.1.3](#)). Conforme já expusemos, ao perguntar, o falante pode querer apenas checar se ele entendeu o interlocutor corretamente ou, por outro lado, pode querer imprimir um significado antiexpectativo (como surpresa, descrença, reprovação, indignação, etc.) ao conteúdo da informação. Referimo-nos a esses casos como *interrogativa parcial eco* e *interrogativa parcial antiexpectativa* respectivamente.

Os contextos para obter interrogativas parciais eco e interrogativas parciais antiexpectativa são dados, respectivamente, em (31) e (32). No primeiro contexto, o falante repete a interrogativa parcial que foi direcionada a ele por não a ter compreendido claramente. A resposta licenciada tem uma natureza polar (afirmativa ou negativa). Já no segundo contexto, o falante repete informações compartilhadas, transformando aquela que contradiz sua expectativa numa expressão interrogativa. Assim, ainda que busque satisfazer o valor da expressão, a resposta da pergunta quer essencialmente indicar que ela é o motivo da contradição. Foram analisados 34 enunciados referentes a esses dois tipos frásicos.

(31) **Interrogativa parcial eco** ^[DCT_28]

CONTEXTO: O KJAJ te perguntou ‘onde vais’, mas você não entendeu muito bem. Pergunta se ele te falou isso: onde vou.

ENUNCIADO: *Onde vou?*

(32) **Interrogativa parcial antiexpectativa** ^[DCT_32]

CONTEXTO: O KJAJ foi almoçar num restaurante e pediu muamba de galinha. Ele diz que meteram porco na muamba, em vez de galinha. Você não acredita. Então, pergunta pro KJAJ, com surpresa, o que ele disse que lhe deram.

ENUNCIADO: *O que disseste que te deram?!*

A entoação da **interrogativa parcial eco** exibe uma ascendência na sílaba nuclear seguida de uma queda (L+H* L%) ([figura 48](#)). Desse modo, o contorno nuclear desse tipo de

interrogativa é diferente do contorno nuclear das interrogativas parciais neutras (L+H* L% em parciais eco vs. H+L* L% predominante em parciais neutras), mas, por outro lado, é semelhante ao encontrado em interrogativas totais, fato muito próximo ao que ocorre no PE e no PB (FROTA *et al.*, 2015a, p. 267). A distribuição do contorno entre os falantes pode ser vista na [tabela 30](#).

Figura 48 – Tarefa: DCT [28]. **Tipo frásico:** Interrogativa parcial eco. **Contexto:** O KJAJ te perguntou onde vais, mas você não entendeu muito bem. Pergunta se ele te falou isso: onde vou. **Falante:** DOMJ.

Tabela 30 – Contorno entoacional nuclear da interrogativa parcial eco no DCT.

	L+H* L%
DOMJ	7
FSBF	2
JOAL	4
JUJM	1
MMEF	4
Total	18
N=18	100%

A **interrogativa parcial antiexpectativa** também exibe um contorno entoacional nuclear ascendente semelhante aos das interrogativas totais: L+H* H% (predominante) e L* H% (único e exclusivo de um falante) ([figura 49](#)). Apesar disso, seu contorno pré-nuclear é diferente do encontrado em parciais neutras no que se refere ao registro tonal do acento tonal inicial: nestas não parece ser tão elevado em relação ao contorno subsequente quanto naquelas. Há ainda uma duração um pouco mais longa acompanhando o contorno entoacional nuclear, que, junto à sua melodia ascendente, indica que uma função antiexpectativa está envolvida. Cabe ressaltar que, se predomina a melodia ascendente-descendente nas interrogativas parciais eco, predominam melodias ascendentes nas parciais antiexpectativa, sugerindo que essa distribuição esteja atrelada a funções distintas transmitidas por cada um desses subtipos frásicos. Observe a distribuição do contorno das interrogativas parciais antiexpectativa entre os falantes na [tabela 31](#).

Tabela 31 – Contorno entoacional nuclear da interrogativa parcial antiexpectativa no DCT.

	L+H* H%	L* H%
DOMJ	-	3
FSBF	-	6
JUJM	-	3
MMEF	4	-
Total	4	12
N=16	25%	75%

Figura 49 – **Tarefa:** DCT [32]. **Tipo frásico:** Interrogativa total antiexpectativa. **Contexto:** O KJAJ foi almoçar num restaurante e pediu muamba de galinha. Ele diz que meteram porco na muamba, em vez galinha. Você não acredita. Então, pergunta pro KJAJ, com surpresa, o que ele disse que lhe deram. **Falante:** (a) FSBF. (b) DOMJ.

5.2.2.3 Interrogativa parcial imperativa

Interrogativas parciais podem ser utilizadas com a função pragmática de ordem, pedido e sugestão, isto é, imperativos, tal como as totais (ver a [seção 5.2.1.5](#)). A interrogativa imperativa transmite um sentido impositivo. No contexto dado em (33), esse sentido pode ser glosado como “Ordeno que você me diga quando é que vais fazer”. A ele pode ser adicionada uma nuance de reprovação, expressando o descontentamento do falante quanto ao comportamento do interlocutor (*e.g.* CRESPO-SENDRA, 2011, p. 43 – catalão). Além de um sentido impositivo, uma interrogativa parcial imperativa também pode ter um sentido mais exortativo, isto é, o de estimular ou persuadir o interlocutor, conforme se vê no contexto em (34), ao que se adicionam ainda matizes de queixa ou protesto.

Na análise desse frásico, foram utilizados 35 enunciados produzidos no DCT a partir dos contextos em (33) e (34).

(33) Interrogativa parcial imperativa ^[DCT_25]

CONTEXTO: Você pede ao teu filho que ele pinte a casa, mas você não acha que ele vai fazer tão depressa, porque não é a primeira vez que você pede. Pergunta pra ele, bravo, quando ele vai fazer.
ENUNCIADO: *Quando é que vais fazer?*

(34) **Interrogativa parcial imperativa** ^[DCT_26]

CONTEXTO: Você queria que o KJAJ e o DOMJ fossem almoçar na tua casa. Mas eles disseram que não podem. Pedindo muito, pergunta por que eles não vêm.

ENUNCIADO: *Por que que vocês não vêm?*

A interrogativa parcial imperativa, tanto com um caráter impositivo quanto com um sentido exortativo, é expressa com contornos entoacionais descendentes H+L* L%, semelhantes ao da parcial neutra (figuras 50 e 51). O contorno entoacional global dessas interrogativas também se comporta como o das parciais neutras: a PW inicial do contorno porta um acento tonal L+H* ou H* extra-alto, seguida de um movimento melódico declinante ao longo das demais PWs pré-nucleares, que também carregam acentos tonais L+H* ou H*, até a PW nuclear. Essa última exibe o contorno descendente mencionado. A diferença entre essas interrogativas parciais parece estar na maior intensidade e taxa de elocução percebida nas imperativas.

Ademais, somente em alguns dos enunciados produzidos pelo contexto em (34), pudemos observar algum traço prosódico específico, visto que a maioria é similar ou às parciais neutras ou às demais parciais imperativas (resultado derivado muito certamente do não entendimento da diferença dos contextos pelos participantes da tarefa). Essas especificidades são a taxa de elocução mais lenta que a utilizada na parcial imperativa mais impositiva (e na neutra), tanto globalmente quanto na PW nuclear, e ocasionalmente uma qualidade de voz mais suave (figura 51). A duração maior na exortação dessa interrogativa alude à duração maior encontrada em pedidos (imperativos não interrogativos também exortativos) (ver a seção 5.3).

A distribuição do contorno entoacional nuclear das interrogativas parciais imperativas é apresentada na tabela 32.

Figura 50 – Tarefa: DCT [25]. **Tipo frásico:** Interrogativa parcial imperativa. **Contexto:** Você pede ao teu filho que pinte a casa, mas você não acha que ele vai fazer tão depressa, porque não é a primeira vez que você pede. Então, pergunta pra ele quando ele vai fazer. **Falante:** FSBF.

Figura 51 – Tarefa: DCT [26]. **Tipo frásico:** Interrogativa parcial imperativa. **Contexto:** Você queria que o KJAJ e o DOMJ fossem almoçar na tua casa. Mas eles disseram que não podem. Pedindo muito, pergunta por que eles não vêm. **Falante:** FSBF.

Tabela 32 – Contorno entoacional nuclear da interrogativa parcial imperativa no DCT.

	H+L* L%
DOMJ	11
FSBF	14
JOAL	3
JUJM	2
MMEF	5
Total	35
N=35	100%

5.2.2.4 Interrogativa parcial com coordenação

Interrogativas parciais com coordenação são perguntas nas quais o falante adiciona uma segunda instância da interrogativa parcial neutra, introduzida pela conjunção coordenativa 'e', ao seu enunciado. Em outras palavras, esse tipo frásico é organizado num período composto por coordenação, no qual cada oração contém uma palavra interrogativa. No contexto em (35), empregado para a eliciação da interrogativa parcial neutra com coordenação no DCT, as unidades interrogativas produzidas são *[onde vais]* e *[quando é que voltas]*.

(35) Interrogativa parcial com coordenação ^[DCT_24]

CONTEXTO: O KJAJ está indo viajar. Então, pergunta onde ele vai e quando vai voltar.

ENUNCIADO: *Onde vais e quando é que voltas?*

A análise dos dados, realizada a partir de 37 enunciados, revelou que essa interrogativa pode ser enunciada de dois modos: (i) como duas unidades independentes ou (ii) com a primeira unidade dependente da segunda.

No primeiro caso, cada unidade interrogativa porta o contorno entoacional nuclear típico da interrogativa parcial neutra: um acento tonal inicial L+H* ou H* e um contorno

nuclear $H+L^* L\%$ (figura 52).²⁸ Já no segundo caso, se houver o mapeamento em um IP separado, a primeira unidade interrogativa exibe um contorno nuclear ascendente $L+H^* H\%$, interpretado como continuativo, nos moldes do padrão continuativo das declarativas neutras (figura 53); e se houver o mapeamento em um único IP, a unidade porta um acento tonal $L+H^*$, típico de PWs pré-nucleares. Tanto no mapeamento em um único IP quanto no mapeamento em dois IPs, a segunda unidade interrogativa carrega o contorno entoacional da interrogativa parcial neutra: $H+L^* L\%$ (ou alternativamente $L^* H\%$ para a falante JUJM). Além disso, os dois IPs que se formam são frequentemente separados por pausa (87.1%, $n=27/31$). Em suma, a diferença nas duas estratégias entoacionais desse tipo frásico é que, no primeiro caso, as duas orações possuem marcas entoacionais de interrogação, já no segundo, somente a segunda oração.

A tabela 33 contém a distribuição dos contornos entoacionais nucleares encontrados no primeiro e no segundo núcleos interrogativos.

Figura 52 – Tarefa: DCT [29]. Tipo frásico: Interrogativa parcial com coordenação. **Contexto:** O KJAJ está indo viajar. Então, pergunta onde ele vai e quando vai voltar. **Falante:** DOMJ.

Figura 53 – Tarefa: DCT [29]. Tipo frásico: Interrogativa parcial com coordenação. **Contexto:** O KJAJ está indo viajar. Então, pergunta onde ele vai e quando vai voltar. **Falante:** DOMJ.

²⁸ Há apenas dois casos (dado de JUJM) em que os contornos são $L^* H\%$.

Tabela 33 – Contorno entoacional nuclear dos núcleos interrogativos da interrogativa parcial com coordenação no DCT.

Núcleo 1					Núcleo 2		
	L+H*	L* H%	L+H* H%	H+L* L%		L+H*	L* H%
DOMJ	-	-	4	4	DOMJ	-	8
FSBF	-	-	-	9	FSBF	-	9
JOAL	1	-	4	1	JOAL	-	6
JUJM	3	1	-	-	JUJM	2	2
MMEF	2	-	1	7	MMEF	-	10
Total	6	1	9	21	Total	2	35
N=37	16.2%	2.7%	24.3%	56.8%	N=37	5.4%	94.6%

5.2.2.5 Interrogativas parciais: comparação e síntese

Novamente, a entoação desempenha um papel relevante na caracterização dos tipos frásicos no PLB: se, por um lado, a interrogativa total neutra se contrapõe às declarativas neutras por meio do contorno entoacional nuclear, a interrogativa parcial neutra, por outro, em geral, não se contrapõe. A semelhança entre o contorno nuclear das interrogativas parciais neutras (H+L* L%) e o das declarativas neutras (H+L* L%) encontrada no PLB é uma característica já observada no PE (ALE, ALG, SEP, NEP, POR) e no PB (BA, MG, SP, RJ, RS), que utilizam H+L* L% ou L* L% (a depender da variedade/localidade) para os dois tipos frásicos (FROTA, 2002a, 2014; VIGÁRIO; FROTA, 2003; MORAES, 2008; CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a; ROSIGNOLI, 2017).

Para Frota *et al.* (2015a, p. 265), a presença do contorno nuclear descendente, semelhante ao da declarativa, se explica pelo fato de já haver uma marcação morfossintática da interrogação por meio do emprego da palavra interrogativa e, assim, uma marcação prosódica seria redundante. Porém, por ainda ser uma interrogativa, é possível haver também uma marca prosódica, segundo os autores, conforme é registrado nas para o PE e o PB. Essa possibilidade se estende ao PLB. No PE e no PB, tal marca prosódica é a ascendência tonal no contorno nuclear (sobretudo sinalizada pelo tom de fronteira), semelhante ao que se observa em interrogativas totais, em vez do final descendente ou baixo (FROTA, 2002a, 2014; FROTA *et al.*, 2015a; ROSIGNOLI, 2017). Frota (2002a) e Frota *et al.* (2015a) sugerem que essa ascendência poderia imprimir uma polidez a mais à pergunta. Em nossos dados, além de H+L* L% (predominante e comum aos dados de todos os falantes), registramos o padrão tonal nuclear ascendente L* H% e o ascendente-descendente L+H* L%. O ascendente, atestados nos dados de JUJM e cuja ascendência se manifesta na fronteira, pode estar, de fato, relacionado a cortesia. Já o ascendente-descendente, produzido pelo falante FSBF e cuja ascendência é acentual, parece ter um caráter mais enfático. Independentemente disso, a distribuição entre melodias ascendentes e ascendentes-descendentes das parciais neutras para esse falante está relacionada ao tipo de tarefa: L+H* L% é mais

comum em seus dados de leitura e $H+L^* L\%$ é mais frequente em seus dados de fala semi-espontânea e espontânea.

Outra característica entoacional que o PLB compartilha, pelo menos com uma das variedades do PB, é o pico inicial com frequência fundamental elevada, alocado no início do enunciado, encontrado em grande parte das interrogativas parciais. Moraes (2008) também o nota no RJ e afirma que a altura desse pico e a queda gradual ao longo do enunciado contrasta declarativas neutras e interrogativas parciais neutras. Um pico inicial alto em relação ao restante do contorno entoacional também foi encontrado em SP por Rosignoli (2017) em interrogativas parciais. No PE (SEP), ao contrário, o contorno pré-nuclear mostra um platô alto, similar ao de suas declarativas neutras, e a presença de um pico extra-alto inicial parece ser opcional (FROTA, 2002a, 2014). Desse modo, tais declarativas e interrogativas são distintas unicamente pela sintaxe nessa variedade. Isso diferencia o PE do PB e do PLB, nos quais o contorno global é distinto. Esse início extra-alto do contorno seguido de uma queda gradual, característico das interrogativas parciais, não ocorre em interrogativas totais neutras, tampouco em declarativas neutras (embora haja uma declinação geral). Uma análise futura que considere sistematicamente diferentes tipos de expressões interrogativas (contendo outros elementos além da palavra interrogativa) e sua posição sintática (deslocadas ou *in situ*), poderá caracterizar melhor o escalonamento tonal desse tipo frásico.

A configuração tonal nuclear descendente que se verifica na interrogativa parcial neutra ($H+L^* L\%$) é também a mesma que se observa na parcial imperativa e no contorno nuclear com função interrogativa da parcial com coordenação. Nas imperativas, o sentido impositivo ou exortativo pode ser marcado pelas diferenças de taxa de elocução e de intensidade percebidas. Já as interrogativas parciais com coordenação, que contêm duas interrogativas parciais coordenadas, exibem dois comportamentos diferentes: se as duas orações carregam a informação pragmática interrogativa, as duas apresentam o contorno nuclear $H+L^* L\%$; mas se somente a segunda carrega a informação pragmática interrogativa, a primeira exibe um padrão tonal ascendente, que pode estar relacionado ao padrão continuativo.

Por fim, as interrogativas parciais eco e as parciais antiexpectativa diferem-se das demais interrogativas parciais devido à sua função. Ao mesmo tempo em que seus padrões tonais nucleares são distintos do contorno nuclear típico da interrogativa parcial neutra ($H+L^* L\%$), eles se assemelham ao encontrado nas interrogativas totais, uma vez que são observados os padrões ascendentes e o ascendente-descendente ($L^* H\%$, $L+H^* H\%$, $L+H^* L\%$).²⁹

²⁹ É importante notar que, assim como vemos em interrogativas totais, $L+H^* H\%$ é produzido por MMEF e $L^* H\%$ é encontrado apenas nos dados dos demais falantes.

Essa semelhança, também registrada para o PE e o PB, é motivada pela função idêntica que podem exercer, conforme esclarecem Frota *et al.* (2015a, p. 267). Segundo os autores, tanto a parcial eco quanto a total eco, por exemplo, são perguntas referentes a uma informação do discurso anterior, quer essa informação seja de natureza interrogativa (no caso da primeira) quer não (no caso da segunda). Consequentemente, o contorno L+H* L% da interrogativa parcial eco “deixa claro que a sentença não é um pedido pela informação identificada pela palavra interrogativa, mas simplesmente um pedido de esclarecimento sobre o que foi dito previamente, assim, uma pergunta eco” (FROTA *et al.*, 2015a, p. 267).³⁰ Além disso, se a intenção do falante não é verificar se entendeu bem o interlocutor, mas sim imprimir um significado antiexpectativo à informação compartilhada por ele — e neste caso estamos diante de uma interrogativa parcial antiexpectativa —, encontra-se, diferentemente das parciais eco, o contorno nuclear ascendente (L* H% ou L+H* H%), sendo necessário o emprego de uma duração relativamente mais longa que o observado na parcial eco. É possível que essa distribuição diferente (L+H* L% em parciais eco vs. L* H% ou L+H* H% em parciais antiexpectativa) se relacione às diferentes funções pragmáticas de cada um desses tipos frásicos.

5.3 Imperativos

Enunciados imperativos refletem a intenção do falante de levar o interlocutor a realizar uma ação (verbal ou não verbal) normalmente contida na proposição enunciada (ato de fala diretivo). Assim, podem expressar ordens, proibições, súplicas, pedidos, convites, sugestões, conselhos, advertências, avisos, instruções, etc. (*e.g.* SEARLE, 1995, p. 21). Diversas construções linguísticas são mobilizadas para expressar imperativos (CASANOVA, 1996; LOPES, 2018), como, por exemplo, formas variantes do imperativo gramatical (—Não *faz* barulho! —Não *faça* barulho!), tempos do indicativo (—*Parou*, *parou*! —*Vai fazer* o que eu falei!), o infinitivo (—Não *pisar* na grama. —*Manter* fora do alcance de crianças. —*Adicionar* o açúcar e *mexer* bem.), o gerúndio (—*Circulando*!) ou uma expressão nominal (—*Silêncio*! —*Rua*! —*Fora*!). Podem ainda ser transmitidos não só por frases formalmente imperativas (—Vem aqui! —Calem-se!), mas também indiretamente, por meio de frases interrogativas (—Pode me dar um café? —Se importa de abrir a janela? —Por que não se cala?!) e declarativas (—Queria um café.).

³⁰ No original:

[...] makes it clear that the sentence is not a request for the information identified by the question word, but simply a clarification request about what was previously said, thus an echo question.

Restringimo-nos, no entanto, à descrição da entoação de imperativos que expressam ordem e pedidos e que têm como suporte linguístico uma oração imperativa, caracterizada formalmente, em português e em grande parte das línguas românicas, por marcas morfosintáticas que a distinguem das declarativas, tais como verbo em posição inicial, verbo na segunda pessoa, emprego do modo verbal imperativo e ausência de expressão do sujeito (MATOS, 2003; LOPES, 2018).

Apesar de poderem ser morfossintaticamente semelhantes, ordens e pedidos são pragmaticamente diferentes: “ordens tendem a ser firmes, duras e mandatórias, enquanto pedidos são gentis, persuasivos e discricionais” (FROTA *et al.*, 2015a, p. 270).³¹ Desse modo, o falante pode imprimir nuances pragmáticas que variam de uma sugestão ou um pedido mais brando a ordens muito enfáticas. Ordens e pedidos possuem, assim, diferentes graus de impositividade: uma ordem está associada a um grau máximo de impositividade, já um pedido expressa um grau menor. Entre as estratégias que modificam a impositividade do imperativo e sua receptividade pelo interlocutor está o uso de certas expressões linguísticas (como ‘por favor’) e de propriedades prosódicas (como a entoação e a taxa de elocução) (CASANOVA, 1996; PRIETO; CABRÉ, 2013; FROTA, 2014).

Para o estudo dos imperativos do PLB, foram utilizados 129 enunciados. No DCT, foram selecionados 85 enunciados que correspondem às respostas para dois contextos principais para eliciar especificamente imperativos, vistos em (36) e (37), e para outros dois contextos relacionados: um contexto principal para eliciar interrogativas imperativas e um contexto secundário para a produção de ordens, vistos em (38) e (39), mas para os quais os falantes também produziram algumas frases imperativas não interrogativas. No RT (tarefa IMP), foram selecionados 44 enunciados. Fornecemos em (40) uma das sentenças utilizadas nessa tarefa.

(36) **Imperativo: ordem** ^[DCT_33]

CONTEXTO: Você está no parque com a tua filha, e ela se afasta. Manda ela vir pra junto de ti.

ENUNCIADO: *Vem cá.*

(37) **Imperativo: pedido** ^[DCT_35]

CONTEXTO: Você quer ir no cinema com o KJAJ. E ele te diz que não pode, que tem que trabalhar. Mas você sabe que ele pode deixar o trabalho pra depois. Então, você quer lhe convencer e pede para irem.

ENUNCIADO: *Por favor, vamos.*

³¹ No original:

Commands tend to be firm, harsh, and mandatory, whereas requests are gentle, persuasive, and discretionary.

- (38) **Imperativo: ordem [Interrogativa total imperativa]** ^[DCT_19] 32
 CONTEXTO: Você está vendo televisão. E os teus irmãos começam a fazer muito barulho e não estão te deixando ouvir a televisão. Pede pra eles se eles podem se calar.
 ENUNCIADO: *Calem-se [Podem se calar?]*
- (39) **Imperativo: ordem** ^[DCT_34]
 CONTEXTO: Os teus irmãos continuam a fazer muito barulho. Manda eles se calarem.
 ENUNCIADO: *Calem-se.*
- (40) **Imperativo: pedido** ^[Imp_11]
 CONTEXTO: És assistente do director e estás a tentar convencer o director a falar com a imprensa. Lhe faz um pedido:
 ENUNCIADO: *Receba os jornalistas.*

5.3.1 Ordens e pedidos

Nos dados do DCT, tanto ordens quanto pedidos foram produzidos com dois tipos de estrutura. A primeira contém somente um sintagma verbal imperativo, que forma um único IP (41). A segunda contém, além do sintagma verbal imperativo, uma expressão de atenuação cortês anteposta ou posposta a ele, que forma um IP independente (42). A expressão de atenuação cortês tem a função de imprimir delicadeza e polidez, atenuando os diferentes graus de impositividade que ordens e pedidos podem ter e, assim, visando uma resposta positiva do interlocutor.

Ordens são majoritariamente produzidas com a primeira estrutura — contexto (36): 16%, $n=4/25$; contextos (38)–(39): 25.6%, $n=10/39$. Já pedidos são realizados categoricamente com a segunda estrutura — contexto (37): 100%, $n=21/21$ —, ou seja, são sempre acompanhados de uma expressão de atenuação cortês. O quadro 4 apresenta todas as formas de sintagmas verbais e expressão de atenuação cortês produzidos no DCT.

- (41) [Vem pra cá.]_{IP}
- (42) [Vamos,] _{IP} [por favor.]_{IP}
 [Por favor,] _{IP} [vamos.]_{IP}

O contorno entoacional nuclear das *expressões de atenuação cortês*, seja acompanhando ordens ou pedidos, exhibe melodias descendentes semelhantes às de declarativas

³² Os colchetes indicam que, originalmente, esperava-se que a situação produzisse o tipo de sentença e a resposta possível neles encerrados.

Quadro 4 – Sintagmas verbais e expressão de atenuação cortês dos imperativos no DCT.

SINTAGMA VERBAL	EXPRESSÃO DE ATENUAÇÃO CORTÊS
[vem] _{IP}	[por favor] _{IP}
[vamos] _{IP}	[faz favor] _{IP}
[vem cá] _{IP}	
[vem pra cá] _{IP}	
[vem aqui] _{IP}	
[vem pr'aqui] _{IP}	
[calem] _{IP}	
[calem-se] _{IP}	

neutras e focalizadas: H+L* L% e H*+L L%. O acento tonal nuclear é sempre precedido por um tom de fronteira alto inicial de IP (%H) (figuras 55b e 57). Nos poucos casos em que a sílaba inicial da expressão forma uma PW — [faz favor]_{IP} —, não é possível determinar se o pico inicial é de natureza acentual (H*) ou delimitativa (%H).³³ Em ordens, a expressão de atenuação cortês é atestada apenas nos dados de dois falantes (DOMJ, FSBF), sendo observada uma distribuição relativamente equilibrada entre %H H+L* L% e %H H*+L L%. Já em pedidos, %H H+L* L% é comum aos dados de todos os falantes (exceto JUJM, para a qual não há dados de pedidos) e %H H*+L L% é atestado apenas nos dados de dois deles (FSBF, JOAL). A distribuição do contorno entoacional das expressões de atenuação cortês encontradas junto a ordens e pedidos é fornecida, respectivamente, nas tabelas 34 e 35.

Tabela 34 – Contorno entoacional da expressão de atenuação cortês de ordens no DCT.

	%H H*+L L%	%H H+L* L%
DOMJ	3	4
FSBF	2	4
Total	5	8
N=13	38.5%	61.5%

Tabela 35 – Contorno entoacional da expressão de atenuação cortês de pedidos no DCT.

	%H H*+L L%	%H H+L* L%
DOMJ	-	5
FSBF	3	4
JOAL	4	1
MMEF	-	4
Total	7	14
N=21	33.3%	66.7%

Em **ordens**, os sintagmas verbais, tanto na estrutura com um IP quanto na com dois IPs, foram produzidos com as mesmas configurações tonais. Quando o IP do sintagma imperativo consiste de uma única PW (o verbo imperativo), o contorno se realiza com um tom alto predominante na sílaba tônica, seguido de uma queda tonal que se estende até o final da PW: H*+L L% (figura 54). Já quando a sentença possui duas (dados do DCT e do RT) ou três PWs (dados do RT), o contorno da PW inicial, que também corresponde ao verbo imperativo, se realiza com um acento tonal H* ou L+H* (com diferentes frequências entre os falantes). A PW final porta, nesse caso, um contorno descendente H+L* L% ou H*+L L% (figuras 55 e 56). O primeiro é o único encontrado nos dados semiespontâneos de todos os

³³ Esses dados (2 de JOAL e 1 de DOMJ) não estão incluídos nas tabelas 34 e 35.

falantes; já o segundo é predominante nos dados de leitura de MCLF e ausente nos dados de leitura de FSBF.

Figura 54 – Tarefa: DCT [34]. **Tipo frásico:** Imperativo (ordem). **Contexto:** Os teus irmãos continuam a fazer muito barulho. Manda eles se calarem. **Falante:** MMEF.

Figura 55 – Tarefa: DCT [38]. **Tipo frásico:** Imperativo (ordem). **Contexto:** Você está no ti. **Falante:** (a) FSBF. (b) DOMJ.

Figura 56 – Tarefa: RT_IMP [4]. **Tipo frásico:** Imperativo. **Contexto:** Gostarias de ouvir uma das tuas músicas favoritas e, então, pedes a um cantor que tu conheces. **Falante:** MCLF.

Ademais, embora se possa argumentar que o padrão tonal associado à PW final seja o contorno nuclear caracterizador de ordens, não foi possível definir, com segurança, que ela é sempre a PW mais proeminente de IP (seja por diferentes intensidades e durações percebidas ou gamas de variação tonal observadas), trazendo, assim, a possibilidade de,

em certos casos, haver uma proeminência não final, analogamente ao que ocorre em imperativos do PE (CRUZ, 2013; FROTA, 2014).

Quanto aos dados de leitura, não encontramos diferenças que pudessem sistematicamente organizar as produções em ordens e pedidos, de modo que dispomos todos os dados na [tabela 37](#) sob o rótulo de imperativos. Um teste de percepção/discriminação com falantes do PLB possibilitará diferenciá-los, caso sejam realmente distintos, em enunciados mais ou menos impositivos.

As distribuições do contorno entoacional do sintagma imperativo do DCT e do RT são fornecidas, respectivamente nas tabelas [36](#) e [37](#).

Tabela 36 – Contorno entoacional do sintagma imperativo de ordens no DCT.

1 PW		2 PWs			
H*+L L%		PW inicial		PW final	
		H*	L+H*	H+L* L%	
DOMJ	8	5	1	6	
FSBF	14	4	-	4	
JOAL	7	2	-	2	
JUJM	5	-	3	3	
MMEF	11	1	3	4	
Total	45	12	7	19	
N=45	100%	N=19, 19	63.2% 36.8%	100%	

Tabela 37 – Contorno entoacional da PW inicial e final de imperativos no RT

PW Inicial			PW Final		
	H*	L+H*	H*+L L%	H+L* L%	
FSBF	15	8	-	23	
MCLF	7	14	13	8	
Total	22	22	13	31	
N=44	50%	50%	N=44	29.5% 70.5%	

Pedidos possuem as mesmas configurações tonais encontradas em ordens. Assim, seu sintagma verbal é realizado com os movimentos melódicos descendentes H+L* L% (predominante para DOMJ e FSBF) e H*+L L% (predominante para JOAL e MMEF). A diferença é que, em pedidos, percebemos um recorrente padrão duracional mais longo nas sílabas nucleares e observamos que o tom H dos acentos tonais do sintagma imperativo e o tom de fronteira %H da expressão de atenuação cortês podem se realizar mais altos em certos casos, possivelmente com a função de modificar o grau de exortação do pedido ([figura 57](#)). A distribuição do contorno entoacional do sintagma imperativo dos pedidos é apresentada na [tabela 38](#).

Figura 57 – Tarefa: DCT [34]. **Tipo frásico:** Imperativo (pedido). **Contexto:** Você quer ir no cinema com o KJAJ. E ele te diz que não pode, que tem que trabalhar. Mas você sabe que ele pode deixar o trabalho pra depois. Então, você quer lhe convencer e pede para irem. **Falante:** (a) FSBF. (b) DOMJ.

Tabela 38 – Contorno entoacional nuclear do sintagma imperativo de pedidos no DCT.

	H+L* L%	H*+L L%
DOMJ	4	1
FSBF	5	2
JOAL	1	4
MMEF	-	4
Total	10	11
N=21	47.6%	52.4%

5.3.2 Comparação e síntese

De acordo com os resultados, assim como em outras variedades de português, não há um contorno entoacional nuclear específico para ordens no PLB. Ordens no PLB são marcadas com a mesma configuração tonal nuclear descendente vista em declarativas neutras e interrogativas parciais neutras e em declarativas com foco estreito final (H+L* L% e/ou H*+L L%), o que aproxima o português libolense do PB e do PE. No PB (BA, MG, RJ, SP), esse tipo frásico é realizado com o contorno nuclear descendente (H+L* L%) encontrado em suas declarativas neutras e interrogativas parciais neutras (MORAES, 2008; FROTA *et al.*, 2015a).³⁴ No PE (ALE, ALG, POR, SEP), por outro lado, ordens são marcadas com os acentos tonais de foco estreito produzidos em declarativas (H*+L, associado tanto ao núcleo inicial quanto final do IP da ordem) e em interrogativas totais (L+H*, associado ao núcleo inicial do IP da ordem, i.e., o verbo) (CRUZ, 2013; FROTA, 2014; FROTA *et al.*, 2015a). Vale dizer ainda que Moraes (2008, seção 2.6) notou uma semelhança entre o contorno entoacional global das interrogativas parciais neutras e o de ordens no PB do RJ. Uma semelhança entre esses

³⁴ No RS, o acento tonal do imperativo normalmente é seguido por tom de fronteira alto (H+L* H%) (FROTA *et al.* 2015a).

dois tipos frásicos também pode ser defendida para o PLB, sobretudo quando observamos os dados de leitura nos quais o contorno nuclear final é $H+L^* L\%$.

Desse modo, conforme afirmam Frota *et al.* (2015a, p. 270) e Frota e Moraes (2016, p. 157), as propriedades entoacionais de ordens não as distinguem das declarativas neutras e focalizadas e das interrogativas parciais neutras, mas é a marcação morfossintática do imperativo, combinada com características entoacionais, que identifica claramente a diferença entre ordens e os demais tipos frásicos. De acordo com a nossa análise, essa afirmação também é válida para o PLB.

No que se refere às expressões de atenuação cortês, elas exibem um comportamento que encontra correspondência ao que foi documentado para o PB. Frota *et al.* (2015a) descrevem as propriedades do sintagma entoacional *[por favor]_{IP}* na caracterização entoacional de pedidos no PB (BA, MG, SP, RS). Esse sintagma corresponde ao que denominamos, nesta tese, de expressão de atenuação cortês. Segundo os autores, essa expressão possui, antecedendo o acento tonal nuclear, um tom de fronteira alto associado à fronteira esquerda de IP (FROTA *et al.*, 2015a, p. 271), de modo semelhante ao que pode ser observado nos dados do PLB. A diferença está no tipo de acento tonal nuclear, que é baixo no PB, formando um padrão tonal $\%H L^* L\%$ associado a tal expressão, mas é descendente no PLB, compondo às melodias $\%H H+L^* L\%$ e $\%H H^*+L L\%$.

Frota *et al.* (2015a, p. 272) ainda descrevem um IP subsequente — *[vamos]_{IP}* —, que corresponde ao sintagma verbal imperativo em nossos dados. A ele está associado um padrão tonal ascendente-descendente $L+H^* L\%$, segundo os autores. Essa configuração nuclear também é adotada por Moraes (2008) e Moraes e Colamarco (2007) na análise do padrão ascendente-descendente de pedidos do PB (RJ), o qual apresenta um formato tonal muito próximo aos padrões tonais $H+L^* L\%$ e $H^*+L L\%$ encontrados associados a pedidos no PLB. Esses autores analisam o contorno como sendo formado por um acento bitonal ascendente cujo alinhamento do tom H é antecipado, isto é, $L+>H^* L\%$, na notação de Moraes (2008, seção 2.9). No entanto, em termos fonéticos, a sílaba exibe uma queda tonal predominante na sílaba tônica. A interpretação que adotamos para o contorno nuclear do PLB vai ao encontro de uma das propostas dadas, mas rejeitada, por Moraes e Colamarco (2007, p. 124) para o PB (RJ), na qual o alvo tonal baixo que precede a sílaba tônica é desconsiderado da representação fonológica do acento tonal nuclear. Para os dados do PLB, o acento bitonal $H+L^*$ é uma escolha mais adequada, do ponto de vista explicativo e econômico, ao levarmos em conta outros acentos bitonais nucleares já registrados. No PE (ALE, ALG, POR, SEP), em contrapartida, um contorno nuclear baixo ($L^* L\%$) caracteriza pedidos, o qual é precedido, no trecho pré-nuclear, de um tom inicial alto na primeira sílaba tônica (H^*) ou, caso nenhuma sílaba tônica esteja disponível, de um tom de fronteira alto ($\%H$)

(FROTA, 2014; FROTA *et al.*, 2015a). Apesar das diferenças, um traço comum aos pedidos de todas as variedades de português, incluindo o PLB é o evidente alongamento extra.

Em suma, a diferença entre imperativos de ordem e pedido no PLB não é veiculada por configurações tonais nucleares distintas de modo categórico, como ocorre no PE (acento tonal descendente/descendente vs. baixo) e no PB (acento tonal descendente vs. ascendente). Ela pode, no entanto, ser marcada por outras propriedades prosódicas (visto que notamos, perceptualmente, diferenças de duração e de gama tonal entre os dois tipos de imperativos) e pela frequência do uso de expressões de atenuação cortês, que é pouco frequente em ordens e categórica em pedidos. Além disso, a entoação dos imperativos do PLB, do PB e do PE não é, de modo geral, caracterizada por escolhas diferentes de tons de fronteiras (que são L% para, praticamente, todas elas), mas sim de acentos tonais (que variam entre H*+L, H+L*, L*+H, L+H*, L+>H* e L*).

5.4 Vocativos

Vocativos são expressões linguísticas empregadas para se dirigir ao interlocutor no discurso. Eles podem ocorrer junto a diversos atos de fala, como saudações, chamamentos, ordens, pedidos, conselhos, súplicas, perguntas, exclamações, etc., devido à sua função apelativa (MATEUS *et al.*, 2003; PARROTT, 2010; MOREIRA, 2013). De modo geral, vocativos têm três funções pragmáticas principais: chamar a atenção de alguém, identificar alguém como destinatário e manter e reforçar uma relação social (BORRÀS-COMES; SICHEL-BAZIN; PRIETO, 2015).

Vocativos são elementos considerados extrafrásicos, periféricos ou parentéticos, isto é, adjuntos à estrutura sintática da frase (MATEUS *et al.* 2003; MOREIRA, 2013). Assim, podem ser realizados em diversas posições do enunciado: em posição absoluta (isolados), assim como interjeições; em posição inicial, semelhante a vários marcadores discursivos; e em posição medial ou final, como outros tipos de parentéticas (PARROT, 2010, p. 219). Vocativos isolados são empregados para atrair a atenção do interlocutor (interpelação) e, quando o falante já a tem, eles servem para manter o contato e o foco no movimento discursivo subsequente, podendo conter ainda outros significados, como desaprovação, súplica, surpresa, a depender da prosódia empregada (PARROT, 2010, p. 220). Além de interpelação, os vocativos isolados são tipicamente empregados para solicitar a aproximação do indivíduo que está relativamente distante (MORAES; SILVA, 2011).

Em todo caso, pelo menos dois tipos de vocativos isolados podem ser distintos pragmaticamente: o chamamento inicial (ou de saudação) e o chamamento insistente (ou im-

paciente), este último produzido quando não há resposta para o primeiro (FROTA *et al.*, 2015a). Nos concentramos nesses dois tipos de vocativos na análise dos vocativos do PLB. A fim de descrevê-los, foram considerados 42 enunciados obtidos no DCT e 46 enunciados no RT. Os dados do DCT correspondem a dois contextos: um para o chamamento inicial (43), e outro para o chamamento insistente (44). Os contextos dessa tarefa foram aplicados aos participantes em sequência, visto que o contexto de um é dependente do outro. Já os vocativos lidos no RT (tarefa VOC) referem-se somente ao chamamento inicial. Um deles é apresentado em (45).

- (43) **Vocativo: chamamento inicial** ^[DCT_36]
 CONTEXTO: Você quer que a Marina venha pra cozinha pra jantar. Chama a Marina.
 ENUNCIADO: *Marina!*
- (44) **Vocativo: chamamento insistente** ^[DCT_37]
 CONTEXTO: Passaram dez segundos e ela ainda não veio. Volta a chamar a Marina.
 ENUNCIADO: *Marina!!!*
- (45) **Vocativo: chamamento inicial** ^[VOC_1]
 CONTEXTO: O João não te viu e tu precisavas mesmo falar com ele. Tenta lhe chamar.
 ENUNCIADO: *João!*

5.4.1 Chamamento inicial e insistente

Os vocativos do PLB, sejam eles iniciais ou insistentes, são expressos por meio de três contornos entoacionais distintos: ascendente-suspensivo, ascendente-descendente e descendente.

O padrão tonal ascendente-suspensivo (L+H* !H%) é caracterizado por um movimento tonal ascendente cujo pico é alinhado no centro da vogal da sílaba tônica (L+H*) (à exceção dos dados de uma falante, JUJM, nos quais se alinha no fim da vogal). Na sequência do acento tonal nuclear, há um tom alto que se realiza num nível abaixo do anterior (em *downstep*) e que se mantém suspenso ao longo da vogal da sílaba postônica (!H%) (figura 58a). O padrão tonal ascendente-descendente (L+H* L%) é também caracterizado por uma ascendência cujo pico se alinha na vogal da sílaba tônica (L+H*). Porém, o tom de fronteira é baixo (ou levemente declinante) na sílaba postônica (L%) (figura 58b).

Já o padrão tonal descendente (H+L L%) consiste de uma queda melódica realizada completamente na sílaba nuclear (H+L*) e o tom permanece baixo até o fim do enunciado (L%). Um alvo tonal baixo, localizado na pretônica, precede o tom H dianteiro do acento

bitonal, paralelamente ao que se observa em acentos bitonais descendentes encontrados em outros tipos frásicos (figura 58c).

Figura 58 – Tarefa: DCT [36]. **Tipo frásico:** Vocativo (chamamento inicial). **Contexto:** Você quer que a Marina venha pra cozinha pra jantar. Chama a Marina. **Falante:** (a) JUJM. (b) JOAL. (c) DOMJ.

O enunciado *[Maximiliano]_{IP}* pode conter ainda um tom H inicial, seja acompanhando a melodia ascendente-suspensiva ou a ascendente-descendente. É possível que esse H esteja associado ao acento secundário da PW. Observamos também, nesse enunciado, que a presença de um tom L no acento tonal não é tão evidente. De fato, nos padrões tonais L+H* !H e L+H* L%, a realização do tom L do acento tonal é variável, tanto em dados semiespontâneos quanto lidos. Nos casos em que há uma ou duas sílabas pretônicas (ex.: *[Marina]_{IP}*, *[Valdemar]_{IP}*), normalmente um platô baixo é encontrado adjacente ao movimento ascendente, mas nem sempre: em 38.5% ($n=30/78$) dos vocativos com o acento tonal L+H*, não se atesta um nível completamente baixo, visto que a ascendência se inicia no ataque da sílaba inicial e culmina no pico da sílaba nuclear. Uma vez que a presença de um trecho tonal baixo é frequentemente maior, mantemos o tom L na representação fonológica do acento bitonal ascendente dos vocativos.

Ademais, notamos que os vocativos são acompanhados de um padrão duracional característico, com as sílabas tônica e postônica alongadas. Em certos casos, o alongamento da sílaba postônica junto ao contorno L+H* L% parece adicionar um sentido de desaprovação ao chamamento pelo fato de não ter havido resposta ao primeiro chamamento, o que precisa ser investigado por meio de experimentos de percepção.

Na [tabela 39](#), apresentamos a distribuição dos padrões tonais nucleares entre os falantes para os dois tipos de chamamento nos dados semiespontâneos. É possível observar que L+H* !H% é o contorno entoacional relativamente mais realizado em chamamentos iniciais para a maioria dos falantes (FSBF, JOAL, JUJM). Contudo, para chamamentos insistentes, esse padrão tonal é relativamente mais frequente para apenas dois deles (FSBF, JOAL), enquanto L+H* L% ocorre apenas para outros dois (JUJM, MMEF). A melodia H+L* L% é exclusiva de DOMJ, sendo atestada em seus dois chamamentos. Os dados de leitura, apresentados na [tabela 40](#), confirmam que, no geral, L+H* !H% é o padrão mais frequente em

chamamentos iniciais, visto que é predominante para FSBF e único para JAAN. O contorno melódico L+H* L%, por sua vez, é o único padrão encontrado para MCLF.

Tabela 39 – Contorno entoacional nuclear dos vocativos no DCT.

Chamamento Inicial				Chamamento Insistente			
	H+L* L%	L+H* L%	L+H* !H%		H+L* L%	L+H* L%	L+H* !H%
DOMJ	5	-	-	DOMJ	5	-	-
FSBF	-	1	4	FSBF	-	1	4
JOAL	-	1	3	JOAL	-	-	4
JUJM	-	1	2	JUJM	-	3	-
MMEF	-	4	-	MMEF	-	4	-
Total	5	7	9	Total	5	8	8
N=21	23.8%	33.3%	42.9%	N=21	23.8%	38.1%	38.1%

Tabela 40 – Contorno entoacional nuclear dos vocativos no RT.

Chamamento Inicial		
	L+H* !H%	L+H* L%
FSBF	11	8
MCLF	-	17
JAAN	10	-
Total	21	25
N=46	45.7%	54.3%

É possível depreender, a partir dos dados da [tabela 39](#), que existem certos casos nos quais a mesma melodia foi atribuída à produção sequencial dos vocativos. Conforme mencionamos, na realização da tarefa de produção dos vocativos no DCT, aplicou-se primeiro o contexto do chamamento inicial e, em seguida, o contexto do chamamento insistente. Na maior parte dos casos (85.7%, $n=18/21$), o falante produziu os dois enunciados da sequência (tanto o que corresponde ao chamamento inicial quanto ao que corresponde ao insistente) com configurações tonais idênticas. Na [tabela 41](#), discriminamos as ocorrências para cada falante. Ainda que sejam idênticos, verificamos que a altura tonal e a duração são distintas para os vocativos. Chamamentos insistentes são sempre mais longos (100%, $n=21/21$), contendo, em média, 133 milissegundos a mais (DOMJ=128 ms, FSBF=186 ms, JOAL=161 ms, JUJM=128 ms, MMEF=62 ms). Eles também exibem picos tonais normalmente mais altos (85.7%, $n=18/21$), com 39.2 Hertz a mais em média (DOMJ=62 Hz, FSBF=34.3 Hz, JOAL=15.9 Hz, JUJM=63.6 Hz, MMEF=27.2 Hz).³⁵

Os vocativos da tarefa de leitura ainda fornecem informações quanto às estratégias de acomodação entre melodia e texto. Quando oxítonos são realizados com a configuração

³⁵ Desconsiderando os vocativos com contornos entoacionais distintos, esses valores médios se mantêm muito próximos: 36 Hertz (altera-se o seguinte valor: JUJM=61.4 Hz) e 139 milissegundos (alteram-se os seguintes valores: JOAL=118 ms, JUJM=201 ms). Todos os resultados foram obtidos a partir da medição da duração total (em milissegundos) de cada enunciado e do valor máximo (em Hertz) alcançado pela frequência fundamental na vogal da sílaba tônica.

Tabela 41 – Ocorrência de contornos entoacionais diferentes e idênticos nas sequências dos vocativos de chamamento no DCT.

	DIFERENTE	IDÊNTICO
DOMJ	-	5
FSBF	-	5
JOAL	1	3
JUJM	2	1
MMEF	-	4
Total	3	18
N=21	14.3%	85.7%

tonal L+H* !H%, a vogal nuclear se divide em todos os casos e para todos os falantes, formando duas sílabas — ex.: [ˈʒwã.ãw], [mi.ˈgɛ.ɛl], [val.de.ˈma.ar]. A primeira delas porta o acento tonal e a segunda, o tom de fronteira. Quando essa configuração tonal acompanha as paroxítonas ‘Maria’ e ‘Mário’, há alongamento da última vogal — ex.: [ma.ˈri.a:], [ˈma.rju:] —, que carrega o tom de fronteira !H%. Nos demais casos, !H% se realiza na sílaba postônica. Desse modo, o texto se modifica para acomodar a melodia. Já quando oxítonos são acompanhados de L+H* L%, o pico do acento tonal se realiza no centro da vogal nuclear e a queda prossegue até a coda, sendo esses eventos tonais abarcados, portanto, pela cadeia segmental do enunciado. Nos demais casos, L% se alinha, como o esperado, na postônica.

5.4.2 Comparação e síntese

Os padrões tonais nucleares ascendente-suspensivo L+H* !H% e ascendente-descendente L+H* L% do PLB correspondem, respectivamente, às melodias referidas na literatura como *vocative chant* (canto vocativo) ou *sustained pitch* (tom suspensivo) e *low vocative chant* (canto vocativo baixo) ou *low call* (chamamento baixo) (LADD, 2008 [1996]; FROTA; PRIETO, 2015b). São essas duas melodias que caracterizam os chamamentos do PB (PBA, PER, SE, BA, MG, RJ, SP, PR, SC, RS) e do PE (BRC, BRA, POR, COB, CTB, SEP, EVA, ALE, ALG, FCL, PTD) (CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a, 2015b; FROTA; MORAES, 2016). A exceção encontrada, até então, é o PB do RS, para o qual também se registra o contorno ascendente-descendente L* HL%. Entretanto, Frota *et al.* (2015a, p. 277) afirmam que esse contorno é o resultado da organização e da associação tonais diferentes de um mesmo formato melódico LHL presente nos vocativos do português. Uma diferença adicional é ainda encontrada no PE. O L inicial do acento nuclear é analisado como um prefixo de H*, visto que seu alinhamento e presença são variáveis,³⁶ sugerindo que as realizações de H* com ou sem L

³⁶ Segundo Frota (2014, p. 33) e Frota *et al.* (2015a, p. 272), o alinhamento do tom H é sempre realizado na vogal da sílaba tônica, mas o início da ascendência até o pico pode estar alinhado na fronteira esquerda da sílaba tônica ou pode se iniciar durante a pretônica, de forma similar ao que ocorre no PLB.

são realizações fonéticas do mesmo acento monotonal nuclear e, assim, são propostas as representações (L)H* !H% e (L+)H* L% (CRUZ, 2013; FROTA, 2014; FROTA *et al.*, 2015a). No PLB, por outro lado, a ocorrência clara de um alvo tonal baixo no acento tonal é mais frequente, indicando, assim como ocorre no PB (FROTA *et al.*, 2015a, p. 273), que os contornos nucleares podem possuir, de fato, um acento bitonal L+H* fonológico.

Ademais, assim como ocorre no PLB, nem sempre existem duas melodias distintas para cada um dos vocativos, ainda que expressem significados pragmáticos diferentes. No PE, a diferença entre os dois tipos de vocativos tem se mostrado mais regular: na maior parte das regiões, (L+)H* !H% caracteriza o chamamento inicial, e (L+)H* L%, o chamamento insistente (FROTA *et al.* 2015a, 2015b). Essa mesma regularidade foi encontrada em duas localidades brasileiras: SP e MG (FROTA *et al.*, 2015a). No entanto, L+H* L% é a melodia predominante dos vocativos do PB em todas as regiões (FROTA *et al.*, 2015b).³⁷ Além disso, no ALE, na BA e no RS, foram também atestados, respectivamente, os padrões (L+)H* !H%, L+H* !H% e L* HL% associados aos dois tipos de chamamento (FROTA *et al.*, 2015a). Nesses casos de emprego de um mesmo padrão tonal, o contraste entre chamamento inicial e chamamento insistente é capturado por diferenças na maior gama tonal e no maior alongamento silábico de um dos vocativos, à semelhança do que foi identificado no PLB.

As duas melodias vocativas mantêm também relações distintas com a cadeia segmental no português. No PB, embora ocorram casos de truncamento de L%, o ajuste do texto à melodia é predominante, registrando-se a presença de alongamento vocálico, característico do vocativo, junto a *low call* e a divisão da sílaba nuclear quando não há material pós-tônico junto a *vocative chant* (FROTA *et al.*, 2015b; FROTA; MORAES, 2016). No PE, por sua vez, não se registram casos de ajuste da melodia ao texto (CRUZ, 2013; FROTA, 2014; FROTA *et al.*, 2015b; FROTA; MORAES, 2016). Entre as estratégias atestadas de ajuste do texto à melodia (alongamento, epêntese e redobro vocálicos) com *low call*, predomina o alongamento vocálico (assim como no PB). Paralelamente, encontramos instâncias do chamamento insistente com L+H* L% no PLB em que essa sílaba é alongada e que podem estar relacionadas a matizes pragmáticos diferentes. Já com *vocative chant*, o redobro vocálico é a estratégia predominante do PE e a única encontrada para tal melodia no PLB.

No que se refere ao padrão tonal nuclear descendente H+L* L%, não há correspondências entre ele e os contornos entoacionais nucleares já descritos para o PE e o PB ou para outras línguas românicas quanto aos vocativos de chamamento (FROTA; PRIETO, 2015b). Pelo fato de ter sido atestado nos dados de apenas um dos falantes, é possível que ele seja, por um lado, idiossincrático. Por outro lado, ele pode ter uma função pragmática vocativa

³⁷ Frota e Moraes (2016, p. 160, tradução nossa) mencionam que, “em geral, esse padrão [L+H* !H%], no PB, é raro e percebido como mais marcado (ao menos na variedade do Rio de Janeiro).”

diferente daquela empregada pelos demais falantes (como um chamamento com valor enfático, incisivo, por exemplo). Estudos futuros poderão esclarecer essa questão.

Em suma, podemos afirmar que as considerações de Frota *et al.* (2015a) sobre a prosódia dos vocativos do PE e do PB analisadas pelos autores também são válidas para o PLB. Para esses autores, LH!H e LHL são os formatos melódicos dos vocativos de chamamento em português, os quais se organizam em configurações tonais associados à cadeia segmental de formas distintas, a depender da variedade (FROTA *et al.*, 2015a, p. 277). Assim, no PE, no PB e no PLB, LH!H se relacionaria aos padrões tonais L+H* !H% e (L+)H* !H%, e LHL se relacionaria aos padrões L+H* L%, (L+)H* L%, L* HL% e H+L* L%.

5.5 Contorno entoacional pré-nuclear

Nesta seção, fazemos breves considerações acerca dos contornos entoacionais pré-nucleares de alguns tipos de declarativas, interrogativas totais e interrogativas parciais do PLB. A partir de dados obtidos nas três tarefas empregadas neste estudo (DCT, RT, CT) e analisados quanto ao contorno entoacional nuclear, descrevemos os tipos de acentos tonais pré-nucleares encontrados (seção 5.5.1) e a frequência de associação desses eventos tonais ao contorno entoacional (seção 5.5.2). Fazemos ainda considerações acerca do fraseamento prosódico dos enunciados (seção 5.5.3) e da marcação tonal das fronteiras prosódicas (seção 5.5.4).

5.5.1 Tipos de acentos tonais pré-nucleares

De modo geral, notamos a preferência por acentos tonais ascendentes L+H* associados às PWs do contorno não nuclear de todos os tipos frásicos do PLB e para todos os falantes. O acento tonal L+H* representa uma ascendência melódica que se inicia no ataque da sílaba tônica e cujo pico está localizado na borda direita da vogal. Após o pico tonal, a curva inicia normalmente seu declínio. São também atestados acentos tonais H* e L*, que representam uma relativa estabilidade local alta e baixa, respectivamente, do tom ao longo da sílaba tônica. Os três acentos tonais podem ser observados nas figuras que ilustram os contornos entoacionais nucleares nas seções anteriores.

Para verificarmos os tipos de acentos tonais não nucleares mais detalhadamente, nos voltamos especificamente ao contorno pré-nuclear. Para isso, selecionamos, entre os dados semiespontâneos, declarativas (neutra, categórica, dubitativa, óbvia), interrogativas totais (neutra, eco, antiexpectativa, imperativa) e interrogativas parciais (neutra, com co-

ordenação, antiexpectativa) contendo pelo menos uma PW pré-nuclear. Apresentamos, nas tabelas 42, 43 e 44, a distribuição dos acentos tonais pré-nucleares dos três tipos frásicos por falante. A partir desse subconjunto de dados, verificamos que, nas declarativas, acentos tonais ascendentes L+H* são os mais frequentes (58.3%), seguidos dos acentos monotonais H* (37.8%), dos quais 70.1% ($n=75/107$) ocorrem na posição inicial de IP. O restante das ocorrências é formado por acentos monotonais L* (3.9%). Em interrogativas totais, L+H* é também o acento tonal mais frequente (69.6%), havendo também o acento tonal H* (30.4%). Esse último, em sua maioria (87.3%, $n=48/55$), ocorre no início de IP. Já em interrogativas parciais, H* é o acento tonal predominante (67.3%). No entanto, 83.6% ($n=117/140$) deles ocorrem, novamente, no início de IP. O segundo acento tonal mais frequente é L+H* (28.4%), que também pode ser encontrado na posição inicial (81.4%, $n=48/59$). Tons L* somam os 4.3% restantes das ocorrências.

Tabela 42 – Acentos tonais pré-nucleares de declarativas no DCT.

	L*	H*	L+H*
DOMJ	-	22	48
FSBF	-	37	48
JOAL	7	14	31
JUJM	3	4	19
MMEF	1	30	19
Total	11	107	165
N=283	3.9%	37.8%	58.3%

Tabela 43 – Acentos tonais pré-nucleares de interrogativas totais no DCT.

	H*	L+H*
DOMJ	16	16
FSBF	20	35
JOAL	8	28
JUJM	2	20
MMEF	9	27
Total	55	126
N=181	30.4%	69.6%

Tabela 44 – Acentos tonais pré-nucleares de interrogativas parciais no DCT.

	L*	L+H*	H*
DOMJ	2	17	38
FSBF	-	8	56
JOAL	5	10	11
JUJM	2	12	14
MMEF	-	12	21
Total	9	59	140
N=208	4.3%	28.4%	67.3%

Os dados de leitura (considerando as produções de FSBF e MCLF) confirmam a predominância dos acentos tonais ascendentes no contorno pré-nuclear. Nos enunciados referentes ao RLD, 97.6% ($n=1250/1281$) dos acentos tonais são L+H*. As demais ocorrências compreendem o acento tonal H* (0.2%, $n=2/1281$), encontrado na posição inicial de IP, e o acento tonal L* (2.3%, $n=29/1281$), associado, predominantemente, a PWs curtas nas quais há apenas uma ou nenhuma sílaba átona entre sua sílaba tônica e a sílaba tônica da PW anterior (o mesmo tende a ocorrer nos dados semiespontâneos para L*). O acento tonal L+H* é também predominante em interrogativas totais (87.7%, $n=142/162$) e parciais (80.9%, $n=38/47$) neutras, sendo H* uma possibilidade encontrada somente na primeira PW de IP, que corresponde a 12.3% ($n=20/162$) e a 19.1% ($n=9/47$), respectivamente, desse tipo de acento tonal.

Uma observação mais atenta das realizações dos acentos tonais ao longo do contorno pré-nuclear de todos os enunciados do PLB sugere que os acentos monotonais altos (H*) possam ser variações fonéticas do acento tonal fonológico L+H*. Isso porque, em posição inicial de IP, H* sempre se associa a PWs que consistem em um monossílabo ou a PWs que não possuem sílabas pretônicas. Nos dois casos, não havendo material segmental para a plena realização do alvo tonal baixo, apenas o tom H do acento tonal seria obri-

gatoriamente realizado. Em posição interna de IP, H* representa uma relativa estabilidade alta ou levemente acentuada da melodia na sílaba tônica, que pode ser precedida de um nível tonal mais alto e sucedida por um declínio. Ele normalmente se encontra associado à segunda PW de uma sequência de duas PWs que portam acento tonal e cujas sílabas tônicas são separadas por apenas uma ou nenhuma sílaba átona — ex.: *(está)_{PW}(tomando)_{PW}, (a mulher)_{PW}(loira)_{PW}*. Ele também pode ocorrer sucedendo um evento tonal extra-alto, como o acento tonal da palavra interrogativa em interrogativas parciais. Nesse caso, o tom baixo corresponderia à abrupta mudança do nível tonal, mas a ascendência e o pico na sílaba tônica não seriam tão evidentes, resultando apenas num platô tonal. O fato de L+H*, o acento tonal mais frequente, poder ocorrer em todas as posições em que H* é realizado (seja associado a PWs iniciais ou internas de IP) reforça a interpretação de que ambos são realizações de um mesmo acento tonal.

Embora existam tipos distintos de acentos tonais no contorno pré-nuclear das declarativas e das interrogativas, a partir da inspeção realizada, encontramos evidências para reconhecer que: (i) o acento tonal ascendente L+H* é o mais representativo do contorno não nuclear do PLB devido à sua alta frequência; e (ii) a associação de cada tipo de acento tonal parece depender, muitas vezes, do contexto prosódico, visto que H* e L* ocorrem frequentemente em posições determinadas. Qualitativamente, os dados espontâneos confirmam a predominância de L+H* nas declarativas neutras e nas interrogativas totais e parciais neutras.

5.5.2 Densidade tonal

A associação de acentos tonais não nucleares ao longo do contorno entoacional é um parâmetro em variação em português, podendo distinguir variedades e tipos frásicos (FROTA, 2000, 2014; FROTA, 2002a; 2014; CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a; CASTELO, 2016).

A densidade tonal consiste na proporção de acentos tonais em relação ao número total de PW que compõem o contorno, excluindo os acentos tonais iniciais e finais de IP e as respectivas PWs a que estão associados (FROTA; VIGÁRIO, 2000, 2003). No PLB, a densidade tonal é investigada em três tipos frásicos principais — declarativas, interrogativas totais e interrogativas parciais — com o objetivo de verificarmos se esses tipos frásicos possuem uma distribuição distinta de acentos tonais. No cálculo da densidade, empregamos os dados descritos nas seções anteriores, selecionando entre eles somente enunciados com pelo menos uma PW interna ao IP, conforme se observa nos exemplos dados em (46) (as PW internas estão em negrito). Quando o enunciado é mapeado em dois IPs, nem sempre há PWs internas disponíveis (46-d) e, portanto, tais enunciados foram desconsiderados. Ade-

mais, se houve dúvida quanto à presença ou não do acento tonal, ele foi considerado não atribuído.

- (46) a. (Ela)_{PW} (**está**)_{PW} (**a tomar**)_{PW} (**sumo**)_{PW} (de limão.)_{PW}
 b. (O José)_{PW} (**estudou**)_{PW} (**a lição**)_{PW} (dez?)_{PW}
 c. (Quem)_{PW} (**são**)_{PW} (**essas**)_{PW} (**pessoas**)_{PW} (**tão**)_{PW} (**bonitas**)_{PW} (**que estão**)_{PW} (**nessa**)_{PW} (foto?)_{PW}
 d. [(O ator)_{PW} (de novela)_{PW}]_{IP} [(anda)_{PW} (de carro.)_{PW}]_{IP}

Seguindo estudos anteriores acerca da densidade tonal no PE e no PB (CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a), calculamos a densidade tonal no conjunto dos enunciados semiespontâneos. Os enunciados realizados com pelo menos uma PW interna pertencem aos seguintes tipos frásicos: (i) declarativas neutras, categóricas, exclamativas e dubitativas; (ii) interrogativas totais antiexpectativa; e (iii) interrogativas parciais neutras, com coordenação, antiexpectativa e imperativas. O fato de o DCT não ser desenvolvido para a análise da atribuição de acentos tonais implica na ausência da maioria dos subtipos de interrogativas totais, já que normalmente, nessa tarefa, elas foram produzidas como enunciados curtos, compostos por até duas PWs. Mesmo assim, os dados obtidos na tarefa fornecem informações relevantes sobre a densidade tonal no PLB. A partir da análise geral dos dados, notamos que é recorrente a atribuição de acentos tonais às PWs internas: considerando todos os tipos frásicos selecionados, 64.9% ($n=279/430$) delas porta um acento tonal. Ainda que os tipos frásicos aqui considerados não sejam exatamente os mesmos aos empregados em outros estudos,³⁸ o PLB possui uma densidade tonal geral próxima à reportada para dados do DCT do PB: no PB (BA, MG, RS, SP), registra-se uma densidade tonal variando de 56% a 66%, ao passo que no PE (ALE, ALG, POR, SEP), encontra-se uma densidade tonal variando de 19% a 49% (FROTA *et al.*, 2015a, p. 281). Com relação ao conjunto de tipos frásicos principais do PLB, declarativas (71.6%, $n=166/232$) e interrogativas totais (76.5%, $n=78/102$) têm densidades tonais mais próximas entre si do que em relação às interrogativas parciais (36.5%, $n=35/96$), um comportamento que é visto na maioria dos falantes. Essa diferença de densidade tonal para tais tipos frásicos é também encontrada no PE no que diz respeito a dados do DCT, mas não no PB, cujos valores de densidade tonal são altos para todos os tipos frásicos (CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a).

Consideramos, em um segundo momento, apenas as declarativas neutras e as interrogativas totais e parciais neutras, nos três estilos discursivos, para o cálculo da densidade tonal. Os dados referentes às declarativas revelam diferentes densidades, a depender do tipo de tarefa envolvida na sua produção. Em dados espontâneos, 74.4% das PWs internas ao IP portam um acento tonal, ao passo que, em dados semiespontâneos, esse valor

³⁸ Declarativas exclamativas e dubitativas e interrogativas imperativas não fazem parte dos estudos de Cruz (2013) e de Frota *et al.* (2015a).

decrece para 61.2%. Na leitura, a densidade tonal máxima é encontrada: todas as PW possuem um acento tonal associado, seja nos dados de FSBF (100%, $n=713/713$) ou nos dados de MCLF (100%, $n=357/357$). Estudos sobre outras duas variedades africanas de português, o PGB e o PST, cujos dados de leitura foram obtidos a partir de adaptações do RLD, também relevam uma alta densidade tonal: 94.7% no PGB e 100% no PST (SANTOS, V., 2015; BRAGA, 2018). No PB (SP), dados referentes a essa mesma base de dados também exibem densidades tonais elevadas: de 98% a 100% nos sujeitos e de 82% a 100% nos predicados (FERNANDES-SVARTMAN; ROMANO, 2017). Esses resultados confirmam o apontamento de Santos e Braga (2017, p. 83), segundo o qual as variedades africanas e brasileiras de português possuem mais semelhanças entre si, se comparadas ao PE, no que se refere à associação de eventos tonais ao contorno não nuclear, pelo menos no que diz respeito a dados de leitura desse tipo de declarativa.

A frequência dos tipos de acentos tonais encontrados no contorno pré-nuclear nos dados de leitura permite-nos observar também que, assim como o PB, o PGB e o PST (FROTA; MORAES, 2016; SANTOS; BRAGA, 2017), o PLB corrobora a sugestão feita por Jun (2005) de que línguas com uma rica distribuição de acentos tonais tendem a exibir o mesmo tipo de acento tonal pré-nuclear. Em todas essas variedades de português, acentos tonais ascendentes (L^*+H ou $L+H^*$) são os mais comuns no trecho pré-nuclear e, em todas elas, há também, frequentemente, a presença de um acento tonal por PW, o que consiste num fator importante para a distinção entoacional do PB, do PGB e do PST em relação ao PE, assim como no contraste rítmico que estabelecem com as variedades europeias. Isso porque, segundo Jun (2005c, 2014b), a regularidade de um mesmo padrão tonal nas sílabas ou nas palavras do enunciado implica uma maior ritmicidade do que existiria se houvesse padrões diferentes ou esparsos. Nesse sentido, o PLB parece estar mais próximo do PB e de outras variedades africanas de português pela possibilidade de haver uma frequente atribuição de acentos tonais a cada PW nesse tipo de enunciado. Por outro lado, se distancia do PE por ele apresentar uma distribuição mais esparsa de acentos tonais pré-nucleares em suas diferentes localidades.

A densidade tonal encontrada em declarativas neutras no DCT e no CT para cada falante é apresentada, respectivamente, nas tabelas 45 e 46.³⁹

As interrogativas, por sua vez, apresentam valores ligeiramente menores do que as declarativas. As interrogativas totais neutras possuem uma densidade tonal de 61.8% na fala espontânea (contra os 74.4% das declarativas). Já na leitura, seu valor é de 49% ($n=74/151$), considerando as produções de FSBF (51.3%, $n=60/117$) e MCLF (41.2%, $n=14/34$), valor que

³⁹ Nas tabelas, T* indica a quantidade de acentos tonais realizados e PW o número de PW internas ao IP existentes. DT é a densidade tonal calculada a partir desses dois valores.

Tabela 45 – Densidade tonal em declarativas neutras no DCT.

	DT	T*/PW
DOMJ	80%	(4/5)
FSBF	83.3%	(15/18)
JOAL	57.1%	(4/7)
JUJM	50%	(4/8)
MMEF	27.3%	(3/11)
	61.2%	(30/49)

Tabela 46 – Densidade tonal em declarativas neutras no CT.

	DT	T*/PW
DOMJ	84.6%	(11/13)
FSBF	85.7%	(18/21)
JOAL	64.3%	(9/14)
JUJM	57.1%	(4/7)
MMEF	75%	(12/16)
KJAJ	63.6%	(7/11)
	74.4%	(61/82)

é aproximadamente a metade da densidade tonal máxima para esse estilo discursivo nas declarativas neutras. Quanto às interrogativas parciais neutras, são poucos os enunciados que possuem uma ou mais PWs internas ao IP em dados semiespontâneos, sendo, em sua maioria, monossílabos, o que pode influenciar na associação de acentos tonais. Nesses dados, a densidade tonal é de 12.5%, a menor encontrada. Já na fala espontânea e na leitura, que apresentam uma quantidade maior de PWs internas, esse valor é de 49.6% e 62.9% respectivamente (este último calculado a partir das produções de FSBF (71.4%, $n=15/21$) e MCLF (50%, $n=7/14$). Apresentamos, na tabela 47 e nas tabelas 48 e 49, a densidade tonal encontrada, respectivamente, em interrogativas totais (CT) e em interrogativas parciais (DCT e CT).

Tabela 47 – Densidade tonal em interrogativas totais neutras no CT.

	DT	T*/PW
DOMJ	66.7%	(16/24)
FSBF	70%	(7/10)
JOAL	50%	(13/26)
KJAJ	68.8%	(11/16)
	61.8%	(47/76)

Tabela 48 – Densidade tonal em interrogativas parciais neutras no DCT.

	DT	T*/PW
DOMJ	0%	(0/10)
FSBF	12.5%	(2/16)
JOAL	25%	(1/4)
JUJM	50%	(1/2)
	12.5%	(4/32)

Tabela 49 – Densidade tonal em interrogativas parciais neutras no CT

	DT	T*/PW
DOMJ	47.8%	(11/23)
FSBF	45.9%	(17/37)
JOAL	53.6%	(15/18)
JUJM	57.9%	(11/19)
KJAJ	33.3%	(2/6)
	49.6%	(56/113)

Ainda que uma análise na qual se comparem enunciados com estruturas sintáticas e prosódicas similares seja necessária (visto que esses dados, por exemplo, se referem a enunciados contendo de uma a sete PWs internas, com diferentes ramificações sintático-prosódicas),⁴⁰ ao considerarmos os três tipos frásicos obtidos nas três tarefas, vemos que as declarativas tendem a exibir as maiores densidades tonais: as interrogativas parciais neutras exibem valores de 12.5% a 62.9%, as interrogativas totais neutras, de 49% a 61.8%, e as declarativas neutras, os valores mais altos, entre 61% e 100%. Esses resultados, portanto, são um indicativo de que a densidade tonal pode contribuir para a discriminação

⁴⁰ A separação por quantidade de PWs, por exemplo, tornaria os dados esparsos entre todas as possibilidades, não contribuindo para a depreensão de generalizações.

desses tipos frásicos no PLB de forma análoga ao que ocorre no PE e no PB (CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a; CASTELO, 2016).

5.5.3 Fraseamento prosódico

Além da densidade tonal, o fraseamento prosódico é também uma propriedade que distingue fonologicamente as variedades de português. Nesta seção, discutimos o fraseamento prosódico do PLB especificamente no que se refere ao mapeamento, em sintagmas entoacionais, dos enunciados que apresentam o sujeito (S) seguido do verbo (V) e, na sequência, o objeto (O) na disposição dos constituintes.

Diversas pesquisas realizadas nas línguas românicas e suas variedades, incluindo o português, vêm observando que há variação quanto aos padrões de fraseamento prosódico das sentenças declarativas neutras que apresentam a ordem SVO (*e.g.* FROTA, 2000, 2014; ELORDIETA *et al.*, 2003; VIGÁRIO; FROTA, 2003; D'IMPERIO *et al.*, 2005; ELORDIETA; FROTA; VIGÁRIO, 2005; FROTA *et al.*, 2007; FROTA; VIGÁRIO, 2007; CRUZ, 2013; FERNANDES SVARTMAN *et al.*, a sair). Os padrões de fraseamento (SVO) e (S)(VO) são os mais frequentemente encontrados nessas línguas, havendo diferente fatores sintáticos e prosódicos influenciando a manifestação de cada padrão. No primeiro caso, sujeito, verbo e objeto são fraseados no mesmo IP, ao passo que, no segundo, o sujeito é fraseado em um IP separado do IP no qual o verbo e o objeto se encontram.

Em grande parte desses estudos, aspectos do fraseamento prosódico foram comparativamente analisados por meio de um conjunto de dados com estruturas análogas, o RLD, adaptado a cada uma das línguas. O principal objetivo do RLD é explorar a influência da complexidade sintática e prosódica no fraseamento prosódico. Para a análise do fraseamento prosódico do PLB, utilizamos 379 enunciados (149 sentenças de MCLF e 230 sentenças de FSBF), coletados na tarefa de leitura a partir da adaptação do RLD.⁴¹

Seguindo estudo prévios (*e.g.* FROTA; VIGÁRIO, 2007; FROTA *et al.*, 2007; CRUZ, 2013; FERNANDES-SVARTMAN; SANTOS; BRAGA, 2018), as fronteiras de IP foram definidas de acordo com pelo menos uma das seguintes pistas perceptuais e acústicas: a presença de *pausa* (trecho de silêncio), o *alongamento silábico* pré-fronteira e a variação da *gama tonal* em uma fronteira em potencial. Em conjunto, essas pistas auxiliam na definição da presença ou ausência da fronteira de IP.

⁴¹ Para detalhes da estrutura do RLD adaptado ao PLB, confira o [capítulo 4 \(seção 4.1.2\)](#).

Tabela 50 – Padrões de fraseamento das sentenças declarativas neutras SVO, considerando as ramificações do sujeito no RT [RLD].

PADRÃO DE FRASEAMENTO	(S)(VO)	(SVO)
Geral	12 (3.2%)	367 (96.8%)
Com S não ramificado	-	155 (100%)
Com S ramificado	6 (3.7%)	156 (96.3%)
Com S duplamente ramificado	6 (9.7%)	56 (90.3%)

Em relação ao contorno entoacional dos IP não finais, foram encontrados padrões tonais ascendentes L* H% (6 casos) ou L+H* H% (3 casos) e o ascendente-descendente L+H* L% (2 casos), acompanhados de alongamento pré-fronteira ou pausa. A configuração tonal L* H% também caracteriza o contorno nuclear do IP da expressão parentética nos poucos dados de leitura produzidos por FSBF (um total de 7) (figuras 61 e 62). Consideramos que a parentética [*até onde sabemos*] da figura 61 está mapeada num IP independente do trecho subsequente pelo fato de (*sabemos*)_{PW} portar um acento tonal L*, o qual possui baixa ocorrência nos contornos pré-nucleares do PLB, mas que é visto no contorno nuclear das demais parentéticas e do IP não final no padrão de fraseamento do tipo (S)(VO). A partir das estruturas parentéticas, pesquisas no PE vêm observando que IPs curtos podem formar um domínio de IP composto junto ao IP adjacente (FROTA, 2000; CRUZ, 2013; BARROS, 2014). No entanto, pela pouca quantidade de dados, não é possível avaliar se a parentética forma um único IP à parte do trecho antecedente, pertencente à oração principal em parte dos dados do PLB (figura 62).

Figura 61 – Tarefa: RT_PHR [1]. **Tipo frásico:** declarativa neutra. **Contexto:** Leia as seguintes frases. **Falante:** FBSF.

Em outros dados de leitura, nos quais as sentenças declarativas neutras contêm de três a quatro PWs (oriundas do conjunto de dados TFN), além do fraseamento (SVO) — mais comum, correspondendo a 80% dos dados —, o fraseamento (S)(VO) também é possível. A distribuição dos dois padrões entre os falantes é fornecida na tabela 51. Na maior parte dos casos, as fronteiras entre os IPs se estabelecem entre os constituintes em contexto de choque de acento — ex.: ‘...galã]_{IP}[*anda...*, ‘...manhã]_{IP}[*âmbar...*’. Não sendo esse o caso, há uma tendência de haver o padrão de fraseamento prosódico em um único IP — ex.:

Figura 62 – Tarefa: RT_PHR [2]. Tipo frásico: declarativa neutra. Contexto: Leia as seguintes frases. Falante: FSBF.

'...galã andava...]_{IP}', '...manhã angelical...]_{IP}' (compare as figuras 63a e 63b). Os IPs são sempre delimitados por pausa e apresentam um contorno entoacional nuclear ascendente L+H* H%. Entretanto, há casos em que não identificamos um claro contorno entoacional nuclear,⁴² sendo associado apenas o acento tonal L+H* à PW que antecede a quebra, que se dá por meio da laringalização da vogal ou da inserção de uma obstrução glotal (figura 64).⁴³

Tabela 51 – Padrões de fraseamento das sentenças declarativas neutras SVO no RT (TFN).

	(S)(VO)	(SVO)
DOMJ	1	2
FSBF	4	22
MMEF	2	2
MCLF	-	2
Total	7	28
N=35	20%	80%

Os dados de fala semiespontânea confirmam a possibilidade de haver o padrão de fraseamento (S)(VO). Entre as declarativas neutras, registram-se sentenças fraseadas em dois IPs, os quais são delimitados por pausa em todos os casos. Essas sentenças não são fre-

⁴² São eles os seguintes: para FSBF, 2 dados de (SV)(O) e 4 dados de (SVO)(O) e, para MCLF, 2 dados de (SVO)(O) e 1 dado de (SV)(O).

⁴³ De fato, observamos, com base nos demais conjuntos de dados, que a manutenção das vogais em contexto de sândi vocálico externo por meio da laringalização e da inserção de uma quebra glotal ou de uma pausa são estratégias possíveis no PLB. Esse fenômeno pode estar relacionado ao estilo de leitura que o falante emprega, em que, muitas vezes, dá atenção à pronúncia de cada palavra enunciada. Quando uma dessas estratégias ocorre, a sibilante em coda realiza-se como [ʃ]. Importa dizer que, diferentemente do que ocorre no PE (e.g. FROTA, 2000; CRUZ, 2013), mas semelhantemente ao que acontece no PB (e.g. TENANI, 2002), ela não constitui uma pista para o fraseamento prosódico, uma vez a sibilante em coda se realiza categoricamente como [z] diante de vogal, [ʃz] diante de consoante, assimilando seu vozeamento, e [ʃ] diante de vogal laringalizada ou silêncio, revelando não haver restrições no domínio da PW ou níveis prosódicos superiores para essas manifestações. Ademais, em uma análise qualitativa dos dados de leitura de um dos falantes (FSBF), observamos que, a princípio, não parece haver nenhuma restrição de um domínio prosódico específico quanto à aplicação de elisão, degeminação e ditongação, a não ser a tendência ao bloqueio quando há acento na primeira vogal, o que precisa ser submetido a uma investigação aprofundada.

Figura 63 – Tarefa: RT_TFN [11, 13]. **Tipo frásico:** Declarativa neutra. **Contexto:** Ouvi dizer. **Falante:** FSBF.

Figura 64 – Tarefa: RT_TFN [15]. **Tipo frásico:** Declarativa neutra. **Contexto:** Ouvi dizer. **Falante:** FSBF.

quentes nos dados: considerando apenas os enunciados formados por mais de uma PW, apenas 17.6% deles são fraseados em dois IPs, exibindo o padrão (S)(VO). À exceção de um caso, todos eles são formados por um sujeito não ramificado (contendo de três a quatro sílabas) e, novamente, à exceção de um caso, todos eles são formados por objetos não ramificados curtos (contendo três sílabas). Um contorno ascendente, composto pela configuração tonal L+H* H%, está associada ao contorno nuclear de todos os IPs não finais.⁴⁴ Confira a distribuição dos padrões de fraseamento das sentenças declarativas neutras SVO do DCT na [tabela 52](#).

Além das declarativas neutras, em 21.4% ($n=6/22$) das declarativas dubitativas foram também encontrados casos de fraseamento (S)(VO), produzidas por dois dos cinco falantes (FSBF: $n=2/5$; DOMJ: $n=4/5$) ([figura 65](#)). No conjunto dos dados, dubitativas contêm de cinco a oito PWs, mas não identificamos, assim como para as declarativas neutras, fatores prosódicos que pudessem condicionar um tipo de fraseamento em detrimento do outro:

⁴⁴ Esses resultados são diferentes dos reportados preliminarmente por Santos e Fernandes-Svartman (2018), visto que, em uma investigação mais detalhada, alguns enunciados foram descartados por não exibirem contorno neutro ou não terem uma enunciação concatenada.

Tabela 52 – Padrões de fraseamento das sentenças declarativas neutras SVO no DCT.

	(S)(VO)	(SVO)
DOMJ	1	6
FSBF	6	14
JOAL	1	4
JUJM	-	7
MMEF	1	11
Total	9	42
N=51	17.6%	82.4%

na produção dos falantes, as sentenças têm, em média, o mesmo número de ramificações sintático-prosódicas e número de sílabas. Associados ao IP não final das declarativas dubitativas são atestados contornos entoacionais nucleares distintos: $H>+L^*$ L%, tipicamente encontrado no seu contorno nuclear final, L^* L% ou L^* H%.

Excetuando declarativas enumerativas e interrogativas com enumeração (as quais possuem padrões de fraseamentos particulares), não encontramos, nos demais tipos frásicos, fraseamentos diferentes de (SVO) que fossem considerados como decorrentes de uma leitura concatenada e não hesitativa.

Figura 65 – Tarefa: DCT [9]. **Tipo frásico:** Declarativa dubitativa. **Contexto:** Você já comprou o presente. Mas acha que não comprou um bom presente. Diz que ela pode não gostar do que lhe compraste. **Falante:** DOMJ.

A predominância do padrão de fraseamento prosódico (SVO) e a rica atribuição de acentos tonais em declarativas neutras é um indicativo de que essas duas propriedades prosódicas são dimensões de variação independentes no PLB, assim como se atesta em certas localidades para o PE (CRUZ, 2013) e como se pode inferir a partir das descrições do PB. No PE, a baixa densidade tonal (14–27%) junto à preferência pelo padrão de fraseamento (SVO) é vista no SEP. Por outro lado, no NEP, a atribuição mais frequente de acentos tonais (74%) está associada ao padrão (S)(VO), predominante para essa localidade (VIGÁRIO; FROTA, 2003; FROTA; VIGÁRIO, 2007). No entanto, no ALE e no ALG, tanto ao padrão de fraseamento (S)(VO), predominante para o primeiro, quando ao padrão de fraseamento (SVO), predominante para o segundo, estão associados valores de densidade tonal relati-

vamente mais altas (83% e 67% respectivamente), o que leva Cruz (2013, p. 85) a sugerir que a correlação entre esses dois fatores prosódicos (fraseamento e densidade tonal) não é generalizada por todo o PE e, portanto, não é uma propriedade do sistema prosódico do português. De fato, ela não parece ser, em vista do PB, do PGB e do PST, nos quais vem se atestando uma rica atribuição de eventos tonais (em geral, quase toda PW porta um acento tonal). Além disso, pesquisas vêm demonstrando que, para o PB (BA, SP, RS, SC), o PGB e o PST, o padrão de fraseamento mais comum é (SVO) (SANTOS, V., 2015; BRAGA, 2018; FERNANDES-SVARTMAN; SANTOS; BRAGA, 2018; FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, a sair). Os resultados do PLB, no que se refere ao padrão de fraseamento predominante e à densidade tonal, reforçam a sua inclusão no grupo formado pelo PB, o PGB e o PST.

5.5.4 Associação tonal em fronteiras prosódicas

Em português, o domínio prosódico relevante para a associação de tons de fronteiras é, de modo geral, IP (*e.g.* FROTA, 2000, 2014; TENANI, 2002; CRUZ, 2013; BARROS, 2014; FROTA *et al.*, 2015a; SANTOS, V., 2015; BRAGA, 2018). Conforme visto na descrição feita para os contornos entoacionais nucleares, o PLB segue essa generalização: L% e H% são encontrados na maioria dos tipos frásicos, %H foi registrado em imperativos e interrogativas totais disjuntivas e !H%, em vocativos. Além da marcação tonal das fronteiras prosódicas direita e esquerda de IPs, há, no entanto, a possibilidade de tons baixos se associarem às fronteiras de constituintes prosódicos de níveis abaixo desse sintagma na hierarquia prosódica.

Tom baixos delimitando fronteiras de constituintes prosódicos diferentes de IP também foram atestados em outras variedades de português: PB (SP), PE (ALE), PGB e PST (FERNANDES, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; CRUZ, 2013; SANTOS, V., 2015; ROSIGNOLI, 2017; BRAGA, 2018). Eles são normalmente referidos como acentos frasais por estarem associados ao sintagma fonológico. No PB (SP), a fronteira direta do PhP é marcada por um tom baixo quando o elemento focalizado porta um acento tonal L*+H, sendo essa marcação encontrada em declarativas (FERNANDES, 2007b; TENANI; FERNANDES SVARTMAN, 2008) e interrogativas (ROSIGNOLI, 2017). No PE (ALE), a fronteira esquerda do PhP cabeça de IP (final ou não final) de diversos tipos frásicos é opcionalmente marcada por um tom baixo (CRUZ, 2013). Já para o PGB e o PST, tons baixos são opcionalmente encontrados entre os limites de PhPs ao longo das declarativas neutras, não sendo claros os fatores reguladores da atribuição desses eventos tonais (SANTOS, V., 2015; BRAGA, 2018).

Em nossos dados, eles também são pouco frequentes e foram encontrados em diversos tipos frásicos e em todos os estilos discursivos (fala espontânea, semiespontânea e leitura). Ao longo das seções anteriores, esse evento tonal é visto em algumas figuras rotulado como

L_p , indicando que um tom baixo (L) delimita a fronteira de um constituinte prosódico (p).⁴⁵ Diante da análise feita para outras variedades de português, assumimos que, no PLB, ele também seja o sintagma fonológico.

Em um levantamento que consideramos os enunciados produzidos no DCT compostos por mais de duas PWs, em apenas 20.9% ($n=46/220$) deles, há um tom baixo delimitando as fronteiras de PhPs que não coincidem com as de IP. Os tipos frásicos em que L_p foi encontrado são os seguintes: declarativas neutras (27.8%, $n=15/54$), interrogativas totais antiexpectativa (17.4%, $n=8/46$) e interrogativas parciais neutras (17.4%, $n=12/69$), antiexpectativa (31.3%, $n=5/16$) e imperativas (17.1%, $n=6/35$). Desse levantamento, concluímos que, se por um lado, nos dados de FSBF, L_p está presente em todos os tipos frásicos citados, por outro, não há registro desse evento tonal nos dados de JOAL. Para os demais falantes, as possibilidades de ocorrência são distintas: L_p é identificado em interrogativas totais antiexpectativa, parciais neutras e parciais imperativas para DOMJ e JUJM e em declarativas neutras e interrogativas neutras para MMEF. Além desses tipos frásicos, L_p é encontrado delimitando a fronteira direita do elemento focalizado (declarativas com foco estreito não final) ou enfatizado (declarativas exclamativas) quando ele porta um acento tonal ascendente ($L+H^*$), de forma semelhante ao que acontece no PB (SP) (e.g. FERNANDES, 2007b). Nas declarativas e interrogativas totais, L_p encontra-se delimitando as fronteiras prosódicas das duas últimas PWs do enunciado. Já nas interrogativas parciais, ele pode ser encontrado nessa mesma posição, mas também delimitando a palavra interrogativa, que se encontra no início do enunciado.

⁴⁵ Há dois motivos para a adoção desse rótulo. O primeiro deles é que, tradicionalmente, os acentos frasais (L^- , H^-) estão relacionados ao *intermediate phrase* (*ip*), um nível prosódico não atestado em português. Esse domínio se refere a um constituinte abaixo de IP e acima do nível prosódico que pode equivaler a PhP em português. Embora ele faça parte de muitas descrições entoacionais das línguas românicas, Frota e Prieto (2015) alertam que, para pelo menos algumas línguas românicas, ainda são necessários estudos comparativos para determinar se o domínio prosódico a que os denominados acentos frasais se associam difere realmente do sintagma entoacional. Isso porque, “por um lado, na maioria, se não em todas, os traços que caracterizam *ip* também caracterizam IP, tanto na língua/variedade quanto entre elas. Por outro lado, diferenças gradientes na força da junção têm sido registradas [...]” (FROTA; PRIETO, 2015b, p. 396, tradução nossa). Cabe notar que estudos acerca do PE encontram a possibilidade de haver IPs compostos, cujas propriedades que os distinguem de IPs simples são, de fato, forças gradientes (FROTA, 2000; CRUZ, 2013; BARROS, 2014). O segundo motivo é que a marcação tonal do limite de fronteiras prosódicas é ainda observada em outros constituintes, como o *accentual phrase* (BECKMAN; PIERREHUMBERT, 1986 – japonês; JUN, 2005 – coreano; VICENIK; JUN, 2005 – georgiano; ELORDIETA; HUALDE, 2014 – basco; DELAIS-ROUSSARIE *et al.*, 2015 – francês; SICHEL-BAZIN; MEISENBURG; PRIETO, 2015 – occitano) e mesmo a palavra fonológica (GODJEVAC, 2005 – servo-croata; IPEK, 2015 – turco), havendo um diacrítico específico relacionado ao domínio no qual ele ocorre (ex.: ‘w’ para palavra fonológica, ‘a’ para *accentual phrase*). Nas variedades do português, *edge tones* que demarcam fronteiras do sintagma fonológico, normalmente denominados de acentos frasais, foram anotados por L_p , pL ou L^- (FERNANDES, 2007a, 2007b; CRUZ, 2013; SANTOS, V., 2015; BRAGA, 2018). Portanto, a intenção de empregarmos L_p no PLB é a de reforçar a dissociação desse evento tonal de *ip* e tornar sua representação clara na transcrição prosódica.

Os dados de leitura trazem outras evidências para a caracterização dos padrões de associação de L_p no português libolense. Na tentativa de encontrar comportamentos regulares de associação de L_p , investigamos a sua realização nos dados de leitura do RLD por eles apresentarem um controle maior de parâmetros sintático-prosódicos em relação aos dados semiespontâneos. No entanto, os dados não esclarecem quais seriam os fatores de associação de L_p . Para MCLF, não foram registrados casos de associação desse evento tonal. Em suas produções, a transição do pico de um acento tonal $L+H^*$ é feita de forma progressiva até o tom L do próximo evento tonal (ou do tom H , no caso do acento tonal nuclear $H+L^*$), perpassando as fronteiras prosódicas (figura 66). Para FSBF, apesar de a maioria das fronteiras exibirem um comportamento idêntico ao de MCLF, L_p pode ser encontrado, embora seja pouco frequente. Nos casos em que ocorre, a descendência que parte do pico do acento tonal atinge seu ponto baixo, iniciando um platô, na sílaba inicial da PW subsequente (figura 67). Há, portanto, a cessão do declínio da curva de F_0 e a manutenção da altura da curva até a realização do próximo acento tonal. Quando não há a distância de três sílabas átonas entre as sílabas tônicas — conforme se vê em *(a libanesa)_{PW}(levava)* na figura 67 —, não foi possível distinguir se o trecho baixo se refere a L_p ou ao tom L do acento tonal subsequente.

Figura 66 – Tarefa: RT_RLD [65]. **Tipo frásico:** Declarativa neutra. **Contexto:** Leia as seguintes frases. **Falante:** MCLF.

Figura 67 – Tarefa: RT_RLD [57]. **Tipo frásico:** Declarativa neutra. **Contexto:** Leia as seguintes frases. **Falante:** FSBF.

No conjunto total dos dados de leitura, considerando todas as fronteiras de PhPs possíveis (isto é, não levando em conta o processo de reestruturação desse constituinte), L_p é encontrado em 8.1% ($n=65/800$) dos casos. A inspeção do ambiente prosódico em que L_p é encontrado revela que esse evento tonal é consideravelmente menos frequente delimitando PhPs do sujeito (2%, $n=1/65$) ou delimitando o sujeito e o verbo (22%, $n=14/65$) se comparado aos limites de PhPs que fazem parte do predicado (77%, $n=50/65$). Quanto ao tamanho e a ramificação, L_p é mais frequente seguindo PhPs longos (78%, $n=51/65$), formados por mais de quatro sílabas, os quais normalmente não são ramificados (83%, $n=54/65$) (em conjunto, representam 62% dos dados – $n=40/65$). Além disso, os PhPs subsequentes são também predominantemente não ramificados (85%, $n=55/65$). Logo, eles são mais recorrentes no predicado sentencial e delimitando PhPs longos e não ramificados. De modo semelhante, no PGB, as fronteiras direitas de PhPs não ramificados longos (compostos por mais de quatro sílabas) são também os que mais frequentemente possuem tons baixos associados; por outro lado, esses PhPs são, sobretudo, constituintes do sujeito sentencial (SANTOS, V., 2015, p. 112). No PST, por sua vez, a ramificação prosódica e a posição sintática dos PhPs parecem não ter influência na associação de tons baixos nas fronteiras direitas dos PhPs, embora tenha se identificado uma maior frequência com PhPs de três a seis sílabas (BRAGA, 2018, p. 71–76). De modo geral, por ocupar várias posições da sentença e delimitarem PhPs de diferentes extensões, L_p demonstra ter um comportamento mais próximo ao dos tons baixos associados às fronteiras de PhPs do PGB e do PST do que aos do PB (relacionados exclusivamente a foco) e do ALE (relacionados a uma posição específica de IP).

Ademais, a presença de L_p , independentemente da fronteira a qual considerarmos que esteja associado (se direita ou esquerda), indica que os constituintes delimitados por esse evento tonal são mapeados em PhPs independentes. Portanto, PhPs cujos contextos prosódicos permitem a reestruturação, como no caso de *[a marmelada]_{PhP}[maravilhosa]* na [figura 67](#), não se reestruturam quando L_p está presente. A reestruturação de PhP, de acordo com as definições de formação desse domínio (NESPOR; VOGEL, 2007 [1986]), é proibida, obrigatória ou opcional, a depender das propriedades de cada língua ou de cada variedade. No PLB, a associação de L_p é uma evidência de que, no fraseamento prosódico dos enunciados, o processo de reestruturação do domínio de PhP não é obrigatório.

6

CONCLUSÃO

Neste capítulo, retomamos os principais resultados encontrados na investigação da prosódia do português do Libolo (PLB).

A importância do estudo do PLB consiste no fato de não haver estudos anteriores sobre sua fonologia. Desse modo, esse estudo é pioneiro para essa variedade de português e, até onde sabemos, também o é para a prosódia do português de Angola. Os resultados alcançados fornecem, assim, informações relevantes para a compreensão do sistema entoacional e prosódico dessa variedade de português e da língua portuguesa de um modo geral. Ademais, eles consistem em uma contribuição de grande importância para os estudos da prosódia das variedades africanas do português — muito pouco exploradas se comparadas às variedades brasileira e europeia — pelo fato de o PLB estar em uma situação de contato linguístico particular com o quimbundo. Segundo Figueiredo e Oliveira (2013), o PLB detém traços morfossintáticos do quimbundo, incorporados e preservados no processo de aquisição do português pelos libolenses. Nesse sentido, não nos surpreende supor que traços fonológicos também tenham sido reestruturados nesse processo e no contato ainda existente com essa língua banta. Portanto, de forma mais ampla, os resultados aqui obtidos podem consistir em subsídios para uma melhor compreensão da relação atual entre o quimbundo e o português em contato na região do Libolo. Consequentemente, faz-se necessário que investigações subsequentes a esta privilegiem, também, o estudo comparativo entre essas duas línguas.

Nesta pesquisa, a descrição e a análise da entoação do PLB foram desenvolvidas de acordo com a fonologia entoacional autosegmental-métrica (PIERREHUMBERT, 1980; LADD, 2008 [1996]; GUSSENHOVEN, 2004; JUN, 2005a, 2014a; FROTA; PRIETO, 2015a), segundo a qual a relação entre a entoação e a cadeia segmental reflete as relações de constituição e proeminência da estrutura prosódica. Assumimos uma visão da estrutura prosódica de acordo com os pressupostos teóricos da Fonologia Prosódica, segundo a qual domínios pro-

sódicos hierarquicamente organizados são gerados a partir da interface entre a fonologia e outros módulos da gramática (SELKIRK, 1984, 1986, 2000; NESPOR; VOGEL, 1986 [2007]). Além da adoção dessas duas teorias fonológicas, consideramos, nas análises do PLB, os estudos já realizados sobre aspectos prosódicos do português que se fundamentam numa visão integrada entre tais teorias. A partir de estudos prévios sobre o português, levamos em consideração, no estudo do PLB, o domínio da palavra fonológica (PW), do sintagma fonológico (PhP) e do sintagma entoacional (IP), níveis da hierarquia prosódica que são, de modo geral, privilegiados na associação de eventos tonais nas variedades brasileira, europeia, guineense e santomense de português (*e.g.* FROTA, 2000, 2014; FROTA; VIGÁRIO, 2000, 2003; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; SERRA, 2009; CRUZ, 2013; TONELI, 2014; SANTOS, V., 2015; BRAGA, 2018).

Os dados de fala analisados derivam de três estilos discursivos (fala controlada, fala semiespontânea e fala espontânea), obtidos por meio de três tarefas distintas propostas nas investigações desenvolvidas no âmbito do projeto InAPoP: *Discourse Completion Task* (DCT), *Reading Task* (RT) e *Conversation Task* (CT). Assim, os resultados aqui alcançados contribuem para uma análise prosódica integrada do português por utilizar os mesmos métodos e teorias empregados em análises para as variedades de português referidas no âmbito desse projeto.

A descrição e a análise realizadas para o PLB concentraram-se nos contornos entoacionais dos enunciados obtidos no DCT, mas também nas tarefas de leitura e na conversação para certos tipos frásicos. No que se refere aos seus aspectos prosódicos, descrevemos os contornos entoacionais nucleares de tipos frásicos distintos, considerando diferenças nas funções pragmáticas que exercem. O conjunto de tipos frásicos pode variar quanto à estrutura sintática, a estrutura informacional, o viés epistêmico, as nuances pragmáticas, bem como quanto à constituição de seus elementos. Além dos contornos entoacionais nucleares, fizemos considerações a respeito dos contornos entoacionais pré-nucleares de três tipos frásicos (declarativas, interrogativas totais e interrogativas parciais), discorrendo sobre os tipos de acentos tonais pré-nucleares encontrados, e ainda tecemos considerações sobre a densidade tonal, o fraseamento prosódico em sintagmas entoacionais e a marcação tonal das fronteiras prosódicas desses mesmos tipos frásicos.

O primeiro grupo de tipos frásicos descrito foi o das declarativas. Foram analisadas declarativas neutras e focalizadas, bem como declarativas com estrutura enumerativa e expressando exclamação, dúvida e obviedade. No PLB, o contorno entoacional nuclear das declarativas neutras é caracterizado por um contorno entoacional nuclear descendente $H+L^* L\%$, assim como há um contorno entoacional descendente ($H+L^* L\%$) para a maior parte do PE e do PB (*e.g.* FROTA, 2000, 2014; TENANI, 2002; CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a; SANTOS, V., 2015; CASTELO, 2016; BRAGA, 2018). Já declarativas enumerativas exi-

bem contornos ascendentes nos itens não finais ($L+H^* H\%$, $L^*+H H\%$ e $L^* H\%$) e o contorno descendente típico da declarativa neutra no item final ($H+L^* L\%$). Contornos entoacionais descendentes também são empregados para expressar foco estreito, tendo sido encontrado os seguintes: (i) $H+L^* L\%$, associado a IPs contendo uma única PW e que se difere do contorno da declarativa neutra pela maior gama tonal; e (ii) $H^*+L L\%$, associado a PWs focalizadas finais de IP e a IPs contendo uma única PW. Também foram encontrados dois acentos tonais relacionados ao foco estreito não final: o ascendente $L+H^*$ e o descendente $H>+L^*$, que também são encontrados em interrogativas totais com constituinte focalizado. Todas essas melodias são estratégias possíveis ($H+L^* L\%$, $H^*+L L\%$, $L+H^*$) ou muito próximas ($H>+L^*$) das encontradas nas demais variedades de português para a marcação de foco. Além disso, o foco não final do PLB condiciona o contorno pós-focal a uma compressão tonal, assim como também condiciona no PE e no PB (FERNANDES, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; TRUCKENBRODT; SANDALO; ABAURRE, 2009; CARNAVAL, 2017). As declarativas exclamativas, dubitativas e óbvias empregam configurações e excursões tonais semelhantes às empregadas em declarativas focalizadas: (i) $H+L^* L\%$ e $H^*+L L\%$ em declarativas óbvias; (ii) $H>+L^* L\%$ em declarativas dubitativas e exclamativas; e (ii) $L+H^*$ na ênfase não final de declarativas exclamativas (e também de exclamativas Q).

O segundo grupo de tipos frásicos analisado foi o das interrogativas totais: neutras, eco, antiexpectativa, confirmatórias, confirmatórias *tag*, imperativas, disjuntivas e enumerativas com disjunção e com coordenação. Interrogativas totais neutras apresentam padrões tonais ascendente-descendente ($L+H^* L\%$) e ascendentes ($L^* H\%$, $L+H^* H\%$), semelhantes aos encontrados na maior parte do PE e do PB (FROTA, 2002a, 2014; MORAES, 2008; TRUCKENBRODT; SANDALO; ABAURRE, 2009; CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a; CASTELO, 2016; ROSIGNOLI, 2017). Essas configurações tonais nucleares são também as mesmas que se atestam para quase todas as interrogativas totais do PLB: $L+H^* L\%$ é visto em interrogativas totais eco, antiexpectativa, imperativas e confirmatórias; e (ii) $L^* H\%$ ou $L+H^* H\%$, em imperativas, confirmatórias e confirmatórias *tag*. A exceção são as totais disjuntivas e enumerativas com disjunção, que possuem uma entoação particular no contorno nuclear introduzido pela disjunção: $\%H H+L^* L\%$.

O terceiro grupo frásico é o das interrogativas parciais, composto pelas interrogativas parciais neutras, eco, antiexpectativa, imperativas e com coordenação. As interrogativas parciais neutras são marcadas predominantemente por um contorno entoacional nuclear descendente ($H+L^* L\%$), semelhante ao encontrado em declarativas neutras. Além desse contorno, o padrão tonal nuclear ascendente ($L^* H\%$) e o ascendente-descendente ($L+H^* L\%$) são também possíveis para alguns falantes, uma possibilidade já atestada em outras no PE e no PB, que podem empregar melodias ascendentes nesse tipo de interrogativa (FROTA, 2002a, 2014; FROTA *et al.*, 2015a; ROSIGNOLI, 2017). Em interrogativas parciais imperativas e no contorno nuclear com função interrogativa da parcial com coordenação,

o padrão tonal $H+L^* L\%$ é o único encontrado. Já interrogativas parciais eco e as parciais antiexpectativa diferem-se das demais interrogativas parciais por empregarem configurações tonais ascendentes e a ascendente-descendente, semelhantes às de interrogativas totais, em todos os casos: $L+H^* L\%$ é encontrado em parciais eco e $L^* H\%$ ou $L+H^* H\%$, em parciais antiexpectativa. Essa semelhança foi também registrada para interrogativas parciais eco do PE e do PB (FROTA *et al.*, 2015a).

O quarto grupo de tipos frásicos é o dos imperativos que expressam ordem e pedidos por meio de uma oração imperativa. Pedidos foram categoricamente produzidos com uma expressão de atenuação cortês ‘por/faz favor’, que é menos recorrente acompanhando ordens. Essas expressões são caracterizadas por contornos nucleares descendentes precedidos de um tom de fronteira alto associado ao início de IP ($\%H H+L^* L\%$ ou $\%H H^*+L L\%$), de forma semelhante ao que ocorre nessa mesma expressão no PB, para o qual se atesta um tom de fronteira inicial também (FROTA *et al.*, 2015a). Já ordens e pedidos são caracterizados pelas mesmas configurações tonais nucleares descendentes ($H^*+L L\%$ ou $H+L^* L\%$), semelhantes ao das declarativas neutras e com foco estreito final e das interrogativas parciais neutras.

O quinto grupo frásico descrito é o dos vocativos. Investigamos especificamente os vocativos isolados com duas funções pragmáticas distintas: chamamento inicial e chamamento insistente. Contornos nucleares ascendente-suspensivo ($L+H^* !H\%$) e ascendente-descendente ($L+H^* L\%$) foram encontrados tanto para o chamamento inicial quanto para o chamamento insistente para a maioria dos falantes. Esses dois tipos de melodias são denominados na literatura de *vocative chant* e *low call* respectivamente. São elas que caracterizam os chamamentos do PB e do PE (CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a, 2015b; FROTA; MORAES, 2016). Além desses dois padrões, um contorno descendente ($H+L^* L\%$) foi também encontrado para os dois vocativos de um dos falantes. Não há correspondência entre ele e os padrões descritos para outras variedades de português. Ademais, assim como para o PE e o PB, as duas melodias podem ser empregadas tanto para o chamamento inicial quanto para o chamamento insistente no PLB.

No que se refere ao contorno não nuclear, acentos tonais ascendentes $L+H^*$ são os preferencialmente associados às PWs pré-nucleares em todos os tipos frásicos. Acentos monotonais altos (H^*) e baixos (L^*) também são possíveis, mas são menos frequentes. Eles são mais restritos, pois sua associação parece depender do contexto prosódico: H^* e L^* se encontram associado a PWs curtas nas quais há apenas uma ou nenhuma sílaba átona entre a sílaba tônica na qual ocorre e a sílaba tônica da PW anterior; e H^* também pode ser encontrado normalmente associado à primeira sílaba de IP (em monossílabos ou em PWs sem sílabas pretônicas). Acentos tonais pré-nucleares ascendentes (L^*+H ou $L+H^*$) são também os mais comuns no PB, no PST e no PGB, variedades que apresentam uma rica

associação tonal: nelas, quase toda PW porta um acento tonal (TENANI, 2002; SANTOS, V., 2015; FERNANDES-SVARTMAN; ROMANO, 2017; BRAGA, 2018).

No PLB, a densidade tonal das declarativas neutras (61% a 100%), das interrogativas totais neutras (49% a 61.8%) e das interrogativas parciais neutras (12.5% a 62.9%), nos três estilos discursivos (leitura, fala semiespontânea e fala espontânea), sugere que a distribuição de acentos tonais possa contribuir para a discriminação desses tipos frásicos, de forma semelhante ao que ocorre no PE (no qual as interrogativas parciais são menos densas em relação a interrogativas totais e declarativas) e ao que ocorre no PB (no qual, embora haja valores altos e equilibrados de densidade tonal na fala semiespontânea, independentemente do tipo frásico, na fala lida, declarativas podem ser relativamente mais densas que interrogativas totais) (CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015a; CASTELO, 2016). Especificamente em relação aos dados de leitura, a densidade tonal máxima é encontrada no PLB, um resultado muito próximo ao encontrado para o PGB, o PST e o PB, mas relativamente mais distante para o PE (FROTA, 2000; CRUZ, 2013; SANTOS, V., 2015; BRAGA, 2018; FERNANDES-SVARTMAN; ROMANO, 2018). A densidade tonal do contorno entoacional é, assim, uma propriedade prosódica do português que pode distinguir não só tipos frásicos, mas também suas variedades.

O fraseamento prosódico em sintagmas entoacionais dos enunciados que apresentam a ordem sujeito-verbo-objeto também foi investigado, uma vez que, assim como a densidade tonal, é uma propriedade prosódica variável em português. No PLB, o padrão de fraseamento prosódico (SVO) é o preferencial, não sendo encontrado outros padrões na maioria dos tipos frásicos. Fatores como tamanho e ramificação sintática/prosódica dos constituintes não afetaram o fraseamento das declarativas neutras. No entanto, apesar de pouco frequente, o padrão de fraseamento (S)(VO) pode ser registrado para esse tipo frásico (tanto na fala semiespontânea quanto na lida), bem como em declarativas dubitativas. Os IPs não finais das declarativas neutras são caracterizados por padrões tonais predominantemente ascendentes ($L^* H\%$ e $L+H^* H\%$, sendo esse último o único encontrado em dados semiespontâneos), caracterizando o padrão continuativo do enunciado. A configuração tonal $L^* H\%$ também caracteriza o contorno nuclear do IP da expressão parentética nos poucos dados de leitura disponíveis para esse tipo de estrutura. A marcação de IPs não finais por tons de fronteira altos é a estratégia mais comum encontrada no PE, no PB e no PGB (FROTA, 2000; 2014; FROTA *et al.*, 2007; CRUZ; FROTA, 2013; BARROS, 2014; FERNANDES-SVARTMAN; BRAGA; SANTOS, 2018; FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, a sair). Em parte dos dados de leitura, as fronteiras entre os IPs foram estabelecidas entre constituintes em contexto de choque de acento. No entanto, assim como em declarativas dubitativas, não foram identificados fatores prosódicos que pudessem condicionar esse tipo de fraseamento em dois IPs.

Além disso, a relação entre o padrão de fraseamento prosódico (SVO) predominante e a obrigatoriedade de atribuição de um acento tonal a cada PW pré-nuclear em declarativas neutras lidas sugere que o fraseamento prosódico em IPs e a densidade tonal são propriedades prosódicas autônomas no PLB, assim como sugerido para o PE (CRUZ, 2013) e como se infere para o PB, o PGB e o PST, nos quais há também alta densidade tonal junto ao padrão de fraseamento preferencial (SVO) (SANTOS, V., 2015; BRAGA, 2017; FERNANDES-SVARTMAN; SANTOS; BRAGA, 2018; FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, a sair).

Com relação à marcação tonal de fronteiras prosódicas, observamos que, no PLB, além da marcação tonal obrigatória de fronteiras direitas de IP por tons de fronteira, também se atesta a marcação tonal de fronteiras de PhPs por um tom baixo. Isso sugere que o sintagma fonológico é um domínio prosódico relevante para a entoação e para o fraseamento dos enunciados em constituintes prosódicos no PLB. Esses tons baixos, indicados por L_p , são pouco frequentes, foram encontrados em diversos tipos frásicos, nos três estilos discursivos, e delimitando PhPs de diferentes extensões e posições na sentença. No geral, parecem ser mais próximos aos tons baixos associados às fronteiras de PhPs do PGB e do PST do que aos do PB paulista e do PE alentejano, uma vez que, para esses dois últimos, sua ocorrência é mais restrita: ocorrem apenas em contexto de foco ou em uma posição específica de IP respectivamente (FERNANDES, 2007b; CRUZ, 2013; SANTOS, V., 2015; BRAGA, 2018). Ademais, a associação de L_p assinala o mapeamento dos constituintes em PhPs independentes, constituindo, em decorrência disso, evidência de que o processo de reestruturação de PhP não é obrigatório no PLB.

No [quadro 5](#), resumizamos os contornos entoacionais nucleares encontrados no PLB, indicando a quais tipos frásicos eles se encontram associados. É possível notar, a partir desse quadro, que os acentos bitonais ($H+L^*$, $iH+L^*$, H^*+L , $H>+L^*$, $L+H^*$) são predominantes no contorno nuclear PLB, assim como no PE (ALE, ALG, POR, SEP) e no PB (BA, SP, RS) em geral (FROTA *et al.*, 2015a, p. 277). A diferença é que foram encontrados apenas tons de fronteiras simples ($L\%$, $H\%$, $!H\%$) no PLB, ao passo que, no PE e no PB, tons de fronteira complexos ($HL\%$, $LH\%$), ainda que mais restritos entre as variedades e os tipos frásicos, são também possíveis. Entre os tons de fronteira, $L\%$ é o mais comumente encontrado com acentos bitonais descendentes. Além disso, L^* é o único acento monotonal nuclear registrado. De fato, à exceção dos vocativos do PE, nos quais $L+H^*$ é interpretado como variação fonética de H^* , não são atestados, em português, acentos tonais nucleares H^* , assim como também não foi atestado no PLB.

Quadro 5 – Significado típico de cada contorno nuclear do PLB.

CONTORNO NUCLEAR	TIPO FRÁSICO
$H+L^* L\%$	Declarativa neutra Declarativa enumerativa (item final) Declarativa óbvia

(...continuação.)

CONTORNO NUCLEAR	TIPO FRÁSICO
	Interrogativa parcial neutra Interrogativa parcial imperativa Imperativo: ordem e pedido Vocativo: chamamento inicial e insistente
iH+L* L%	Foco estreito (IP contendo uma PW)
H*+L L%	Declarativa com foco estreito (IP contendo uma PW) Declarativa com foco estreito final Declarativa óbvia Imperativo: ordem e pedido
L+H* L%	Interrogativa total neutra Interrogativa total eco Interrogativa total antiexpectativa Interrogativa total confirmatória Interrogativa total imperativa Interrogativa parcial neutra Vocativo: chamamento inicial e insistente
L+H* H%	Interrogativa total confirmatória Interrogativa total confirmatória tag (segundo núcleo) Interrogativa total imperativa Interrogativa parcial neutra Interrogativa parcial antiexpectativa Enumeração em declarativa e interrogativa (item não final) Continuação
L* H%	Interrogativa total neutra Interrogativa total confirmatória Interrogativa total imperativa Interrogativa parcial neutra Interrogativa parcial antiexpectativa Enumeração em declarativa e interrogativa (item não final) Continuação
L+H* !H%	Vocativo: chamamento inicial e insistente
%H H+L* L%	Interrogativa total disjuntiva (núcleo disjuntivo) Expressão de atenuação cortês
%H H*+L L%	Expressão de atenuação cortês
H>+L* L%	Declarativa dubitativa Declarativa exclamativa (ênfase final)
H>+L*	Foco estreito não final (declarativas e interrogativas totais)
L+H*	Foco estreito não final (declarativas e interrogativas totais) Declarativa exclamativa (ênfase não final)

Os contornos entoacionais nucleares apresentados no quadro estabelecem diferentes relações com a cadeia segmental a que estão associados. A observação sobre as estratégias de acomodação entre texto e melodia nas interrogativas totais e nos vocativos revela com-

portamentos distintos no ajuste da melodia aos segmentos para esses dois tipos frásicos. No entanto, os tons são sempre preservados. Nas interrogativas, a melodia se acomoda à cadeia segmental, não exibindo truncamento tonal. Assim, o PLB se aproxima mais do PE, uma vez que ele, em geral, preserva a melodia, enquanto se afasta do PB e de certas variedades setentrionais do PE, posto que estas também preferem o truncamento dos tons (FROTA *et al.*, 2015b; CASTELO, 2016). Já nos vocativos, tal como no PE (CRUZ, 2013; FROTA, 2014; FROTA *et al.*, 2015b; FROTA; MORAES, 2016), há um ajuste do texto em função da melodia quando os vocativos do PLB são produzidos com a melodia do *vocative chant* (L+H* !H%): a sílaba nuclear se divide quando não há material pós-tônico disponível. Esse ajuste não ocorre com *low call* (L+H* L%), cuja melodia é abarcada pela cadeia segmental.

É nítido também, no conjunto de tipos frásicos apresentados no quadro, que o PLB não emprega configurações tonais nucleares distintas para marcar entoacionalmente diferenças pragmáticas de grande parte dos tipos frásicos. A distinção fica a cargo, no entanto, de outros elementos prosódicos, bem como da própria estrutura sintática. Por exemplo, a diferença entre declarativas neutras, interrogativas parciais neutras e imperativos, que empregam a mesma configuração tonal nuclear descendente (H+L* L%), deriva, em certa medida, de suas diferentes propriedades morfossintáticas, tais como a presença/ausência da palavra interrogativa e o uso ou não do verbo com modo imperativo na posição inicial, assim como já foi notado no PE e no PB (*e.g.* FROTA *et al.*, 2015a). Já a duração, a variação local e global da gama tonal e a intensidade são traços que identificamos, perceptualmente, como possíveis elementos que contrastam, por exemplo, as interrogativas totais neutras, eco, antiexpectativa, confirmatórias e imperativas, cujos contornos entoacionais nucleares podem apresentar, a depender de cada subtipo frásico, mais de uma das seguintes configurações tonais: L+H* L%, L* H% ou L+H* H%. A possibilidade de esses outros traços prosódicos diferenciarem as interrogativas totais deve ser checada, no entanto, em pesquisas futuras, na quais se empreguem enunciados cujos contextos prosódicos permitam a comparação sistemática de parâmetros acústicos.

É interessante notar também que a variação da gama tonal parece ser um traço tonal recorrente nas distinções entre tipos frásicos com a mesma configuração tonal nuclear (declarativa neutra vs. declarativa focalizada; interrogativa total eco vs. antiexpectativa; interrogativas totais neutras vs. imperativas; ordens vs. pedidos; chamamento inicial vs. insistente). Em muitas línguas tonais africanas, o contraste entre declarativas e interrogativas totais é feita pela expansão da gama tonal na interrogativa (*e.g.* DOWNING; RIALAND, 2017). Entretanto, não há (quase) nenhuma informação sobre características entoacionais do quimbundo, apesar de haver descrições da fonologia tonal lexical (XAVIER, 2010; ANGE- NOT; NDONGA; RIBEIRO, 2011). Xavier (2010, p. 96), contudo, menciona que a distinção entre declarativas e interrogativas totais do quimbundo setentrional é feita pelo emprego de um tom alto na última sílaba do enunciado interrogativo.

Quanto às duas melodias ascendentes ora mencionadas ($L^* H\%$ e $L+H^* H\%$), notamos que há uma distinção, entre os falantes, na escolha do acento tonal que acompanha os contornos entoacionais nucleares ascendentes no conjunto de interrogativas totais e parciais. Em geral, a configuração tonal $L^* H\%$ é produzida regularmente pelos falantes de português e quimbundo e oriundos de uma povoação descentralizada, nas imediações de Calulo (DOMJ, FSBF, JOAL, JUJM, KJAJ) e a configuração tonal $L+H^* H\%$ é produzida regularmente por falantes apenas de português e oriundos dos bairros centrais de Calulo (MMEF, MCLF, JAAN). Nesse caso, uma possível influência do quimbundo libolense deve ser investigada. Contudo, a interrogativa confirmatória *tag* desfaz essa regularidade, uma vez que a partícula interrogativa ‘né’ é caracterizada predominantemente, para todos os falantes, por uma ascendência que pode ser descrita pela configuração tonal $L+H^* H\%$. Contornos nucleares associados a outros tipos frásicos também fogem a essa generalização. São eles: os itens não finais de enumerações, tanto em declarativas quanto em interrogativas totais, e o padrão continuativo encontrado em IPs não finais de declarativas neutras no fraseamento (S)(VO). Embora a configuração tonal $L^* H\%$ seja possível, $L+H^* H\%$ caracteriza predominantemente tais contornos para todos os falantes. O fato de não serem contornos nucleares interrogativos pode explicar não termos encontrado a regularidade referida. Ademais, a análise comparativa das interrogativas de outros falantes poderá confirmar ou refutar se essa regularidade diferenciadora é um traço consistente no português falado por indivíduos de cada um desses perfis sociolinguísticos (e, por extensão, adquirido do quimbundo).

Ainda que os contornos ascendentes sejam um reflexo de perfis sociolinguísticos distintos, a variação intrafalante de contornos entoacionais nucleares ascendentes ($L+H^* H\%$ ou $L^* H\%$) e ascendentes-descendentes ($L+H^* L\%$) para um mesmo tipo frásico sugere a existência de diferenças pragmáticas. Como hipótese, que deve ser avaliada em experimentos de percepção, sugerimos que o padrão ascendente-descendente seja o contorno menos marcado das interrogativas totais, enquanto o ascendente poderia marcar diferenças pragmáticas adicionais.

Para concluir, notamos que a análise comparativa dos resultados obtidos para o PLB com estudos acerca das variedades europeia, brasileira, guineense e santomense de português nos revela que os aspectos prosódicos do português libolense, no que se refere à entoação e ao fraseamento prosódico, são compartilhados, de maneira geral, com pelo menos uma entre essas variedades, evidenciando, assim, uma distribuição variável de traços comuns no português. Não se pode desconsiderar, contudo, que os aspectos prosódicos encontrados possam ter relação com a particularidade de formação do português no Libolo, para o qual se defende a incorporação de traços linguísticos do quimbundo, e com o seu contato com essa língua ainda presente na região. Nesse sentido, em trabalhos futuros, a análise comparativa do português e do quimbundo falados no Libolo poderá proporcionar uma maior compreensão acerca dos resultados aqui encontrados.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Nélia; HAGEMEIJER, Tjerk. Estratégias de relativização de PPs no mundo luso-atlântico: crioulos de base lexical portuguesa e variedades do português. *In: MOURA, Maria Denilda; SIBALDO, Marcelo Amorim (Eds.). Para a história do português brasileiro*. Maceió: EDUFAL, 2013. v. 3: Estudos Comparativos entre o português brasileiro e língua crioulas de base lexical portuguesa. Tomo 4. p. 49–71.
- ANGENOT, Jean-Pierre; MFUWA, Ndonga; RIBEIRO, Michela Araujo. As classes nominais do kibala-ngoya, um falar bantu de Angola não documentado, na intersecção dos grupos kimbundu [H20] e umbundu [R10]. **PAPIA: Revista brasileira de estudos do contato linguístico**, v. 21, n. 2, p. 253–266, 2011.
- ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. Algumas considerações sobre línguas africanas e políticas linguísticas em Angola. **Web-Revista Sociodialeto**, v. 5, n. 13, p. 161–177, jul. 2014.
- ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar; PETTER, Margarida Maria Taddoni; JOSÉ, José Albino. Variedade de português angolano e línguas bantas em contato. *In: OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; ARAÚJO, Gabriel Antunes (Orgs.). Português na África Atlântica*. São Paulo: Humanitas, 2018. p. 17–45.
- ARMSTRONG, Meghan E. Puerto Rican Spanish intonation. *In: PRIETO, Pilar; ROSEANO, Paolo (Eds.). Transcription of intonation of the Spanish language*. München, Germany: LINCOM Studies in Phonetics, 2010. p. 155–189.
- ARVANITI, Amalia. The autosegmental metrical model of intonational phonology. *In: SHATTUCK-HUFNAGEL, Stefanie; BARNES, Jonathan (Eds.). Prosodic theory and practice*. Boston: The MIT Press. A sair.
- ARVANITI, Amalia; BALTAZANI, Mary. Intonational analysis and prosodic annotation of Greek spoken corpora. JUN, Sun-Ah. (Ed.). **Prosodic typology: the phonology of intonation and phrasing**. New York: Oxford University Press, 2005a. p. 84–117.
- ARVANITI, Amalia; LADD, D. Robert. Greek wh-questions and the phonology of intonation. **Phonology**, v. 26, p. 46–63, 2009.

- AUBERT, Francis Henrik. Preliminares para um estudo perceptivo da entonação. **Estudos Lingüísticos**, v. 1, p. 42–45, 1976.
- AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1962.
- BALTAZANI, Mary. Focusing, prosodic phrasing, and hiatus resolution in Greek. *In*: GOLDS-TEIN, Louis; WHALEN, Douglas H.; BEST, Catherine T. (Eds.). **Laboratory Phonology 8**. Berlín: Mouton de Gruyter, 2006. p. 473–494.
- BARROS, Nádía. **Fraseamento prosódico em português: uma análise entoacional de construções parentéticas e tópicos em duas variedades do português europeu**. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.
- BECKMAN, Mary; PIERREHUMBERT, Janet. Intonational structure in Japanese and English. **Phonology Yearbook**, n. 3, p. 255–310, 1986.
- BILLMYER, Kristine; VARGHESE, Manka. Investigating instrument-based pragmatic variability: effects of enhancing discourse completion tests. **Applied Linguistics**, v. 21, n. 4, p. 517–552, 2000.
- BISOL, Leda. O clítico e seu status prosódico. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 9, n. 1, p. 5–30, 2000.
- BISOL, Leda. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. **D.E.L.T.A.**, v. 20, n. esp., p. 59–70, 2004.
- BISOL, Leda. O clítico e seu hospedeiro. **Letras de Hoje**, v. 40, n. 3, p. 163–184, 2005.
- BLUM-KULKA, Shoshana; HOUSE, Juliane; KASPER, Gabriele. Investigating cross-cultural pragmatics: an introductory overview. *In*: BLUM-KULKA, Shoshana; KASPER, Gabriele (Eds.). **Cross-cultural pragmatics: requests and apologies**. Norwood, NJ: Ablex, 1989. p. 1–34.
- BOERSMA, Paul; WEENINK, David. **Praat: doing phonetics by computer**. Versão 6.0.43. 2018. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. Acesso em: 15 dez. 2018.
- BOOIJ, Geert. Cliticization as prosodic integration: the case of Dutch. **The Linguistic Review**, v. 13, p. 219–242, 1996.
- BORRÀS-COMES, Joan; SICHEL-BAZIN, Rafèu; PRIETO, Pilar. Votive intonation preferences are sensitive to politeness factors. **Language and Speech**, v. 58, n. 1, p. 68–83, 2015. DOI: <http://doi.org/10.1177/0023830914565441>
- BRAGA, Gabriela. O padrão entoacional das sentenças neutras do português falado em São Tomé: uma análise preliminar. **Estudos Linguísticos**, v. 46, n. 1, p. 55–70, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i1.1661>

- BRAGA, Gabriela. **Prosódia do português de São Tomé: o contorno entoacional nas sentenças declarativas neutras**. Dissertação (Mestrado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/D.8.2018.tde-13082018-154538>
- BRAGA, Gabriela. Aspectos prosódicos das sentenças interrogativas globais do português de São Tomé: uma análise inicial. **Estudos Linguísticos**, v. 24, n. 2, p. 688–708, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v48i2.2323>
- BRAGA, Maria Luiza; MAIA, Marcus Antonio Rezende. Apresentação: representação, função e processamento do Foco. **ReVEL**, v. 13, n. 10, 2015.
- BRISOLARA, Luciene Bassols. **A prosodização dos clíticos pronominais no sul do Brasil: uma análise variacionista com base na elevação da vogal átona /e/**. 2004. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Escola de Educação, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2004.
- BRISOLARA, Luciene Bassols. **Os clíticos pronominais do português brasileiro e sua prosodização**. 2008. 189 f. Tese (Doutorado em Letras) — Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BRITO, Ana Maria. Frases interrogativas. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (Eds.). **Gramática da língua portuguesa**. 5a. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 460–479.
- BRUCE, Gösta. **Swedish word accents in sentence perspective**. Travaux de L'Institut de Linguistique de Lund. Malmö: CWK Gleerup, 1977.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. A entoação do Português Brasileiro. **Estudos Linguísticos**, v. 3, p. 308–329, 1980.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. Tese (Livre Docência) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. A entoação e o ritmo do português brasileiro: algumas análises espectrográficas. **Revista IBM**, p. 24–33, 1982a.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Aspectos acústicos da entoação do português brasileiro. **Série Estudos**, v. 8, p. 45–59, 1982b.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 23, p. 137–151, 1992.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014. v. 2.

- CARIONI, Lilia Maria Oliveira. **A study in English and Portuguese intonation**. Dissertação (Mestrado em Letras: Inglês e Literatura Correspondente) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1978.
- CARNAVAL, Manuella. **Foco informacional e foco contrastivo no português do Brasil: uma abordagem prosódica**. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas: Língua Portuguesa) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- CARNAVAL, Manuella; MORAES, João Antônio; RILLIARD, Albert Olivier Blaise. Marcação de foco estreito e o acento secundário em interrogativas totais no português do Brasil. **Working Papers in Linguística**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 136–167, ago./dez. 2018. DOI: <http://doi.org/10.5007/1984-8420.2018v19n2p136>
- CASANOVA, Isabel. A força ilocutória dos actos directivos. In: FARIA, Isabel Hub et al. (Orgs.). **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996. p. 429–436.
- CASTELO [Bernardo da Silva], Joelma. **A entoação dos enunciados declarativos e interrogativos no português do Brasil: uma análise fonológica em variedades ao longo da Costa Atlântica**. Tese (Doutoramento em Linguística: Linguística Portuguesa) — Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.
- CHAHAL, Dana; HELLMUTH, Sam. The intonation of Lebanese and Egyptian Arabic. In: JUN, Sun-Ah. (Ed.). **Prosodic Typology II: the phonology of intonation and phrasing**. New York: Oxford University Press, 2014. p. 365–404.
- CHIERCHIA, Gennaro; MCCONNELL-GENET, Sally. **Meaning and grammar: an introduction to semantics**. Boston, MA: The MIT Press, 1990.
- CHOMSKY, Noam A. Remarks on nominalization. In: JACOBS, Roderick A.; ROSENBAUM, Peter S. (Eds.). **Reading in English Transformational Grammar**. Boston: Ginn, 1970. p. 184–221.
- CHOMSKY, Noam A. **On phases**. Massachusetts Institute of Technology, manuscrito, 26 set. 2005.
- CHOMSKY, Noam A. On Phases. In: FREIDIN, Robert; OTERO, Carlos P.; ZUBIZARRETA, Maria Luisa (Eds.). **Foundational issues in linguistic theory: essays in honor of Jean-Roger Vergnaud**. Cambridge, Mass: The MIT Press, 2008. p.133–166.
- COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau — um país da CPLP. **PAPIA: Revista brasileira de estudos do contato linguístico**, v. 20, n. esp., 2010.
- CRESCO SENDRA, Verònica. **Aspectes de l'entonació del valencià**. Tesi Doctoral — Departament de Traducció i Ciències del Llenguatge, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2011.

- CRESPONSENDRA, Verònica. Valencià. *In*: PRIETO, Pilar; CABRÉ, Teresa (Coords.). **L'entonació dels dialectes catalans**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2013. p. 33–57.
- CRESTI, Emanuela. **Corpus di italiano parlato**. Firenze: Accademia della Crusca, 2000. 2 v.
- CRUZ, Marisa. **Prosodic variation in European Portuguese**: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties. Ph. D. Thesis (Linguistics) — Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.
- CRUZ-FERREIRA, M. Madalena F. **Basic intonational and grammatical patterns of Portuguese and English questions**. M. A. Dissertation (Linguistics) — Faculty of Arts, University of Manchester, Manchester, 1980.
- CRUZ-FERREIRA, M. Madalena F. **Non-native comprehension of intonation patterns in Portuguese and in English**. Ph. D. Thesis (Linguistics) — Faculty of Arts, University of Manchester, Manchester, 1983.
- CRUZ-FERREIRA, M. Madalena F. Elementos para um estudo comparativo dos sistemas prosódicos do português e do inglês. *In*: COMISSÃO Científica do Departamento de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras de Lisboa (Ed.). **Miscelânea de estudos dedicados a Fernando de Mello Moser**. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1985. p. 373–388.
- CRYSTAL, David. **The Cambridge Encyclopedia of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CUNHA, Cláudia de Souza. **Entoação regional no português do Brasil**. 2000. 308 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- D'IMPERIO, Mariapaola. Focus and tonal structure in Neapolitan Italian. **Speech Communication**, v. 33, n. 4, p. 339–356, 2001.
- D'IMPERIO, Mariapaola; ELORDIETA, Gorka; FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar; VIGÁRIO, Marina. Intonational phrasing in Romance: the role of syntactic and prosodic structure. *In*: FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina; FREITAS, Maria João (Eds.). **Prosodies**: with special reference to Iberian languages. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 59–97.
- de BOT, Kees; WELTENS, Bert. Foreign languages attrition. **Annual Review of Applied Linguistics**, v. 15, n. 1, p. 87–165, 1995.
- DELAIS-ROUSSARIE, Elisabeth *et al.* Intonational phonology of French: developing a ToBI system for French. *In*: FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar (Eds.). **Intonation in Romance**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 63–100.

- DELGADO MARTINS, M. Raquel. **Aspects de l'accent en portugais: voyelles toniques et atones**. Ph. D. Dissertation of 3rd cycle — Université de Strasbourg, Strasbourg, 1977.
- DELGADO MARTINS, M. Raquel. **Sept études sur la perception**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.
- DELGADO MARTINS, M. Raquel. Contributions à une théorie de la perception de l'accent et de l'intonation em Portugais. In: BOTHOREL, André; GALDIN, JeanClaude; WIO-LAND, François; ZERTING, Jean-Pierre (Orgs.). **Mélanges de phonétique générale et expérimentale offerts à Péla Simon**. Strasbourg: Publications de l'Institut de Phonétique de Strasbourg, 1989. p. 313–319.
- DELGADO MARTINS, M. Raquel; LACERDA, Francisco. **Para uma gramática da entoação**. Comunicação apresentada no Congresso de Filologia e Linguística, Rio de Janeiro, 1977.
- DOBASHY, Yoshihito. **Phonological phrasing and syntactic derivation**. Ph. D. Thesis — Cornell University, Ithaca, NY, 2003.
- DOWNING, Laura J. The prosodic hierarchy in Chichewa: How many levels? **Studies in Prosodic Grammar**, v. 1, p. 5–33, 2016.
- DOWNING, Laura J.; RIALLAND, Annie (Eds.). **Intonation in African tone languages**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. DOI: <http://doi.org/10.1515/9783110503524>
- ELORDIETA, Gorka. An overview of theories of the syntax-phonology interface. **Anuario del Seminario de Filología Vasca "Julio de Urquijo"**, v. 42, n. 1, p. 209–286, 2008.
- ELORDIETA, Gorka; FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar; VIGÁRIO, Marina. Effects of constituent length and syntactic branching on intonational phrasing in Ibero-Romance. In: SOLÉ, Maria-Josep; RECASENS, Daniel; ROMERO, Joaquín. **Proceedings of the 15th International Congress of Phonetic Sciences**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2003. p. 487–490.
- ELORDIETA, Gorka; FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar; VIGÁRIO, Marina. Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese. **Studia Linguistica**, v. 59, n. 2–3, p. 110–143, 2005. DOI: <http://doi.org/10.1111/j.1467-9582.2005.00123.x>
- ELORDIETA, Gorka; HUALDE, José Ignacio. Intonation in Basque In: JUN, Sun-Ah. (Ed.). **Prosodic Typology II: the phonology of intonation and phrasing**. New York: Oxford University Press, 2014. p. 405–463.
- ESTEBAS VILAPLANA, Eva. The intonation of enumerations: a cross-linguistic study. In: IGLESIA, Fernando Todo; PABLOS, Juan A. Prieto; MORA, María José; SOTO, Teresa López. **Actas del XXI Congreso Internacional de A.E.D.E.A.N. (Asociación Española de Estudios Anglo-Norteamericanos)**. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1999. p. 645–652.

- ESTEBAS VILAPLANA, Eva. **The intonation of enumerations in Catalan**. M. A. Dissertation — Department of Phonetics and Linguistics, University College London, 1996.
- FALÉ, Isabel. **Fragmento da prosódia do português europeu: as estruturas coordenadas**. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1995.
- FELDHAUSEN, Ingo. The prosodic phrasing of sentential objects. *Lingua*, v. 121, n. 13, p. 1934–1964, 2011. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.lingua.2011.06.009>
- FÉLIX-BRASDEFER, J. César. Data collection methods in speech act performance: DCTs, role plays, and verbal reports. In: USÓ-JUÁN, Esther; MARTÍNEZ-FLOR, Alicia (Eds.). **Speech act performance: theoretical, empirical, and methodological issues**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2010. p. 41–56.
- FERNANDES, Flaviane Romani. Tonal association in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese: a comparison with European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 6, n. 1, p. 91–115, 2007a. DOI: <http://doi.org/10.5334/jpl.146>
- FERNANDES, Flaviane Romani. **Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia**. 2007. 452 p. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007b.
- FERNANDES, Norma Hochgreb. **Contribuição para uma análise instrumental da acentuação e intonação do português**. Dissertação (Mestrado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.
- FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Acento secundário, atribuição tonal e ênfase em português brasileiro (PB). *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 47–58, jan.–abr. 2009.
- FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Contribuição dos estudos em Fonologia Suprasegmental ao ‘Projeto Libolo’. In: FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte (Orgs.). **‘Projeto Libolo’ — Município do Libolo, Kwanza-Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários**. Lisboa: Chiado, 2016. v. 1, p. 65.
- FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani; BARROS, Nádia; SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; CASTELO, Joelma. Intonational phrasing across varieties of Portuguese. In: CRUZ, Marisa; FROTA, Sónia. (Eds.). **Prosodic variation (with)in languages: intonation, phrasing and segments**. Sheffield, UK: Equinox Publishing. *A sair*. ISBN 9781781794685.
- FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani; JORGE, Lurdes Teresa Lopes; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; ZANOLI, Maria de Lurdes. A partícula k’ no cabo-verdiano de São Nicolau — o ‘Estado da Arte’. *PAPIA: Revista brasileira de estudos do contato linguístico*, v. 25, n. 2, p. 263–301, jul.–dez. 2015.

- FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani; ROMANO, Nicolás. Fatores determinantes na associação tonal em sentenças neutras do português brasileiro. **Cadernos De Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 59, n. 3, p. 537–553, set./dez. 2017. DOI: <http://doi.org/10.20396/cel.v59i3.8650988>
- FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani; SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; BRAGA, Gabriela. Fraseamento prosódico em português: semelhanças e diferenças entre variedades africanas e brasileiras. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 20, n. esp., p. 119–138, 2018. DOI: <http://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v20iEspecialp119-138>
- FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães. Retratos do Libolo. In: FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte. **‘Projeto Libolo’ — Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola**: aspectos linguístico educacionais, histórico-culturais e socioidentitários. Lisboa: Chiado, 2016. v. 2.
- FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães. Aspectos histórico-culturais e sociolinguísticos do Libolo: aproximações com o Brasil. In: OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte; ARAUJO, Gabriel Antunes (Orgs.). **Português na África Atlântica**. São Paulo: Humanitas, 2018. p. 47–100.
- FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães; JORGE, Lurdes Teresa Lopes; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte. Clítico argumental “lhe” no português do Libolo: estrutura formal e caso (abstracto). In: FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte (Orgs.). **‘Projeto Libolo’ — Município do Libolo, Kwanza-Sul, Angola**: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários. Lisboa: Chiado, 2016. v. 1, p. 253–264.
- FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães; NEGRÃO, Esmeralda Vailati; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; PETTER, Margarida Maria Taddoni. Autorização de recolha e de apresentação de dados e imagens. In: FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte. **‘Projeto Libolo’ — Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola**: aspectos linguístico educacionais, histórico-culturais e socioidentitários. Lisboa: Chiado, 2016. v. 1, p. 21–22.
- FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. **PAPIA**: Revista brasileira de estudos do contato linguístico, v. 23, n. 2, p. 105–185, 2013.
- FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães; SANTOS, Eduardo Ferreira dos. Construções [Foc+Que] no português do Município do Libolo, Angola. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 209–231, jan./jun. 2014.
- FLETCHER, Janet. Intonation and prosody in Dalabon In: JUN, Sun-Ah. (Ed.). **Prosodic Typology II: the phonology of intonation and phrasing**. New York: Oxford University Press, 2014. p. 252–272.

- FREITAS, Myriam Azevedo. **Prosódia e sintaxe: delimitação e contraste de estruturas**. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.
- FROTA, Sónia. On the prosody of focus in European Portuguese. *In: Proceedings of the Workshop on Phonology*, 45–66. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1993.
- FROTA, Sónia. Aspectos da prosódia do foco no português europeu. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 77–99, dez. 1994.
- FROTA, Sónia. Os domínios prosódicos e o português europeu: fenómenos de sandhi. *In: Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 1995. p. 221–237.
- FROTA, Sónia. Questões de associação e alinhamento tonal: implicações para uma teoria da entoação. CASTRO, Rui Vieira de; BARBOSA, Pilar (Orgs.). **Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: APL, 1999. v. 1.
- FROTA, Sónia. **Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation**. New York: Garland Publishing, 2000.
- FROTA, Sónia. Nuclear falls and rises in European Portuguese: a phonological analysis of declarative and question intonation. **Probus**, n. 14, v. 1, p. 113–146, 2002a. (Special issue on intonation in Romance edited by José-Ignacio Hualde).
- FROTA, Sónia. Tonal association and target alignment in European Portuguese nuclear falls. *In: GUSSENHOVEN, Carlos; WARNER, Natasha (Eds.). Laboratory Phonology 7*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002b. p. 387–418.
- FROTA, Sónia. The phonological status of initial peaks in European Portuguese. **Catalan Journal of Linguistics**, n. 2, p. 133–152, 2003.
- FROTA, Sónia. Prosodic structure, constituents and their implementations. *In: COHN, Abigail C.; FOUGERON, Cécile; HUFFMAN, Marie K. The Oxford Handbook of Laboratory Phonology*. New York: Oxford University Press, 2012a. p. 255–265.
- FROTA, Sónia. A focus intonational morpheme in European Portuguese: production and perception. *In: ELORDIETA, Gorka; PRIETO, Pilar (Eds.). Prosody and meaning*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2012b. p. 163–196.
- FROTA, Sónia. The intonational phonology of European Portuguese. *In: JUN, Sun-Ah (Ed.). Prosodic Typology II: the phonology of intonation and phrasing*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 6–42.
- FROTA, Sónia; CRUZ, Marisa; SVARTMAN, Flaviane; COLLISCHONN, Gisela; FONSECA, Aline; SERRA, Carolina; OLIVEIRA, Pedro; VIGÁRIO, Marina. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. *In: FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar*

- (Eds.). **Intonational variation in Romance**. Oxford: Oxford University Press, 2015a. p. 235–283
- FROTA, Sónia; CASTELO, Joelma; CRUZ, Marisa; CRESPO-SENDRA, Verònica; BARROS, Nádia; SILVESTRE, Aline; VIGÁRIO, Marina. Melodia ou texto? Estratégias de acomodação entre melodia e texto no português. **Diadorim**, v. 17, n. 2, p. 12–33, 2015b. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2015.v17n2a4067>
- FROTA, Sónia; D'IMPERIO, Mariapaola; ELORDIETA, Gorka; PRIETO, Pilar; VIGÁRIO, Marina. The phonetics and phonology of intonational phrasing in Romance. In: PRIETO, Pilar; MASCARÓ, Joan; SOLÉ, Maria-Josep. (Eds.). **Prosodic and segmental issues in (Romance) phonology**. John Benjamins, 2007. p. 131–153. (Current Issues in Linguistic Theory).
- FROTA, Sónia; MORAES, João Antônio de. Intonation of European and Brazilian Portuguese. In: WETZELS, W. Leo.; COSTA, João; MENUZZI, Sérgio (Eds.). **The Handbook of Portuguese Linguistics**. Malden: Willey-Blackwell, 2016. p. 141–166.
- FROTA, Sónia; OLIVEIRA, Pedro; CRUZ, Marisa; VIGÁRIO, Marina. **P-ToBI**: tools for the transcription of Portuguese prosody. Lisboa: Laboratório de Fonética, Universidade de Lisboa, 2015c. ISBN: 978-989-95713-9-6. Disponível em: <http://labfon.lettras.ulisboa.pt/lnAPoP/P-ToBI/>. Acesso em: 15 dez. 2018.
- FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar (Eds.). **Intonation in Romance**. Oxford: Oxford University Press, 2015a.
- FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar. Intonation in Romance: systemic similarities and differences. In: FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar (Eds.). **Intonation in Romance**. Oxford: Oxford University Press, 2015b. p. 392–418.
- FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: CASTRO, Rui Vieira de; BARBOSA, Pilar (Orgs.) **Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. v. 1. Coimbra: APL, 2000. p. 533–555.
- FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. Intonational phrasing in two varieties of European Portuguese. In: RIAD, Tomas; GUSSENHOVEN, Carlos (Eds.). **Tones and tunes**. v. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 265–291.
- GABRIEL, Christoph; FELDHAUSEN, Ingo; Pešková, Andrea; COLANTONI, Laura; LEE, Su-Ar; ARANA, Valeria; LABASTÍA, Leopoldo. Argentinian Spanish intonation. In: PRIETO, Pilar; ROSEANO, Paolo (Eds.). **Transcription of intonation of the Spanish Language**. Munich: Lincom Europa, 2010. p. 285–317.
- GEBARA, Ester Scarpa. **Alguns aspectos da intonação no português**. 1976. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1976.

- GODJEVAC, Svetlana. Transcribing Serbo-Croatian intonation. *In*: JUN, Sun-Ah. (Ed.). **Prosodic Typology: the phonology of intonation and phrasing**. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 146–71.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. **Focalização no português do Brasil**. 1997. 401 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- GOODEN, Shelome. Aspects of the intonational phonology of Jamaican Creole. *In*: JUN, Sun-Ah. (Ed.). **Prosodic Typology II: the phonology of intonation and phrasing**. New York: Oxford University Press, 2014. p. 272–301.
- GRICE, Martine. Leading tones and downstep in English. **Phonology**, v. 12, n. 2, p. 183–233, 1995.
- GRICE, Martine; BAUMANN, Stefan; BENZMÜLLER, Ralf. German intonation in autosegmental-metrical phonology. *In*: JUN, Sun-Ah (Ed.). **Prosodic Typology: the phonology of intonation and phrasing**. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 55–83.
- GRICE, Martine; LADD, D. Robert; ARVANITI, Amalia. On the place of “phrase accents” in intonational phonology. **Phonology**, v. 17, p. 143–185, 2000.
- GRICE, Martine; SAVINO, Michelina. Can pitch accent type convey information-status in yes-no questions? *In*: KAI, Alter, PIRKER, Hannes; FINKLER, Wolfgang (Eds.). **Proceedings of the ACL 97 Workshop on Concept-to-Speech Generation Systems**. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1997. p. 29–38.
- GRØNNUM, Nina; VIANA, Maria do Céu. Aspects of European Portuguese Intonation. *In*: OHALA, John J.; HASEGAWA, Yoko; OHALA, Manjari; GRANVILLE, Daniel; BAILEY, Ashlee C. (Eds.). **Proceedings of the XIV International Congress of Phonetic Sciences**. San Francisco, CA: University of California, 1999.
- GUIMARÃES, Maximiliano. **Repensando a interface sintaxe-fonologia a partir do Axioma de Correspondência Linear**. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil, 1998.
- GUSSENHOVEN, Carlos. **The Phonology of Tone and Intonation**. New York: Cambridge University Press, 2004.
- GUTHRIE, Malcolm. **The Classification of the African Languages**. London: Oxford University Press, 1948.
- GUTHRIE, Malcolm. **Comparative Bantu**. Farnborough: Gregg, 1967–71.
- HASPELMATH, Martin. **Indefinite Pronouns**. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- HAYES, Bruce. The Prosodic Hierarchy in meter. *In*: KIPARSKY, Paul; YOUNG, Gilbert (Eds.). **Rhythm and meter**. Orlando, FL: Academic Press, 1989. p. 201–260.

- HAYES, Bruce; LAHIRI, Aditi. Bengali intonational phonology. **Natural Language e Linguistic Theory**, v. 9, n. 1, p. 47–96, 1991.
- HEINE, Bernd; NURSE, Derek (Eds.). **African Languages: an introduction**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.
- HELLMUTH, Sam. Prosodic weight and phonological phrasing in Cairene Arabic. In: ADAMS, Nikki; COOPER, Adam; PARRILL, Fey; WIER, Thomas (Eds.). **Proceedings from the 40th Annual Meeting of the Chicago Linguistics Society**, 2004. p. 97–111.
- HELLMUTH, Sam. The relationship between prosodic structure and pitch accent distribution: evidence from Egyptian Arabic. **The Linguistic Review**, v. 24, n. 2–3, p. 291–316, 2007. (Special issue on Prosodic Phrasing, edited by Sónia Frota and Pilar Prieto).
- HELLMUTH, Sam. Review of Intonation in Romance, by Sónia Frota and Pilar Prieto (Eds.). Oxford: Oxford University Press. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 17, n. 3, p. 1–6, 2018. DOI: <http://doi.org/10.5334/jpl.194>
- HIMMELMANN, Nikolaus P.; LADD, D. Robert. Prosodic description: an introduction for fieldworkers. **Language Documentation & Conservation**, v. 2, n. 2, p. 244–274, dez. 2008.
- HOCHGREB, Norma. **Contribuição para uma análise instrumental da entoação do português**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 1977.
- HOCHGREB, Norma. **Análise acústico-perceptiva da entoação do português: a frase interrogativa**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.
- HOCHGREB, Norma; AUBERT, Francis Henrik. Descrição perceptiva da frase interrogativa em português. **Estudos Linguísticos**, n. 7, p. 9–22, 1981.
- INE – Instituto Nacional de Estatística (Angola) (Ed.). **Resultados preliminares do recenseamento geral da população e da habitação de Angola 2014**. Angola: Subcomissão de Difusão de Resultados, Instituto Nacional de Estatística, set. 2014. Disponível em: <http://censo.ine.gov.ao/>. Acesso em: 15 dez. 2018.
- IPEK, Canan. **The Phonology and Phonetics of Turkish Intonation**. Ph. D. Dissertation (Linguistics) — University of Southern California, 2015.
- ISHIHARA, Sinichiro. **Intonation and Interface Conditions**. Ph. D. Thesis (Linguistics) — Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Mass., 2003.
- JORGE, Lurdes Teresa Lopes. **Respostas afirmativas para perguntas polares no PBL: um estudo em perspectiva gerativista**. 2018. 81 f. Tese (Doutorado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: <http://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-19032019-135620>

- JUBRAN, Clélia Cândia Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grönnfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. 1. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- JUN, Sun-Ah. **The Phonetics and Phonology of Korean Prosody**: intonational phonology and prosodic structure. New York: Garland Publishing, 1996.
- JUN, Sun-Ah. The effect of phrase length and speech rate on prosodic phrasing. In: SOLÉ, Maria-Josep; RECASENS, Daniel; ROMERO, Joaquín (Eds.). **Proceedings of the 15th International Congress of Phonetic Sciences**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2003. p. 483–486. ISBN 1-876346-48-5.
- JUN, Sun-Ah (Ed.). **Prosodic Typology**: the phonology of intonation and phrasing. New York: Oxford University Press, 2005a.
- JUN, Sun-Ah. Korean intonational phonology and prosodic transcription. In: JUN, Sun-Ah (Ed.). **Prosodic Typology**: the phonology of intonation and phrasing. New York: Oxford University Press, 2005b. p. 201–229.
- JUN, Sun-Ah. Prosodic typology. In: JUN, Sun-Ah (Ed.). **Prosodic Typology**: the phonology of intonation and phrasing. New York: Oxford University Press, 2005c. p. 430–458.
- JUN, Sun-Ah (Ed.). **Prosodic Typology II**: the phonology of intonation and phrasing. New York: Oxford University Press, 2014a.
- JUN, Sun-Ah. Prosodic typology: by prominence type, word prosody, and macro-rhythm. In: JUN, Sun-Ah. (Ed.). **Prosodic Typology II**: the phonology of intonation and phrasing. New York: Oxford University Press, 2014b. p. 520–539.
- KAISSE, Ellen. **Connected Speech**: the interaction of syntax and phonology. Orlando: Academic Press, 1985.
- KAMINSKAÏA, Svetlana. Syntax-prosody interface: a case study of enumerations. In: de VILLIERS, Jessica (Ed.). **Proceedings of the 41st Forum of the Linguistic Association of Canada and the United States**, August 6–9, 2014. Vancouver, Canada: University of British Columbia, 2016.
- KARLSSON, Anastasia. The intonational phonology of Mongolian. In: JUN, Sun-Ah. (Ed.). **Prosodic typology II**: the phonology of intonation and phrasing. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 187–215.
- KATO, Mary Aizawa. Affirmative polar replies in Brazilian Portuguese. In: TORTORA, Christina; DIKKEN, Marcel den; MONTOYA, Ignacio L.; O'NEILL, Teresa (Eds.). **Romance Linguistics 2013**: selected papers from the 43rd Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL), New York, 17–19 April, 2013. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2016. p. 195–212. v. 9.

- KHAN, Sameer ud Dowla. The intonational phonology of Bangladeshi Standard Bengali. *In*: JUN, Sun-Ah (Ed.). **Prosodic typology II: the phonology of intonation and phrasing**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 81–117.
- KRUIJFF-KORBAYOVÁ, Ivana; STEEDMAN, Mark. Discourse and information structure. **Journal of Logic, Language and Information**, v. 12, n. 3, p. 249–259, 2003.
- KISS, Katalin É. Identificational focus versus information focus. **Language**, n. 74, p. 245–273, 1998.
- LACERDA, Armando de. **Características da entoação portuguesa**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1941.
- LACERDA, Armando de. **Objectos verbais e significado elocucional: toemas e entoemas**. Entoação. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975.
- LADD, D. Robert. **The structure of intonational meaning: evidence from English**. Bloomington: Indiana University Press, 1980. 239 p.
- LADD, D. Robert. An introduction to intonational phonology. *In*: DOCHERTY, Gerard J.; LADD, D. Robert (Eds.). **Papers in Laboratory Phonology II: gesture, segment, prosody**. Cambridge University Press, 1992. p. 321–334.
- LADD, D. Robert. **Intonational phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- LADD, D. Robert. **Intonational Phonology**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- LEMLE, Miriam. **Phonemic system of the Portuguese of Rio de Janeiro**. M. A. Thesis — University of Pennsylvania, Philadelphia, 1965.
- LIEBERMAN, Mark Yoffe. **The intonation system of English**. Ph. D. Dissertation — Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Mass., 1975.
- LOHNSTEIN, Horst. On clause types and sentential force. **Linguistische Berichte**, v. 209, p. 63–86, 2007.
- LOPES, Ana Cristina Macário. **Pragmática: uma introdução**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.
- MADUREIRA, Sandra. Entoação e síntese de fala: modelos e parâmetros. *In*: SCARPA, Ester. **Estudos de prosódia**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 53–68.
- MAHO, Jouni. A classification of Bantu Languages: an update of Guthrie's referential system. *In*: NURSE, Derek; PHILLIPSON, Gérard (Orgs.). **The Bantu Languages**. Londres/Nova York: Routledge, 2003.
- MANZINI, M. Rita. Syntactic conditions on phonological rules. **MIT Working Papers in Linguistics**, v. 5, p. 1–9, 1983.

- MARTINS, Ana Maria. VP and TP Ellipsis: sentential polarity and information structure. *In: FISCHER, Susann; GABRIEL, Christoph (Eds.). Grammatical interfaces in Romance*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2016. p. 457–485.
- MARTINS, Fernando. **Entoação e organização do enunciado**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1986.
- MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria de; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub (Eds.). **Gramática da língua portuguesa**. 5a. ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- MATOS, Gabriela. Frases imperativas. *In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. (Eds.). Gramática da língua portuguesa*, 6a. ed. Lisboa: Editora Caminho, 2003. p. 449–60.
- MINGAS, Amélia. **Interferência do kimbundu no português falado em Luanda**. Porto: Campo das Letras, 2000.
- MIOTO, Carlos; KATO, Mary Aizawa. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. *Revista da ABRALIN*, v. 4, n. 1–2, p. 171–196, dez. 2005.
- MONEGLIA, Massimo; RASO, Tommaso. Notes on language into act theory. *In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (Eds.). Spoken Corpora and Linguistic Studies*. Studies in Corpus Linguistics, v. 61. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2014. p. 468–495.
- MORAES, João Antônio de. Em torno da entoação: alguns problemas teóricos. *Cultura Linguística*, n. 1, p. 63–78, 1982.
- MORAES, João Antônio de. **Rechercher sur l'intonation modale du Portugais Brésilien parlée a Rio de Janeiro**. Thèse de Doctorat de 3ème cycle — Université de Paris III, Paris, 1984.
- MORAES, João Antônio de. A entoação modal brasileira: fonética e fonologia. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 25, p. 101–111, 1993.
- MORAES, João Antônio de. Intonation in Brazilian Portuguese. *In: HIRST, Daniel; DI CRISTO, Albert (Eds.). Intonation Systems: a survey of twenty languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 179–194.
- MORAES, João Antônio de. Variações em torno de tema e rema. *Cadernos do IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, v. 9, n. 17, p. 279–289, 2006.
- MORAES, João Antônio de. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. *In: BARBOSA, Plínio; MADUREIRA, Sandra; REIS, César (Eds.). Speech Prosody 2008: fourth conference on speech prosody*. Campinas: RG/CNPq, 2008. p. 389–397.
- MORAES, João Antônio de; CARNAVAL, Manuella; COELHO, Alexandre Braga Badaue. A manifestação prosódica do foco em interrogativas totais no português do Brasil e

- sua percepção. **ReVEL: Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 13, n. 10 esp., p. 170–194, nov. 2015.
- MORAES, João Antônio de; COLAMARCO, Manuela. Você está pedindo ou perguntando? Uma análise entonacional de pedidos e perguntas no português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 15, n.2, p. 113–126, 2007.
- MORAES, João Antônio de; SILVA, Hayla Thami. A entoação de vocativos e apostos no português do Brasil. In: COUTO, Letícia Rebollo; LOPES, Célia Regina dos Santos. (Eds.). **As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 103–124.
- MORAIS BARBOSA, Jorge M. O problema linguístico da entoação. **Revista do Laboratório de Fonética Experimental**, v. 6, 1966.
- MORAIS BARBOSA, Jorge M. Português: entoação e prosódia. In: HOLTUS, Günter; METZELTIN, Michael; SCHMITT, Christian (Eds.). **Lexicon der Romanistischen Linguistik**. Band VI. Tübingen: Max Niemeyer, 1994. p. 143–148.
- MOREIRA, Juliana Costa. **O vocativo e a interface sintaxe-pragmática no português brasileiro**. 2013. 154 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) — Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. **Prosodic Phonology: with a new foreword**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2a. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; ZANOLI, Maria de Lurdes; ANDRADE, Vanderlei Maurer de. “Onde” não interrogativo no português falado no Libolo (Angola) – cotextos com dados do cabo-verdiano de São Nicolau. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 391–420, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v18i2p391-420>
- OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; ZANOLI, Maria de Lurdes; ANDRADE, Giovana Merighi de. Marcadores discursivos no português falado em Angola, subvariedade Libolo: um estudo inicial de base prosódico-pragmática. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 20, n. esp., p. 159–186, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v20iEspecialp159-186>
- OLIVEIRA, Pedro Miguel Guedes de. **A prosódia da iode epentética para quebrar hiatos em variedades do português**. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.
- PARK, Mee-Jeong. **The meaning of Korean prosodic boundary tones**. Ph. D. Dissertation — University of California at Los Angeles, Los Angeles, 2003.

- PARROT, Lillian A. Vocatives and other direct address forms: a contrastive study. **Oslo Studies in Language**, v. 2, n. 1, p. 211–229, 2010. (Russian in Contrast, edited by A. Grønn and I. Marijanovic). ISSN 1890-9639.
- PAULINO, Nuno Miguel Ribeiro. **Fenómenos de sândi vocálico em variedades do português europeu**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.
- PEPERKAMP, Sharon. **Prosodic Words**. Haia: Holland Academic Graphics/HIL Dissertations 34, 1997.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. Introdução. In: PETTER, Margarida Maria Taddoni (Org.). **Introdução à linguística africana**. São Paulo: Contexto, 2015a. p. 13–26.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. A classificação das línguas da África. In: PETTER, Margarida Maria Taddoni (Org.). **Introdução à linguística africana**. São Paulo: Contexto, 2015b. p. 49–86.
- PIERREHUMBERT, Janet. **The Phonology and Phonetics of English Intonation**. 1980. Ph. D. Thesis – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Mass., 1980.
- PIERREHUMBERT, Janet; BECKMAN, Mary. **Japanese Tone Structure**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1988.
- PORTNER, Paul. The semantics of imperatives within a theory of clause types. In: WATANABE, Kazuha; YOUNG, Robert B. (Eds.). **Proceedings of Semantics and Linguistic Theory 14**. Ithaca, NY: CLC Publications, 2004. p. 235–252.
- PORTNER, Paul. **What is meaning?** Fundamentals of formal semantics. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2005.
- PORTNER, Paul. **Modality**. New York: Oxford University Press, 2009.
- PRIETO, Pilar. L'entonació dialectal del català: el cas de les frases interrogatives absolutes. In: BOVER, August; LLORET, Maria-Rosa; VIDAL-TIBBITS, Mercè (Eds.). **Actes del novè col·loqui d'estudis catalans a Nord-Amèrica**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2001. p. 347–377.
- PRIETO, Pilar. Syntactic and eurhythmic constraints on phrasing decisions in Catalan. **Studia Linguistica**, v. 59, n. 2–3, p. 194–222, 2005. (Special issue on Boundaries in Intonational Phonology, edited by M. Horne and M. van Oostendorp).
- PRIETO, Pilar. Català central. In: PRIETO, Pilar; CABRÉ, Teresa (Coords.). **L'entonació dels dialectes catalans**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2013. p. 9–32.
- PRIETO, Pilar. The intonational phonology of Catalan. In: JUN, Sun-Ah. (Ed.). **Prosodic Typology II: the phonology of intonation and phrasing**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 43–80.

- PRIETO, Pilar; CABRÉ, Teresa (Coords.). **L'entonació dels dialectes catalans**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2013.
- PRIETO, Pilar; D'IMPERIO, Mariapaola; GILI FIVELA, Barbara. Prenuclear and nuclear rising accents in Romance: tonal alignment and primary and secondary associations with metrical structure. **Language and Speech**, v. 48, n. 4, p. 359–396, 2005.
- PRIETO, Pilar; RIGAU, Gemma. The syntax-prosody interface: Catalan interrogative sentences headed by *que*. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 6, n. 2, p. 29–59, 2007.
- PRIETO, Pilar; RIGAU, Gemma. Prosody and pragmatics. In: PAYRATÓ, Lluís; COTS, Josep Maria, **The Pragmatics of Catalan**. The Hague: Mouton de Gruyter, 2011. p. 17–48.
- PRIETO, Pilar; ROSEANO, Paolo (Eds.). **Transcription of Intonation of the Spanish Language**. Munich: Lincom Europa, 2010.
- PRUITT, Kathryn; ROELOFSEN, Floris. The interpretation of prosody in disjunctive questions. **Linguistic Inquiry**, v. 44, n. 4, p. 632–650, 2013.
- RAFÈU SICHEL-BAZIN, Rafèu; MEISENBURG, Trudel; PRIETO, Pilar. Intonational phonology of Occitan: towards a prosodic transcription system. In: FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar (Eds.). **Intonation in Romance**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 198–234.
- RAMEH, Clea. **Contrastive analyses of English and Portuguese intonation**. M. A. Dissertation – Georgetown University, Washington, 1962.
- RAO, Rajiv. On the phonological phrasing in the Spanish of Lima, Perú. **Southwest Journal of Linguistics**, v. 26, n. 1, p. 81–111, 2007.
- REIS, César. **Aspectos entoacionais do português de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1984.
- RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (Ed.). **Elements of Grammar: handbook of generative syntax**. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281–337.
- RIZZI, Luigi; SAVOIA, Leonardo M. Conditions on /u/ propagation in Southern Italian dialects: a locality parameter for phonosyntactic processes. BELLETTI, Adriana (Ed.). **Syntactic Theory and the Dialects of Italy**. Torino: Rosenberg and Sellier, 1993. p. 252–318.
- RIZZO, Josefa Freixa Pascual. **O papel da entonação do português brasileiro na descrição dos atos de fala**. 1981. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

- ROSEANO, Paolo; VANRELL, Maria del Mar; PRIETO, Pilar. Intonational phonology of Friulian and its dialects. *In*: FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar (Eds.). **Intonation in Romance**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 101–139.
- ROSIGNOLI, Carolina Carbonari. **O padrão entoacional das sentenças interrogativas da variedade paulista do português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI: <http://doi.org/10.11606/D.8.2017.tde-17102017-161943>
- SADOCK, Jerrold M.; ZWICKY, Arnold M. Speech act distinctions in syntax. *In*: SHOPEN, Timothy. (Ed). **Language Typology and Syntactic Description**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 155–196.
- SANDALO, Maria Filomena Spatti; TRUCKENBRODT, Hubert. Some notes on phonological phrasing in Brazilian Portuguese. **MIT Working Papers in Linguistics**, v. 42, p. 285–310, 2002.
- SANTOS, Eduardo Ferreira dos. **Sentenças marcadas para o foco no português do Libolo: uma proposta de análise derivacional**. 2015. Tese (Doutorado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI: <http://doi.org/10.11606/T.8.2015.tde-13102015-163606>
- SANTOS, Raquel Santana. A fonologia fornecendo pistas sobre a sintaxe: o caso dos objetos nulos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 34, p. 169–179, 1997.
- SANTOS, Raquel Santana; VIGÁRIO, Marina. The phonology–syntax interface. *In*: WETZELS, W. Leo.; COSTA, João; MENUZZI, Sérgio (Eds.). **The Handbook of Portuguese Linguistics**. Malden: Willey-Blackwell, 2016. p. 125–140.
- SANTOS, Vinícius Gonçalves dos. **Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau: a entoação do contorno neutro**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI: <http://doi.org/10.11606/D.8.2015.tde-29062015-153129>
- SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; BRAGA, Gabriela. Associação tonal em sentenças declarativas neutras do português de Bissau e de São Tomé. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 27, n. 1, p. 67–92, jan./jun. 2017. e-ISSN: 2316-2767. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2787/0>. Acesso em: 15 dez. 2018.
- SANTOS, Vinícius Gonçalves dos. A prosódia dos vocativos no português do Libolo em fala semiespontânea. *In*: GOMES, A. M. (Org.). **Notas sobre literatura, leitura e linguagens**. v. 3. Ponta Grossa, PR: Atena, 2019. p. 246–257. DOI: <http://doi.org/10.22533/at.ed.71119250123>.

- SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. O padrão entoacional neutro do português de Guiné-Bissau: uma comparação preliminar com o português brasileiro. **Estudos Linguísticos**, v. 43, n. 1, p. 48–63, jan./abr. 2014. ISSN: 1413-0939. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/418>. Acesso em: 15 dez. 2018.
- SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Contribuições para a prosódia do português de Guiné-Bissau: a entoação do contorno neutro. In: OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; ARAUJO, Gabriel Antunes de (Orgs.). **O português na África Atlântica**. São Paulo, SP: Humanitas, 2018. p. 191–236. ISBN 978-85-7732-352-4. [<https://doi.org/10.11606/9788575063545>]
- SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Eventos tonais pré-nucleares de declarativas e interrogativas neutras do português do Libolo em fala semiespontânea. **Estudos Linguísticos**, v. 48, n. 2, p. 1060–1080, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i2.2276>
- SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Padrões tonais nucleares de declarativas e interrogativas neutras do português angolano do Libolo. **Linguística**, v. 36. *A sair* 1 [2020]. ISSN 2079-312X.
- SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Imperativos no português no Libolo: a entoação de ordens e pedidos. In: FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães; HAGEMEIJER, Tjerk; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de. (Orgs.). **Dinâmicas do português no Atlântico: África e Brasil**. Chiado Editora: Lisboa. *A sair* 2.
- SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva. **O prefixo do português brasileiro: análise morfofonológica**. Tese (Doutorado) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.
- SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva. Revisitando o estatuto prosódico e morfológico de palavras prefixadas do PB em uma perspectiva de restrições. **Alfa**, v. 53, n. 2, p. 391–404, 2008.
- SEARLE, John R. **Speech Acts: an essay in the philosophy of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- SEIDL, Amanda. **Minimal Indirect Reference: a theory of the syntax-phonology interface**. London: Routledge, 2001.
- SELKIRK, Elisabeth O. On derived domains in sentence phonology. **Phonology Yearbook**, n. 3, p. 371–405, 1986.
- SELKIRK, Elisabeth O. **Phonology and Syntax: the relation between sound and structure**. Cambridge: The MIT Press, 1984.

- SELKIRK, Elisabeth O. The prosodic structure of function words. *In*: MORGAN, James L.; DEMUTH, Katherine (Eds.). **Signal to Syntax: bootstrapping from speech to grammar in early acquisition**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1996. p.187–213.
- SELKIRK, Elisabeth O. The interaction of constraints on prosodic phrasing. *In*: HORNE, Merle (Ed.). **Prosody: theory and experiment**. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2000. p. 231–261.
- SELKIRK, Elisabeth O. Comments on Intonational Phrasing in English. *In*: FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina; FREITAS, Maria João (Eds.). **Prosodies: with special reference to Iberian languages**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 11–58.
- SELKIRK, Elisabeth O. On clause and intonational phrase in Japanese: the syntactic grounding of prosodic constituent structure. **Gengo Kenkyuu**, v. 136, p. 35–73, 2009.
- SELKIRK, Elisabeth; SHINYA, Tahahito; KAWAHARA, Shigeto. Phonological and phonetic effects of Minor Phrase length on f0 in Japanese, 2004. *In*: BEL, Bernard; MARLIEN, Isabelle (Eds.). **Speech Prosody 2004: Proceedings of the 2nd International Conference on Speech Prosody**. Nara, Japan: ISCA, 2004. p. 183–187.
- SERRA, Carolina Ribeiro. **Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura**. 2009. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- SERRA, Carolina Ribeiro; OLIVEIRA, Ingrid da Costa. Observações sobre fraseamento prosódico e densidade tonal no Português de Moçambique. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 20, n. esp., p. 95–118, 30 dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v20iEspecialp95-118>
- SHAKED, Amit. Competing syntactic and phonological constraints in Hebrew prosodic phrasing. **The Linguistic Review**, v. 24, p. 169–199, 2007. (Special issue on Prosodic Phrasing, ed. S. Frota and P. Prieto).
- SILVA, Carolina Gomes da; MIRANDA, Luma da Silva; CARNAVAL, Manuella; CUNHA, Claudia de Souza. A entoação da ordem no português do Brasil: uma descrição dialetal a partir do corpus ALiB. **Journal of Speech Sciences**, v. 5, n. 2, p. 29–45, 2016.
- SILVA, Raquel Azevedo da. **As construções de tópico marcado no português falado no Libolo/Angola**. 2017. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI: <http://doi.org/10.11606/D.8.2017.tde-25102017-152545>
- SIMIONI, Taíse. O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em português brasileiro. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 52 n. 2, p. 431–446, 2008.

- SIMONS, Gary F.; FENNIG, Charles D. (Eds.). **Ethnologue**: languages of the world, twentieth first edition. Dallas, Texas: SIL International, 2018. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 15 dez. 2018.
- SOSA, Juan Manuel. **La entonación del español**. Su estructura fónica, variabilidad y dialectología. Madrid: Ediciones Cátedra, 1999. 264 p.
- TENANI, Luciani Ester. **Domínios prosódicos no português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- TENANI, Luciani Ester. A importância da proeminência da frase fonológica no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 12, n. 2, p. 289–318, 2004.
- TENANI, Luciani Ester; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Prosodic phrasing and intonation in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese. In: BARBOSA, Plínio; MADUREIRA, Sandra; REIS, César (Eds.). **Speech Prosody 2008**: fourth conference on speech prosody. Campinas: RG/CNPq, 2008. p. 445–448.
- THOMASON, Sarah G. **Language Contact**: an introduction. Georgetown University Press, 2001.
- TONELI, Priscila Marques. **A palavra prosódica no português brasileiro**: o estatuto prosódico das palavras funcionais. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- TONELI, Priscila Marques. **A palavra prosódica no português brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- TRUCKENBRODT, Hubert. **Phonological Phrases**: their relation to syntax, focus, and prominence. Ph. D. Thesis — Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Mass., 1995.
- TRUCKENBRODT, Hubert. On the relation between syntactic phrases and phonological phrases. **Linguistic Inquiry**, v. 30, p. 219–255, 1999.
- TRUCKENBRODT, Hubert. The syntax-phonology interface. In: DE LACY, Paul. **The Cambridge Handbook of Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 435–456.
- TRUCKENBRODT, Hubert; SANDALO, Maria Filomena Spatti; ABAURRE Maira Bernadete Marques. Elements of Brazilian Portuguese intonation. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 8, p. 75–114, 2009.
- UNITED NATIONS. **General Maps**: Angola. Geospatial Information Section, ICTD – Department of Field Support, 2008. Disponível em: <http://www.un.org/Depts/Cartographic/english/htmain.htm>. Acesso em: 15 jul. 2016.

- VANRELL, Maria del Mar; FELDHAUSEN, Ingo; ASTRUC, Lluïsa. The Discourse Completion Task in Romance prosody research: status quo and outlook. *In*: FELDHAUSEN, Ingo; FLIESSBACH, J.; VANRELL, Maria del Mar (Eds.). **Methods in Prosody: a Romance language perspective**. Berlin: Language Science Press, 2018. p. 191–227. (Studies in Laboratory Phonology Series). DOI: <http://doi.org/10.5281/zenodo.1441345>
- VANRELL, Maria del Mar; MASCARÓ, Ignasi. Balear. *In*: PRIETO, Pilar; CABRÉ, Teresa (Coords.). **L'entonació dels dialectes catalans**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2013. p. 58–78.
- VANRELL, Maria del Mar; MASCARÓ, Ignasi; PRIETO, Prieto; TORRES-TAMARIT, Francesc. Preguntar per saber i preguntar per confirmar: l'entonació de les interrogatives absolutes informatives i confirmatòries en català central i balear. **Randa**, n. 64, p. 77–95, 2010a.
- VANRELL, Maria del Mar; MASCARÓ, Ignasi; TORRES-TAMARIT, Francesc; PRIETO, Pilar. When intonation plays the main character: information- vs. confirmation-seeking questions in Majorcan Catalan. *In*: Conference on Speech Prosody, 5., 11–14 may 2010. **Proceedings...** Chicago, Illinois: SProSIG, 2010b.
- VANRELL, Maria del Mar; ROSEANO, Paolo; CABRÉ, Teresa. Alguerès. *In*: PRIETO, Pilar; CABRÉ, Teresa (Coords.). **L'entonació dels dialectes catalans**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2013. p. 124–147.
- VIANA, Maria do Céu. **Para a síntese da entoação do português**. Dissertação (Investigador Auxiliar) — Centro de Linguística, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1987.
- VICENIK, Chad; JUN, Sun-Ah. Intonational phonology of Georgian. *In*: JUN, Sun-Ah. (Ed.). **Prosodic Typology II: the phonology of intonation and phrasing**. New York: Oxford University Press, 2014. p. 154–186.
- VIGÁRIO, Marina. **Aspectos da prosódia do português europeu: estruturas com advérbio de exclusão e negação frásica**. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1995.
- VIGÁRIO, Marina. Marcação prosódica em frases negativas no português europeu. *In*: CASTRO, Ivo (Ed.). **Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**. v 1. Lisboa: APL/Colibri, 1997a. p. 329–349
- VIGÁRIO, Marina. Processos de desambiguação prosódica em estruturas com advérbios de exclusão. *In*: BRITO, Ana Maria; OLIVEIRA, Fátima; LIMA, Isabel Pires de; MARTELO, Rosa M. (Eds.). **Sentido que a vida faz**. Estudos para Óscar Lopes. Porto: Campo das Letras, 1997b. p. 855–868
- VIGÁRIO, Marina. **Aspectos da prosódia do português europeu: estruturas com advérbio de exclusão e negação frásica**. Braga: CEHUM, 1998.

- VIGÁRIO, Marina. **The Prosodic Word in European Portuguese**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- VIGÁRIO, Marina. O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, Maria Lobo; COUTINHO, Maria Antonieta (Orgs.). **XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística — Textos Seleccionados**. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2007. p. 673–688.
- VIGÁRIO, Marina. Prosodic structure between the prosodic word and the phonological phrase: recursive nodes or an independent domain? **The Linguistic Review**, v. 27, p. 485–530, 2010. DOI: <http://doi.org/10.1515/tlir.2010.017>
- VIGÁRIO, Marina; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. A atribuição de acentos tonais em compostos no português do Brasil. In: BRITO, Ana Maria; SILVA, Fátima; VELOSO, João; FIÉIS, Alexandra (Orgs.). **XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística — Textos seleccionados**. v. 1. Porto: Tip. Nunes Ltda./Maia, 2010. p. 769–786.
- VIGÁRIO, Marina; FROTA, Sónia. Prosodic word deletion in coordinate structures. **Journal of Portuguese Linguistics**, v.1, n.2, p. 241–264, 2002.
- VIGÁRIO, Marina; FROTA, Sónia. The intonation of Standard and Northern European Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 2, n. 2, p. 115–137, 2003. Special Issue on Portuguese Phonology edited by Willem Leo Wetzels.
- VOGEL, Irene. 2009. The status of the clitic group. In: GRIJZENHOUT, Janet; KABAK, Barış (Eds.). **Phonological Domains**. Universals and deviations. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 15–46.
- WETZELS, W. Leo. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 23, p. 19–55, 1992.
- XAVIER, Francisco da Silva. **Fonologia segmental e supra-segmental do quimbundo: variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange**. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. DOI: <http://doi.org/10.11606/T.8.2010.tde-20102010-091425>
- YIP, Moira. **Tone**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- ZANUTTINI, Raffaella; PORTNER, Paul. Exclamative clauses: at the syntax-semantics interface. **Language**, v. 79, p. 39–81, 2003.
- ZENDRON [da Cunha], Karina. **Sentenças exclamativas em português brasileiro: um estudo experimental de interface**. 2016. 450 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa. **Prosody, Focus, and Word Order**. Cambridge, Mass./London: The MIT Press. 1998. 213 p.

A

APÊNDICE

Os corpora do *Discourse Completion Task* (DCT) foram adaptados ao português do Libolo a partir de sua versão em português europeu e português brasileiro, disponíveis no site do [InAPoP \[Methodology\]](#).

A.1 Declarativa

A.1.1 Neutra

- [1] O que aconteceu com esses dois?

[IMAGEM DE DUAS PESSOAS EM TRAJES DE CASAMENTO]

Casaram.

- [2] Olha pro desenho e diz o que ele(a) faz.

[IMAGEM DE UM MENINO (OU MULHER) TOMANDO LIMONADA]

Ele(a) bebe uma limonada.

- [3] Esse aí na fotografia é o galã da novela. Diz que o galã anda de carro.

[IMAGEM DE UM HOMEM DIRIGINDO UM CARRO]

O galã anda de carro.

A.1.2 Enumeração

- [4] Diz todos os meses do ano.
Janeiro, fevereiro, março, abril, maio...
- [5] Diz três frutas que você mais gosta.
Maçã, banana e manga.

A.1.3 Foco contrastivo

- [6] E, então, o que aconteceu com esses dois? Se separaram?
[IMAGEM DE DUAS PESSOAS EM TRAJES DE CASAMENTO]
Casaram.

A.1.4 Exclamativa

- [7] Você entra numa padaria e o cheiro de pão te agrada. Exclama, diz que o cheiro de pão é tão bom.
Que cheiro de pão tão bom!

A.1.5 Categórica

- [8] O KJAJ e o DOMJ vão se mudar pra outra cidade. Eles vão se mudar pra Lima, uma cidade de um país lá perto do Brasil. Mas a JUJM acha que eles vão pra Lisboa. Diz pra ela que não, que eles vão pra Lima.
Não, eles vão para Lima!

A.1.6 Dubitativa

- [9] Você já comprou o presente, mas acha que não comprou um bom presente. Diz que ela pode não gostar do que lhe compraste.
Ela pode não gostar do presente que lhe comprei...

A.1.7 Óbvia

- [10] A JUJM está grávida do Guilherme. O KJAJ pergunta “É do Guilherme?” E você fica surpreso, porque todos sabem que o filho é mesmo desse rapaz. Diz pro KJAJ, que sim, verdade, do Guilherme!
Sim, verdade, é do Guilherme!

A.2 Interrogativa Total

A.2.1 Neutra

- [11] Você entra numa cantina e pergunta ao vendedor se tem ginguba.
Tem ginguba?
- [12] Você saiu de casa e viu a rua molhada. Pergunta se choveu.
Choveu?

A.2.2 Disjuntiva

- [13] Você e o KJAJ estão jantando. E você não sabe o que o KJAJ vai querer pra sobremesa. Pergunta se ele quer laranja ou gelatina.
Queres laranja ou gelatina?

A.2.3 Enumerativa com disjunção

- [14] A JUJM quer comprar uma fruta e você não sabe que fruta ela quer comprar. Pergunta se ela quer laranjas, bananas, limões ou mangas.
[IMAGEM DE FRUTAS]
Queres laranjas, bananas, limões ou mangas?

A.2.4 Enumerativa com coordenação

- [15] O KJAJ quer comprar muitas frutas, mas você esqueceu as frutas que ele quer comprar. Pergunta se ele quer laranjas, bananas, limões e mangas.
[IMAGEM DE FRUTAS]
Queres laranjas, bananas, limões e mangas?

A.2.5 Confirmatória

- [16] Você sabe que lá fora está fazendo muito frio. Uma pessoa com roupas de frio entra e, pra confirmar, você pergunta se faz frio.
Faz frio?

A.2.6 Confirmatória tag

- [17] Você convidou o KJAJ pra jantar na tua casa. E você acha que ele já esqueceu. Então, confirma, pergunta se ele vem jantar?
Vens jantar, né?
- [18] O KJAJ mora no Quissongo. E ele só vem pra Calulo pra ir no Mercado Kamama. E ele está por aqui. Pergunta, confirmando, se ele foi no Kamama.
Foste no Kamama, né?

A.2.7 Imperativa

- [19] Você está vendo televisão. E os teus irmãos começam a fazer muito barulho e não estão te deixando ouvir a televisão. Pede pra eles se eles podem se calar.
Podem se calar?
- [20] Pergunta se eles querem caramelos.
Querem caramelos?

A.3 Interrogativa Parcial

A.3.1 Neutra

- [21] Pergunta que horas são.
Que horas são?
- [22] Você precisa comprar um presente pra uma pessoa que você não conhece muito bem. Então, você pede ajuda pro KJAJ Pergunta o que lhe daria.
O que lhe darias?
- [23] Você me viu conversando por muito tempo com o KJAJ Então, você me pergunta o que ele me contava.
O que que ele te contava?

A.3.2 Com coordenação

- [24] O KJAJ está indo viajar. Então, pergunta pra ele onde ele vai e quando vai voltar.
Onde vais e quando é que vais voltar?

A.3.3 Imperativa

- [25] Você pede ao teu filho que ele pinte a casa, mas você não acha que ele vai fazer tão depressa, porque não é a primeira vez que você pede. Pergunta pra ele, bravo, quando ele vai fazer.
Quando é que vais fazer?
- [26] Você queria que o KJAJ e o DOMJ fossem almoçar na tua casa. Mas eles disseram que não podem. Pedindo muito, pergunta por que eles não vêm.
Por que que vocês não vêm?

A.4 Interrogativa Eco

A.4.1 Total

- [27] O KJAJ diz as horas, mas você não entendeu muito bem. Você acha que ele disse “São nove”. Pergunta o que ele te disse, se são nove.
São nove?

A.4.2 Parcial

- [28] O KJAJ te perguntou “Onde vais?”, mas você não entendeu muito bem. Pergunta se ele te falou isso: onde vou.
Onde vou?

A.4.3 Total antiexpectativa

- [30] O KJAJ te disse que o vosso colega Mário vai concorrer a Presidente do Desportivo do Libolo. Você fica muito surpreendido e volta a perguntar pro KJAJ, sem acreditar, se o Mário vai concorrer a presidente.
O Mário vai concorrer pra presidente?!
- [31] O Miguel não sabe nada de desportos, nem de futebol. E o KJAJ fala que ele vai ser o novo presidente do Desportivo do Libolo. Então, você pergunta, muito admirado, se o Miguel vai ser presidente.
O Miguel vai ser presidente?!

A.4.4 Parcial antiexpectativa

- [32] O KJAJ foi almoçar num restaurante e pediu muamba de galinha. Ele diz que meteram porco na muamba, em vez galinha. Você não acredita. E, então, pergunta pro KJAJ, com surpresa, o que ele disse que lhe deram.
O que disseste que te deram?!

A.5 Imperativo

A.5.1 Ordem

- [33] Você está no parque com a tua filha, e ela se afasta. Pede pra ela vir, por favor, pra junto de ti.
Vem cá, por favor.
- [34] Os teus irmãos continuam a fazer muito barulho. Manda eles se calarem.
Calem!

A.5.2 Pedido

- [35] Você quer ir no cinema com o KJAJ e ele te diz que não pode, que tem que trabalhar. Mas você sabe que ele pode deixar o trabalho pra depois. Então, você quer lhe convencer e pede: por favor, vamos.
Por favor, vamos.

A.6 Vocativo

A.6.1 Chamamento inicial

- [36] Você quer que a Marina venha pra cozinha pra jantar. Chama a Marina.
Marina!

A.6.2 Chamamento insistente

- [37] Passaram dez segundos e ela ainda não veio. Volta a chamar a Marina.
Marina!!!

B

APÊNDICE

Os corpora do *Reading Task* (RT) foram adaptados ao português do Libolo a partir de sua versão em português europeu e português brasileiro. Os contextos são indicados em destaque.

B.1 Tópico/Foco

Fonte: Frota 2000 (Chapter 5 + Appendix IV_A)

B.1.1 Conjunto principal

- TFN [1] Me disseram ontem:
As angolanas ofereceram especiarias aos jornalistas
- [2] Quem ofereceu especiarias aos jornalistas?
As ANGOLANAS ofereceram especiarias aos jornalistas
- [3] Foram as moçambicanas que ofereceram especiarias aos jornalistas?
As ANGOLANAS ofereceram especiarias aos jornalistas
- [4] A quem que as angolanas ofereceram especiarias?
As angolanas ofereceram especiarias aos JORNALISTAS
- [5] Foi aos artistas que as angolanas ofereceram especiarias?
As angolanas ofereceram especiarias aos JORNALISTAS
- [6] Angolanas e moçambicanas que moram em Portugal resolveram dar presentes vindos dos seus países aos jornalistas. Quanto às moçambicanas, elas deram panos diferentes.
As angolanas, ofereceram especiarias aos jornalistas
- [7] Jovens africanas que estudam em Portugal deram ontem seus presentes a jornalistas portugueses.
As angolanas ofereceram especiarias, aos jornalistas

B.1.2 Conjunto controle para foco/neutra

TFN	[11]	Ouvi dizer: <i>O galã anda de carro</i>
	[12]	Naquele filme é o <u>bandido</u> que anda de carro? <i>O GALÃ anda de carro</i>
	[13]	Ouvi dizer: <i>O galã andava de carro</i>
	[14]	No filme que tu viste, o <u>bandido</u> andava de carro? <i>O GALÃ andava de carro</i>
	[15]	Ouvi dizer: <i>O pintor retratou uma manhã âmbar</i>
	[16]	Foi uma tarde âmbar que o pintor retratou? <i>O pintor retratou uma MANHÃ âmbar</i>
	[17]	Ouvi dizer: <i>O cantor cantou uma manhã angelical</i>
	[18]	Foi uma noite angelical que o poeta cantou? <i>O poeta cantou uma MANHÃ angelical</i>

B.2 Interrogativas

B.2.1 Interrogativas sim/não neutras

Fonte: Frota (2002a) 'Probus'

INTY	[1]	Não sei o que aconteceu. <i>As angolanas ofereceram especiarias aos jornalistas?</i>
	[2]	Não sei nada esse filme. <i>O galã anda de carro?</i>
	[3]	Ainda não vi a exposição <i>O pintor retratou uma manhã âmbar?</i>
	[4]	Gostaria de conhecer essas músicas. <i>O cantor cantou uma manhã angelical?</i>
	[5]	Eu não sei o que tu pretendes fazer. <i>Queres ver o João?</i>
	[6]	Não sei o que aconteceu. <i>Ela foi ver o mar?</i>
	[7]	Não sei o que aconteceu. <i>Ela foi ver a Maria?</i>
	[8]	Não sei o que aconteceu. <i>Ela foi ver a Marina?</i>
	[9]	Não sei o que aconteceu. <i>Ela foi ver o Mário?</i>
	[10]	Queria saber o que aconteceu. <i>Os rapazes compraram lâminas?</i>

B.2.2 Interrogativas sim/não focalizadas

- INTY [11] Não sei se é o João ou outra pessoa que tu queres ver.
Queres ver o JOÃO?
- [12] Quero saber se ela foi até o mar ou outro lugar.
Ela foi ver o MAR?
- [13] Não sei se ela foi ver a Maria ou outra pessoa.
Ela foi ver a MARIA?
- [14] Não sei se ela foi ver a Marina ou outra pessoa.
Ela foi ver a MARINA?
- [15] Quero saber se ela foi ver o Mário e não outra pessoa.
Ela foi ver o MÁRIO?
- [16] Queria saber se foram mesmo lâminas que eles compraram e não outro objecto.
Os rapazes compraram LÂMINAS?
- [17] Eu vi o filme mas não me lembro quem anda de carro.
O GALÃ anda de carro?
- [18] Vi um quadro na exposição mas não me lembro se o motivo era uma manhã ou uma noite âmbar.
O pintor retratou uma MANHÃ âmbar?
- [19] Ouvi a música que tu pediste mas não sei se é uma manhã ou uma noite que o cantor acha angelical.
O cantor cantou uma MANHÃ angelical?

B.2.3 Interrogativas sim/não estendidas

INTYX	[1]	Ele vai ter fé?
	[2]	Ela foi ver o André?
	[3]	Ela foi ver o jacaré?
	[4]	Ele foi ver o tupinambá?
	[5]	Isso vai dar zebra?
	[6]	Ela vai ver a Mariana?
	[7]	Ela vai ter prática?
	[8]	Ela foi ver a Débora?
	[9]	Ela vai ter uma gramática?
	[10]	Ela vai ter técnica?
	[11]	Ela foi ver o técnico?
	[12]	Ela foi ver uma técnica?
	[13]	Ela vai ter um helicóptero?
	[14]	O José estudou a lição dez?
	[15]	A vizinha comeu um filé vietnamita?
	[16]	A lição dez confundiu as alunas?
	[17]	O irmão Mário pediu as reservas?
	[18]	A irmã Débora viu as alunas?

B.2.4 Interrogativas Q

INTQ	[1]	Não entendi nada sobre esse filme. <i>Quem anda de carro?</i>
	[2]	Ainda não vi a exposição. <i>Quem pintou uma manhã âmbar?</i>
	[3]	Gostaria de ouvir esse CD. <i>Quem cantou uma manhã angelical?</i>
	[4]	Não sei o que aconteceu. <i>Quem ofereceu especiarias aos jornalistas?</i>

B.3 Imperativos e chamamentos

Fonte: Adaptado de Frota (2014)

B.3.1 Imperativos

- IMP [1] És assistente do diretor e estás a tentar convencer o director a falar com a imprensa. Lhe faz um pedido:
Recebe os jornalistas
- [2] O teu filho tem uma colecção de carros que não gosta de emprestar a ninguém. Estás a lhe pedir um dos carros para o teu sobrinho poder brincar com ele.
Lhe dá um carro
- [3] Gostarias de ver um tipo de imagem num quadro e por isso pedes a um pintor:
Pinta uma manhã âmbar
- [4] Gostarias de ouvir uma das tuas músicas favoritas e, então, pedes a um cantor que tu conheces:
Canta uma manhã angelical
- [5] Estão a dar presentes de Natal nas crianças e o teu filho ganhou um carro, mas não o carro que ele queria. Então, pedes a quem está a dar os brinquedos:
Nos dá um carro
- [6] O teu amigo pintor vai te dar um quadro no Natal e tu lhe pedes:
Pinta uma manhã âmbar
- [7] O teu amigo cantor está a praticar o canto. Então, tu fazes um pedido a ele:
Canta uma manhã angelical
- [8] És advogado e estás a tentar convencer o teu cliente, suspeito de ser bandido, a falar com a imprensa.
Receba os jornalistas
- [9] O teu pai, que sempre viveu no Sumbe, próximo ao mar, voltou de uma longa estadia no Moxico. Apesar de ele estar muito ocupado, tu lhe chamas para fazer algo que pensas ser do seu gosto:
Vamos ver o mar
- [10] O teu irmão ficou mal com o melhor dele, e este amigo ficou doente. Tu estás a tentar convencer o teu irmão a ir visitar o amigo dele.
Vamos ver o Mário
- [11] O teu filho pequeno conseguiu pegar objectos perigosos e estás a tentar convencer o teu filho a devolver o que ele tem na mão:
Me dá as lâminas

B.3.2 Chamamento inicial

- Voc [1] O João não te viu e tu precisavas mesmo falar com ele. Tenta lhe chamar:
João!
- [2] A Maria está do outro lado da rua e não sabes se vais conseguir te ouvir.
Chama a Maria:
Maria!
- [3] Um amigo que não vias há muito tempo está lá mais alto na escada.
Chama teu amigo:
Mário!
- [4] Gostarias de falar com o teu colega mas ele está distante e não sabes se ele vai te ouvir. Chama o teu colega:
Miguel!
- [5] A tua empregada acabou de sair e se esqueceu de levar o pagamento da semana. Chama a tua emprega:
Mariana!
- [6] Teu colega saiu da sala sem levar a pasta e tu tentas chegar até ele. Chama teu colega:
Maximiliano!
- [7] Um amigo do teu filho esqueceu o telefone na tua casa. Ele acabou de sair. Tenta lhe chamar:
Valdemar!

B.4 Fraseamento: estrutura sintática e extensão do constituinte

Fonte: Adaptado de Frota 2000 (Chapter 2 + Appendix 1B/C)

- PHR [1] *As alunas estrangeiras dos Açores, até onde sabemos, aceitaram vir*
 [2] *A aluna, cansada mas divertida, andou mais cinco quilómetros*
 [3] *O músico, após o conflito, abandonou a sala*
 [4] *Espera sentada. A Marina vai demorar*
 [5] *O músico compôs uma opereta. Ela lhe inspirou*
- [6] Quem ofereceu as rosas ao monitor?
As alunas ofereceram as rosas ao monitor
- [7] O que as alunas ofereceram ao monitor?
As alunas ofereceram as rosas ao monitor
- [8] A quem as alunas ofereceram as rosas?
As alunas ofereceram as rosas ao monitor
- [9] O que as alunas fizeram ao monitor?
As alunas ofereceram as rosas ao monitor
- [10] A quem velhinha deu as ágatas?
A velhinha deu as ágatas à menina
- [11] Ouvi dizer:
Os cartógrafos entregaram as ânforas às arqueólogas
- [12] Foram os marinheiros que entregaram as ânforas às arqueólogas?
Os CARTÓGRAFOS entregaram as ânforas às arqueólogas
- [13] Foram os mapas que os cartógrafos entregaram às arqueólogas?
Os cartógrafos entregaram as ÂNFORAS às arqueólogas
- [14] Foi ao marinheiro que os cartógrafos entregaram as ânforas?
Os cartógrafos entregaram as ânforas às ARQUEÓLOGAS
- [15] Ouvi dizer:
As americanas ofereceram a enciclopédia ao jornalista
- [16] Foram as africanas que ofereceram a enciclopédia ao jornalista?
As AMERICANAS ofereceram a enciclopédia ao jornalista
- [17] Foi o dicionário que as americanas ofereceram ao jornalista?
As americanas ofereceram a ENCICLOPÉDIA ao jornalista
- [18] Foi ao escritor que as americanas ofereceram a enciclopédia.
As americanas ofereceram a enciclopédia ao JORNALISTA

B.5 Fraseamento: *Romance Languages Database*

Fonte: Adaptado de D'Imperio et al. (2005)

Não ramificado

RLD	[1]	O homem levava gingubas
	[2]	A libanesa memorizava a melodia
	[3]	O jovem memorizava a melodia
	[4]	A jovem levava a marmelada
	[5]	A libanesa levava gingubas
	[6]	A libanesa memorizava dilemas
	[7]	A jovem memorizava dilemas
	[8]	A libanesa levava a marmelada

Sujeito/Objeto ramificado curto

	[9]	A jovem loira levava gingubas
	[10]	A jovem loira memorizava a melodia
	[11]	A jovem loira levava a marmelada
	[12]	A jovem loira memorizava dilemas
	[13]	A jovem de Lima levava gingubas
	[14]	A jovem de Lima memorizava a melodia
	[15]	A jovem de Lima levava a marmelada
	[16]	A jovem de Lima memorizava dilemas
	[17]	O jovem mimava meninas lindas
	[18]	A libanesa maravilhava meninas lindas
	[19]	O jovem maravilhava meninas lindas
	[20]	A libanesa mimava meninas lindas
	[21]	A mulher levava funge de milho
	[22]	A libanesa saboreava funge de milho
	[23]	A mulher saboreava funge de milho
	[24]	A libanesa levava funge de milho
	[25]	A jovem loira mimava meninas lindas
	[26]	A jovem loira levava funge de milho
	[27]	O dono da loja mimava meninas lindas

- [28] O dono da loja levava funge de milho
- [29] A mulher loira maravilhava meninas lindas
- [30] A mulher loira saboreava funge de milho
- [31] O dono da loja maravilhava meninas lindas
- [32] O dono da loja saboreava funge de milho

Sujeito/Objeto ramificado longo

- [33] A libanesa maravilhosa levava gingubas
- [34] A libanesa maravilhosa memorizava a melodia
- [35] A libanesa maravilhosa levava a marmelada
- [36] A libanesa maravilhosa memorizava dilemas
- [37] A libanesa de Ndalatando levava gingubas
- [38] A libanesa de Ndalatando memorizava a melodia
- [39] A libanesa de Ndalatando levava a marmelada
- [40] A libanesa de Ndalatando memorizava dilemas

- [41] A jovem levava a marmelada maravilhosa
- [42] A libanesa memorizava a melodia maravilhosa
- [43] A jovem memorizava a melodia maravilhosa
- [44] A libanesa levava a marmelada maravilhosa
- [45] A jovem levava a marmelada da Madalena
- [46] A libanesa memorizava a melodia do marinheiro
- [47] A jovem memorizava a melodia do marinheiro
- [48] A libanesa levava a marmelada da Madalena

- [49] A libanesa generosa levava a marmelada maravilhosa
- [50] A libanesa generosa levava a marmelada da Madalena
- [51] A libanesa de Ndalatando levava a marmelada maravilhosa
- [52] A libanesa de Ndalatando levava a marmelada da Madalena
- [53] O boliviano generoso memorizava a melodia maravilhosa
- [54] A libanesa generosa memorizava a melodia do marinheiro
- [55] A libanesa de Ndalatando memorizava a melodia maravilhosa
- [56] A libanesa de Ndalatando memorizava a melodia do marinheiro

Sujeito/Objeto duplamente ramificado

- [57] O dono malvado da loja levava galinhas
- [58] O dono malvado da loja memorizava a melodia

- [59] O dono malvado da loja levava a marmelada
- [60] O dono malvado da loja memorizava dilemas
- [61] O homem levava o livro vermelho da loja
- [62] A libanesa manuseava o livro vermelho da loja
- [63] O homem manuseava o livro vermelho da loja
- [64] A libanesa levava o livro vermelho da loja
- [65] O jovem malvado de Lima levava o livro vermelho da loja
- [66] O jovem malvado de Lima manuseava o livro vermelho da loja

- [67] O namorado megalómano da brasileira levava gingubas
- [68] O namorado megalómano da brasileira memorizava a melodia
- [69] O namorado megalómano da brasileira levava a marmelada
- [70] O namorado megalómano da brasileira maravilhava meninas
- [71] A jovem levava a marmelada maravilhosa da Madalena
- [72] A libanesa memorizava a melodia maravilhosa do marinheiro
- [73] A jovem memorizava a melodia maravilhosa do marinheiro
- [74] A libanesa levava a marmelada maravilhosa da Madalena
- [75] A libanesa maravilhosa de Ndalatando levava a marmelada maravilhosa da Madalena
- [76] A libanesa maravilhosa de Ndalatando memorizava a melodia maravilhosa do marinheiro